

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC

JORNALISMO INTERNACIONAL

IRÃ, OS IRANIANOS E SEU MILENAR ANSEIO IRREDENTISTA

MÁRCIO HENRIQUE SOARES FORTI

SÃO PAULO

Fevereiro de 2015

MÁRCIO HENRIQUE SOARES FORTI

IRÃ, OS IRANIANOS E SEU MILENAR ANSEIO IRREDENTISTA

Trabalho de conclusão do Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Jornalismo Internacional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Internacional.

Orientador: Prof. Dr. José Arbex Jr.

SÃO PAULO

Fevereiro de 2015

FICHA CATALOGRÁFICA

SOARES FORTI, Marcio. Irã, os Iranianos e seu milenar anseio irredendista

- São Paulo, 2015

Livro Reportagem (Pós-Graduação Latu Sensu em Jornalismo Internacional) – Coordenaria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - PUCSP

1. Irã. 2. Povo Iraniano. 3. Identidade Nacional. 4. Irredentismo. 5. Pan-Iranismo. 6. Grande Irã. 7. Continente Cultural Iraniano.

2. Título

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	5
LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	7
1 INTRODUÇÃO	8
<i>1.1 O Autor no Contexto – A Origem da Idéia – O fascínio pelo “outro”</i>	<i>8</i>
2 IRÃ: UM MAR INDO-ARIANO INCRUSTADO NO CORAÇÃO DA ÁSIA	12
3 O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA LINHA SETE VEZES MILENAR	24
4 CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO NACIONAL IRANIANO E A ORIGEM DO PAN IRANIANISMO INSTITUCIONALIZADO	37
5 O PAN-IRANISMO: UMA IDEOLOGIA NACIONALISTA IRREDENTISTA	65
6 A ANIMOSIDADE ÁRABE-IRANIA	73
<i>6.1 A origem de uma discórdia mais que milenar</i>	<i>75</i>
<i>6.2 Guerra Irã-Iraque – O sacrifício da nação pela guerra imposta</i>	<i>84</i>
<i>6.3 O quebra cabeça das fronteiras</i>	<i>125</i>
<i>6.4 A luta pela hegemonia no Golfo</i>	<i>130</i>
<i>6.5 Possível Reconciliação</i>	<i>145</i>
7 NEOTOMANISMO – PAN TURQUISMO VS PAN IRANISMO: DOIS PROCESSOS GEOPOLÍTICOS E GEOESTRATÉGICOS ANTAGÔNICOS	146
8 CENÁRIOS GEOPOLÍTICOS DA ASIA CENTRAL: A ESFERA ORIENTAL IRREDENTISTA, A CRIAÇÃO DO AFEGANISTÃO, O ANTAGONISMO IRANIO-SAUDITA EM SEU TERRITÓRIO “NACIONAL” E AS CONSOLIDAÇÕES DO TURCOMENISTÃO E UZBEQUISTÃO COMO ESTADOS INDEPENDENTES.....	154

9 MITO DA AMEAÇA DO PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO E O PROJETO REDENCIONISTA DO IRÃ COMO UMA SUPERPOTÊNCIA REGIONAL.....	172
10 PAN IRANISMO - DESAFIO NACIONAL PARA O SÉCULO XXI	200
CONCLUSÃO	222
REFERÊNCIAS.....	225

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Seleção Iraniana cala uma assistência recorde de 85.022 espectadores no estádio de críquete em Melbourne	8
Figura 02 - Zoroastro - considerado o profeta da religião do Irã ancestral	15
Figura 03 - Túmulo de Hafez, um dos maiores poetas do país, venerado por dez gerações de iranianos.....	17
Figura 04 - Ferdowsi e sua obra mestra, Shahnameh na Torre Milad em Teerã....	19
Figura 05 - Cartaz iraniano retratando os sete mil anos de vida do país	24
Figura 06 - Túmulo de Ciro, o Grande, considerado o pai da pátria iraniana	26
Figura 07 - Emblemáticas ruínas de Persépolis.....	27
Figura 08 - Território Iraniano sob a administração Safávida no século XVI	43
Figura 09 - Tratados das perdas territoriais iranianas desde o século XIX.....	69
Figura 10 - Perdas territoriais durante a Era Qajar	70
Figura 11 - Movimiento Pan Iranist durante a década de 50.....	72
Figura 12 - Árabes omíadas sequestrando mulheres iranianas na época da trágica invasão árabe em 652	83
Figura 13 - Nota iraquiana de 25 dinares, com a Batalha de al-Qadisiyyah retratada no fundo	88
Figura 14 – Capa do panfleto iraniano de retaliação ao panfleto anti-Irá disseminado pelo governo de Saddam.....	89
Figura 15 – Tanques capturados do Exército iraquiano durante a Guerra Irã-Iraque	100
Figura 16 – Mural com fotografias de mártires em Abyaneh	122
Figura 17 – Manifestações em Teerã contra ações do grupo Daesh com cartazes favoráveis à anexação de todas terras curdas ao Irã.....	128
Figura 18 – Cartaz retratando que o Bahrain é uma inseparável parte do Irã	139
Figura 19 – Em roxo se vê o território iraniano invadido pelo Império Turco Otomano em 1724.....	149
Figura 20 – Em verde, região habitada pelos curdos, na atual Turquia.....	153
Figura 21 – Línguas faladas no território do atual Afeganistão.....	162
Figura 22 – Grupos étnicos que configuram o território do atual Afeganistão	162

Figura 23 – Presidente do Tadjiquistão, Emonalii Rahmon com um estandarte sassânida	164
Figura 24 – Cartaz retratando o caráter de resistência do povo iraniano em relação ao embargo comercial imposto ao país pelos Estados Unidos e potências europeias.....	197
Figura 25 – Plano de Bernard Lewis de balcanização do Irã.....	209
Figura 26 – Invasões e ataques ao território iraniano ao longo da história - foto Nazdaneh Azeri	210
Figura 27 – Primeiro ministro, Mohammed Mossadegh monta nos ombros do estusiasmado público na Praça Majlis em Teerã em 27 de setembro de 1951, em frente ao prédio do parlamento, depois de reiterar suas opiniões sobre anacionalização do petróleo para seus apoiantes públicos.	214
Figura 28 – Um grande desenho do primeiro-ministro Mossadegh é montado em cima de um carro durante manifestação em Teerã, no Irã, em 30 de setembro de 1951.....	215
Figura 29 – Partidários de Mossadegh ecoando o grito de apoio ao Primeiro Ministro em Teerã em 20 de julho de 1952.	216
Figura 30 – Multidão pró-Mossadegh ergue retratos do premier iraniano no portão do edifício do Parlamento como manifestações a favor o premier na capital do país em 2 março de 1953.....	216
Figura 31 – Quadro, pintura de Mohammad Mossadegh	219
Figura 32 – Em vermelho, a representação de todas as terras irredentas	221

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CIA	- Central Intelligence Agency
CCG	- Conselho de Cooperação do Golfo
CSNU	- Conselho de Segurança das Nações Unidas
EAU	- Emirados Árabes Unidos
ETA	- Euskadi Ta Askatasuna (Pátria Basca e Liberdade)
EUA	- Estados Unidos da América
FLE	- Frente de Libertação da Eritreia
FLN	- Frente de Libertação Nacional (Argélia)
IRA	- Irish Republican Army (Exército Republicano Irlandês)
ISI	- Inter Services Intelligence (Serviço de Inteligência do Paquistão)
MI5	- Military Intelligence Section 5 (Serviço de Segurança Britânico de Informações Internas)
MI6	- Military Intelligence Section 6 (Serviço Britânico de Informações e Inteligência no exterior)
MOSSAD	- Serviço Secreto Israelense
MRPI	- Movimento de Resistência Popular do Irã
NIOC	- National Iranian Oil Company
OLP	- Organização para a Libertação da Palestina
ONU	- Organização das Nações Unidas
OTAN	- Organização do Tratado do Atlântico Norte
PDC	- Partido Democrático do Curdistão
SAVAK	- Sâzemân-e Ettlâ'at va Amniyat-e Keshvar (Organização de Segurança e Inteligência Nacional do Irã de 1957 a 1979)
UPC	- União Patriótica do Curdistão
URSS	- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAF	- Força Aérea dos Estados Unidos
VEVAK	- Vezarat-e Ettela'at va Amniyat-e Keshvar (Ministério da Inteligência e da Segurança Nacional – Serviço de Inteligência do Irã)

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Autor no Contexto – A Origem da Idéia – O fascínio pelo “outro”

Minha relação com o Irã é algo realmente complexa. Posso afirmar que sempre estive interessado nessa nação, mais precisamente desde os nove anos de idade. Sempre gostei muito de futebol e em 1997 estava acompanhando as eliminatórias para a Copa do Mundo da França e não perderia as duas repescagens finais. A primeira foi uma repescagem asiática realizada entre Japão e Irã na neutral Malásia, na qual o conjunto nipônico levou a melhor pelo marcador de 3-2, com uma anotação na prorrogação aos 118 minutos de jogo quando a partida já se encaminhava para os pênaltis. A segunda foi uma emocionante vitória iraniana contra a Austrália, em um playoff de dois jogos, calando uma assistência recorde de 85.022 espectadores que acudiram ao Campo de Críquete de Melbourne, resultando na classificação do Irã para o Mundial de 1998.

Figura 01 - Seleção Iraniana cala uma assistência recorde de 85.022 espectadores no estádio de críquete em Melbourne



Fonte: <http://www.fifa.com/world-match-centre/photos/galleries/gallery/102/966/9/index.html#1029663>

Após o apito do árbitro, que sacramentou a classificação da seleção nacional iraniana à Copa do Mundo da França, as ruas de todo o país, principalmente da capital Teerã, foram lotadas, literalmente tomadas pelo povo por três dias, onde se notava o júbilo e a felicidade por retornar a um mundial após 20 anos, período esse marcado por uma grande instabilidade política, caracterizada pelo fim de um regime, pela Revolução de 1979, por uma guerra imposta que levou a uma mobilização nacional de grandes proporções, e por um processo de consolidação revolucionária. Todos esses aspectos, somados ao fato do enorme amor dos iranianos por esse esporte, com o futebol sendo considerado uma das grandes paixões nacionais, explicam a razão para essa eufórica comemoração. Amin Soltani, Arman Amid e Romin Madani, três jovens iranianos apaixonados por futebol afirmam que uma seleção nacional é a manifestação de um povo através de um esporte, no caso, o futebol, o mais popular e mais apaixonante do mundo. Na visão dos jovens mencionados e da maioria dos iranianos que acompanha futebol, o que representa uma seleção, sua camisa é algo bem complexo. Eles defendem a tese de que ela é a pele de milhões de pessoas, a armadura dos guerreiros que representam um povo em cada batalha e sem dúvida a camisa mais amada e defendida em todo um país. Quando os onze jogadores saltam ao gramado com toda uma nação às suas costas, é muito mais que futebol: é dizer que tal povo a ela pertence, e como essa não há outras, por todos os aspectos culturais e históricos que ela representa.

Nessa época, o país em questão possuía sua segunda grande geração, considerada a segunda geração dourada, um grande plantel com talentosos jogadores, como Ahmad Reza Abedzadeh, Mehdi Mahdavia, Karim Bagheri, Hamid Estili, Ali Daei, Khodadad Azizi e Mehrdad Minavand. Um dos acontecimentos mais destacados da época foi a Batalha de Lyon, na qual a seleção iraniana saiu vitoriosa em uma partida pelo Mundial da França contra a seleção estadunidense pelo placar de 2-1. Ao acompanhar os jogos pelas eliminatórias encantei-me com a camisa e comecei a buscar informações sobre essa nação. Primeiramente comprei um livro com informações sobre todos os países do mundo, incluído obviamente o Irã e quanto mais conhecimentos e informações adquiria sobre esse país, mais ficava fascinado e impressionado, principalmente por seus aspectos históricos e culturais, além de suas peculiaridades.

Após o término da Copa do Mundo de 1998, realizada na França, novos talentosos jogadores emergiram no futebol iraniano, como Yahya Golmohammadi, Rahman Rezaei, Javad Nekounam, Ali Karimi, Vahid Hashemian, Hossein Kaebi, Mohammad Nosrati, Ferydoon Zandi, Rasoul Katibi, Javad Kazemeian, Ashkan Dejagah, Reza Ghoochannejhad,

Khosro Heydari, Masoud Shojaei, Andranik Teymourian e Karim Ansarifard. Ou seja, desde 1997 venho acompanhando os jogos do futebol iraniano, principalmente de sua seleção nacional, além é claro, de mergulhar em outros aspectos da vida do país.

Nesse processo de emersão ao mundo iraniano, conheci vários iranianos e mantenho contato diário com uma boa quantidade deles. Também estudei por oito meses o Farsi, no período de março a novembro de 2011 e tive a oportunidade de assistir um jogo da seleção nacional iraniana na Copa do Mundo de 2014, em sua estréia nesse evento quando empataram em uma peleja sem gols com a Nigéria, na Arena da Baixada na capital paranaense, Curitiba, em 16 de Junho. Foi o primeiro jogo sem gols do Mundial.

Além deste contexto, sendo da área de Relações Internacionais, o Irã é um ator primordial para o entendimento de muitos momentos marcantes da história, assim como para o complexo cenário geopolítico mundial, como veremos ao longo deste trabalho.

Poucos países têm sido vítimas da perseguição, da pauta internacional e da ignorância como o Irã. Seu nome tem sido associado ao terrorismo, opressão, repressão, ditadura, quando dita nação é a terra de grandes poetas e escritores, sendo um país de grande efervescência cultural; o berço dos direitos humanos e de uma das maiores civilizações da história da humanidade, uma civilização de incontáveis contribuições para a humanidade, contudo, julgada pelos acontecimentos dos últimos trinta anos, como se sua história se resumisse a isso. Além de ter protagonizado quatro revoluções populares durante o século XX. Embora todas estejam interligadas em si, a quarta, todavia nos proporciona um grande impacto geopolítico em várias regiões da Ásia, como a Ásia Central, Cáucaso, Oriente Médio, Golfo Pérsico e o Subcontinente Indiano, sendo uma revolução que se manifesta na vida cotidiana, totalmente implicada na atual dinâmica geopolítica. Uma revolução que aspira à normalidade pós-revolucionária. Esta imagem, associada a um anseio irredentista milenar que brota nas entranhas da sociedade iraniana contemporânea, na qual possui o propósito de reunificar o país em suas fronteiras históricas proporciona um cenário que retrata e demonstra a percepção de uma realidade altamente complexa.

A hipótese do trabalho parte do milenar anseio irredentista iraniano, retratado em várias obras, reportagens, entrevistas, considerações e veículos de comunicação, além de temas paralelos que contornam o tema. De acordo com esse amplo leque de fontes e referências, sob argumentação em inúmeros aspectos culturais e históricos, o Irã é detentor legítimo das chamadas terras irredentas e aspira poder consumir sua soberania sobre esse vasto universo cultural e histórico. Através dessa obra pretendemos demonstrar como se

desenvolve a força do Irredentismo Iraniano na sociedade iraniana atual, assim como uma possível legitimidade no discurso irredentista, apresentando esse sentimento e ideologia nacionalistas, ressaltando os aspectos culturais, étnicos, religiosos, geográficos, lingüísticos e históricos que sustentam, fundamentam e consolidam esse sentimento, desejo e anseios milenares.

Embora tenha sido respeitada a imparcialidade exigida no exercício de uma narrativa documental, essa não é, porém, uma imagem e obra definitivas sobre o irredentismo iraniano. Essa imagem poderá ser diferente da sua, leitor, se um dia decidir aprofundar-se sobre o tema; mesmo que esse trabalho possua diferentes interpretações sobre essa questão e seja ancorado em confiáveis fontes, fruto de uma profunda pesquisa teórica, documental e empírica, todas elas relacionadas na parte destinada às referências bibliográficas. Gostaríamos de deixar isso bem claro, antes de convidá-lo a nos acompanhar nessa experiência que revivemos agora através de suas retinas.

Dito isso, podemos anunciar o início pela trilha de Ciro, bem vindos à terra do meio, à metade do mundo, ao reino das luzes, ao mar indo-ariano incrustado no coração asiático!

2 IRÃ: UM MAR INDO-ARIANO INCRUSTADO NO CORAÇÃO DA ÁSIA

Antes de tudo é importante compreender a complexa caracterização do Irã e de seus habitantes. O território atualmente ocupado pelo Irã é ocupado desde os tempos pré-históricos, como analisaremos no seguinte capítulo. Tem fronteiras a norte com Armênia, Azerbaijão e Turcomenistão e com o Cazaquistão e a Rússia através do Mar Cáspio; a leste com Afeganistão e Paquistão; ao sul com o Golfo Pérsico e o Golfo de Omã; a oeste com o Iraque; e a noroeste com a Turquia. Encravado em uma das regiões mais conturbadas do planeta, o país se situa entre várias regiões continentais, como o Cáucaso, Anatólia, Ásia Central, Oriente Médio, Subcontinente Indiano e Golfo Pérsico. Ou seja, pela sua estratégica posição geográfica entre todas essas regiões mencionadas, alguns geógrafos e historiadores atribuem à localização do país como o coração continental. Composto por uma área de 1 648 195 quilômetros quadrados, é a segunda maior nação do Oriente Médio e a 18ª maior do mundo. Com mais de 77 milhões de habitantes, o Irã é o 17º país mais populoso do mundo.

O Irã sempre foi grande plataforma religiosa, sendo o berço de religiões ancestrais, como o Mitraísmo, Mazdaísmo, Maniqueísmo; e o Zoroastrismo (primeira fé a pregar a existência de um Deus único e religião de Estado no Irã ancestral), que implicaria de maneira contundente, jogando um papel de imensa relevância na identidade nacional iraniana, como será abordado ao longo desta obra.

A história escrita da Pérsia começa, aproximadamente, em 3200 a.C com a cultura proto-elamita e com a posterior chegada dos arianos e a formação dos sucessivos Impérios Medo e Aquemênida. Cercado por fronteiras naturais, guarde bem esse nome, o Irã é uma fortaleza situada a 700 metros de altitude, em média.

É crucial salientar que o Irã não é uma nação originária islâmica, como muitos imaginam, possuindo um riquíssimo legado pré-islâmico tanto do ponto de vista histórico, como do cultural. Os iranianos não são árabes, são em sua maioria persas, arianos, e falam uma língua indo ariana, o Farsi ou Persa. O nome do país, Irã, literalmente significa “terra dos arianos”. O Irã é uma nação sete vezes milenar, na qual nos últimos três milênios foi o laboratório perfeito e um modelo pacífico de integração das várias raças, etnias, culturas e religiões. O país possui uma história bem complexa, com o esplendor de várias dinastias que o governaram ao longo de sua longa história, Aquemênida, Selêucida, Arsácida (Parta), Sassânida, Samânida, Buyida, Safávida, Zand, Afjar, Qajar e Pahlavi, na qual ao longo dessa

longa jornada, é dizer, dessa linha sete vezes milenar, tem alternado idades de ouro e momentos obscuros, porém durante toda a Antiguidade até o colapso da dinastia Zand, um traço marcou os soberanos persas, a tolerância, aonde Ciro e Xerxes governaram imensos territórios, sempre respeitando as crenças e tradições das populações locais. Essa atitude fez da cultura iraniana um patrimônio tão importante para a história da humanidade quanto aquele deixado por gregos e romanos. O próprio nome do país que hoje conhecemos como Irã é um exemplo das diferentes culturas que contribuíram para formar sua identidade, como veremos ao decorrer deste trabalho.

Cabe mencionar que mesmo sob o atual sistema de governo teocrático xiita, a herança ancestral iraniana pulsa no dia a dia do país, movendo a vida cotidiana, implicando em essenciais manifestações que norteiam e moldam a população. O país está impregnado de reminiscências zoroastras. Do calendário em vigor aos rituais de casamento; passando pela profusão de nomes como Babak, Arash, Yalda, Sepideh, Anahita, Abtin, Parisa, Sohrab, Tannaz, Parinaz, Elahe, Khosro, Pejman, Emad, Arian, Shaya, Parviz, Niloufar, Mahsa, Nasrin, Negar Nazanin; a presença zoroastra é marcante.

Nas semanas que antecedem a virada de ano novo no Irã, famílias montam em suas casas uma mesa com sete objetos cujo nome em farsi começa com o equivalente da letra S (maçã, vela, pote com água de rosas, cereais, brotos de trigo, tempero usado no *kebab*, peixe, alho, um tipo de sobremesa feita com noses e ovos pintados). Livros sagrados como o Avesta, *Shahnameh*, Corão e alguns livros de poesia; espelho; um pequeno aquário com peixinhos dourados e ovos cozidos coloridos; além de pão culche va masghati, os doces confeitados, complementam o arranjo. Shoppings, bazares e lojas fazem o mesmo. É o “sete S”, que visa atrair sorte, beleza, saúde, riqueza e alegria. Na noite da virada, os iranianos pulam por cima de fogueiras, acreditando no poder purificador das chamas. Esses rituais com ares de mandinga são considerados uma aberração pagã pela maioria dos muçulmanos não iranianos. Mas os aiatolás não só reconhecem oficialmente o *Nowruz*, como o ano novo, como também contam meses e estações seguindo a cartilha zoroastra. O aniversário da Revolução de 1979, por exemplo, é conhecido como o dia 22 do mês de *Bahman*, equivalente a 11 de fevereiro no calendário gregoriano. Até um iraniano mais ocidentalizado dirá que pretende fazer tal coisa após o fim do mês de *khordad* em vez de dizer junho. Ao longo do feriado de *Nowruz*, parentes, amigos e vizinhos visitam-se durante o período que termina no 13º dia da primavera. Os mais jovens vão prestar homenagem aos mais velhos, em visitas curtas de meia hora para que dê tempo de ver todos os mais idosos, entre tios e avós. Eles são recebidos com tortas,

biscoitos, frutas frescas e secas, nozes, chá, e trocam presentes entre si. O mensageiro da estação é Haji Pirooz ou Haji Firuz. Ele simboliza o renascimento de Domuzi, o deus sumério do sacrifício, que é a morte e ressurge como o Menino Jesus dos cristãos. Usando maquilagem preta e trajes vermelhos, Pirroz, canta e dança pelas ruas acompanhando de tamborins e trompetes, espalhando bons presságios para a etapa que se inaugura com risadas e ousados saltos sobre fogueiras, bem ao gosto dos iranianos, que são um povo extremamente afetivo e festeiro. Encerrando as festas, o 13º dia chama-se *Sizdah Bedar*, significando “13 fora de casa”. As pessoas fazem pequeniques em parques e praças, sempre ao ar livre, e aproveitam para devolver à natureza, em um grande gesto simbólico, o broto de trigo para fertilizar a terra e levar embora os maus fluídos. A origem desta tradição decorre da crença dos persas antigos de que as doze constelações do Zodíaco controlam os meses dos anos. Cada uma delas preside por um milênio, ao fim do qual tudo colapsaria, mergulhando o universo no caos. Assim, as celebrações duram doze dias, sendo que no 13º, a população sai de casa para evitar os maus fluidos associados ao número. Devido a isso, muitos intuem que derive daí a tradição disseminada em todo o mundo identificando o treze como portador de má sorte.

Ou seja, a ligação com o passado pré-islâmico continua tão forte que os costumes, tradições, raízes, celebrações, festivais, crenças, hábitos, festas do Irã atual são oriundos do Zoroastrismo, consolidados ao longo de mais de 3600 anos do glorioso Império Persa. Shab-e Yalda (Noite de Yalda – festa celebrada durante o equinócio de inverno, a noite mais longa do ano no Hemisferio Norte), Sepandarmazgan (*Iranian Valentine's Day*), Chaharshambe Sorri (literalmente traduzido como “Quarta Feira de festa ou festiva”, a última quarta feira do ano, o festival do pulo do fogo), Nowruz (cuja denominação deriva do sagrado livro do Zoroastrismo, o Avesta, e significa “novo dia ou alvorecer” é festejado no equinócio da primavera, quando o dia e a noite têm a mesma duração. Considerado o Ano Novo Iraniano, começa entre 20 e 21 de março no calendário gregoriano, na hora em que o Sol entra em Áries. Profundamente enraizado na tradição mística e nos rituais de culto do Zoroastrismo, a Fé ancestral do Irã, que foi pioneira na idéia de um Deus único e todo-poderoso, o Nowruz prevaleceu às invasões turcas e mongóis, mantendo-se como o feriado mais importante do país, estendendo-se por duas semanas, durante as quais, o país virtualmente para), Sizdahbedar (literalmente traduzido como “13º fora de casa”, é o décimo terceiro dia do primeiro mês do ano, Farvardin – o início da primavera) e o Jashn-e Tiregân (o festival da chuva, festejado no décimo terceiro dia do mês de Tir, o quarto mês do calendário iraniano,

equivalente a 2 ou 3 de julho no calendário gregoriano) são grandes exemplos desse legado pré-islâmico na sociedade iraniana atual. Ou seja, a influência zoroastra é onipresente. A mescla entre o Zoroastrismo, a origem étnica indo-ariana, a Cultura Iraniana e o Xiismo é o que estabelece a identidade do povo iraniano, sendo a base legitimadora do movimento nacionalista iraniano.

Figura 02 - Zoroastro - considerado o profeta da religião do Irã ancestral



Fonte: o próprio autor, no Museu Zoroastra de Yazd.

Esse país asiático também se caracteriza pela sua grande riqueza e efervescência culturais, sendo uma nação de artes, poesias, ciência, pioneiro na defesa dos direitos humanos e a coexistência pacífica dos mesmos. Claro que o Irã teve problemas aqui e ali; como principalmente na trajetória final da dinastia Qahar, na qual, ditos conflitos marcariam toda a história subsequente do país, como será exposto em um capítulo em particular; mas nada, que se compare, com os conflitos nos Bálcãs, extermínio de nativos americanos; acontecimentos na Segunda Guerra Mundial; genocídio em Ruanda, Burundi, Camboja, Sudão e Turquia (contra armênios e curdos, os últimos, um povo iraniano, diga-se de passagem), apenas para mencionar alguns exemplos.

A nação em destaque trouxe ao mundo grandes cientistas, ativistas políticos, médicos, poetas, astrônomos, físicos, químicos, escritores e outras grandes personalidades, como Ferdowsi (um dos maiores responsáveis pela preservação do idioma persa, por ter escrito na época da invasão árabe, a obra literária mais grandiosa de toda a história do Irã, o *Shahnameh*, Livro dos Reis, ao longo deste trabalho veremos a importância dessa grandiosa obra na construção da identidade nacional iraniana); Al-Sufi (principal responsável pela descoberta da Galáxia de Andrômeda no século XIX); Omar Khayyam (um renomado astrônomo e poeta); os místicos Al-Hallaj e Rumi; grandes poetas e escritores como Hafez, Saadi e Rudaki (o pai da literatura clássica persa); Heber (um dos três maiores químicos de todos os tempos); Al-Khwarizmi (o inventor da álgebra no século IX); Al-Biruni (quem desenvolveu as operações de combinação da regra de três); Nasir al-Din al-Tusi (pai da trigonometria); Avicenna (o pai da medicina moderna).

Poucos países têm uma conexão tão forte com a poesia quanto o Irã. Grandes nomes apresentados no último parágrafo, como Omar Khayyam, Hafez, Ferdowsi, Rudaki, Rumi e Saadi estão entre os mais venerados heróis nacionais. Suas tumbas são mausoléus que atraem romarias de peregrinos vindos de todo o país. Na verdade, o culto à poesia deriva, em grande parte, da importância dos grandes autores na construção da identidade nacional, como acontece com o maior de todos eles, o lendário Ferdowsi, que pela sua importância em resgatar o idioma nacional, o trataremos com um merecido destaque nos próximos parágrafos. Em praticamente toda casa iraniana há um livro de poesia ostentado em lugar de destaque, na estante da sala ou na cômoda do quarto. A maior parte dos iranianos sabe ao menos alguns versos das obras mais conhecidas. Sob os arcos das sublimes pontes de Isfahan, pessoas se reúnem ao atardecer para declamar versos. Em todas as idades e classes sociais cultiva-se o hábito de escrever poesia, quase sempre melancólica. Em inúmeros cafés das principais cidades do país, principalmente de Teerã, Isfahan e Shiraz, clientes são incentivados a rabiscar poemas em *post-its* ou guardanapos, que acabam pregados nas paredes ou inseridos debaixo do vidro que cobre as mesas. A linguagem do dia a dia é permeada por expressões poéticas, como “caminhe sobre meus olhos”, usado para dar as boas vindas a um convidado; “fez-se luz nos teus olhos”, para saudar quem acabou de ter filho; “uma flor como você não tem frente nem verso”, resposta necessária quando alguém pede desculpas por dar as costas a alguém no ônibus, trem ou no avião. Um dos poetas mais populares e mais presentes na casa dos iranianos é Hafez (1325-1390). Seu nome era Khajeh Shamseddin Mohammed, mas acabou ganhando o apelido de Hafez, que significa *aquela que decorou*, pois memorizou todo o Corão. Mas seus versos estão repletos de odes às mulheres e à embriaguez. Sua obra

inspirou vários pensadores europeus, entre eles o alemão Goethe, notório admirador do poeta iraniano. Hafez está enterrado na sua cidade natal, Shiraz, berço da uva homônima, de onde praticamente nunca saiu. Romeiros até hoje se recolhem diariamente em seu mausoléu, rezando, declamando versos ou chorando. A sepultura de Hafez é um dos locais mais visitados do Irã. Omar Khayyam (1048-1131), outro grande nome da literatura iraniana, é mais conhecido no Ocidente graças às múltiplas traduções de *Rubayat*, coletânea de poemas complexos e delicados. Aos olhos iranianos, porém, Khayyam era antes de tudo um matemático e astrônomo que se dedicou ao estudo do calendário e da álgebra. Outro poeta iraniano famoso, conhecido mundialmente é Rumi (1207-1273), adepto do misticismo sufi e considerado um dos fundadores da confraria Mevlevi de dervixes rodopiantes.

Figura 03 - Túmulo de Hafez, um dos maiores poetas do país, venerado por dez gerações de iranianos



Fonte: o próprio autor, no Túmulo de Hafez, em Shiraz.

Segundo o Doutor em Ciências Sociais, Ramon Casas Vilarino, não existe a existência de nação, onde não houver uma literatura consolidada. O nacionalismo iraniano é considerado um dos mais fortes do mundo, sendo que a literatura joga um papel de grande relevância nesse processo. A quantidade de canções, poemas, músicas que exaltam o amor pátrio é realmente imensa, na qual a dimensão que essa efervescência patriótica exerce sobre o povo é altíssima, sendo compartilhada pela ampla maioria da população. Ele se refere ao nacionalismo do povo iraniano, assim como às pessoas cuja identidade nacional é iraniana.

Esse nacionalismo consiste em movimentos políticos e sociais, assim como sentimentos provocados pelo amor ao país, à cultura, ao idioma, a história, e um sentido de orgulho por pertencer a todo esse cenário cultural e histórico, resumido simplesmente pelo nome do próprio país, Irã. Esse emblemático nome evoca uma das maiores civilizações do mundo em todos os tempos, na arte antiga, medieval e moderna; na história, especialmente da Antiguidade; no pensamento filosófico e religioso, seja antes ou depois do advento do Islamismo (embora haja grandes diferenças entre o Islamismo Semita e Iraniano, como veremos ao longo desse livro); na literatura e na difusão de uma língua, o Farsi, que se converteu no veículo de uma grande fé universal, a primeira língua “islamizada” da história. Esse patrimônio impregnou a cultura ocidental de forma mais profunda do que se imagina, o que faz de nós tão herdeiros da Pérsia quanto da Grécia antiga. A civilização iraniana sempre ostentou uma evidente supremacia cultural em grande parte da Ásia, desde a Ásia Central até o Subcontinente Indiano, sendo sustentado de uma forte identidade nacional em movimentos eminentemente culturais.

Cabe mencionar a importantíssima contribuição do *Shahnameh* para essa consolidada identidade nacional; esse forte sentimento nacionalista, de pertencimento a uma nação; e a essa enorme efervescência cultural. O *Shahnameh*, uma gigantesca coletânea que reúne 56.700 dísticos (estrofes de dois versos), constituída de 62 histórias (990 capítulos), que levou 35 anos para ser escrita, conta a história do Irã desde a criação do mundo até a derrota militar do Irã pelas forças árabes islâmicas representadas pela dinastia Rashidun no século VII. Além de sua importância literária, tal obra, foi essencial para a preservação e salvação do idioma nacional; como para o ressurgimento do nacionalismo iraniano contra a influência exercida pelos árabes invasores, em um momento que a influência da cultura do invasor estava se aproximando de todas as esferas da vida cultural e artística iranianas. Esta obra volumosa é considerada para todos falantes de farsi como uma obra mestra da literatura, que além de retratar a história do Irã pré-islâmico; retrata de uma maneira sublime seus valores culturais; sua religião ancestral, o Zoroastrismo; um sentido profundo de pátria; assim como bases lingüísticas e gramaticais daquilo que se tornaria o farsi moderno. Embora o farsi já fosse utilizado por alguns escritores iranianos, nenhum deles havia produzido uma obra literária tão significativa como a de Ferdowsi. Por isso é visto como o momento de reacendimento da língua persa e Ferdowsi considerado um herói nacional

Por estabelecer os padrões da língua persa, o *Shahnameh* é para os iranianos como a Divina Comédia de Dante Alighieri para os italianos; como o Alcorão para os árabes islâmicos; como a Bíblia de Lutero para os alemães; sendo sete vezes maior que a Ilíada de

Homero e aproximadamente doze vezes o tamanho do famoso poema alemão, Canção dos Nibelungos. Pode-se afirmar que o *Shahnameh* correspondeu à certidão de nascimento do farsi moderno, sendo sua leitura essencial para todos interessados no mundo iraniano.

Figura 04 - Ferdowsi e sua obra mestra, *Shahnameh* na Torre Milad em Teerã



Fonte: o próprio autor, na Torre Milad, em Teerã.

Todo esse cenário histórico molda a vida na sociedade iraniana. Bandeiras do país flamulam por toda parte em Teerã, em um reflexo do ufanismo que caracteriza tanto o Estado, como a sociedade. Samy Adghirni em *Os Iranianos*, afirma que os iranianos, cultivam a certeza de pertencer a uma das mais antigas e gloriosas civilizações do mundo, alimentando com orgulho a memória de um povo que dominou boa parte do mundo graças a sucessivos impérios e cuja ciência um dia iluminou a humanidade. Quando perguntados sobre sua origem ou qual idioma falam, os iranianos respondem orgulhosamente com um sorriso estampado no rosto, "aria" e "persa", respectivamente. A grandeza iraniana compõe boa parte daquilo que Carl Jung chamava de "inconsciente coletivo". Crianças crescem ouvindo histórias sobre o papel central de seu país na história do mundo. Na literatura, alguns clássicos têm como narrativa as conquistas iranianas. O orgulho dos tempos do Império Persa alimenta o sentimento de superioridade por gerações e gerações de sucessores. Quase todos os líderes nacionais ao longo de sua história sete vezes milenar projetaram algum tipo de hegemonia

enraizada na idéia de um povo nobre de excepcional destino. Há muitos iranianos alheios à religião, mas são raros os que não são ufanistas. Alguns céticos lembram que essa percepção é fruto de uma reconstrução da narrativa histórica por nacionalistas iranianos nos últimos 200 anos. A dinastia Safávida teria organizado fragmentos esparsos de memória nacional de forma a consolidar uma identidade coesa e crível. De todo modo, esse triunfalismo ecoa facilmente em um país onde o fervor nacionalista pode soar ora ingênuo ou arrogante, para visitantes leigos; ora convicto para iranologistas estrangeiros. Iranianos, por exemplo, reivindicam paternidade sobre algumas das principais invenções da humanidade, como por exemplo o vinho, sapato, xadrez, sorvete, refrigeração de ar, sistema postal, anestésicos, violão, carruagem, medicina moderna, trigonometria, álgebra, combinação da regra de três, Galáxia de Andrômeda, direitos humanos, métodos de canalização subterrânea, bateria, entre outras. Há quem defende a tese que o alfabeto árabe, que influenciou o alfabeto persa moderno, sendo utilizado no idioma farsi moderno, seja originalmente persa. Existe, ainda, quem se ofenda se o interlocutor não compra a idéia de que até as pirâmides do Egito são, em realidade, obra de engenheiros iranianos. Não é raro, encontrar iranianos que acreditam que seu país detêm as pessoas mais inteligentes, as mulheres mais bonitas, a gastronomia mais rica, o artesanato mais refinado, o melhor futebol do continente asiático e os jardins mais delicados, razão pela qual, o comerciante inglês Anthony Jenkison, escreveu que os iranianos consideram seu país “a melhor de todas as nações” em uma viagem ao Irã no século XVI. Na verdade, a idéia de grandeza traduz com freqüência um sentimento mais amplo, ancorado em uma suposta superioridade étnica, onde os iranianos se enxergam como um povo nobre e puro, detentor legítimo tanto das terras que ocupa, como das que ocupou, isso é, todas as terras habitadas atualmente por populações iranianas, onde a conexão entre etnia e solo está embutida até no nome do país. Isso reflete o caráter irredentista que jaz no cerne de mais de mil anos na sociedade iraniana.

Por incrível que possa parecer, até a diversidade de climas é razão de orgulho para os iranianos, sendo um dos traços nacionais dos quais mais se orgulham. Como Samy Adghirni, aponta em *Os Iranianos*, eles adoram contar que, enquanto Teerã está sob neve, o termômetro indica 35 °C algumas centenas de quilômetros ao sul. Todos os tipos de condições meteorológicas existem no país. Há neves eternas nos mais altos picos das cordilheiras Alborz e Zagros. Em Bandar Abbas, às margens do Golfo Pérsico, sol de chumbo e umidade pegajosa castigam a população o ano inteiro. A temperatura mais alta do mundo foi registrada no Irã. Mais precisamente no deserto de Dasht-e Lut, a sudeste 70 °C, segundo monitoramento por satélite da Nasa, agência espacial estadunidense. Porém, nas maiores cidades iranianas

predomina uma alternância de estações nitidamente distintas. Teerã tem inverno com neve, primavera florida, verão sufocante e outono com vegetação avermelhada; variando de -8 °C a 46 °C. Variação semelhante ocorre em Shiraz, Isfahan, Tabriz ou Mashhad. Esse aspecto se aprende na escola nas primeiras aulas sobre o tempo.

O forte sentimento nacionalista do povo iraniano também pode ser explicado pela composição étnica do país. Como já vimos anteriormente, os iranianos são de origem étnica indo-ariana, sendo os persas majoritários, constituindo 67% da população do país; os azeris compõem 18%, seguido por curdos 5%, baluchis 2%, talysh 1,5%, mazandarani 1,5%, gilakis 1%, lures 1%, árabes 2% (único grande grupo étnico não iraniano atualmente no Irã), outros 1%. Embora os iranianos de etnia persa convivam com inúmeras minorias, pode-se dizer que azeris, gilakis e mazandarani constituem um único grupo, dadas suas características culturais serem muito semelhantes. Assim, embora haja 33% da população sendo não-persa, no sentido propriamente dito da palavra, pode-se considerar que o Irã não é tão heterogêneo quanto pode parecer à primeira vista, pois os persas, azeris, gilakis e mazandarani constituem juntos mais de quatro quintos do total de iranianos. Googoosh, a grande diva da música persa, é um bom exemplo e um caso emblemático, pois o fato de nascer em uma família azeri na capital do país em 1950, nunca a impediu de ser considerada uma genuína persa. Outro bom exemplo é a ex-esposa do xá Mohammad Reza Pahlavi, Farah Diba, na qual, embora também nascesse em uma família azeri, nunca a impediu de ser considerada uma persa. Reza Khan também se encontra na lista de exemplos, pois embora seja oriundo de uma família mazandarani, nunca foi impedido de ser considerado um legítimo persa. Apenas para mencionar os casos de personalidades mais famosas. Além dessa forte semelhança cultural entre os mencionados povos iranianos, podemos afirmar que embora haja uma grande variedade de micro etnias, todas elas compartilham uma forte coesão nacional, possuindo uma consolidada consciência de pertencimento à nação iraniana, como veremos ao decorrer deste trabalho.

O legado nacionalista servira de escudo de proteção contra intervenções externas. Assim, os iranianos se mantiveram distintos dos demais povos da região, apesar de assimilarem aspectos ou outros dos que cruzaram ou tentaram se estabelecer em seu território ancestral. Isso explica, em grande parte, as contradições existentes no país transformado em República Xiita em 1979. De uma cultura sete vezes milenar, mas ainda tão desconhecida. De um povo que cultua a poesia, mas é frequentemente confundido com radicais terroristas. De mulheres talentosas, inteligentes e sábias que ocupam a maioria das vagas nas universidades

(beirando a 70% em 2011) e postos de trabalho, mas são subestimadas como submissas, frágeis, coitadas e oprimidas na maioria dos veículos de comunicação ocidentais. Uma nação predominantemente jovem, porém retratada por imagens de velhos homens de barba longa e turbante. Um país rico em petróleo, gás natural, hidrocarbonetos, minérios e outros recursos; porém marcado por uma tentativa de atraso por sanções econômicas e bloqueios comerciais impostos pela política externa estadunidense. Uma civilização de incontáveis contribuições para a humanidade, mas, julgada pelos acontecimentos dos últimos trinta anos, como se sua história se resumisse a isso.

Embora os iranianos sejam profundamente ufanistas e orgulhosos de suas raízes, tradições, cultura e história, podemos afirmar que sua população tende à xenofilia, o que desmente a tese que nacionalismo é sinônimo de xenofobia. Estrangeiros costumam ser recebidos de braços abertos e paparicados por onde quer que andem, inclusive nos meios mais religiosos ou alinhados ao regime. Qualquer consulta mostra que quem já visitou o Irã geralmente voltou para a casa encantado com a gentileza e hospitalidade local. É recorrente o hábito de iranianos abordarem visitantes para puxar uma conversa, perguntando qual a opinião do visitante sobre o Irã, alguns que não dominam o idioma arriscam um “Iran good?”; tirar foto ou entregar uma flor; sendo que na ampla maioria das ocasiões, não há nenhuma intenção além de ser amável e afável, ao contrário de outros países, onde a simpatia pode esconder segundas intenções. A hospitalidade é o traço da cultura iraniana, do qual muitos iranianos mais se orgulham, como afirma o empresário Mahdyar H. Ele acrescenta que os iranianos são os verdadeiros mestres da hospitalidade, insistindo em um típico ímpeto ufanista. Todos são bem vistos, embora americanos (entenda-se como todos oriundos do continente americano) e europeus terem a preferência. Árabes, turcos, pastuns, turcomenos, uzbeques por razões óbvias que serão entendidas ao decorrer deste livro não geram a mesma fascinação, mesmo que sejam objeto de atenção e interesse.

É comum o fato de alguém pedir seus contatos pessoais logo nas primeiras frases trocadas, reflexo de um quê de cândida ingenuidade que prevalece na sociedade local. Há uma brincadeira entre expatriados em Teerã que a conversa com um iraniano recém-apresentado sempre começa com: “Você está no Facebook?”. Não são raros os casos de paquera e namoro entre estrangeiros e locais, inclusive por iniciativa das iranianas. Também é recorrente ver visitantes estrangeiros serem convidados a almoçar, jantar ou até mesmo ficar hospedado na casa de comerciantes ou novos amigos. Mesmo a malandragem ocasional com turistas se dá

em menor escala que na maioria dos países do Oriente Médio, no caso, árabes. Como em muitos países, taxistas ou vendedores tendem a cobrar do estrangeiro uma tarifa maior.

Esse afã dos iranianos em agradar o estrangeiro, embora seja um legado da essência nobre de seu povo, como afirmam os iranianos, sendo uma profunda marca em sua cultura; também reflete, ao menos em parte, a contrariedade e rejeição, geradas pela péssima imagem do Irã, disseminada pelos meios de comunicação controlados pelos Estados Unidos e seus aliados, alimentando profundos questionamentos de identidade. Uma grande parcela da população não entende por que o mundo não consegue enxergar a grandeza absoluta e intrínseca da nação iraniana para além das questões políticas. Outros, acreditam em um enorme complô ocidental para impedir o país de retomar seu devido lugar no rol das superpotências históricas, argumentando serem vítimas da política de dois pesos e duas medidas do Ocidente. “Por que incomodam o Irã, que não tem a bomba, e não dizem nada sobre os arsenais atômicos de Israel, Paquistão, Índia e Coreia do Norte, países que ignoram convenções de desarmamento?”, martelam boa parte dos iranianos. Em comum, a vontade de mostrar a “verdadeira e real face do Irã” proporciona a que todo iraniano tenda a se portar como embaixador ou representante oficial de seu país.

3 O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA LINHA SETE VEZES MILENAR

Figura 05 - Cartaz iraniano retratando os sete mil anos de vida do país



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.350715128294261.91138.350024781696629&type=3>

Como presenciamos no capítulo anterior, o território do atual Irã é ocupado desde os tempos pré-históricos, onde rastros de presença humana remontam ao Período Neolítico, quando tribos de caçadores viviam nas montanhas Alborz e Zagros e em uma região próxima às montanhas do Baluquistão. Porém, a nação iraniana começou a construir-se há 7 mil anos, a partir de um grupo de povos da atual região da Ásia Central conhecido como indo-europeus, que compartilhavam idioma semelhante. Os indo-europeus conseguiram ampla superioridade militar e logística sobre outros povos depois de domesticar o cavalo, o que lhes permitiu desbravar horizontes cada vez mais distantes. Atribui-se a essas populações centro-asiáticas outra façanha decisiva na história da humanidade que foi a invenção da carruagem. Graças a esse pioneirismo no transporte, espalharam-se, literalmente, por todas as direções. Como escreveu o estadunidense, William Polk, em sua obra *Understanding Iran*, um clássico da introdução aos estudos da história iraniana: “À medida que se moviam, indo-europeus, interagiam com populações locais, participando da formação de diversos povos, como gregos, romanos, germânicos, eslavos, indianos e iranianos. Muito tempo depois, à medida que surgiram outras ondas migratórias indo-europeias, eles se tornaram ancestrais dos franceses, espanhóis, escandinavos e ingleses. Ou seja, eles são partes da linhagem sanguínea da qual

descende a maior parte de nós”. Isso não apenas retrata, mais é uma outra razão que evidencia que somos tão herdeiros do Irã ancestral, como da Grécia e Roma.

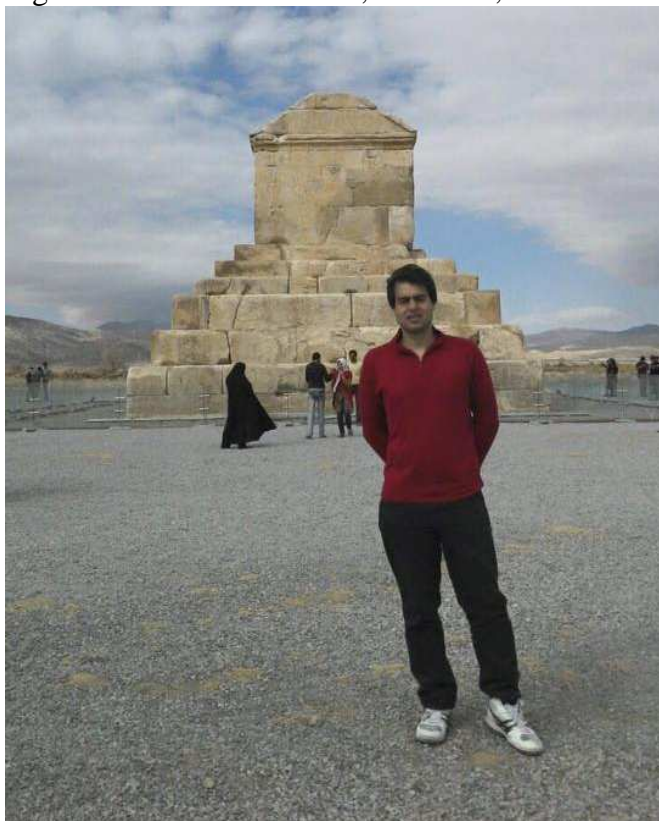
No século IX a.C., dois grupos de tribos indo-européias de ascendência iraniana, sobretudo persa, se sedentarizaram e formaram, no território do atual Irã, reinos que se beneficiaram do colapso do arqui-rival vizinho Império Assírio. A noroeste, os medos formaram o Primeiro Império Persa, rico e poderoso. No sul, os parsis estabeleceram uma série de pequenos Estados autônomos, mais vulneráveis à supremacia meda.

A história daquilo que conhecemos como Pérsia clássica começa, no século VII a.C., com a fundação da dinastia Aquemênida, em 559, a.C., pelo rei Aquemenes, que uniu as tribos parsis em torno dele, fundando a dinastia Aquemênida. Essa personalidade foi sucedida por um de seus netos, um jovem de 21 anos, chamado Ciro, que após agregar o adjetivo “Grande” ao prenome, se tornaria um dos homens mais influentes na história da humanidade, sempre se caracterizando por seu caráter ambicioso e visionário. Ao longo de pouco mais de dois séculos, essa dinastia conquistaria o mais vasto conglomerado de reinos jamais visto federados sob uma única autoridade. Vista em retrospecto, a formação desse Primeiro Império Persa é surpreendente. Os Aquemênidas expandiram seu território enfrentando impérios muito mais militarizados, como o medo e o assírio. Outro aspecto que desperta a admiração dos estudiosos, sobretudo os iranologistas, é o grau de tolerância que reinava em seus domínios. Apesar de ser um dos mais vastos da época, o Império Aquemênida era o menos repressivo. Por esse legado, em um recente documentário produzido pela BBC, um veículo de comunicação britânico, o Império Persa ganhou o merecido título de “O Império Gentil”, aponta o historiador brasileiro Virgílio Campos.

As fontes históricas sobre a história antiga da Pérsia são raras, dispersas e fragmentadas. A maior parte das informações sobre o período provém, essencialmente de autores gregos (Heródoto, Ctésias, Políbio e Estrabão); da Bíblia (livros de Esdras, de Isaías e de Ester); dos arquivos dos administradores de províncias sob domínio persa, os sátrapas; de inscrições em quadros, telas e monumentos; e do clássico *Shahnameh* do grande poeta Ferdowsi. A falta de documentação se explica, primeiramente, em parte, pelo fato de que Ciro, o Grande, soberano que comandou o início da expansão persa, se preocupou mais em defender seus ideais e combater seus adversários do que em fazer propaganda de seu governo; segundo, devido ao fato dos árabes invasores terem queimado bibliotecas inteiras quando protagonizaram o fim do Irã sassânida, como veremos ao final deste capítulo. Como até hoje não se sabe ao certo se Aquemenes existiu de fato ou se foi uma figura criada para dar

legitimidade à dinastia aquemênida, Ciro é considerado o primeiro grande rei persa, assim como o pai da pátria iraniana. Esse relevante aspecto, associado ao enorme legado de Ciro para o futuro da história iraniana justificam a crença de gerações inteiras de iranianos: Estamos profundamente orgulhosos de pertencer a linhagem de Ciro, (em farsi, Eftekhari az tabar moghadase Kurosh kabir).

Figura 06 - Túmulo de Ciro, o Grande, considerado o pai da pátria iraniana

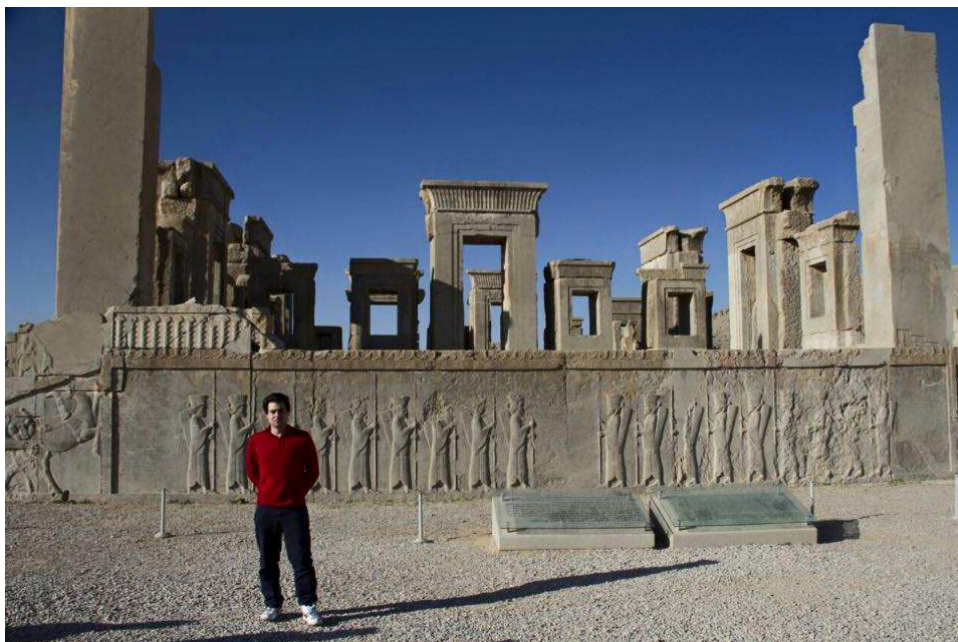


Fonte: o próprio autor, no Túmulo de Ciro, em Pasargad.

Elevando-se majestosamente no deserto meridional do Irã, sobre o pano de fundo das montanhas distantes que aumentam a dramaticidade da cena, as fantásticas ruínas de Persépolis são testemunhas da grandeza do Irã. Esta era a capital cerimonial e espiritual do Império, construída por Ciro, Dario e Xerxes, titãs cujos nomes ainda reverberam na História. Gigantescas estátuas de touros alados guardam as Portas de Todas as Nações, por onde os príncipes dos Estados vassalos passavam uma vez por ano para prestar homenagens e tributos aos seus senhores persas. A grande Apadana ou Salão de Audiência, onde esses príncipes se ajoelhavam junto com os soberanos mortos, tinha comprimento igual a três campos de futebol. Sua cobertura era sustentada por trinta e seis altíssimas colunas, algumas das quais ainda estão de pé. As duas escadarias monumentais que conduzem ao salão são decoradas com delicados entalhes contendo representações do ritual anual da obediência, realizado no

equinócio da primavera. Essas ruínas, hoje nos dão um quadro vivido da quão completamente os imperadores persas dominaram outrora os lugares mais ricos do planeta.

Figura 07 - Emblemáticas ruínas de Persépolis



Fonte: o próprio autor, em Persépolis.

A expansão desse povo se deu na esteira de um movimento mais amplo, que varreu a Ásia. Nômades vindos do leste dominaram civilizações mais avançadas a oeste. Em sua marcha, os invasores prevaleceram sobre os sedentários, a vida pastoral destronou a vida urbana, a força suprimiu a lei, o saque levou vantagem sobre o trabalho na terra, e o estepe venceu as lavouras. Nesse ambiente de devastação, a federação de tribos semi-nômades liderada por Ciro conseguiu se impor sobre os civilizados impérios assírio, babilônio e medo. Em 547, Ciro invadiu a Ásia Menor e capturou a majestática cidade de Sardis, capital da Lídia. Sete anos mais tarde, o rei persa dominou e subjugou outro grande poder regional, a Mesopotâmia, sem causar muita destruição. Nas décadas que se seguiram, ele e seus sucessores alcançaram vitórias extraordinárias, como aquela em que Xerxes tomou a Macedônia, as Termópilas e Atenas com um exército de 180 mil homens, de longe o maior até então visto na Europa. Os povos da região, cansados da guerra, das pilhagens dos nômades eurásianos e do fanatismo militarismo assírio, pouco se opuseram ao que de início lhes pareceu a doce autoridade de um senhor pouco presente, pois governava de muito longe.

Diante desse panorama favorável, Ciro adotou uma inteligente estratégia em relação às elites locais. Ele compreendeu que aterrorizá-las por meio da crueldade e do medo o condenaria no plano político. Era preciso, portanto, federá-las, e não matá-las. Ciro mostrou

ao mundo que o que une importa mais do que divide. Seu talento foi criar um sentimento de pertencimento ao Império, que se disseminou entre o mosaico de povos cuja diversidade os fazia naturalmente propensos ao combate. Os textos mostram que o soberano não queria aniquilar as nações, mas sim associá-las ao destino do Império. O enfoque é tolerante e universalizante da vida e da política pelo qual se notabilizaram os imperadores aquemênidas derivava em parte de sua conexão com o culto de Zoroastro, segundo o qual a sagrada responsabilidade de todo ser - humano é trabalhar para estabelecer a justiça social na Terra. O profeta Zoroastro, mais tarde conhecido entre os europeus como Zaratustra, viveu em algum período entre os séculos X e VII a.C., no que é hoje o nordeste do Irã, e pregou seu prego depois de uma série de revelações divinas. O Zoroastrismo influenciou profundamente toda a história iraniana não apenas por ter sido utilizado por Ciro, na audaciosa e bem sucedida, campanha de construção do Império Persa, mas também por ter conquistado o coração de uma imensa quantidade de fiéis no transcurso dos séculos.

O Zoroastrismo ensinou aos iranianos que uma liderança esclarecida é um direito inalienável dos cidadãos e que é obrigação dos súditos tanto obedecer aos reis sábios como insurgir-se contra as lideranças perversas. Os líderes são vistos como representantes de Deus na Terra, mas só são dignos de lealdade enquanto trazem consigo a *farr*, uma espécie de bênção divina que devem conquistar por seu comportamento moral. Para pedi-la, geração após geração de líderes persas visitava os templos zoroastrianos onde queimava perpetuamente o fogo sagrado, símbolo da constante vigilância contra a iniquidade.

Em um reino formado por muitas etnias, culturas, religiões, e línguas, o governo de Ciro foi muito tolerante com as minorias culturais, religiosas e políticas, embora seu líder fosse um devoto zoroastra. O soberano fazia questão de garantir a proteção das populações conquistadas:

Não autorizei ninguém a maltratar o povo nem a destruir a cidade. Ordenei que toda casa permanecesse intacta, que os bens de cada um não fossem pilhados. Ordenei que todos fossem livres para adorar seus deuses. Ordenei que cada um fosse livre em seu pensamento, seu local de residência, sua religião e seus deslocamentos, e ninguém deve perseguir o outro.

As políticas de Ciro fizeram com que nenhum dos povos conquistados, com exceção dos egípcios, sentisse a autoridade aquemênida como um poder estrangeiro. A admiração persa se adaptava às tradições regionais, promovia a descentralização do poder com a implantação de uma ampla autonomia local, os famosos sátrapas, era pautada por uma absoluta tolerância religiosa e se apoiava nas elites locais, privilegiando a pequena nobreza. Para aumentar a coesão do conjunto, o rei e sua corte se deslocavam regularmente pelas

províncias do império, passando por Susa, Babilônia, Ecbátana, Arbeles e Persépolis, e fixando sua capital no local onde estivessem residindo provisoriamente.

Com o crescimento do império, a miscigenação de populações acelerou muito a difusão dos conhecimentos no seio do império. Ciro e os demais reis de sua linhagem unificaram seu vasto império com estradas, pontes, cunhagem uniformizada de moedas, um eficiente sistema de impostos e o primeiro serviço de correios a longa distância de que se tem notícia. Por exemplo, uma estrada real de mais de dez mil quilômetros percorria o território dominado pelos persas, desde a cidade de Éfeso, nas margens do Mediterrâneo, até Dushambe, no Tadjiquistão. Muitas ramificações davam acesso às cidades de Susa e Pasárgada (ambas localizadas nas atuais fronteiras do Irã) e Kandahar (no atual Afeganistão).

A tolerância religiosa dos persas foi fundamental para a história do judaísmo. Segundo a Bíblia, ao conquistar a Babilônia em 537 a.C., Ciro promulgou um édito que libertou os judeus do cativeiro na Mesopotâmia e ofereceu uma ajuda financeira muito substancial para que eles reconstruíssem o Templo de Jerusalém, além de devolver muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados ao longo da história. Ainda hoje, 2.500 mil anos depois, o evento da festa de Purim, continua a ser celebrada todo ano. Desde esse momento, o imperador passou a ser homenageado no mundo judaico como um profeta, na qual os judeus o cultivam gratidão eterna. Ciro é o único rei não judeu a ser mencionado nos Tanach, onde aparece com *status* de messias. Em um capítulo em particular será exposto esse caráter amistoso milenar entre os judeus e a história iraniana.

Os judeus não foram os únicos a se beneficiar da liberalidade de Ciro. Ele abriu o pensamento persa aos filósofos gregos, à mística masdeísta, ao ascetismo árabe, à medicina indiana e à liberdade de consciência em geral. Os médicos da corte eram majoritariamente estrangeiros. Segundo Heródoto, destacavam-se os egípcios e gregos, como Demócedes de Crotona e Ctésias de Cnido. Os autores do mundo helênico insistem no extraordinário rigor moral dos persas, cuja primeira das virtudes era a proibição da mentira, considerada o mal absoluto em uma perspectiva metafísica quase religiosa.

Após a morte de Ciro em mãos de seus inimigos em 530 a.C., coube ao seu primogênito, Cambises I, rei tirânico e impopular, a difícil tarefa de liderar a dinastia Aquemênida. Sob seu governo, expandiu as fronteiras do império até a atual Líbia; e após ofensivas totalmente erráticas pelo continente africano, Cambises I, morreu no Egito, sem que se saiba ao certo até hoje se por suicídio ou assassinato, embora no Irã é quase consensual que tenha morrido em mãos dos ancestrais dos árabes, que a história viria a estabelecer como os maiores inimigos dos iranianos. Cambises I, foi sucedido por um primo distante, chamado

Dario, que herdou um reino iraniano dilacerado entre focos de rebelião, legado da catastrófica administração de Cambises I. Dario, não apenas conseguiu debelar as revoltas, como também consolidou seu poder sobre o maior império que o mundo já viu. No século V a.C, auge de seu poder, os iranianos dominavam uma área que se estendia desde as ilhas gregas do Mediterrâneo até as cordilheiras Pamir, no extremo leste do Tadjiquistão. A grandeza ficou imortalizada em Persépolis, santuosa capital que Dario mandou erguer no sul do Irã, cujas ruínas são ponto incontornável em qualquer visita ao país, razão pela qual uma geração inteira de iranianos compartilha a crença que visitar seu país e não ir a Persépolis é muito pior do que ir a França e não realizar uma visita à Torre Eiffel. Apesar da dificuldade em controlar tamanha área em uma era de transportes e meios de comunicação primitivos, Dario conseguiu manter a coesão e modernizar o Primeiro Império Persa. Detalhes como estes no decorrer da história são testemunha da genialidade do povo iraniano, exemplificado em suas grandes realizações.

A supremacia aquemênida terminou em 490 a.C., onde uma megaofensiva de Dario para aniquilar uma rebelião na Grécia acabou repelida, selando a primeira grande derrota das tropas aquemênidas. Dario morreu quatro anos depois, cedendo lugar ao filho Xerxes, que também lançou, protagonizando, uma colossal operação militar com dezenas de milhares de soldados contra a insurgência grega. Em 480 a.C., Xerxes perdeu a batalha contra os rebeldes e bateu em retirada. Na visão de muitos historiadores, a resistência dos gregos ao ataque iraniano foi o primeiro choque entre Ocidente e Oriente. No livro *Persian Fire: The First World Empire and the Battle for the West*, o inglês Tom Holland argumenta que a vitória grega garantiu a sobrevivência de valores e culturas ocidentais, que até hoje norteiam a sociedade européia e americana. Porém, é inegável o legado iraniano em vários aspectos da vida cotidiana, o qual proporciona que, o que chamamos de Ocidente é tão herdeiro do Irã, como da Grécia.

Essa tolerância e abertura para o mundo exterior, característico da dinastia Aquemênida fizeram com que os gregos e sua cultura gozassem de grande prestígio entre os iranianos. O fascínio pelo helenismo abriu caminho para um jovem rei macedônio, que a história viria a chamar de Alexandre, o Grande, conquistasse o império construído por Ciro e pusesse fim ao poder da primeira grande dinastia persa em 330 a.C.

Por maior que tenha sido a bravura dos cavaleiros macedônios, por mais moderna que tenha sido a estratégia militar de Alexandre e mais favorável a sua situação, esses elementos não teriam sido tão eficazes se a cultura helênica já não estivesse fortemente impregnada no oriente persa. Alexandre apenas acelerou os efeitos de um processo de decadência que já

afetava o Império Aquemênida havia algum tempo. A decadência da Pérsia ficou patente para os gregos em 401 a.C. quando o sátrapa de Sardes contratou 10.000 mercenários gregos para ajudá-lo a reivindicar o trono imperial, o que demonstrava a instabilidade política e a fraqueza militar dos aquemênidas. As tropas invasoras rapidamente tomaram a Lídia, a Fenícia e o Egito, derrotaram as forças de Dario III na batalha de Maratona, em 490 a.C., e por fim capturaram a capital persa de Susa. O último foco de resistência aquemênida foi nas proximidades do palácio real em Persépolis, cidade que acabou sofrendo a sanha destruidora e saqueadora de seu conquistador Alexandre, na qual foi incendiada pelos invasores. O Primeiro Grande Império Persa estava enfim nas mãos dos gregos, na qual Mossadegh milênios depois iria considerar como a primeira grande catástrofe iraniana.

Ao longo de sua rota de conquista, Alexandre fundou diversas cidades, todas com o nome Alexandria, que serviram para difundir a cultura helenística na Pérsia nos séculos seguintes.

O império de Alexandre desfez-se logo após a sua morte, e um de seus generais, o macedônio Seleuco I Nicator, fundou uma nova dinastia, batizada de Selêucida, que governou a Pérsia até 170 a.C. Sob as administrações de Alexandre, o Grande e Seleuco I Nicator, o império se caracterizou pela difusão da língua, filosofia e arte gregas. O grego tornou-se a língua da diplomacia e da literatura em todo o território conquistado por Alexandre. O comércio com a China, iniciado durante a era Aquemênida através da Rota da Seda, assumiu novas proporções, permitindo também um vasto e notável intercâmbio cultural: o budismo foi trazido da Índia, o zoroastrismo foi levado para o oeste e viria influenciar o judaísmo. Nesse contexto podemos estabelecer a enorme influência do zoroastrismo nas três principais religiões monoteístas subseqüentes. Alguns fenômenos, que muitos acreditam ser originários e oriundos do judaísmo, são na verdade compilações de textos muito mais antigos. A doutrina religiosa do zoroastrismo é considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético. Algumas das suas concepções religiosas, como a noção de bem versus mal, um ser supremo que é desafiado por um inimigo poderoso, a personificação do mal, que tenta os homens e os leva a se corromperem, que é sinônimo de ganância, de trevas; a ideia de livre-arbítrio; a crença no paraíso, na salvação e ressurreição, em anjos da guarda, no juízo final, onde retornarão ao paraíso os escolhidos, com punição para os maus, e recompensa para os bons; e na vinda de um messias; viriam a influenciar o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Além desse legado para a humanidade e muito mais do que o fundador de uma nova religião, Zoroastro foi antes de tudo, um reformador das práticas religiosas indo-arianas. Ele

propôs uma mudança no panteão dominante que ia no sentido do monoteísmo e do dualismo. O Avesta, considerado o livro sagrado do Zoroastrismo, possui escrituras sagradas da religião, e como a Bíblia, ele é uma coleção de livros sagrados que foram escritos durante um longo período e em diferentes idiomas. A principal diferença para a Bíblia é que o Avesta se parece com um livro de orações e possui poucas narrativas. Ditas narrativas vieram com o *Shahnameh* de Ferdowsi. Ou seja, a grandiosa obra literária do século IX veio a complementar o livro sagrado do Zoroastrismo escrito séculos antes.

O reino selêucida rapidamente entrou em declínio. Ainda durante a vida de Seleuco, a capital foi transferida de Selêucia, às margens do Tigre, na Mesopotâmia, para Antioquia, às margens do Orontes, próximo ao Mediterrâneo. As províncias orientais de Bactria e Pártia desligaram-se do reino em 238 a.C. A liderança militar do Rei Antíoco III impediu a Pártia de conquistar a própria Pérsia, mas alarmou a República Romana, cujas legiões começaram a atacar o reino selêucida. Este se viu às voltas com a rebelião dos macabeus, na Judéia, e com a expansão do Império Kuchano a leste. O Império desmoronou, causando que o último governante grego fosse derrotado por Mitríades, que colocou a região novamente sob o domínio de um reino nativo do planalto iraniano, o Império Parta.

O Império Parta, a segunda grande dinastia iraniana prosperou até esbarrar no surgimento de um temível rival a oeste, o Império Romano. A cavalaria iraniana enfrentou a infantaria romana em batalhas tão épicas quanto sangrentas, com alternância de vitórias e derrotas. Os iranianos se orgulham até hoje por ser uma das regiões do mundo não penetradas pelo Império Romano, sendo os grandes responsáveis pela manutenção das fronteiras orientais romanas, estabelecidas a leste do rio Eufrates.

A idéia política, religiosa e étnica do Irã é, em realidade, um produto característico da primeira metade do século III d.C, e um pilar essencial da propaganda da dinastia sassânida nos anos vinte daquele século, na qual em 226 surge na Pérsia, na província de Fars, após uma revolta nacionalista liderada por um descendente de Darío II Codomano, na qual reconquista as províncias sob controle dos partas, desgastados pelos rachs internos e incessantes guerra contra os romanos; a dinastia sassânida, que reivindica a herança cultural e política dos aquemênidas, pretendendo devolver ao Irã a glória dos mesmos.

Porém, dita idéia também é resultado de um longo processo histórico. Segundo os dados, na qual possuímos, referente à idéia política não se pode remontar antes do reino de Ardashir I, mas como conceito étnico e religioso a idéia de Irã é muito mais antigo. Pela ordem que se vão relacionando todas as terras do Império nos diferentes textos das inscrições de Dario I, se demonstra que nessa época, já existia claramente o sentimento de pertencimento

à nação arya. Darío I e Jerjes I definiam com esse adjetivo a estirpe a qual tinham o orgulho de pertencer. É importante também mencionar que o nome Irã, deriva de uma expressão sassânida, “Eran-sahr” (Reino ou Nação dos Arya), composto por um genitivo plural do nome étnico em persa médio “êr” e do substantivo “xšāθra” que significa “poder-reino” em persa antigo. Devido ao apreço que os imperadores persas tinham pelo caráter ariano de sua língua, de sua escrita e de sua ascendência, o nome Irã foi definitivamente adotado no século III d.C.

Sabe-se que os Arya sempre possuíram no Irã um significado puramente étnico. A herança étnica, cultural e religiosa do Irã aquemênida se transmite um período além do primeiro império persa. Na época parto e arsácida se constata que vai conformando-se progressivamente uma espécie de renascimento do iranio, consistente, entre outras coisas, em uma nova apropriação da herança aquemênida e em um gradual abandono dos costumes e da língua dos gregos, que vai sendo suplantada por um idioma que se pode definir como irania ou arya. Trata-se de um nome coletivo para designar a um conjunto de povos, na qual possui a mesma macro-etnia, ou seja, a mesma origem aria. No Irã, este termo tem o mesmo sentido que o nome “Hellas” na Grécia, assim, é possível estabelecer um termo como “aryanismo” ou “iranismo” para expressar um conceito análogo ao de “helenismo”, que se expressava na Grécia. Portanto, até o final do momento parto, não é possível reconstruir as origens da idéia da identidade nacional iraniana. A verdadeira história desta idéia, fundamental para a história da civilização e da cultura do mundo iranio e iranizado, chamado por alguns por continente cultural iranico, não se inicia até os sassânidas.

Antes desses, não existia nenhum rastro de um Ērān-šahr. A idéia de um reino ou de uma nação arya foi o resultado de um complexo e grandioso fenômeno de “invenção de tradição”, onde convergiam os objetivos da corte e da nova igreja zoroastra, que estava se organizando nesses momentos para apoiar e dar crédito a uma nova trajetória política que havia que legitimar e consolidar. Todo esse cenário estava em consonância com os tempos que corriam: um fenômeno típico do século III, na qual se tende à formação de culturas nacionais, sendo o Irã sassânida, com seu caráter nacionalista e arcaizante, um protagonista essencial desta expansão. Ou seja, a dinastia Sassânida prosperou cultivando a memória da grandeza aquemênida e é considerada a era de ouro para os iranianos, tendo um papel determinante na consolidação da identidade nacional iraniana.

Sob os sassânidas, a arte e a cultura persa chegaram a um nível destacado e sua força militar foi capaz de desafiar à próspera Roma. O reino dos sassânidas se caracterizou por uma forte centralização do poder, um urbanismo ambicioso, uma agricultura de técnicas

avançadas, realizações de grandes obras de engenharia civil, um desenvolvimento extraordinário nas artes. O comércio prosperava em um ambiente de grandes avanços artísticos e científicos, inclusive em matéria de arquitetura e urbanismo. Intelectuais e pensadores de impérios vizinhos encontravam um porto seguro no Irã Sassânida, que, no seu auge, no início do século VII, se estendia do Egito até o atual Uzbequistão.

A invocação às origens aquemênidas, a identificação étnica e cultural, a formação de uma herança tradicional de acordo com as exigências da nova dinastia e das forças sócias que a sustentavam, a codificação das escrituras religiosas após uma operação de seleção e censura conforme a uma ortodoxia são aspectos de um único processo político e cultural que proporcionou material à propaganda sassânida. Assim, com o advento dos sassânidas e como resultado da profunda mudança política, religiosa e social, se cria uma tradição inventada: a do Ērān-šahr do império “ario” e “mazdeo”, cujas raízes se construíram e se desenvolveram na História Remota. De esta maneira, a ideologia político-religiosa do Irã sassânida, reclamava-se herdeira da tradição religiosa do Zoroastrismo, ou seja, do Avesta e do Clero dos mowbed e dos Erhbed e do longínquo passado aquemênida. Esta dupla herança serviu para caracterizar as bases teóricas sobre as que fundamentam tal construção ideológica: a realeza e a religião. A monarquia e a igreja dos magos, apesar de seus frequentes enfrentamentos, foram sem dúvida, os dois pilares mais sólidos da sociedade do Irã Sassânida.

Podemos afirmar, que a hierarquia clerical zoroastra a serviço do Estado do Irã Sassânida possui um modelo semelhante ao da atual República Xiita. Esse sistema teocrático foi em grande parte pensado e executado por Kartir Hangirpe, influente líder zoroastra que acessorou três imperadores sassânidas ao longo do século III. Kartir tinha plenos poderes para controlar a educação, implementar leis e estabelecer a ordem.

As relações com os vizinhos eram civilizadas, graças à convergência de interesses econômicos. O Irã Sassânida era ponto de passagem da lendária Rota da Seda, malha de vias terrestres pela qual circulavam, séculos a fio, caravanas de comércio entre Oriente e Ocidente.

Apesar de tensões ocasionais, os laços com o arquirrival Império Bizantino, domínio grego erquido sobre as fundações do Império Romano, também se guiavam pela cordialidade e pelo pragmatismo. Em 387, sassânidas e bizantinos firmaram um pacto diplomático para encerrar disputas sobre o controle da Armênia, que acabou dividida entre os dois. Porém, o antagonismo prevaleceu, o que acabou levando os sassânidas a lutarem ao longo dos seguintes séculos contra seus arquirrivais bizantinos; tribos da Ásia Central, como os turcomenos; hunos e turcos. Aproveitando-se de sua posição sobre a Rota da Seda, saiu vitorioso das

guerras iniciadas na frente oriental contra os hunos e os turcos, e no Ocidente, contra o Império Romano. Mas, a maior ameaça, viria do sul, de onde os iranianos não imaginariam, onde tribos árabes unidas sob a bandeira da recém revelada religião islâmica se lançariam contra o território iraniano. No decorrer dos próximos milênios, os árabes se consolidariam como os maiores inimigos dos iranianos, como veremos aos detalhes ao decorrer deste trabalho.

A invasão árabe, povo que aos ilustrados iranianos parecia meramente bárbaro foi um ponto de inflexão decisivo na história do país. A sorte do Irã foi a mesma de muitos outros impérios. Seu exército fora desgastado pelas longas campanhas, seus líderes tinham se passado do que os zoroastristas classificavam como o reino da luz para o reino das trevas, e mesmo seus sacerdotes haviam se divorciado das massas. Enquanto o povo empobrecia, uma corte voraz impunha impostos cada vez mais altos. A tirania despedaçou o contrato social entre governantes e governados que a doutrina zoroastrista diz ser o fundamento da vida organizada. Por critérios tanto políticos, como religiosos, os reis sassânidas, a última dinastia pré-islâmica iraniana, haviam perdido o direito de governar.

O centro do poder sassânida era Ctesifonte, atualmente localizada no atual Iraque, lembre-se bem desse detalhe, a suntuosa capital do Segundo Grande Império Persa. Foi a maior cidade de seu tempo, entre 570 a 630. Não era uma cidade de colunas imponentes como Persépolis, mas uma cidade imersa na intemperança. Seu palácio real abrigava fabulosas coleções de jóias e era ornado por estatuária de ouro e prata puros. O centro das atenções era o cavernoso salão de audiências do rei, onde se destacava um tapete de seda de cerca de oito metros quadrados retratando um jardim florido bordado com fios de ouro e incrustado de rubis, pérolas e diamantes, metáfora da riqueza do poder do império. Ao chegarem a Ctesifonte no ano de 638, os invasores árabes saquearam o palácio e mandaram o magnífico tapete para Meca, onde os líderes da dinastia de Rashidun ordenaram cortá-lo em pedaços. Incontáveis tesouros foram por eles destruídos, incluindo a biblioteca real. Todos esses atos são prova do desprezo árabe pelas riquezas mundanas, sobretudo pelos iranianos. É a origem do *Anti Iranian Sentiment*, na qual veremos ao longo do trabalho. Em um relato da invasão escrito pelo enorme poeta Ferdowsi, do século X, um general se lamenta: “Maldito mundo, maldita época e o maldito destino, ser obrigado por árabes incultos a me tornar muçulmano.”

No mesmo épico, o *Shahnameh*, Ferdowsi retrata o comandante iraniano derrotado, Rostam, lamentando o infortúnio que vê a frente:

Ó Irã! Onde estão os reis que te adornaram

De justiça, equidade e munificência que te decoraram

Com pompa e esplendor; eles se foram?

Desde o dia em que os bárbaros, selvagens e rudes

Beduínos árabes venderam em segredo a filha de seu rei nas ruas

E no mercado de reses, não viste um dia luminoso e

Permaneceste oculto na escuridão.

4 CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO NACIONAL IRANIANO E A ORIGEM DO PAN IRANIANISMO INSTITUCIONALIZADO

Na época da trágica invasão árabe, os iranianos já possuíam uma longa experiência de assimilação de culturas estrangeiras, principalmente devido ao legado da Pérsia Helenística, porém, sempre lhes proporcionava uma forma adequada às suas inclinações ou adotando certas partes e rejeitando outras. Foi exatamente o que ocorreu ao serem obrigados drasticamente a adotarem o Islã. Não houve escolha, mas construíram ao longo dos séculos uma interpretação do Islamismo bastante diferente da que fora trazida pelos invasores árabes. Baseada em uma leitura particular da História do Islã, dita interpretação, denominada Xiismo, é uma força engenhosa de fazer com que o Islã, reforce as tradicionais crenças iranianas.

Após quatrocentos e vinte e sete anos de glórias sassânidas, a tradição de tolerância da Antiga Pérsia, Pérsia Clássica, Pérsia da Antiguidade ou Irã ancestral se perdeu nos séculos posteriores, com certos momentos dourados como o Irã sob os safávidas. No entanto, os crimes palacianos da dinastia dos Afsharidas, no século XVIII; o despotismo, entreguismo e submissão ao estrangeiro da dinastia Qajar; o reino de terror instituído no Irã pela polícia secreta do Xá Mohammad Reza Pahlavi, a Savak, de 1957 a 1978; e as perseguições de grupos paniranistas, assim como a rigorosidade na exigência de códigos morais e sociais promovido pelo atual regime de caráter xiita instituído em 1979; não ocultam e nunca devem ocultar o legado da Pérsia eterna, com sua imensa tolerância e efervescência cultural. É exatamente no Irã, que se encontra o Cilindro de Ciro, anterior à Magna Carta em mais de um milênio. Ciro, o Grande, deixou como legado um decreto registrado em um cilindro de barro, autorizando os povos exilados a retornarem às suas terras de origem assim que tomou a Babilônia, uma conquista tida como “rápida e sem batalha”. O “documento” defende a liberdade religiosa e étnica, o fim da escravidão e de qualquer forma de opressão. O original integra o acervo do *British Museum*, de Londres, e há uma réplica na sede das Nações Unidas em Nova York, para enfatizar a importância do que é considerado o primeiro tratado de direitos humanos da história, revelando a tolerância religiosa pregada pelo grande pai da pátria iraniana; Ciro, o Grande; que declarava em seu reinado:

O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da Terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá. Quem dentro vós é, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalem de Judá e edifique a Casa do Senhor, Deus de Israel; ele é o Deus que habita Jerusalem. Todo aquele que restar em alguns lugares

em que habita, os homens desse lugar o ajudarão com prata, ouro, bens e gado, afora as dávidas voluntárias para a Casa de Deus, a qual está em Jerusalém.

Esse patrimônio impregnou a cultura ocidental de forma mais profunda do que se imagina, o que faz de nós tão herdeiros da Pérsia quanto da Grécia antiga.

Embora os iranianos tenham perdido a batalha militar, desencadeada na Batalha de al-Qadisiyya, acontecimento de grande importância histórica que veremos com detalhes em um capítulo em particular, podemos afirmar que a batalha cultural teve um desfecho antagônico. A invasão do Irã no século VII, pelos árabes deu início à “islamização” do país, mas não destruiu a língua persa. Ainda que “contaminado” pelo árabe, o farsi continuou a existir e é hoje um dos pilares da identidade nacional iraniana. Alguns dos principais responsáveis pela salvação do idioma foram os poetas Rudaki (859-941) e Ferdowsi (c940-c.1020). O primeiro, ao início de sua vida, a fama de suas realizações chegou ao ouvido do samânida Nasr II ibn Ahmad, o governador de Khorasan e Transoxiana, que convidou o poeta a sua corte. Rudaki se converteu em seu companheiro diário. Seu trabalho precursor impressionou toda forma de poesia épica, lírica e didática pelo seu selo peculiar e caráter individual. Sua personalidade também é identificada como o fundador do Diwan, ou a forma típica da coleção completa de composições líricas de um poeta em uma ordem mais ou menos alfabética, que todos os escritores persas usam até hoje. Suas poesias contem muito dos gêneros mais antigos da poesia persa, incluindo a quadra. Além do aspecto literário, também era um cantor muito hábil e instrumentista (harpa). Todos esses legados proporcionados por Rudaki, o concedem a alcunha de fundador e pai da literatura persa clássica, sendo considerado o primeiro gênio literário do idioma persa moderno. Já o segundo, escreveu, em persa obviamente, a obra literária mais grandiosa de toda a história do Irã, o *Shahnameh* (o Livro dos Reis), já comentado anteriormente.

Vejamos como Jean-Paul Roux, na *História do Irã e os Iranianos*, aborda o assunto:

A conquista islâmica detém, por uma segunda vez, e de forma mais rigorosa, o progresso do persa. Mais ainda do que sob o domínio grego, ele é atacado por uma língua estrangeira, uma língua que não é nem mesmo indo-européia como ele, mais semítica, em tudo oposta ao seu gênio, o árabe, uma língua que não é apenas a dos conquistadores, mas também a da religião nova e triunfante, o Islã. O árabe, bem rápido torna-se em todo o mundo iraniano o idioma oficial e o da classe culta. Produz, pela mão de autênticos iranianos, uma abundante literatura poética e sobretudo erudita. Se o pahlavi (persa médio) sobrevive, deve-o ao povo miúdo que continua, nas aldeias e nas tendas, a falá-lo, bem como aos masdeístas (seguidores da religião

de Zoroastro) que resistem ao Islã, e cujo papel de conservadores da cultura costuma ser subestimado.

Mesmo com o triunfo no aspecto cultural, a invasão árabe colocou fim a um período de estabilidade na Pérsia, na qual conviveu com os invasores até emergirem as dinastias Samânida e Buyida, restabelecendo, certa independência dentro do califado abássida.

Cabe mencionar a enorme contribuição iraniana para a destruição do califado Omíada, na qual foi substituído pelo Abássida. No século VIII, um general de origem humilde, chamado Abu Muslim, iraniano oriundo da província de Coração, convertido ao islã, e partidário de Ali, rebelou-se sob o pretexto de defender Ali, genro e primo do profeta. Era uma revitalização do movimento pelos shiat'Ali que pavimentaria a trajetória para a fundação do Xiismo, que viria a ser institucionalizado no século XVI pelos Safávidas. Porém, embora ajudasse, contribuindo drasticamente na desmantelamento do Califado Omíada por ser um proeminente líder, Abu Muslim foi assassinado por ordens de Al-Mansur por vê-lo como uma ameaça. Esse cruel ato, contribuiu para acentuar o sentimento de injustiça no imaginário iraniano, e para que o domínio abássida sobre o Irã fosse de apenas 70 anos nas províncias orientais e de um século nas províncias ocidentais. Ao final da decadente dinastia Abássida, erguem-se as dinastias Samânida e Buyida, que se caracterizam pelo renascimento cultural iraniano na região do Grande Planalto iraniano que se estende de Bagdá a Dushambe.

Os samânidas foram, a primeira dinastia de origem iraniana a controlar a Ásia Central e o leste das atuais fronteiras do Irã desde a invasão árabe e o colapso do Segundo Império Persa, na qual foi estabelecido pela dinastia sassânida. Dita dinastia governou por 102 anos um território que incluía todo o Coração, Tadjiquistão, Samarcanda, Bucara, Mazandaran, Kerman, Gorgan, e a região oeste até a província de Ispão. As capitais estabelecidas foram Herat, Bucara e Samarcanda e sua administração se caracterizou por um reavivamento da língua e cultura persas.

A dinastia Buyida foi uma dinastia xiita iraniana, onde suas primeiras décadas de sua confederação, foram caracterizadas por grandes reconquistas territoriais. Além da história província de Fars e Jibal, que foram reconquistadas nos anos 930; e as terras do sul e norte do atual Iraque que foram obtidas novamente em 945, os Buyidas reconquistaram Kermam e Omã em 967; a ilha do atual território do Qatar, chamado na época de Yasira em 979; Tabaristão em 980; e Gorgan em 981. O século durante o qual governaram os Buyidas, junto com o auge de outras dinastias iranianas na região, como por exemplo a Samânida, representa um período na história iraniana, conhecido como “Intermédio Iraniano”, pois foi um intervalo

entre o governo árabe, exercido pelos abássidas; e turcos, pelos seljúcidas. De fato, como os iranianos dailamitas (povo iraniano que habitava o oeste e o sul do Cáspio, que serviam como soldados de infantaria) e samânidas, os Buyidas conscientemente reviveram os símbolos e práticas da dinastia sassânida iraniana. A partir de Abdul al Daula, começaram a usar o antigo título sassânida *Shahnameh*, cujo significado literal é Rei de Reis. O atual Bazar Valkil de Shiraz, foi construído originalmente durante a época Buyida, durante o governo de Abdul al-Daula.

Um dos protagonistas dessa época foi Babak Khorramdim. Tal personagem foi o líder de um movimento de libertação político-religiosa, considerado como uma provável derivação do Masdakísmo, que lutou contra o califado abássida no século IX. Nesse século, tal movimento liderou uma sublevação sob a liderança de Babak Khorramdim contra o califado abássida, que defendeu exitosamente grandes territórios contra as forças do califado por uma dezena de anos. O controle do califado abássida sobre a zona do atual Azerbaijão iraniano diminuiu consideravelmente como consequência da revolta liderada por Babak Khorramdim, entre 816 e 838. Essa rebelião orquestrada por Babak consistia em uma re-iranianização, na qual evocada e exaltava as glórias políticas do passado iraniano. Esse levantamento mostrou e evidenciou uma continuidade histórica e uma consolidada fortaleza dos sentimentos iranianos ancestrais na região do Azerbaijão, que se estende desde as atuais províncias iranianas do Azerbaijão Ocidental e Oriental, até a atual República de Azerbaijão.

Babak nasceu em uma família persa no Azerbaijão Iraniano, próximo da atual cidade de Ardabil. Segundo Waqid ibn 'Amr Tamimi, o biógrafo mais antigo de Babak, seu pai era um vendedor de azeite de cozinha persa de Ctesifonte, capital do Irã na dinastia sassânida (a atual Almaden, a 35 km ao sul de Bagdá, no atual Iraque) que se transfere para a região noroeste do Irã. Sua mãe era uma persa nativa do Azerbaijão, que era conhecida como Mahru Lua e Face Bela.

Esse resgate da cultura iraniana orquestrado por grandes líderes revolucionários, como Babak Khorramdim, Saman Khoda, Abu Muslim; Abdul al-Daula; por grandes poetas e escritores, como Ferdowsi, Rudaki, Saadi e Rumi; e pelas dinastias mencionadas, Samânida e Buyida, contribuíram enormemente para a ressurreição definitiva da língua persa, que tem lugar no século X. O nacionalismo iraniano afirma-se diante do arabismo, permite reatar com o passado, devolver a vida ao farsi e, logo, içá-lo à categoria de segunda língua oficial do mundo islâmico, à categoria de língua, ao lado do árabe, conservado para o culto e a teologia. O que é admirável, especialmente se pensarmos na arabização total ou quase total dessas

velhas terras de civilização que são o Egito, Marrocos, Líbia, Síria, para não falar da África do Sahel e do sul da Espanha. Foi preciso que o Irã tivesse grandes virtudes para que permanecesse Irã, para que não se tornasse um país árabe! Como escreve o historiador inglês, israelense e estadunidense Bernard Lewis, em *Iran in History*: “o Irã foi, de fato, islamizado, mas não foi arabizado. Iranianos continuaram sendo iranianos e após um intervalo de silêncio, o Irã ressurgiu como elemento separado, diferente e distinto dentro do islã, que acabaria agregando um novo elemento do próprio islã”.

Mas não há dúvida que o Irã Sáfávida, depois do sassânida e em menor escala dos samânida e buyida, desenvolveu uma cultura estreitamente ligada ao caráter de um novo Estado nacional.

Enquanto o Irã tomava novamente as rédeas de seu destino, resgatando aspectos culturais, reatando com seu passado milenar e afirmando-se em detrimento do arabismo, possibilitando um novo recomeço da vida nacional, suas fronteiras são novamente atacadas por forças estrangeiras. Nessa ocasião, os invasores são também guerreiros sunitas, porém de etnia turca, os seljúcidas, oriundos da Ásia Central. Sua expansão chegou à Anatólia, adentrando a Turquia no seio islâmico. Porém, os seljúcidas terminariam aniquilados pelas invasões mongóis, a partir do século XIII. Sob comando do lendário e genocida Gengis Khan, para alguns, um dos maiores líderes militares da história, soldados mongóis destruíram boa parte das cidades iranianas e amontoaram uns sobre os outros os crânios dos civis massacrados, até erguer pirâmides. O grande viajante e mercador Marco Polo, que esteve na região entre 1271 e 1294, e o enorme poeta iraniano Saadi, relataram as barbáries que foram testemunhas, na qual suas retinas tiveram a desgraça de relatar, o que proporciona uma experiência similar entre ambas personalidades. No entanto, há uma diferença entre ambos. Enquanto Marco Polo se relacionou especialmente com os poderosos e a “boa vida”, Saadi conviveu com a gente ordinária, sobreviventes do que costumava chamar de Holocausto Mongol. A verdade é que os dois se depararam com um país reduzido a incêndios, ruínas e escombros. Após a terrível e cruel invasão árabe, os iranianos não imaginariam que fossem invadidos novamente, em tão curto tempo e muito menos da maneira que foi a humilhante invasão mongol. O Irã se resumia a uma grande bola de fogo. O orgulho nacional iraniano estava literalmente mutilado.

Após o declínio dos Impérios Mongol (1206-1368) e Timúrida (1370-1506), ainda pairava um ar traumático pelo rastro de barbárie deixado por Gengis Khan, Tamerlão e seus sucessores, onde confrarias religiosas traziam amparo e esperança à população. Uma dessas

ordens, chamada Safaviya, seguia o islã sufi, corrente mística que enfatiza a elevação espiritual. O berço da ordem Safaviya era a cidade de Ardabil, no noroeste do Irã, sendo seu fundador, Safi Al Din Ardabili, um curdo, cuja popularidade disparou no vácuo de poder e legitimidade deixado pela incapacidade dos dirigentes timúridas. A ordem Safaviya começou a mudar de rumo após a morte de Ardabili, quando um carismático adolescente chamado Ismail fundiu a ideologia da confraria com o xiismo. Em 1499, Ismail angariou o apoio de diversas tribos azeris e formou um exército, mobilizando suas tropas à união de pequenos estados da vizinhança, que se haviam formado após os nefastos atos turcos, mongóis e timúridas. Tais estados locais eram liderados pelos seguintes governantes por volta de 1500: Husayn Bāyqarā, o governante timúrida de Herat; Alwand Mirzā, o khan de Tabriz; Murad Beg, o governante de Basra; Farrokh Yasar, o xá de Sirvan; Badi Alzamān Mirzā, o governante local de Balkh; Husayn Kia Chavali, o governante local de Semnān; Murād Beg Bayandar, o governante local de Yazd. Ismail foi capaz de unir todas estas terras, criando um novo Império iraniano. Em 1501, o jovem, com apenas 14 anos de idade, foi coroado rei. Era o ato fundador da dinastia Safávida, último grande império iraniano. Quatro anos depois, Ismail ergueu-se ao título absoluto de xá dos xás. Alguns aspectos foram primordiais nesse êxito de Ismail, como por exemplo o ressurgimento de elementos culturais iranianos em todas as regiões periféricas do grande Planalto iraniano. Embora fosse etnicamente azeri, Ismail falava persa e enaltecia a cultura iraniana, elevando-a a décima potência, enxergando-se como parte da linhagem, iniciada com Ciro, o Grande, de grandes homens à frente do Irã.

Os Safávidas fundaram o maior império iraniano, desde a conquista islâmica da Pérsia, na qual é considerado pela maioria dos historiadores, como o Terceiro Império Persa, embora alguns o considerem o quarto, argumentando que o legado em conjunto Samânida-Buyida foi relativamente importante a ponto de ser colocado como um dos Impérios Persas ao longo da história. A Dinastia Safávida foi um verdadeiro marco na história iraniana, estabeleceu o Xiismo como religião de Estado, de seu Império; marcando um dos mais importantes pontos de virada na História da Humanidade. Tal dinastia teve sua origem na cidade de Ardabil, na região do Azerbaijão iraniano. De sua base nessa importante cidade, os safávidas estabeleceram controle sobre todo o Irã, reafirmando a identidade iraniana da região, proporcionando o renascimento do nacionalismo iraniano, tornando-se assim a primeira dinastia nativa, desde os Sassânidas, a criar um Estado unificado iraniano, pois os Samânidas apenas conseguiram unificar as províncias orientais do Irã; enquanto os Buyidas apenas fizeram o mesmo com as regiões ocidentais. Isso elevou o orgulho nacional iraniano,

maltratado após quatro séculos de invasões e abusos provocados pelos turcos, mongóis e timúridas.

Figura 08 - Território Iraniano sob a administração Safávida no século XVI



Fonte:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Saf%C3%A1vidas#mediaviewer/File:Safavid_Empire_1501_1722_AD-pt.svg

Os soldados de Ismail o tinham como um santo. O xá dos xás era obcecado pelos martírios de Rostam e Hussein, conseguindo eletrizar seus soldados com a mentalidade de que a disposição para o sofrimento era uma arma poderosa. O martírio no campo de batalha, em defesa da pátria, prometia acesso direto ao Paraíso, em um prelúdio do que ocorreria quatro séculos depois, quando iranianos lutaram para repelir a invasão do país pelas tropas pan-arabistas de Saddam Hussein.

É impressionante como momentos históricos que parecem fazer parte da Antiguidade voltam à tona em grande força em fenômenos e acontecimentos contemporâneos, como aponta o historiador francês Fernand Braudel, em seu ensaio *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Ele introduziu um conceito, titulado *longa duração*, que designa um nível da consciência histórica, correspondente às estruturas, cuja estabilidade é muito grande no tempo, como marcos geográficos, realidades biológicas, limites de produtividade, fenômenos ideológicos, para diferenciá-lo do nível do tempo da conjuntura, em que a mudança é perceptível, como séries econômicas, processos de mudança, fenômenos

de transformação profunda que têm sido denominados historicamente revoluções, como a Revolução Industrial ou a Revolução Burguesa e sobretudo ao conceito de *acontecimento* na filosofia ou a feitos da história evenemencial ou dos acontecimentos.

Ismail levava tão a sério o culto ao martírio de Hussein, um ato derivado do martírio de Rostam, que passou a ordenar encenações públicas da morte do imã para comemorar grandes celebrações xiitas. Era o início das cerimônias, comuns até hoje, de teatralização da morte de Hussein, muito semelhante à Paixão de Cristo. Foi assim, nesse contexto, que surgiram os rituais de autoflagelo, sejam eles simbólicos ou reais.

Os Safávidas contribuíram, jogando um papel de grande relevância no estabelecimento de Teerã como capital do Irã moderno. Primeiramente, cabe destacar a etimologia e as origens de seu nome. A palavra *Tehran* é derivada de Tiran ou Tirgan, que significa “a morada de Tir” (a divindade zoroastra associada a Hermes). Essa antiga aldeia de Tiran era vizinha de Mehran (a morada de Mehr ou Mitra), ambas sendo dominadas pela grande cidade de Ray ou Rhages. Mehran e Ray ainda existem como subúrbios de Teerã. A primeira consiste em um bairro residencial dentro da Grande Teerã, igual que a segunda, que formam os bairros do sul da cidade. Uma outra teoria afirma que Teerã significa *lugar quente*, em oposição a *lugar fresco*, que corresponderia a Shemiran, um bairro ao norte de Teerã. Alguns textos contemporâneos afirmam que a palavra “Tehran” significa em persa “saia da montanha quente”.

O xá Tahmasp I, segundo soberano da dinastia safávida, ordenou a construção em 1553-1554 de um bazar e uma muralha com 114 torres de artilharia (de acordo com o número de capítulos do Alcorão). As razões da escolha dos safávidas a favor de Teerã foram algumas: o fato de que um antepassado dos Safávidas, Sayyed Hamza, estivesse enterrado em Ray (atualmente um subúrbio de Teerã); que a cidade fora desde séculos um refúgio para os xiitas. Ambas tiveram certa importância, mas foram as situações históricas as que levaram os safávidas a investir no que viria a ser a cosmopolita Teerã. O xá Tahmasp já havia sido obrigado a substituir sua capital de Tabriz a Qazvin por culpa da ameaça do Império Turco Otomano. A cidade de Teerã, fortificada, situada a 150 km ao leste de Qazvin, oferecia então um bom refúgio em caso de um iminente perigo. Porém, ao longo da administração safávida, a capital desembocaria na esplendorosa Isfahan, como veremos neste mesmo capítulo.

Embora a dinastia Safávida proporcionou o Terceiro Grande Império Unificado, por outro lado nessa época os iranianos encontraram uma instituição que em última instância os libertava, ao menos espiritualmente, da autoridade do Estado. Ismail e os chefes safávidas que

o sucederam acreditavam-se capazes de controlar o Xiismo, e o foram, durante a maior parte dos dois séculos seguintes. Mas para o Xiismo, como para o Zoroastrismo, os governantes apenas possuem o direito de exercer seu poder à medida que são justos. Em última instância, essa crença conferiu às massas xiitas, e por extensão aos seus líderes religiosos, força política e emocional suficientes para promover a débâcle do regime temporal, o que viera a acontecer na história iraniana em momentos posteriores, como na rejeição nacional aos governos entreguistas das dinastias qahar e pahlavi.

Quando Ismail ascendeu ao poder, a cultura iraniana já atingira níveis extraordinários. Já no século IX, seus intelectuais tinham percorrido o mundo islâmico, à procura dos mais sábios filósofos e mais doutos cientistas, bem como traduzido e estudado as obras de Platão, Aristóteles, Arquimedes, Euclides, Ptolomeu e outros pensadores gregos. Seus artífices deram saltos empolgantes na arquitetura e na arte da cerâmica. Os estilos criados pelos miniaturistas iranianos foram copiados, mas jamais igualados, por mestres de toda a região, desde Constantinopla às estepes da Ásia Central. Obras fascinantes escritas pelos seus poetas e escritores; cantadas e orquestradas por seus talentosos cantores e instrumentistas, ou seja, por grandes artistas em toda a extensão da palavra, cheias de ênfase e paixão, ainda são lidas em todo o mundo, entre eles podemos incluir o místico do século XIII Jelaluddin Rumi; Hafez na qual, adaptações, imitações e traduções de seus poemas existem em todos os principais idiomas; Rudaki, que serviu como poeta na corte do governante samânida, Samanid Nasr II (914-943) é considerado como o fundador da poesia clássica persa; e Ferdowsi pelo seu legado consensual em salvar e resgatar o idioma nacional ao escrever o sagrado *Shahnameh*.

Essas realizações culturais significavam que os iranianos, ao reconstituíssem finalmente a unidade política, estavam preparados para adentrar a época moderna confiantes de sua criatividade, inteligência e genialidade, assim como de sua força militar e espiritual. O Xá Abbas, soberano safávida que ocupou o trono durante mais de quarenta anos, de 1588 a 1629, e inspirou algumas das grandes realizações do povo iraniano, ainda é reverenciado como herói. O êxito alcançado na tarefa de unificar seu povo e dar-lhe um senso de destino comum foi pelo menos tão profundo quanto o de seus contemporâneos Elizabeth I, da Inglaterra e Felipe II, da Espanha. Ele construiu estradas para trazer os mercadores europeus às cidades iranianas e criou oficinas para produzir seda, cerâmica e outros produtos que os mercadores desejavam. Sua burocracia coletou impostos, aplicou a justiça e organizou a vida do país como não acontecia desde a época de Ciro e Dario, dois mil anos antes. Na obra *Iran and the World in the Safavid Age*, o autor holandês Willem Floor, desmonta a tese de que o

Xiismo levou os iranianos ao auto-isolamento e narra agitadas interações comerciais, culturais e políticas dos safávidas com outros governos, do Japão à Escandinávia.

A dinastia Safávida também é lembrada pela importância que proporcionou às artes e à arquitetura persa, onde o mais grandioso legado físico deixado por Abbas à posteridade foi sua gloriosa capital, Isfahan, que se tornou um dos epicentros dessa renascença e uma das cidades mais esplêndidas do mundo, que motivou a construção do palácio das 40 colunas e da praça real, até hoje um dos lugares mais sublimes do Oriente Médio, para não dizer de todo o universo. Seus domos arrojados, suas residências reais cuidadosamente projetadas e seus locais de culto com coberturas magníficas inspiram até hoje a admiração dos visitantes e justificam a crença de gerações inteiras de iranianos: Isfahan nesf-i-jahan (Isfahan é metade do mundo). Abbas trouxe artífices armênios para ajudar a construir sua cidade, comerciantes holandeses para estender o alcance de seu bazar central e diplomatas de todo o mundo para lhe proporcionar um ar cosmopolita.

A razão pela qual a capital do Irã na dinastia safávida veio a ser a magnífica Isfahan tem raiz nas constantes guerras contra os otomanos. Isso acarretou a transferência da capital Tabriz para Qazvin em 1538. Mais tarde, através de uma obra genial de Abbas, a capital foi transferida para Isfahan, ainda mais para o interior do Irã. Ou seja, uma nova cidade foi construída ao lado da antiga capital iraniana de Persépolis, com isso o Irã voltava para suas origens, na qual a partir desse momento, o Estado começou a assumir um caráter mais persa. Os safávidas finalmente conseguiram estabelecer uma nova monarquia nacional iraniana.

Abbas também se caracterizou por uma obsessão com a integridade do território iraniano. Primeiramente, lutou contra os uzbeques, recapturando Herat e Mashhad, em 1598. Então se voltou contra os otomanos, recapturando Bagdá, o leste do Iraque (os turcos otomanos e os safávidas lutaram ao longo das férteis planícies ao redor dos rios Tigre e Eufrates, área de valiosa importância estratégica, durante 150 anos, na qual jogaram um papel de grande relevância na acentuação da divisão entre sunitas e xiitas na região do atual Iraque, aumentando consideravelmente os conflitos entre ambas as populações, como analisaremos em outro capítulo), e as províncias caucasianas em 1622. Ele também usou a sua nova força para expulsar os portugueses do Bahrain em 1603 e a Marinha Inglesa do estreito de Ormuz em 1622, no Golfo Pérsico, uma ligação vital do comércio português com a Índia. Ele expandiu as relações comerciais com a Companhia Britânica das Índias Orientais e a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais. Assim Abbas foi capaz de quebrar a dependência em relação ao poder militar dos turcomenos e centralizar o controle do poder.

Esse período da história iraniana desencadeou para um cenário na qual o Xá era considerado divinamente ordenado para ser o chefe religioso de todos os iranianos. Nos séculos seguintes, esta atitude uniu firmemente os religiosos do Irã, fortalecendo os sentimentos nacionalistas a ponto de provocar conflitos com seus vizinhos sunitas. É exatamente nesse contexto, que, em 1722, o país é devastado por tribos pastunes, lideradas pelas tropas de Mir Mahmoud Hotaki, que invadem o Irã, cruzando o deserto de Sistan, capturando a cidade de Kerman, onde para conquistar a capital Isfahan são obrigadas a derrotar um poderoso exército iraniano, que englobava os Qizilbash e tropas georgianas, na batalha de Gulnabad em 8 de março de 1722. As tropas invasoras, totalmente rejeitadas pelos iranianos como usurpadoras acabam saqueando a capital Isfahan, mas acabaram sendo expulsas pelo último dos grandes líderes históricos do Irã, o Xá Nader, um valente soldado, que mais tarde conduziu seus exércitos na tomada de Délhi. Um dos tesouros que pilhou em Délhi foi o Koh-i Noor (montanha de luz), o maior diamante conhecido no mundo até então, que a partir de 1877 faria parte das jóias da Coroa Inglesa; assim, como, justamente o Trono do Pavão, incrustado de jóias, que se tornou o símbolo da realeza iraniana. Nader foi assassinado em 1747, exatamente no ano da implantação do Império Durrani, entidade política que culminaria com a implantação do Estado Afegão um século depois; enquanto no Irã seguia-se uma disputa de poder que durou quase cinqüenta anos até uma nova dinastia a Qajar, subir ao trono.

Apesar da decaída da dinastia safávida em 1722, os safávidas selaram as bases do que acabaria se tornando o Estado iraniano moderno; deixando sua marca na era atual com a criação e disseminação do Xiismo em grandes partes do Cáucaso e da Ásia Ocidental, especialmente no Irã, razão, pela qual, o Xiismo Duocedimano prevaleceu sobre outras vertentes xiitas, como ismailistas ou zaidistas, relegadas desde então a comunidades minúsculas. Ou seja, podemos afirmar que a atual República Xiita do Irã, estabelecida após a Revolução de 1979 é um legado da Dinastia Safávida. Muito mais do que um mero ato religioso, este foi um passo da maior importância rumo à continuação histórica da nação iraniana. Ismail utilizou o Xiismo para construir um Império, que estava em ruínas e chamava após as terríveis invasões turca, mongol e timúrida, e depois de dez anos de sua coroação, não apenas abarcava o Irã dos dias atuais, como se estendia de regiões da Ásia Central a Mosul e das montanhas geladas do Cáucaso aos areais do Golfo Pérsico. Durante o reinado de Ismail, o Irã de hoje emergiu não apenas política como espiritualmente. Os iranianos já eram unidos por uma geografia diversificada, a mesma origem étnica, uma língua comum, uma religião

ancestral que podemos entender como a coluna vertebral da Iraniedade e por uma memória coletiva de glórias ancestrais, mas naquela época nenhum desses laços evocava algo que se assemelhasse ao fervor unificador do Xiismo. Ao abraçar essa crença, os iranianos sintetizaram uma forma do que poderíamos chamar de Islã mais independente possível da forma pretendida pelos árabes invasores, é dizer, eles se rebelaram aparentando se submeter, pois o Xiismo, com seu acentuado componente soteriológico e salvacionista associado ao martírio de um dos netos do profeta, Hussein, corresponde a determinadas reminiscências sincréticas da cultura zoroastriana dos medos-persas antigos. Podemos estabelecer uma analogia entre as Batalha de Karbala e de Qâdisiyyat, dois acontecimentos de grande relevância na história mundial, principalmente no Oriente Médio, que, todavia joga um papel importante na memória coletiva dessas populações, tornando-as antagônicas. A Batalha de Karbala é responsável pelo cisma religioso entre sunitas e xiitas; e a batalha de al-Qâdisiyyat retrata e evidencia o antagonismo histórico-cultural entre árabes e iranianos, duas das três grandes famílias étnicas da região. Nesse cenário, o martírio de Rostam, comandante militar sassânida na época da invasão árabe é associado ao martírio de Hussein na Batalha de Karbala.

A idéia central do xiismo iraniano é a crença de que os ensinamentos do Islã foram perpetuados por uma linhagem de doze santos descendentes de Mohamed, chamados de imãs. Essa versão, conhecida como Xiismo Duodecimano ou Xiismo dos Doze Imãs, acredita que o último imã, de nome Mahdi, é um mensageiro oculto que voltará a Terra para salvar a humanidade da tirania e da barbárie. De acordo com essa narrativa, Jesus Cristo também retornará ao mundo para ajudar o Mahdi na tarefa de restaurar a paz. A maior parte da liturgia xiita gira em torno dos imãs, tendo cada um deles deixado um rastro de heroísmo e bondade.

Entre as cinzas dos safávidas, se levantou a Dinastia Asharida, originária da província do Coração, que dominou o Irã no século XVIII. Foi fundada em 1736 pelo comandante militar Nader Xá, na qual em seu reinado, o Irã atingiu sua maior extensão territorial desde a dinastia Sassânida. Após a sua morte, o domínio de tal dinastia ficou confinado ao estado do Coração, até ser deposta por Mohammad Khan Qahar em 1796, que derrotou a breve administração da Dinastia Zand (1750-1794), reunificando em um primeiro momento o Irã, reafirmando a soberania persa sobre partes do Cáucaso.

Cabe mencionar o legado da Dinastia Zand para a história iraniana. Karim Khan, um soberano de tal dinastia declarou Shiraz como capital, e em 1778 converteu Teerã, como sua segunda capital. Com a finalidade de ganhar legitimidade, Karim Khan colocou o xá, Ismail

III, neto do último rei safávida no trono em 1757. Karim Khan se recusou a aceitar o título de rei e, em vez nomeou-se o Advogado do Povo. Em 1760, Karim Khan havia derrotado todos os seus rivais, controlando todo o Irã, exceto Khorasan, no nordeste, que foi governado por Shah Rukh. Suas campanhas estrangeiras contra Azad Khan no Azerbaijão e contra os otomanos na Mesopotâmia trouxeram o Azerbaijão e a província de Basra de volta para controle do Irã.

A era Zand foi uma época de relativa paz e crescimento econômico para o país, onde a população iraniana gozou de generosidade e liberdade. Muitos territórios que antes eram capturados pelos otomanos na época safavida foram retomados, e o Irã foi mais uma vez um país coerente e próspero. Depois da pintura iraniana atingir seu auge no final do século 17, uma escola especial de pintura tomou forma durante a era Zand, nos séculos 17 e 18. A arte desta época é notável e, apesar da curta duração da dinastia, uma arte distinta Zand teve tempo para surgir. Muitos traços artísticos Qajar foram copiados a partir dos exemplos Zand.

Na política externa, Karim Khan tentou reanimar o comércio da era Safávida, permitindo que os britânicos estabelecessem um posto comercial no porto de Bushehr. Isso abriu as mãos da empresa Britânica das Índias Orientais no Irã e aumentaram a sua influência no país. O sistema de tributação foi reorganizado de modo que os impostos eram cobrados de forma justa. O sistema judicial foi justo e humano. A pena de morte raramente foi implementada. Após a morte de Karim Khan, nenhum de seus sucessores foi competente o bastante para administrar o país e dar continuidade à dinastia Zand. Os Qajar, aproveitaram esse vácuo para começar estabelecer seu poder em todo território iraniano.

Os Qajar, uma tribo proveniente do mar Cáspio, que teve uma grande influência no governo Safávida, por ter ocupado posições importantes; governou o Irã do final do século XVIII até o ano de 1925. Sobre sua administração, seus reis tacanhos e corruptos pesam uma grande parte da responsabilidade pela pobreza e o atraso do país. Enquanto uma significativa parte do mundo avançava para a modernidade, o Irã da dinastia Qajar estagnava.

O primeiro soberano Qajar foi Agha Mohammad, que havia sido preso durante 16 anos pelo já extinto clã do xá Nader. Agha Mohammad estendeu seu poder sobre todo o Irã, recebendo formalmente o título de xá em 1796. Foi exatamente sob suas ordens que a corte instalou-se finalmente em Teerã, depois de uma história iniciada pelos Safávidas, mantida pela dinastia Zand. como abordamos anteriormente. Morreu assassinado no ano seguinte. Antes de render-se à supremacia estrangeira, a dinastia Qajar tentou enfrentá-la. Em 1804, o xá Fatah Ali atacou o Império Russo com o intuito de impedir que esse último dominasse o

Cáucaso e parte do acesso ao mar Cáspio. O resultado da empreitada, após uma década de conflito, foi catastrófico para os iranianos, obrigados a assinar um tratado humilhante reconhecendo a soberania russa sobre áreas historicamente controladas pelo Irã, como os atuais Geórgia e principalmente o Azerbaijão. Em 1820, uma segunda guerra com os czares resultou em mais perdas territoriais. A morte de seu primeiro soberano e as derrotas para o Império Russo abriram caminho para uma sucessão de reis que acabaram por afundar o Irã economicamente, colocando o país à mercê das potências estrangeiras.

O estadista britânico lorde Curzon no final do período Qajar escreveu:

Em um país tão atrasado em termos de progresso constitucional, tão carente de regulamentos, estatutos e cartas, e tão firmemente estereotipado nas tradições imemoráveis do Oriente, o fator pessoal, como era de esperar, está em franca ascensão. O governo da Pérsia é pouco mais do que o exercício arbitrário da autoridade por uma série de instâncias, em uma escala descendente que vai do soberano ao chefe de uma pequena aldeia.

Nunca se sabe o que seria do Irã se não fosse a dinastia Qajar, mas um governo forte e sofisticado talvez tivesse permitido ao Irã resistir, no século XIX, às ambições das potências estrangeiras, porém não há dúvidas que as pressões seriam intensas em qualquer caso. A geografia e o destino colocaram o Irã no caminho das duas grandes potências imperiais daquela época: a Inglaterra e a Rússia. Na concepção inglesa, o Irã era um país que ficava a cavaleiro da rota terrestre para a Índia, sua mais rica e preciosa colônia. Os russos por sua vez, especulavam com a oportunidade de assumir o controle de uma grande extensão de terra situada além de sua desprotegida fronteira meridional. O fato de o Irã ser governado por monarcas fracos e autocentrados o tornava um alvo atraente demais para ser ignorado por ambos os impérios, que trataram, portanto de preencher o vácuo de poder deixado pelos incultos Qajar.

Tal dinastia se caracterizou como um dos momentos mas sombrios da história iraniana. E o mais curioso é que seus reis não pareciam incomodados de ver o país afundar na subserviência. Ou se estavam, optaram por tirar o máximo proveito deste destino supostamente inevitável. No que acabou se revelando um enorme erro de cálculo, eles acreditaram que o povo iraniano aceitaria qualquer coisa que lhe fosse ditada por seus governantes, mas sua corrupção e principalmente, sua propensão a permitir que o Irã caísse sob domínio das potências estrangeiras os puseram em descompasso com seu povo, isto é, os fizeram a perder sua farr, seu direito de governar. Armados com o princípio xiita de raiz zoroastra, que concede ao cidadão comum o direito inalienável de derrubar o despotismo, e

também com os ideais do novo mundo emergente, os iranianos se rebelaram de uma forma nunca experimentada pelos seus antepassados. Suas exigências eram tão surpreendentes quanto a própria rebelião: fim do domínio do país por potências estrangeiras e um Parlamento que expressasse a vontade popular. Tal programa, o mais radical jamais adotado pelos iranianos, determinou a derrubada da dinastia Qajar e marcou toda a História subsequente do país.

A tentativa de estabelecer uma democracia raiou no Irã em certo dia de dezembro de 1891, quando as esposas do xá puseram de lado seus narguilés e juraram nunca mais fumar. Não era um sacrifício pequeno, pois dito hábito era comum na vida nacional iraniana nos últimos três séculos. Renunciar ao fumo era equivalente a desafiar o xá, a instituição da monarquia absoluta e o sistema imperial que governava a maior parte do mundo.

O xá, Nasir al-Din, ocupava o trono havia mais de trinta anos no momento em que suas esposas tomaram essa fatídica decisão. Tal quais outros soberanos Qajar, Nasir era conhecido pelos seus excessos. Toda sua família possuía o livre acesso ao tesouro nacional. Seu palácio era decorado com extravagantes cachos de jóias. Quando entediado dos prazeres domésticos, ele se bandeava para a Europa, acompanhado de um séqüito enorme. Sua demência não tinha limite. Exigia ser chamado não apenas de Xá dos Xás, mas também de Abrigo do Universo, Senhor do Clima, Árbitro de seu Povo, Guardião do Rebanho, Conquistador das Nações e Sombra de Deus na Terra. As pessoas que se recusassem a render-lhe homenagens era açoitado, morto a canhoneiras, enterrado vivo ou queimado em praça pública. Para sustentar a prodigalidade de seus prazeres, Nasir al -Din vendia empregos no governo, impunha impostos exorbitantes e confiscava as fortunas dos comerciantes ricos. Quando já não havia de onde arrancar dinheiro, ele concebeu a idéia de vender o patrimônio do Irã a companhias e governos estrangeiros. Os ingleses foram seus primeiros clientes, pois inquietas com as sublevações dos nativos da Índia, as autoridades inglesas desejavam instalar uma linha de telégrafo que as ligasse aos postos de comando lá existentes. Em 1857, compraram uma concessão para construir uma linha através do Irã. Grupos franceses, alemães e austríacos adquiriram uma variedade de outras concessões. Porém, a mais espetacular de todas foi obtida por um súdito inglês nascido na Alemanha, o barão Julius de Reuter, o pioneiro das agências de notícias. Em 1872, por uma soma insignificante e a promessa de royalties futuros, ele adquiriu o direito exclusivo de comandar as indústrias do país, irrigar suas fazendas, explorar seus recursos minerais, expandir suas estradas de ferro e linhas de bonde, criar seu banco nacional e emitir sua moeda. Lorde Curzon o descreveu como

"provavelmente a mais completa e fabulosa entrega de recursos industriais de um reino a mãos estrangeiras jamais sonhada, muito menos realizada, na história do mundo."

A extrema unilateralidade da concessão de Reuter enfureceu e casou a ira de muita gente. Os patriotas iranianos, que já existiam em número considerável, na qual sempre jogaram um papel relevante e crucial em todos os momentos de ruptura da história iraniana, sentiram-se profundamente ofendidos, assim como comerciantes e homens de negócios, que viram oportunidades repentinamente arrancadas de suas mãos. Os clérigos se perguntavam o que seria de seu *status* em um país tão completamente dominado por interesses estrangeiros. A Rússia, o vizinho mais poderoso dentro os vizinhos do Irã, alarmou-se com a perspectiva de um negócio inglês adquirir tanto poder do outro lado de sua fronteira sul. Até o governo inglês, que Reuter não consultara durante as negociações, suspeitou da sensatez da concessão. Ao perceber que havia ultrapassado todos os limites possíveis, o Xá Nasir al-Din decidiu revogar a concessão menos de um ano depois de tê-la aprovado.

Mas a cupidez do xá não o permitiu abandonar a idéia de vender concessões, três das quais foram negociadas com consórcios ingleses nos anos seguintes. Uma delas se referia ao direito de prospecção mineral que pertencera durante um curto período a Reuter, outra ao direito exclusivo de abrir bancos e uma terceira ao direito exclusivo de comércio ao longo do rio Karun, a única via navegável do Irã. Os protestos da Rússia foram aplacados quando o Xá vendeu a comerciantes russos o acesso exclusivo aos seus criatórios de produção de caviar. Por meio destas e de outras concessões, o controle sobre o que havia de mais valioso no patrimônio nacional passou das mãos dos iranianos para as de estrangeiros. O dinheiro que elas aportaram ao tesouro iraniano sustentou durante algum tempo a pródiga corte do xá, mas em pouco tempo, como era esperado, acabou e ele passou a solicitar dinheiro emprestado aos bancos ingleses e russos.

Enquanto o Irã afundava em um lodaçal de pobreza e dependência, a sede de mudança tomava conta da população. Os bazares das grandes cidades se tornaram locais de protesto. Reformadores religiosos, nacionalistas, socialistas começaram a disseminar idéias novas e radicais. Notícias das lutas por governos constitucionais na Europa e no Império Turco Otomano despertaram as classes instruídas. Artigos provocativos, livros e panfletos começaram a circular.

O xá Nasir al-Din, totalmente isolado no mundo particular da corte dos Qajar era indiferente ao descontentamento crescente de seu povo e ao seu anseio por mudanças. Em 1891, ele vendeu a indústria fumaceira iraniana pela soma de 15 mil libras. Pelos termos da

concessão, todo plantador de tabaco era obrigado a vender sua produção à British Imperial Tabacco Company e todo fumante tinha de comprá-lo em alguma loja da rede varejista da mesma companhia. Ou seja, esse cenário proporcionava ao Irã ser um país agrícola habitado por fumantes. Milhares e milhares de camponeses pobres de todo o país plantavam o tabaco em pequenas propriedades; uma numerosa classe de intermediários cuidava do corte, secagem, embalagem e distribuição; e um número incontável de iranianos o consumia. O fato de consumir este produto nativo do povo que o produzia para transformá-lo em instrumento de lucro exclusivo de estrangeiro foi uma ofensa gigantesca que acabou despertando a resistência de uma coalizão de intelectuais, plantadores, comerciantes e sacerdotes tal como nunca se vira no Irã. O maior líder religioso do país, Shirazi endossou o protesto. Em um ato de grande rebeldia, ele apoiou uma fatwa ou mandado religioso, na qual declarava, que enquanto os estrangeiros controlassem a indústria do tabaco, fumar equivalia a um desafio ao décimo segundo imã, “que Deus apresse o seu advento”. A notícia deste mandado se espalhou rapidamente pelo país por meio da rede telegráfica que os ingleses haviam construído várias décadas antes. A grande maioria dos que tomou conhecimento obedeceram-no. Perplexo e assustado, Nasir al –Din acabou subjugado pela unanimidade do protesto. Ao visualizar e reconhecer que suas próprias esposas tinham parado de fumar, ele concluiu que não tinha escolha senão cancelar a concessão. E para sua indignação teve ainda de tomar emprestado meio milhão de libras em um banco inglês para compensar a British Imperial por suas perdas.

O curso da História muda quando o povo percebe a existência de uma alternativa à obediência cega. A contestação de Martin Luther King ao *status quo* cristão, a tomada da Bastilha durante a Revolução Francesa, o Despertar Nacional Romeno durante a ocupação dos Impérios Austro-Húngaro e Turco Otomano, o triunfo do sandinismo na Nicarágua em 1979, a Revolução Mexicana de 1910 foram momentos assim. A Revolta do Tabaco foi o começo do fim do absolutismo no Irã, marco inaugural de um novo período na história política do país. Os iranianos não estavam mais dispostos a aceitar passivamente a opressão e o entreguismo assassino da dinastia Qajar, representado pelo brutal despotismo, pela miséria e pela venda do patrimônio nacional a estrangeiros.

Após anos e anos de crescente afastamento de suas obrigações reais e da própria realidade, o xá Nasir al-Din foi assassinado a tiros, em 1896, durante uma visita a uma mesquita nas redondezas de Teerã. Na verdade, muitos poucos chocaram sua morte. Dita personalidade que já não merece ser pronunciada por aqui, legou ao futuro um país dominado por estrangeiros e assolado pelo desemprego, inflação galopante e uma séria, para não dizer

crítica escassez de alimentos. Ignorando as gritantes necessidades e aspirações de seu povo, seu filho Muzaffar, que o sucedeu no Trono do Pavão, manteve os mesmos problemas e vícios que levaram os iranianos a odiar os Qajar. Pouco depois de subir ao trono, foi esbanjar em uma viagem à Europa dinheiro tomado de empréstimo a um banco russo. Ao retornar, fez novo empréstimo, agora junto a financistas ingleses, dando-lhes em troca uma parte das receitas alfandegárias do país. Descontentes, os iranianos começaram a denunciá-lo em público. Quando ele reagiu, ordenando a prisão dos agitadores, distúrbios anti-governamentais explodiram em Teerã e em outras cidades. Em vez de buscar o apoio dos iranianos, Muzaffar al-Din tomou uma medida que os deixou ainda mais enfurecidos: em 1901, vendeu ao financista londrino William D'Arcy o privilégio especial e exclusivo de procurar, achar, explorar, desenvolver, comercializar, retirar e vender gás natural e petróleo pelo prazo de sessenta anos. Dez anos se passariam até que D'Arcy encontrasse petróleo até que sua concessão se tornasse um instrumento da política imperial inglesa. Mas com o mero ato da concessão, o xá Muzaffar al-Din definiu toda a história subsequente do Irã.

Na década decorrida desde a Revolta do Tabaco, a consciência política dos iranianos cresceu enormemente. A crença de que Deus exige que os líderes governem com justiça, um dos princípios cardeais da doutrina xiita e da filosofia religiosa sete vezes milenar de Zoroastro, levou muitos iranianos a abraçar os ideais de soberania popular que se espalhavam por toda a sociedade. Na aurora do século XX, alguns chegaram a duvidar até do princípio da monarquia. Sociedades secretas dedicadas à subversão se formaram em várias cidades. O sentimento de que as possibilidades eram ilimitadas ganhou força com a notícia de que os supostamente invencíveis ingleses estavam perdendo a batalha para os Boers na África do Sul e se intensificou com os acontecimentos de 1905 na Rússia, onde a derrota militar para o Japão ocasionou uma sublevação que impôs ao czar Nicolau II a criação de um Parlamento. O cenário estava montado para a revolução no Irã. Apenas restava uma fagulha, um estopim para incendiar a nação, pois um ambiente propício já existia.

Conhecendo os abusos dos reis da dinastia Qajar, dita fagulha não demoraria muito em chegar e foi exatamente o que ocorreu. O estopim foi a prisão, em dezembro de 1905, de um grupo de comerciantes envolvidos em uma disputa em torno do preço do açúcar. O bazar explodiu em protestos contra a aplicação do *bastinado* aos prisioneiros, punição favorita dos Qajar, na qual as vítimas eram penduradas pelos pulsos e sovadas nas solas dos pés. De início, os sublevados exigiam apenas a demissão do governador local que ordenava os espancamentos. Mas a força crescente dos comerciantes levou-os a exigir também a redução

dos impostos. O movimento atingiu seu clímax quando as assembléias acrescentaram uma reivindicação nova e surpreendente: “Para realizar reformas em todas as áreas é necessária a criação de uma assembléia nacional consultiva que garanta a execução equitativa da lei em todas as regiões do Irã, sem diferença entre classes altas e baixas, de modo que todos possam obter reparação por injustiças sofridas.”

A esta reivindicação todas as outras logo se subordinaram. Com o povo a beira da revolta, Muzaffar al-Din não teve escolha senão aceitar que o Irã tivesse um Parlamento. Depois se assentir, porém, ele começou a questionar as demandas propostas e durante muitos meses nada fez para colocar em prática a decisão. Como resultado, o movimento de protesto inflamou-se outra vez. Os clérigos assumiram um papel dirigente, na qual alguns invocaram a autoridade do mártir xiita Hussein, jurando defender os pobres, mesmo que esse detalhe significasse se expor, como ele fez, a espada do mal. Exaltadas com esta retórica, multidões tomaram as ruas no verão de 1906. No auge da emoção, centenas de manifestantes que buscavam organizar-se em um lugar onde as tropas não pudessem atacá-los decidiram pedir *bast*, asilo, em alguma missão diplomática. A multidão acabou escolhendo a Legação Britânica, um imenso conjunto que ocupava uma área equivalente a dezesseis quadras. Com a maior parte dos funcionários da legação em férias de verão, o secretário disse aos manifestantes que, embora preferisse que eles buscassem outro santuário, ele, em vista do reconhecido costume e imemorial direito persa de *bast*, não usaria, nem faria usar, a força para expulsá-los caso viessem. Em pouco tempo, havia catorze mil iranianos dentro do recinto, vivendo em barracas de acordo com as respectivas corporações e se alimentando da comida preparada em enormes caldeirões em uma cozinha coletiva.

Logo essa congregação se transformou em uma escola, cujo currículo tinha como principal matéria os princípios da democracia. Artigos da imprensa reformista eram lidos em público diariamente, agitadores discursavam sobre o progresso social e intelectuais educados no estrangeiro traduziam as obras dos filósofos europeus. Desconcertado, mas ainda não percebendo a intensidade do movimento, o xá propôs nomear um conselho que ajudasse a dirigir o Ministério da Justiça, o que não foi nem longe suficiente para apaziguar os manifestantes. Eles desejavam um Majlis, Parlamento com poderes reais, e não apenas um conselho consultivo. “A lei deve ser aquela que o Majlis decidir. Ninguém deve interferir nas leis do Majlis.”, afirmaram em um pronunciamento.

O xá acabou concordando, sem entusiasmo algum e com a condição de que as leis aprovadas pelo Majlis só entrassem em vigor com sua assinatura. Foi um momento histórico,

comparável sob certos aspectos à assinatura da Magna Carta, na Inglaterra, sete séculos antes. Um diplomata inglês revelou seu assombro em uma mensagem a Londres: “Um aspecto notável desta revolução, pois ela com certeza merece ser chamada de revolução, é que o clero acabou do lado do progresso e da liberdade. Quero crer que isto é algo quase sem paralelo na história mundial. Se as reformas pelas quais o povo vem lutando, com seu apoio, se tornarem realidade, todo o poder do clero desaparecerá.”

Vencida a resistência do xá, os manifestantes, cheios de júbilo, deixaram seu santuário para lançar as bases do que muitos acreditam ser o nascimento de um novo Irã, isto é, a emersão do Irã moderno, outro momento de reencarnação nacional. Apresentou-se um projeto de Constituição inspirado no exemplo belga, considerada a nação mais progressista da Europa, e convocaram-se eleições nacionais para um Majlis de duzentas cadeiras. Uma parte dos membros foi escolhida por eleição direta, a outra pelos grêmios; de merceiros, serralheiros, gráficos, açougueiros, relojoeiros, médicos, alfaiates, professores e assim por diante. Sua primeira sessão aconteceu no dia 7 de outubro de 1906.

O novo Majlis cedo se defrontou com uma grande quantidade de problemas. A pressa com que o novo sistema fora projetado e a inexperiência daqueles que agora buscavam ajudar a governar o Irã propiciaram muitas divergências. Muitos deputados tinham pouca ou nenhuma instrução, e não havia partidos políticos para organizá-los em blocos. As discussões sobre o projeto de Constituição não avançavam porque não se sabia muito bem como repartir os poderes do governo. E para complicar, ela teve de ser escrita rapidamente, às pressas, porque Muzaffar al-Din estava morrendo e o príncipe herdeiro, Mohamed Ali, sabidamente detestava a mera idéia de democratização. Em 30 de dezembro de 1906, curiosamente exatamente 100 anos antes da morte de Saddam Hussein, a Constituição foi finalmente promulgada, lançando o Irã no que viria a ser um século de avanços extremamente irregulares em direção à democracia. Uma semana depois, morria o xá Muzaffar al-Din.

Mohamed Ali, o novo xá, ridicularizava e ignorava o Majlis. Alguns deputados exigiram que ele fosse deposto caso continuasse a resistir. Os monarquistas contra-atacaram duramente. A controvérsia, quase sempre violenta e muitas vezes acompanhada de choques de rua, sacudiu a capital. Protestos de facções regionais e tribais alimentados por subornos e arranjos corruptos enfraqueceram enormemente o movimento constitucionalista. Parte da população começou a associar a palavra *constituição* às noções de rebelião e conflito.

Para piorar o cenário já conturbado, a frágil aliança entre clérigos e reformistas seculares começou a se romper. Mulás que haviam apoiado o movimento pelas reformas se

alarmaram com as reivindicações dos radicais, que, segundo afirmavam, “havia abandonado a lei do Profeta e implantado em seu lugar uma lei própria”. Essa polarização viria a ser recorrente na história iraniana deste então. Manobrando com habilidade suas preocupações, a corte Qajar conseguiu convencer muitos mulás de que seus verdadeiros interesses estavam com a monarquia.

“Não é aconselhável que o Irã tenha um governo constitucional, pois em um governo constitucional tudo é livre, e neste caso tem de haver também liberdade de religião. Haverá quem insista na liberdade religiosa, o que é contrário aos interesses do Islã.”, afirmou um cortesão em um discurso ao Majlis. Pois bem, é importante mencionar que não há veracidade no que dito cortesão disse em seu discurso com a realidade, um bom exemplo disso é o Irã atual, na qual mesmo o Xiismo Duodecimano sendo a religião de Estado, os adeptos do Zoroastrismo, Judaísmo e do Cristianismo possuem liberdade de culto e lugares garantidos no Parlamento do país. O discurso do cortesão no Majlis visava seus interesses.

Muitos clérigos compartilhavam tais temores. Quando o Majlis discutiu a lei que legalizava as escolas seculares, um deles perguntou: "O acesso a elas não levará à derrocada do Islã?" Outros questionavam a própria premissa do movimento pelas reformas.

Este choque entre o clero e os reformistas seculares repercutiria em toda a moderna história iraniana, assim como a controvérsia surgida no mesmo período no seio do próprio clero entre os que acreditavam que a religião aceita era compatível com as idéias modernas e os que, considerando-as contraditórias, abandonaram o movimento pelas reformas. Esta discussão refletia conflitos ancestrais no país: antigo *versus* moderno, religioso *versus* secular, fé *versus* razão. Ela opunha, nas palavras de um historiador, “a abertura e a assimilação características da Pérsia e a insularidade e o tradicionalismo característico do Xiismo”.

Confiante de que a maioria dos líderes religiosos do país estava do seu lado, o xá Mohamed Ali deu início a uma campanha de terror e violência contra o Majlis. Em julho de 1908, seus homens reuniram um bando de sicários e os enviaram para promover tumultos por toda Teerã aos gritos de “Queremos o Corão! Não queremos a constituição!” Depois ordenou à Brigada Cossaca, sua unidade de elite, que bombardeasse e saqueasse o edifício onde o Majlis se reunia. Houve protestos em diversas cidades, aonde os manifestantes responderam aos tumultos com gritos "Nossos livros sagrados são o Avesta e o Shahnameh, queremos o Parlamento, morte ao xá!!" Em tais protestos houve vários mortos em lutas de rua. Uma guerra civil de grandes proporções parecia eminente, levando o xá a pedir *bast* na Legação Russa.

As potências imperiais candidatas ao controle do Irã, Inglaterra e Rússia, percebendo que a luta pelas reformas chegara a ponto de constituir-se em ameaça à sua posição dominante no país, incentivaram o xá a continuar resistindo. O Majlis, no entanto, não se intimidou, pelo contrário, foi em frente. Uma de suas medidas mais decisivas foi aprovar a contratação de um banqueiro estadunidense, Morgan Shuster, para o cargo de tesoureiro-geral do Irã. Com entusiástica energia, ele tratou de dismantelar, logo à sua chegada, o intrincado sistema de isenção de impostos e os acordos sigilosos por meio dos quais os cartéis ingleses e russos pilhavam o país. Os governos de ambos os países exigiram que ele fosse exonerado. No outono de 1911, os russos enviaram tropas para impor sua vontade. Como o Parlamento se recusasse a demiti-lo, a monarquia, imensamente reforçada pela presença de tropas estrangeiras, ordenou seu fechamento e a prisão de vários de seus membros. Após cinco tumultuosos anos, a Revolução Constitucional do Irã, o primeiro intento concertado de síntese da tradição iraniana com a democracia moderna, terminava.

A experiência deste período marcou profundamente a psicologia coletiva iraniana. Ao contrário da Revolta do Tabaco, cujo objetivo fora derrogar uma única lei arbitrária, a Revolução Constitucional pretendeu estabelecer uma ordem política e social inteiramente nova. Infelizmente, ela foi esmagada com o auxílio decisivo de potências estrangeiras, mas somente depois de ter lançado as bases de um Irã democrático. Uma constituição fora redigida e promulgada, determinando a realização de eleições regulares, o que significa a promoção de campanhas políticas e de um simulacro que fosse de debate público. Nos anos vindouros, os governantes iranianos iriam ignorar, desprezar e passar por cima da opinião pública, mas jamais conseguiram extinguir a convicção generalizada de que o povo era detentor de direitos que ninguém lhe podia tirar. As lições aprendidas durante este surto de paixão reformista influenciaram decisivamente o movimento irredentista pan iranist e a revolução pacífica nacionalista liderada por Mohammed Mossadegh quase meio século depois.

Os iranianos haviam acorrido à bandeira de democracia por acreditarem que o estabelecimento do sistema constitucional em seu país os ajudaria a vencer a pobreza e a modernizar o país. E foram também movidos por um ódio crescente dirigido contra dois alvos. Um deles era a corte Qajar, representada, primeiro, pelo execrável xá Mohamed Ali e, depois, pelo obeso Ahmad, seu filho, que subiu ao trono em 1909 com a idade de doze anos. O outro era o papel sufocante que as potências estrangeiras, a Inglaterra e a Rússia em particular desempenhavam no Irã. Ou seja, o Irã vivia um ambiente propício para o nascimento de um movimento nacionalista que brotasse das entranhas da antigüíssima

sociedade iraniana. Além desse cenário, cabe lembrar que o nacionalismo iraniano já havia-se consolidado ao longo dos milênios, como foi retratado ao longo dos últimos capítulos, sempre jogando um papel de grande relevância em todos os momentos de ruptura da história iraniana.

Durante a Revolução Constitucional, os reformistas tentaram insistentemente tirar o Irã da órbita das potências estrangeiras. A certa altura, o Majlis chegou a recusar um empréstimo oferecido por banqueiros russos. Pouco depois, votou pela criação de um banco nacional comandado por iranianos. Mas tais esforços foram em vão. Os Qajar continuaram vendendo os ativos do país, condenando-o a uma servidão cada vez mais profunda. Tal situação era humilhante para os iranianos.

Em 1907, Rússia e Inglaterra assinaram um tratado que repartia o Irã entre si, na qual o segundo acabou assumindo o controle das províncias do sul e o primeiro tomava para si o norte. Uma faixa entre as duas zonas foi declarada neutra, o que significava que os iranianos podiam governá-la, desde que não agissem contra os interesses de seus poderosos convidados. E o pior, o Irã não foi consultado, foi apenas informado desta combinação após a assinatura do tratado em São Petersburgo. O sentimento de ódio em relação a esses inéditos acontecimentos na milenar história iraniana crescia de maneira estratosférica. Como afirmam muitos iranianos, era um golpe na alma nacional, doía o mais profundo do nosso ser. O que durante muito tempo fora controle estrangeiro informal agora se tornava partição explícita do Irã, garantida pela presença de tropas inglesas e russas. Quando o tratado foi ao Parlamento inglês para ratificação, um dos poucos membros dissidentes lamentou que o Irã tivesse sido deixado “entre a vida e a morte, dividido, quase desmembrado, impotente e desamparado, aos nossos pés”.

Consumida pela guerra civil e pela revolução, a Rússia viu declinar sua influência no Irã. Depois de tomarem o poder em 1917, os bolcheviques renunciaram à maior parte dos direitos russos sobre o país e cancelaram todos os seus débitos junto à Rússia czarista. Os ingleses, agora no auge de seu poderio imperial, moveram-se rapidamente para ocupar o vazio deixado. Seu novo foco de interesse era o petróleo. A recém-formada Anglo-Persian Oil Company, originária da concessão de D'Arcy, começara a extrair imensas quantidades de petróleo do solo iraniano. Winston Churchill o chamou de "uma recompensa da terra encantada muito além dos nossos sonhos mais desvairados".

Tendo consciência do enorme valor deste novo recurso, os ingleses em 1919 impuseram ao regime impotente do xá Ahmad o duro e humilhante acordo Anglo-Persa, assegurando sua aprovação com o suborno das negociadores iranianos. Por ele, os ingleses

assumiram o controle não apenas do exército iraniano, como também do tesouro, do sistema de transporte e da rede de comunicação do país. Para garantirem seu novo poder, impuseram a lei marcial e começaram a governar por decreto. Lorde Curzon, que como ministro do Exterior da Inglaterra foi um dos principais arquitetos do tratado, defendeu sua necessidade, cristalizando um século de política inglesa no país:

Se nos for perguntado por que devemos assumir essa tarefa e por que a Pérsia não deve ser deixada apodrecer por si mesma em uma pitoresca ruína, a resposta é porque a sua posição geográfica, a magnitude de nossos interesses no país e na segurança futura de nosso império oriental tornam isso impossível em qualquer outro momento durante os últimos cinquenta anos, nos alienarmos do que acontece na Pérsia. Além disso, agora que estamos prestes a assumir o mandato da Mesopotâmia, que nos fará lindeiros à fronteira ocidental da Ásia, não podemos permitir que exista, entre as nossas fronteiras imperiais da Índia e Baluquistão e as do nosso novo protetorado, uma fonte de desgoverno, intriga inimiga, caos financeiro e desordem política. Mais ainda, fosse a Pérsia deixada só, haveria motivos de sobra para temer que ela viesse a ser infestada pela influência bolchevique vinda do norte. Por fim, nós possuímos no extremo sudoeste da Ásia imensos ativos na forma de campos de petróleo, que são imprescindíveis à Marinha inglesa e tornam imperativo o nosso interesse nessa parte do mundo.

Desta declaração podemos perceber a arrogância, hipocrisia e o cinismo inglês. Eles junto com a dinastia Qajar eram os responsáveis pelos problemas do país, mas segundo tal estadista a Inglaterra possui a missão moral de evitar que o Irã apodreça e que seu país tem o direito de controlar essa nação asiática com o intuito de consolidar o seu poderio imperial apoderando-se das riquezas minerais do solo iraniano, principalmente no que se refere ao mar de petróleo que Deus concebeu ao Irã.

O acordo anglo-persa liquidou os últimos vestígios de soberania do Irã, mas também reacendeu a paixão nacionalista entre os iranianos, que se inspiravam no surgimento de movimentos anti-coloniais em outros países, vários deles sob domínio da própria Inglaterra. Radicais iranianos criaram um partido comunista nas províncias do norte. Quando tropas soviéticas desembarcaram no litoral do mar Cáspio e declararam o território circundante uma República Socialista Soviética Iraniana, pareceu que as duas potências mundiais estariam em pouco tempo travando uma guerra em solo iraniano. Na maior parte do país, as condições de vida de milhões de pessoas eram as piores que o Irã jamais conhecera. Movimentos separatistas instigados pelas potências ganhavam força em várias províncias, principalmente as periféricas. O Irã estava à beira da extinção. Vejamos o legado do caráter submisso e

entreguista da dinastia Qajar herdou ao país. Era uma situação propícia para o surgimento de um líder carismático, que, finalmente, irrompeu na consciência da nação no ano de 1921, um homem rude chamado Reza, que chegou montado em um cavalo.

Nascido nos longínquos Montes Alborz, próximo à fronteira russa, Reza saiu de casa ainda adolescente para seguir a tradição familiar do serviço militar. Mas, em vez de se juntar ao exército privado de um chefe local, ele optou por se alistar na Brigada Cossaca, a única unidade militar moderna, disciplinada e bem comandada do país, que fora fundada por oficiais russos enviados pelo czar e funcionava essencialmente como guarda privada dos interesses estrangeiros e dos reis Qajar a seu serviço. Tendo se alistado como cavaleiro, Reza em pouco tempo recebeu um uniforme e começou a subir na hierarquia como Reza Khan.

Durante os anos de soldados, Reza teve a oportunidade de viajar pelo Irã e ver a miséria em que vivia a maioria da população. Em pouco tempo, ele veio a compartilhar o ódio de seu povo contra os governantes Qajar, caindo na mira de ingleses que cansados de relacionar com líderes tribais inconstantes, anelavam um poder central forte e enxergavam na figura de Reza a única maneira de obtê-lo. Com o propósito de expulsar os oficiais russos e assumir o controle da brigada, eles decidiram substituir por meio de um golpe o primeiro ministro do xá, pelo candidato de sua escolha, um exaltado ex-jornalista chamado Seyyed Zia Tabatabai. Para proporcionarem a este a força militar de que necessitava, os ingleses sondaram Reza, que se mostrou disposto. O golpe teve êxito. O primeiro-ministro foi preso e todos os membros do gabinete do xá. Ao dissoluto xá Ahmad, Reza fez duas exigências: Seyyed Zia devia ser nomeado primeiro-ministro e ele próprio o comandante da Brigada Cossaca. O xá não teve nem vontade, muito menos meios de resistir. O golpe atestou alguns aspectos, a força dos ingleses, a fraqueza da agonizante dinastia Qajar que respirava em aparelhos na UTI e a ousada autoconfiança de Reza Khan. Uma de suas primeiras decisões foi persuadir o próprio xá a sair do país em viagem temporária por alegadas razões de saúde. Em pouco tempo, este soldado ambicioso se tornaria primeiro-ministro, comandante das Forças Armadas e líder incontestado do ressurgente Estado iraniano.

Uma vez completada sua ascensão ao poder, Reza necessitava definir o marco político dentro do qual iria governar. Ardente admirador do reformador turco Kemal Atatürk, ele foi durante certo tempo considerado seguidor do seu exemplo ao declarar o Irã uma república e instalar-se no cargo de presidente. Tal perspectiva aterrorizou os clérigos iranianos, ainda profundamente chocados com as recentes atitudes do estadista turco. Depois de muito insistirem para que Reza preservasse a monarquia, eles acabaram ganhando-o para seu lado.

Apesar de inculto e semi-analfabeto, Reza conhecia profundamente o estilo político iraniano. Dois anos após o golpe, ele arquitetou um gesto teatral que, acertadamente, calculou que poderia levá-lo ao pináculo do poder. Reza renunciou a todos os seus postos governamentais e se retirou para uma pequena aldeia, alegando a necessidade de meditar e refletir. Antes de partir, porém, tomou providências para ser bombardeado por pedidos para que retornasse ao poder. Durante algum tempo, Reza fingiu resistir. Exatamente nesse instante, aconteceu o que ele havia desejado: o odiado xá Ahmad anunciou sua intenção de retornar ao país. Aterrorizado com esta perspectiva, o Majlis, que se reconstituíra depois da débâcle de 1911 sem no entanto conseguir exercer nenhum poder real, rebelou-se, declarando extinta a dinastia Qajar e oferecendo o Trono do Pavão a Reza, que assumiu em 25 de abril 1926, proclamando-se xá. Sua nova dinastia, ele anunciou, batizando de Pahlavi, nome de um sistema de escrita usado para o persa médio, como para muitas outras línguas iranianas.

As realizações do xá Reza eram inegáveis. Ele começou por eliminar os bandos de salteadores que aterrorizavam regiões inteiras do Irã. Depois lançou um vultoso programa de obras públicas que deu ao país novas avenidas, praças, rodovias, fábricas, portos, hospitais, edifícios governamentais, estradas de ferro e escolas para meninos e meninas. Criou o serviço público e o primeiro exército nacional digno que o país conheceu nos últimos três séculos de existência. Introduziu o sistema métrico, o calendário moderno, o uso de sobrenomes, o casamento civil e o divórcio. Promulgou códigos legais e estabeleceu uma rede de tribunais seculares para fazê-los cumprir. Em 1935, anunciou que não mais aceitaria que o país fosse referido como Pérsia, uma palavra usada principalmente por estrangeiros, e sim como Irã, nome pelo qual era conhecido por seus próprios cidadãos desde a longínqua dinastia sassânida. Além de o povo referir-se ao seu país como Irã, houve outras duas razões para essa exigência. A primeira consistia na reafirmação da origem étnica indo-ariana e a segunda retratava a intenção de agrupar outros povos iranianos não persas, com a mesma origem étnica, como principalmente os baluchis, azeris e curdos. Com sua característica determinação, ordenou que toda correspondência do estrangeiro endereçado à Pérsia fosse devolvida sem ser aberta.

Mas, apesar de toda a sua paixão reformista, o xá Reza não logrou realizar nenhuma verdadeira transformação social. Sob seu governo, os jornais eram rigidamente censurados, a organização sindical proibida e as personalidades de oposição assassinadas, encarceradas ou forçadas a exilar-se. Ele obrigou as tribos nômades, que considerava relíquias do passado incompatíveis com um Estado moderno, a formar assentamentos improdutivos, levando

sofrimento e morte a milhares de pessoas. O comércio foi centralizado nas mãos do Estado e de um pequeno quadro de empresários leais. Esse detalhe somado com o recolhimento de propinas em negócio com o estrangeiro e extorquindo dinheiro de líderes tribais, proporcionou a que Reza acumulasse uma fantástica riqueza pessoal. Confiscou tanta terra que, no auge de seu poder, era o maior proprietário do país.

Essas atitudes e aspectos particulares da vida de Reza foram observados muito bem por um membro do Parlamento inglês: “O xá Reza eliminou todos os bandidos do Irã, e fez saber aos seus conterrâneos que daí para a frente só haveria no país um único ladrão.”

Em 1934, Reza viajou à Turquia para avistar-se com Atatürk, com quem sabidamente mantinha boas relações. Viajando pelo interior do país, o xá ficou deprimido e frustrado ao perceber a rapidez com que a Turquia avançava para a modernidade e o secularismo. Voltou à sua pátria decidido a intensificar a campanha pela transformação da sociedade iraniana. Em seu entusiasmo, lançou-se à frente sem levar em consideração os padrões sociais e as crenças religiosas há muito tempo estabelecidas no país, e como não possuía nem a habilidade política nem a capacidade de estadista de Atatürk, Reza fez voltar contra si boa parte da população. Longe de colocar o estadista turco como exemplo, na verdade, apenas foi retratado como funcionava a mente de Reza. Na verdade Atatürk foi um títere dos Estados Unidos.

Com o colapso da Dinastia Qajar, que havia se perdido em sua corrupção, entreguismo e despotismo sugando até a última gota de sangue da nação; e a ascensão de Reza Xá Pahlavi em 1925 que começou a introduzir reformas seculares, limitando o poder do clero xiita, nacionalistas e socialistas iranianos esperavam que essa nova fase da vida nacional poderia também testemunhar a introdução de reformas democráticas. No entanto, essas reformas não aconteceram e isso acabou culminando com a ascensão gradual de um terreno propício e vagamente organizado por um movimento Pan-Iranista composto de escritores nacionalistas, professores, estudantes, e ativistas aliados a outros movimentos pró-democráticos. Na década de 1940, após a invasão anglo-soviética, o movimento Pan-Iranista ganhou força e popularidade como resultado do sentimento generalizado da insegurança entre os iranianos que viam no Xá, impotência contra essa presença estrangeira no país. Se o xá não tivesse se afastado de quase todos os segmentos da sociedade iraniana e se tivesse mantido bons conselheiros ao seu redor em vez de mandá-los sistematicamente para o exílio ou para a morte, Reza teria sido capaz de resistir, mas ele estava só, e seus sonhos despedaçados por sua própria tacanhez, corrupção e egoísmo sem limites. O xá Reza não fez senão reforçar a tradição do *istibdad*, ou governo absoluto, que jaz no cerne da história iraniana, com os Qajar

sendo o melhor dos exemplos. Nessa época, na década de 40, havia soldados da Rússia, Inglaterra, Índia, Nova Zelândia, Austrália e mais tarde dos Estados Unidos, especialmente na capital Teerã. Essa ocupação influenciou uma série de movimentos estudantis em 1941. Um desses novos grupos era um grupo guerrilheiro nacionalista subterrâneo chamado “O Grupo da Vingança”, também conhecido como Anjoman. O famoso partido Pan Iranist foi fundado mais tarde por dois dos membros do Grupo de Vingança e outros dois estudantes na metade final da década de 40 na Universidade de Teerã. Embora esse movimento pan iranista esteve ativo durante toda a década de 1930, tinha sido apenas um vago movimento organizado e mantido por bases de alianças de estudantes, professores, ativistas e escritores nacionalistas, não possuindo até então o caráter de um partido oficial. Tal partido foi a primeira organização a adotar oficialmente a posição Pan-Iranist, na qual acreditava na solidariedade e na reunificação dos povos iranianos que habitam o vasto planalto iraniano. Seu lema é: Planalto Iraniano sob uma bandeira e um estado. A divergência entre o Xá e o primeiro ministro nacionalista, Mohammad Mossadegh, promoveu uma divisão no partido, na qual seus líderes, Mohsen Pezeshkpour e Dariush Forouhar divergiram sobre a maneira como o partido deveria operar. As duas facções discordavam muito em sua estrutura e prática organizacional, não entrando em um consenso. A facção Pezeskpour, que manteve o nome do partido, acreditava no trabalho do sistema de Mohammad Reza Pahlavi, enquanto a facção Forouhar, de maior fervor nacionalista, adotou um novo nome, criando um novo partido, Mellat Irã (Partido da Nação do Irã), se posicionou contra o sistema, apoiando o primeiro ministro, Mohammad Mossadegh. Esse último, por sua vez, acabou criando um outro partido com outros líderes nacionalistas, denominado, National Front (Frente Nacional).

5 O PAN-IRANISMO: UMA IDEOLOGIA NACIONALISTA IRREDENTISTA

Em algumas ideologias e movimentos nacionalistas, dois peculiares conceitos são difundidos e defendidos. São eles: fronteira natural e irredentismo.

O termo irredentismo indica a aspiração de um povo a completar a própria unidade territorial nacional, anexando terras sujeitas ao domínio estrangeiro, terras irredentas, com base em teorias de uma identidade étnica ou de uma precedente posse histórica, verdadeira ou suposta. O irredentismo, portanto, diz respeito aos povos que, vivendo em uma terra sujeita à autoridade de certo Estado, desejam separar-se deste para fazer parte do estado do qual sentem a paternidade e a origem.

A teoria da existência de uma fronteira natural foi elaborada no século XVIII pela filosofia racionalista do Estado Francês, na qual, reivindicava a ampliação de suas fronteiras políticas. O que em um princípio se referia ao estabelecimento de uma fronteira como maior garantia defensiva se transformou durante os seguintes séculos em um argumento para a extensão territorial como base para o imperialismo e o nacionalismo. Na atualidade o conceito de fronteiras naturais é usado pelos movimentos nacionalistas como base para seus projetos.

Existe um conceito nas Relações Internacionais, denominado, Processo Natural de Formação dos Estados Nacionais, algumas vezes expressado como autodeterminação dos povos, mas com elementos mais complexos, na qual, afirma, que as fronteiras nacionais foram forjadas ao longo de séculos e milênios, onde, um determinado povo que habitada um específico território compartilhava costumes, culturas, idioma, crenças, tradições, celebrações, festividades, entre outros aspectos culturais. Quando esta convivência se desenvolve por muito tempo é quando se funda uma união que dá passo a forjar uma cultura e história comum e compartilhada que logo é sustentada por tradição e herança, estabelecendo assim recursos para a construção de um estado soberano. Os aspectos culturais e históricos serão o que consolidarão e sustentarão as fronteiras nacionais. A maioria dos países do mundo é oriunda desse processo.

Antes de mais nada é importante mencionar que na linguagem não há nada natural, o termo "natural" é utilizado como uma figura de linguagem, no caso uma metáfora, para diferenciar processos de formação nacional.

Em oposição a esse processo, foram criados países por meio de fronteiras arbitrárias, na qual, se objetivava os interesses geopolíticos das metrópoles. Esta trágica repartição, que principalmente se desenvolveu na África Subsariana e em algumas regiões da Ásia como no nefasto Acordo Sykes-Picot-Sazonov, não respeitou as diferenças étnicas, culturais, religiosas dos povos nativos, o que resultou no nascimento de vários estados artificiais, na qual, membros de uma mesma etnia foram dispersos em vários países e membros de etnias rivais constituíram a população de um mesmo estado. Iraque, Afeganistão, Paquistão, Nigéria, Costa do Marfim são grandes exemplos de entidades políticas artificiais criadas pelo Colonialismo. No Oriente Médio por exemplo, ao lado do Iraque, a grande maioria dos países também são criações artificiais. Como os colonialistas europeus traçaram suas fronteiras nacionais, nos séculos XIX e XX, quase sempre sem levar em consideração a história e as tradições locais, seus líderes tiveram que criar mitos exóticos para dar aos cidadãos certo senso de nacionalidade. Mas no Irã, como afirma Stephen Kinzer em *Todos os Homens do Xá*, a situação é exatamente oposta. Esta é uma das mais antigas nações do mundo, herdeira de tradições que remontam a milhares de anos, a períodos em que grandes conquistadores estendiam seu domínio a vários continentes, em que poetas e artistas criavam obras de requintada beleza e onde uma das mais extraordinárias tradições religiosas do mundo criou raízes e floresceu. Mesmo em tempos modernos marcados por longos períodos de anarquia, repressão, despotismo e sofrimento, os iranianos se inspiram apaixonadamente em sua herança sete vezes milenar.

Como aponta o comerciante paranaense Paulo Sérgio, o termo "artificial" consiste quando as fronteiras são demarcadas abruptamente em acordos que muitas vezes nem envolvem os povos e etnias que serão sujeitados a ela. Já, o Irã é quase que hermético, um exemplo de linha imaginária consolidada através dos séculos por etnia, representada pela origem étnica indo-ariana; e pela conversão generalizada do Zoroastrismo para o Xiismo.

Como podemos constatar, por todos os aspectos culturais e históricos já apresentados anteriormente, e por esses dois últimos parágrafos, o Irã pode ser considerado oriundo do Processo Natural de Formação dos Estados Nacionais. Esse importante detalhe somado ao forte sentimento nacionalista do povo iraniano, e a algumas injustas perdas territoriais ao longo da história, associado às rivalidades ancestrais com vizinhos, como principalmente árabes e turcos resultam em um ambiente propício para o uso do termo "fronteira natural" ou "irredentismo" nos movimentos nacionalistas iranianos, sendo um dos temas sempre

mencionados nos cinco principais partidos políticos nacionalistas do país: National Front, Pan-Iranist Party, Marze Por Gohar, National Alliance e Nation Party of Iran.

Esse retorno à fronteira natural, conhecido popularmente como Grande Irã (Irane bozorg em Farsi) se refere às regiões que possuem uma significativa presença cultural iraniana e têm sido historicamente governadas por povos iranianos. Tal região corresponde aproximadamente ao território da planície iraniana e seus arredores, estendendo-se desde o leste e norte do atual Iraque, atual República do Azerbaijão, o leste da atual Turquia; até a fronteira da província iraniana do Balochistão com o Punjabistão no atual Paquistão, assim como até o Tadjiquistão e as regiões tadjiques-persas de Bucara e Samarcanda no atual Uzbequistão e a faixa sul do atual território turcomeno que incluiu a histórica cidade de Merv ao norte, como afirma o geógrafo estadunidense, Martin W. Lewis. Essa extensa região também se conhece como Grande Pérsia, embora o nome Grande Irã, ou simplesmente Irã seja mais aceito, por razões étnicas, na qual o significado do nome do país já afirma soberania sobre todas as terras iranianas. Alguns historiadores utilizam o termo Continente Cultural Iraniano para designar esse extenso universo e ambiente cultural-histórico da Ásia ocidental.

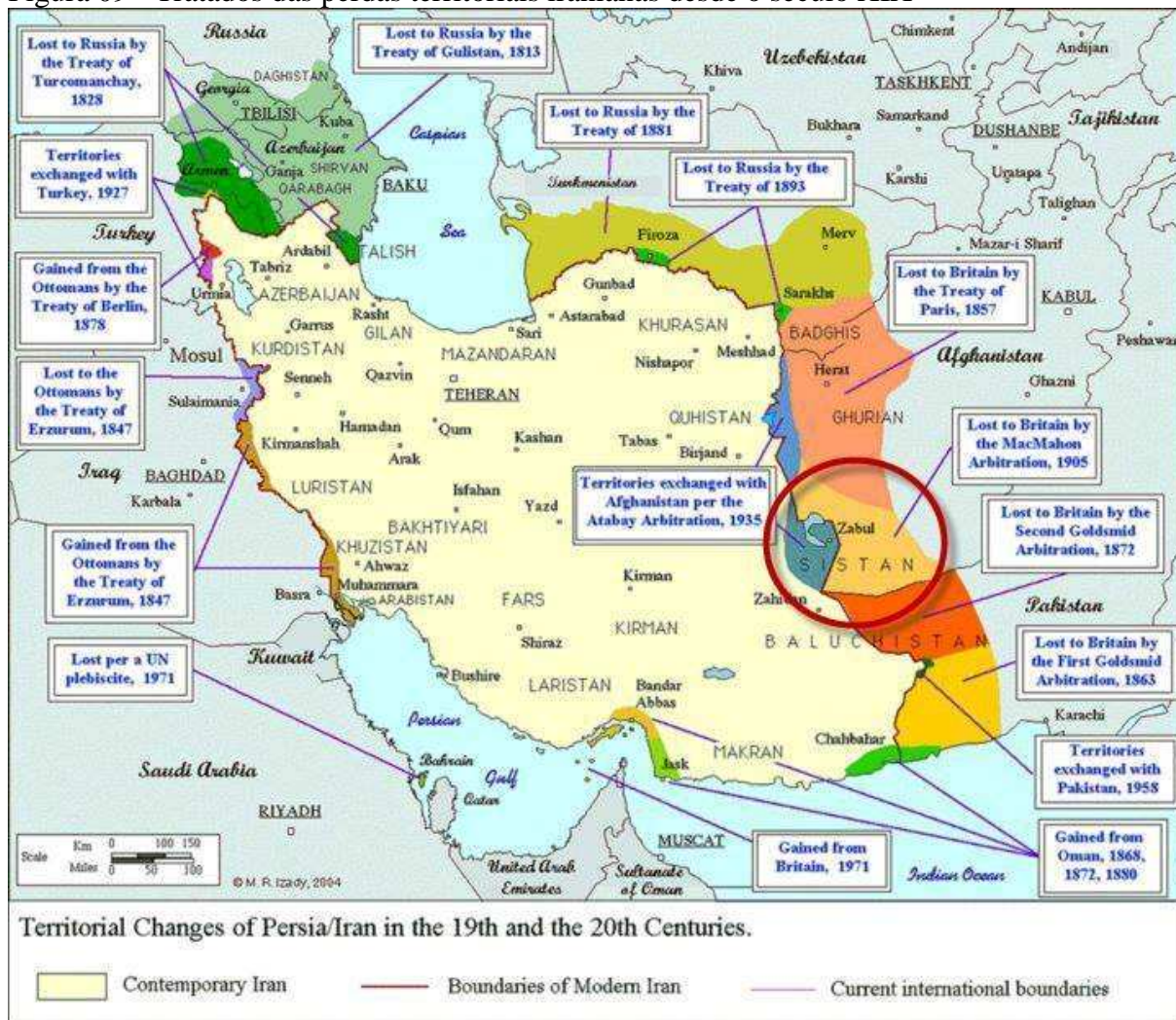
O conceito de Grande Irã se originou com o Primeiro Império Persa, com a dinastia aquemênida, e de fato é sinônimo da continuidade histórica iraniana em muitos aspectos, na qual vários estadistas iranianos ao longo da história, como Ismail I, primeiro soberano safávida; Mohammad Mosaddegh, primeiro ministro entre 1951 e 1953 e fundador do National Front; o ministro do exterior entre 1951 e 1953, Hossein Fatemi; Mohsen Pezeshkpour, fundador do Partido Pan Iranist; Dariush Forouhar, fundador do Nation Party of Iran; o chefe do Estado Maior em 1952, o general Riahi; o chefe de polícia de Teerã em 1953, o general Mahmoud Afshartus afirmarem que o Irã é uma seqüência e linha contínua perfeita desde os aquemênidas até nossos dias.

Como já foi mencionada anteriormente, a efervescência nacionalista iraniana também é retratada nas ferramentas midiáticas e logicamente o Irredentismo não é esquecido, muito pelo contrário, ele é evidenciado e defendido. Irã-e Kabir foi um periódico publicado na cidade de Rasht pelo ativista político Grigor Yaqikiān em Janeiro de 1951. Ele defendeu a unificação dos povos iranianos, que, na visão de Yaqikian, através da educação e do aumento dos níveis de consciência das pessoas, essa meta era viável através de meios pacíficos. A revista beneficiou-se das contribuições de alguns dos principais intelectuais da época, incluindo Mohhamad Moin e Ali Esfandiari (Nima Yušij), e contou com artigos, poesias, uma história serializada, e algumas novidades. Ele também publicou artigos em apoio dos curdos

que se levantaram em rebelião na Turquia, o que provocou o protesto de advogados turcos em Rasht e levaram à proibição do trabalho por ordem do ministro do tribunal. Yaqikiān tentou, sem sucesso, que a proibição fosse removida e acabou se mudando para Teerã, onde publicou o jornal Irã-e Konuni.

Entre as dinastias Safávida, Afsharida, Zand e Qahar, na qual percorre uma linha histórica de 420 anos entre 1501 e 1921, o Irã obteve algumas perdas territoriais, embora nesses quatro séculos tenha recuperado algumas regiões. Tais perdas incluem: o leste da atual Turquia e o atual Iraque aos otomanos (através do Tratado de Amasya em 1555 e Tratado de Zuhab em 1639); todo o norte do atual Afeganistão, incluindo as províncias de Herat, Balkh, Farah, Panjshir, Nimruz, Badghis, Faryab, Jowzjan, Kanduz, Samangan, Sare Pol, Takhar, Ghor, Badakhshan, Takhar, Parvan, Kapisa, para os ingleses (através do Tratado de Paris em 1857 e Tratado de MacMahon em 1905), seus territórios do Cáucaso (Armênia, oeste da Geórgia e o norte da província histórica do Azerbaijão, conhecida pelos iranianos como Aran Ustani) aos russos (através do Tratado do Gulistan em 1813). O tratado de Turkmanchey de 1828, depois da guerra russo-persa cortou definitivamente as províncias do Cáucaso desde o Irã, estabelecendo a fronteira moderna ao largo do rio Aras, o que resultou na separação dos talish, um povo iraniano, entre o Império Russo e o Império Persa, governando na época pela dinastia Qahar. Atualmente os talish estão separados entre o Irã e a atual República do Azerbaijão, na qual conseguiu sua independência após o processo de desintegração da União Soviética no início dos anos noventa. Em breve analisaremos em particular o caso dos talish que se encontram na atual República do Azerbaijão, na qual foram arrancados de sua pátria mãe.

Figura 09 - Tratados das perdas territoriais iranianas desde o século XIX



Fonte: <http://www.realclearworld.com/blog/2012/03/>

Figura 10 - Perdas territoriais durante a Era Qajar



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Map_Iran_1900-en.png

Como já foram mencionadas anteriormente, as rivalidades ancestrais com vizinhos, como principalmente árabes e turcos, intensificam esse desejo irredentista no povo iraniano. Cravado no meio da região mais conturbada do mundo, o Irã não escaparia de ter relações conflituosas com seus vizinhos. Os iranianos vivem cercados por países com quem têm muito pouco em comum, o que acirra ainda mais a dificuldade de apaziguar tensões em momentos de crise, entre elas divergências fronteiriças ancestrais. A maior parte dos atritos surge do contato com os árabes, rivais e inimigos históricos dos iranianos, como veremos no próximo capítulo.

O cientista político iraniano, Dr. Mahmoud Afshar Yazdi desenvolveu a ideologia Pan-iranista no início do século XX, mais precisamente nos inícios da década de 1920, em oposição ao Pan-Turquismo e Pan-Arabismo, na qual, eram vistos como possíveis ameaças à integridade territorial do Irã. Ele também apresentou uma forte crença no caráter nacionalista

do povo iraniano, através da longa história do país. Ao contrário de movimentos similares da época em outros países onde se destacava o micro-etno-nacionalismo, o Pan-Iranismo se baseava em fatores étnicos e lingüísticos, possuindo uma considerável preocupação com o nacionalismo territorial. A véspera da Segunda Guerra Mundial, a propaganda do Pan-Turquismo focava as terras de língua turca no Irã, Cáucaso e Ásia Central, na qual possuía o objetivo final de persuadir essas populações a se separar das entidades políticas que pertenciam para aderir a uma nova pátria Pan-Turca, um fenômeno conhecido por alguns historiadores como Neotomanismo. Ou seja, o movimento Pan-Iranista era o último recurso para os azeris iranianos, que ao contrário das intenções Pan-turcas, organizaram um grupo de intelectuais do Azerbaijão, que se tornariam os mais fortes defensores da integridade territorial iraniana. Além disso, a Revolução Constitucional no Irã em 1906, resultou que esse grupo e outros democratas adotassem um nacionalismo romântico, também como uma reação às políticas irredentistas Pan-turcas que cogitavam apoderar-se do norte iraniano. Foi exatamente nesse período que o Iranianismo e políticas de homogeneização lingüística foram propostas como uma natureza defensiva contra todos os outros, mas obviamente se referia aos turcos e árabes, pela proximidade, conflitos fronteiriços, rivalidade ancestral, diferentes origens étnicas, divergências religiosas, disputa pela hegemonia regional. Ao contrário do que se poderia imaginar, os primeiros a inovar, divulgando esse nacionalismo defensivo foram os azerbaijanos iranianos. Esses enxergavam que assegurar a integridade territorial do país era o primeiro passo na construção de uma sociedade baseada nas leis de um estado moderno. Através desse quadro, sua lealdade política superou suas filiações micro étnica e regional e a adoção dessas políticas integracionistas pavimentou o caminho para o surgimento do nacionalismo cultural do grupo étnico titular. A fidelidade política iraniana dos azeris no noroeste do Irã não é surpreendente. Durante séculos, os níveis mais altos do Estado Iraniano, foram dominados por pessoas de origem azeri. Os governantes da dinastia Safávida (1501-1736) eram em sua maioria de ascendência azeri, o mesmo sucedendo com os da dinastia Qajar (1785-1925). Os Azeris iranianos são em geral bem integrados; praticamente todos são bilíngües em persa, e muitos ocupam posições sociais, econômicas, religiosas e políticas de peso. É claro, que nem todos os azeris iranianos abraçam o nacionalismo iraniano, e alegações de discriminação persistem. Mas o Irã pode em certa medida ser considerado como uma parceria persa-Azeri, subscrito por alguns vínculos culturais e históricos, como o vínculo religioso do Xiismo Duodecimano, por uma origem étnica e cultural em comum, por séculos sucessivos compartilhados sob a mesma administração estatal, etc. Ao longo desta obra, analisaremos três momentos chaves e cruciais nas relações dos azeris com o Estado Iraniano.

O primeiro artigo do partido afirmou que "os iranianos formam uma nação. Esta nação tem o direito natural de viver em um único estado. Assim, a pátria iraniana constitui uma unidade política e econômica indivisível. Nenhum iraniano pode viver para além dos outros". A ideologia do partido, e o PanIranianismo em geral, não foi baseada em conceitos como a pureza étnica ou chauvinismo étnico, mas em pensamentos idealistas emprestados da era da iluminação. De acordo com o especialista em tal partido, Naser Engheta, a ideia básica da ideologia do partido era:

A nação iraniana é uma entidade permanente na história. A nação iraniana é considerada, filosoficamente falando, não como uma formação social e econômica, mas como um fato transcendente inspirando de diferentes formas, uma de suas maiores contribuições que toma a forma de Zoroastrismo.

Figura 11 - Movimento Pan Iranist durante a década de 50



Fonte: Desconhecida

6 A ANIMOSIDADE ÁRABE-IRANIA

Muita gente parece entreter a ilusão de que os iranianos são árabes. Isto pode ser devido ao fato da proximidade geográfica e da semelhança em relação ao alfabeto. Porém, como já retratamos, a palavra "Irã" significa "terra dos arianos", devido ao fato dos iranianos serem arianos, ou seja, indo-europeus, enquanto os árabes, como se sabe, possuem ascendência semita; assim etnologicamente já há uma definitiva disjunção.

Segundo Arlene Clemesha, historiadora e professora de História e Cultura Árabe do curso de Árabe da Universidade de São Paulo, existem três fatores que em graus diversos, podem ajudar na determinação se um indivíduo é considerado árabe ou não: políticos, se ele vive em um país membro da Liga Árabe; linguísticos, se sua língua materna é o árabe; genealógicos, pode-se traçar sua ascendência até os habitantes originais da península arábica.

De acordo com Habib Hassan Touma, um compositor palestino e autor de vários livros sobre música árabe, a essência da cultura árabe envolve o idioma árabe, o islã e tradições e costumes oriundos do arabismo. Ou seja, em sua visão, um árabe, no sentido moderno da palavra, é alguém que é cidadão de um estado árabe, conhece a língua árabe e possui um conhecimento básico da tradição árabe, isto é, dos usos, costumes e sistemas políticos e sociais da cultura árabe.

Quando da sua formação em 1946, a Liga Árabe assim definiu um árabe: "Um árabe é uma pessoa cuja língua é o árabe, que vive em um país de língua árabe e que tem afinidade e simpatia com as aspirações dos povos de língua árabe."

A definição genealógica foi largamente utilizada durante a Idade Média. Ibn Khaldun (1332-1406), um polímata árabe, por exemplo, não utilizava a palavra "árabe" para se referir aos povos "arabizados", mas somente àqueles de ascendência arábica original. Porém não se trata mais de uma definição geralmente considerada particularmente significativa.

As línguas indo-européias, o que provavelmente coincidem, em justa medida com a etnia, são divididas em grupos de Centum e Satem. Línguas centum ainda dividem-se em anglô-saxônica, latina, celta e grega, enquanto as línguas Satem dividem-se em Balto-eslavo, Indo-iraniano, albanês e armênio. Assim, encontramos entre as línguas indo-européias tais espécies amplamente divergentes como o inglês, o alemão, o espanhol, o romeno, o italiano, o francês, o português, o grego, o russo, o persa (farsi), o hindu e muitas outras. Há um grande

número de palavras emprestadas do árabe ao persa, assim como há um grande número de palavras de empréstimo latino ao inglês, mas ninguém classifica inglês como língua latina, como ninguém deve classificar persa como uma língua semítica.

Esta disjunção etnolinguística não é apenas uma hipótese acadêmica. Segundo Thomas Kayes, quem conhece profundamente a região, tem a consciência de que há um olhar árabe bem definido e um perfil iraniano também bem definido e consolidado. Não é infalível, é claro, mas, provavelmente se pode distinguir-los em 75% das ocasiões.

Ainda mais conclusivo é o aspecto histórico. Quando falamos de "história", que geralmente significa registros escritos, podemos afirmar que os iranianos aparecem em cena muito antes dos árabes. Como já foi exposta no terceiro capítulo, a história iraniana se inicia com religiões ancestrais, como o Mitraísmo, Mazdaísmo, Maniqueísmo e o Zoroastrismo; que pavimentaram o caminho para que Ciro, o Grande, fosse o responsável pela construção e consolidação do Primeiro Império Persa. Já os árabes, aparecem pela primeira vez na história escrita em torno de 305 d.C., com as inscrições de Nabateus, embora essas últimas sejam escassas. Sua entrada na história real foi o aparecimento de Mohammed em Meca (570-632 d.C.), seguido de sucessivas expansões territoriais. Ou seja, os iranianos definitivamente não são árabes, muito pelo contrário, iranianos e árabes constituem duas das três grandes famílias étnicas do Oriente Médio.

A relação entre árabes e iranianos sempre foi uma fonte de controvérsia e de antagonismo, não só devido à luta pelo poder contemporâneo na região, mas também por causa de uma longa história de rivalidade que faz parte integrante da memória coletiva nacional de ambos os povos.

Os maiores inimigos históricos dos iranianos são os árabes, que consideram habitantes do deserto, bárbaros, selvagens, rudes, imorais, perversos, bastardos, *tazis*, sem história, incivilizados, incultos. Em contrapartida, os árabes apontam os iranianos como místicos hereges e apóstatas que só sabem e pensam em desestabilizar o Oriente Médio, sendo que a retórica de inúmeros líderes, estadistas e governantes árabes ao longo da história promovem o Irã, estabelecendo-o como seu maior inimigo histórico, o que proporciona que atualmente o Irã se converta em um enorme rival geopolítico, como afirma o jornalista e historiador brasileiro William Waack.

Essa rivalidade entre os dois povos tem ramificações étnicas, culturais e políticas, constituindo um elemento central da identidade iraniana, como aponta Samy Adghirni, em *Os Iranianos*.

Ao analisar os conflitos atuais do Oriente Médio é recorrente o hábito de voltar ao passado, tanto tentando localizar onde exatamente os conflitos tiveram início, como querendo saber precisamente quando e qual foi o estopim. Pois bem, a animosidade árabe-iraniana não seria a exceção.

6.1 A origem de uma discórdia mais que milenar

Nos anos que se seguiram à morte do profeta Mohamed (junho de 632) assistiu-se à expansão árabe no Oriente Médio. Porém, cabe mencionar que, inclusive nos últimos anos da vida do profeta Mohamed, os árabes já haviam começado a realizar várias incursões organizadas às fronteiras dos Impérios Persa e Bizantino, alegando-as como uma suposta resposta a suas constantes ameaças de atacar os árabes em Medina. Ou seja, antes mesmo da morte de Mohamed e do início da Batalha de al-Qadisiyya, iranianos e árabes já viviam se estranhando. Embora essas expedições tenham sido menos frequentes durante a consolidação da Arábia sob o primeiro califa Abu Bakr, seu sucessor, Umar, se interessou pelo norte, dando início às Conquistas Árabe-Muçulmanas. Após uns quantos pequenos êxitos e fracassos, Umar decidiu substituir o general Khalid ibn al-Walid por um membro importante da tribo Quraysh, e enviou um grande contingente árabe para a região a leste do Rio Eufrates, na época parte do Irã, onde se localizam as atuais cidades de Karbala, Najaf, Basra e nada mais, nada menos que a capital do Irã nessa época, a cidade de Ctesifonte; sob a liderança do famoso Sahaba Sa'd ibn Abi Waqqas.

O Irã, governado pela dinastia Sassânida desde 224, estava no caminho desta expansão, sendo um dos futuros alvos da invasão árabe. Em 634, os iranianos tinham logrado repelir uma primeira tentativa de invasão.

Nesse cenário de real ameaça árabe, por volta do ano de 636, o jovem monarca imperador sassânida Yazdgerd III (632-651) ordenou a seu assessor, conselheiro e comandante geral Rostam Farrokhzâd, comandante-em-chefe do exército iraniano que detivesse essa ameaça. Ele, então, conduziu 80.000 homens e os dois exércitos se encontraram no lado ocidental do rio Eufrates, exatamente no povoado de al-Qadisiyyah,

localizado ao sudoeste das cidades de Al-Hillah e Al-Kufa que atualmente constituem duas cidades do Iraque. Ambas as partes iniciaram negociações, nas quais as delegações árabes que visitaram o campo persa solicitaram que eles aceitassem o Islã, ou em sua rejeição, aceitassem pagar o tributo, *yizia*.

Rostam, quem possuía premonições pessimistas, tratou de atrasar a batalha, mas quando nenhum dos dois bandos chegou a um acordo, se desatou o conflito, que viria a ser conhecido na história como Batalha de al-Qadisiyya e que protagonizaria o eterno antagonismo entre duas das grandes famílias étnicas do Oriente Médio, os iranianos e os árabes. Sa'd não participou da batalha, pois sofria de uma doença do nervo ciático, mas de todos modos supervisionou e dirigiu os procedimentos de seu exército do alto de um castelo através de seu delegado Khâlid ibn Urfutah.

O califa Omar enviou 30.000 cavaleiros árabes sob o comando de Sa'd ibn Abi Waqqas contra o exército iraniano, que era reforçado pelos seus vassallos armênios, 3000 homens comandados pelo general Musel II Mamicônio, e 1000 homens de Gregório II Novirak, príncipe de Siunique.

O primeiro dia da batalha terminou com vantagem para os iranianos, e parecia que o exército árabe sucumbiria diante da notável vantagem numérica do exército sassânida. Em particular, os elefantes de guerra que utilizaram esses últimos aterrorizavam a cavalaria árabe, e com êxito criaram uma grande confusão entre seus guerreiros.

No entanto, quando chegou o terceiro dia de batalha, os veteranos árabes da Campanha Síria (que se conduzia quase de maneira simultânea) chegaram ao campo de batalha e reforçaram o exército árabe, e adicionalmente, através de um engenhoso truque, no qual consistia em disfarçar seus cavalos, os árabes conseguiram assustar os elefantes iranianos. Quando um guerreiro árabe conseguiu matar o primeiro dos elefantes, os demais fugiram pela retaguarda, atropelando com seu passo uma quantidade numerosa de soldados iranianos. Assim, os árabes muçulmanos continuaram com seu ataque durante a noite.

Ao amanhecer do quarto dia desatou-se uma tormenta de areia, fazendo com que os rostos dos iranianos estivessem cheios de areia. Rapidamente os árabes conseguiram a vantagem e o centro da linha iraniana cedeu, em particular, graças à ajuda dos arqueiros árabes. Rostam, quem estava dirigindo seu exército deste este lugar, quis escapar nadando através do canal al-Atiq, mas foi capturado por um guerreiro árabe e logo decapitado. Este último, conhecido como Hilâl ibn Ullafah anunciou sua façanha, mostrando a cabeça de

Rostam diante dos soldados, gritando: “Pelo senhor de Kaaba! Matei Rostam! Sou Hilal ibn Ullafah!” Ao ver a cabeça de seu líder diante deles, os soldados iranianos perderam a moral e começaram a fugir, dando lugar a uma devastadora retirada.

Musel III Mamicônio e dois dos seus sobrinhos, bem como Gregório de Siunique, os seus filhos e Shahriyar, da importante família Kanarangiyar, também são mortos. Os generais Hurmurzan, o Medo, e Firuzan, o Parsig conseguem escapar.

A maioria dos soldados sassânidas perdeu sua vida no enfrentamento, outros tantos sobreviveram e anunciaram sua conversão ao Islã, mas ao longo do tempo souberam rebelar-se sintetizando uma interpretação do Islã, sem esquecer as crenças tradicionais iranianas, como já foi exposto neste trabalho. Por outro lado, os árabes muçulmanos protagonizaram um enorme roubo, incluindo o famoso estandarte real com jóias incrustadas chamado de “a bandeira de Kāveh”. Os guerreiros árabes foram desde então conhecidos como “ahl al-Qādisiyyah” e mantiveram um grande prestígio entre as futuras populações e governantes árabes da região do atual Iraque. Um desses exemplos foi o quinto presidente da história do Iraque, Saddam Hussein, como veremos a seguir.

Após a batalha, os exércitos árabes avançaram até a capital iraniana, Ctesifonte (renomeada de Madā'in" pelos invasores árabes), que foi rapidamente evacuada por Yazdgerd após um breve assédio. Quando terminaram de tomar e saquear a cidade, continuaram com seu avance para o Oriente, derrotando os contra ataques sassânidas em Jalûlâ, em Nihâwand e em Vahestâbâd Ardasir (atualmente chamada de Basra pelos árabes), destruindo os últimos suspiros da resistência sassânida, marcando toda a história subsequente do Irã, embora este tenha sido salvo por Ferdowsi como já foi citado em outras passagens.

Os eruditos sugerem que sua lenda tenha crescido por muitas vezes e que toda uma literatura mitológica tenha sido desenvolvida em torno dela. Em particular, a incerteza a respeito da data exata em que ocorreu a batalha. Acredita-se que ocorreu entre 634 e 640 d.C., sendo muito provável que haja ocorrido por volta do ano 636 d.C. Outra dúvida refere-se ao tamanho das forças combatentes, além da pouca menção que recebe nos anais e nas narrativas não árabes islâmicas. Todos estes aspectos sugerem que a percepção atual da Batalha de al-Qādisiyyah difere consideravelmente do evento original. No entanto, não por isso deixa de ser um evento significativo na história e memória do Oriente Médio moderno, a evocação que fez Saddam Hussein desta batalha durante a Guerra Irã-Iraque demonstra o poder emotivo deste antigo enfrentamento, que contribuiu consideravelmente para acentuar as diferenças étnicas, culturais, religiosas, históricas, geográficas e lingüísticas existentes entre árabes e iranianos.

Neste contexto também nasce o que atualmente se conhece como *Anti Iranian Sentiment*, na qual se consiste em sentimentos e expressões de hostilidade, ódio, discriminação e preconceito em relação ao Irã, seus cidadãos e tudo que envolve sua cultura.

Segundo a Enciclopédia Iranica, a palavra "ajam" em árabe se aplica especialmente aos iranianos, possuindo o significado de “murmurar e falar indistintamente”. Algo similar ao uso eslavo de palavras com a raiz root *nem*, para referir-se aos alemães. Em geral, *ajam*, era um termo pejorativo usado pelos árabes devido a sua suposta superioridade social e política no início do Islã. O dicionário Dehkoda também afirma o mesmo, colocando os iranianos como sinônimo de “aquele que murmura”. No entanto, os dicionários árabes afirmam que a palavra “Ajami” é utilizada para todos os não árabes, um termo usado por Ibn Khaldun em seu *Muqaddimah*. Acredita-se que esse último tenha atribuído persas a este significado. Além disso, a palavra “*Ajam*”, em si é derivada da raiz *ajm*, e refere-se a “não ser claro, vago e incompreensível”, em oposição a *Arabi*, que significa “claro e compreensível”, com a língua perfeita.

Patrick Clawson, economista estadunidense e estudioso no Oriente Médio, afirma que os iranianos se irritaram sob o domínio Omíada. Esses pertenciam à aristocracia árabe tradicional, na qual tendiam a casar-se com outros árabes, criando uma estratificação étnica que discriminava os iranianos. Embora os árabes acabaram absorvendo vários elementos da cultura iraniana, adotando a burocracia iraniana tradicional, como por exemplo o governo de sistema sassânida, com seu padrão fiscal eficiente e seu moderno modelo de gabinete de vizires (ministros), o tribalismo árabe desfavorecia rotundamente os iranianos. Como qualquer força ocupante, os invasores acabando transformando os ocupados em cidadãos de segunda classe, onde até eram proibidos de andar a cavalo.

Porém, foi exatamente nessa época de interação cultural, que o Islã integrou padrões culturais e artísticos iranianos. O Irã desempenhou um papel vital durante a subsequente Idade de Ouro Islâmica, produzindo diversos cientistas, acadêmicos, artistas e pensadores influentes. Na verdade, as maiores produções culturais e científicas do que alguns costumam chamar de mundo islâmico vieram da tradição iraniana. Avicena, Saadi, Hafez e Rumi que o digam. Caleb da Silva, estudante de direito da Faculdade do Rio Doce em Governador Valadares relata que não há nada mais sublime que os escritos de Hafez em todo o Oriente Médio.

Segundo o historiador brasileiro, Virgílio Campos, os árabes culturalmente sempre foram fracos, primeiramente argumentando que em matemática os iranianos não apenas

sempre foram mais avançados do que esses últimos, mas também que os ocidentais, e o que conhecemos como “números arábicos” são na verdade “números iranianos e indianos”. Ele continua expondo seu raciocínio dizendo que o Islamismo é uma mistura de Zoroastrismo, Judaísmo e Cristianismo; e que a boa arquitetura presente na Anatólia, Cáucaso, Oriente Médio e Ásia Central é uma mistura de estilos bizantinos, greco-romanos e iranianos. Grandes sábios que os árabes repetidamente se referem como parte de sua história: Avicena e Averróis são, na verdade, iraniano e espanhol, respectivamente. São Tomás de Aquino conheceu Aristóteles através deste último, que lecionava em Genebra após haver brigado com os doutores de Córdoba.

É inadmissível que o Museo do Louvre em outubro de 2012 tenha posicionado as artes iranianas como Ferdowsi, autor de uma obra monumental que acabou revivendo a cultura pré-islâmica heróica do Irã; Omar Khayyam; o grande Hafez, reverenciado por oito gerações de iranianos, por seus poemas de beleza inigualável como presenciamos no segundo capítulo; o mestre dos magos, Zoroastro, que esteve presente na Terra mil anos antes da revelação do Islamismo; em um espaço intitulado “Artes do Islã”. Podemos imaginar estes grandes símbolos da cultura iraniana contorcendo em seus túmulos para ver suas obras apresentadas nesta pseudo-exposição sob o rótulo de "Artes do Islã". Como poderiam os gestores do Louvre, em especial as de seu departamento islâmico, colocar no mesmo saco, as artes de diversas culturas, algumas enraizada em uma história de milhares de anos, e rotulá-los em conjunto, "As Artes do Islã"? Podemos estabelecer três hipóteses: ou constatamos uma grande ignorância dessas culturas; intenções duvidosas; ou um desprezo real para a inteligência e a cultura de seus compatriotas franceses e de seus visitantes estrangeiros. Totalmente enfurecidos com esse episódio, vários iranianos realizaram uma petição desenfreada pelas redes sociais, juntando milhares de assinaturas, enviada posteriormente ao museu, anexada a uma carta escrita pelo historiador iraniano Khosro Khazai, em 25 de outubro de 2012. Para entender melhor o ridículo desta situação, imagine por um momento que a gestão do Louvre houvesse coletado as obras díspares de poetas ou filósofos de diferentes culturas na Europa, como Shakespeare, Molière, Baudelaire, Goethe, Nietzsche, com as artes de diferentes estilos, como móveis de Luís XIV, realismo, impressionismo, expressionismo, cubismo, colocando-os juntos no mesmo grupo com o rótulo de "As artes do cristianismo" Como um francês, reagiria? Os franceses ou melhor, os responsáveis pelo Louvre devem entender que os iranianos estão engajados em uma luta cultural implacável, desde a invasão árabe no longínquo século VII, para seguir reconstruindo sua identidade, como fizeram poetas como

Ferdowsi, Rudaki, Rumi, Hafez; e dinastias como a Samânida, Safávida, Zand; estilhaçada de sua história de milhares de anos. Nesta batalha, as estrelas radiantes da milenar cultura iraniana que incluem descaradamente sob o rótulo islâmico são precisamente os seus símbolos e o instrumento dessa luta. Portanto, é perfeitamente compreensível as ações tomadas por milhares de iranianos ao redor do mundo para que sua cultura fosse realmente reconhecida e respeitada.

Campos acrescenta que os árabes não atacam as chuteiras dos iranianos em nenhuma matéria, perdendo em todas, porém afirma que o problema do Irã são seus últimos governantes, Qajar e Pahlavi (filho), que resultaram na atual República Xiita. Na sua visão, quando o Irã superar o trauma Qajar, dará de dez a zero em toda a “ralé” árabe da região, que considera atrasada, incivilizada, retrógrada e inculta.

A conquista do Irã estava destinada a angariar novas receitas, o que naturalmente, a população nativa, não apreciou essa exploração, muito pelo contrário, resistindo ferozmente aos invasores árabes. Apesar até do enriquecendo islâmico por introdução de elementos culturais iranios, a ocupação continuou gerando tensões, havendo vários levantes contra os árabes, onde governantes foram assassinados e atentos multiplicaram-se. Os iranianos sentiam-se ultrajados por viver sob o jugo de um povo que sempre enxergavam com desconfiança e desprezo. A hostilidade era agravada pelo fato de muitos iranianos sofrerem discriminação mesmo após se converterem a nova fé imposta, onde muitos árabes islâmicos acreditavam que iranianos convertidos não deviam vestir-se com vestimentas árabes, como muitas outras formas de discriminação.

Mu’awiyah, primeiro califa omíada de Damasco, em uma famosa carta dirigida a Ziyad ibn Abih, o então governador de Damasco, escreveu:

Seja vigilante dos iranianos islâmicos e nunca os trate de igual maneira que os árabes. Árabes têm o direito de realizar casamentos com as mulheres deles, mas eles não têm o direito de casar com mulheres árabes. Na medida do possível deve ser entregue aos iranianos as pensões menores e os empregos humildes. Na presença de um árabe, um não árabe não deve conduzir a oração, nem devem ser autorizados a ficar na primeira fila de oração, nem confiar neles na tarefa de guardar as fronteiras ou postos estratégicos.

Os maus tratos aos iranianos e a outros não árabes durante o início da expansão do Islã são muito bem documentados. Para começar, os Omíadas não reconheceram os direitos iguais de um *Muwali* (não árabe), e acreditavam que apenas “sangue árabe puro” era digno de governar. Os árabes nem fizeram qualquer esforço para melhorar as relações com os *Muwali*

depois de realizar tais declarações: “Abençoamos-te com a espada (se referindo à conquista) e te arrastamos para o céu por cadeias de nossa religião. Isto por si só é suficiente para você entender que somos superiores a você.”

Os árabes da dinastia Omíada relataram ter impedido os *Mawalis* de ter *Kunyas* (nomes árabes clássicos). Para eles apenas os árabes podiam ser considerados dignos de possuir um *kunya*. Além desses detalhes, eles eram obrigados a pagar imposto por não ser um árabe:

Durante os primeiros séculos do Islã, quando o império islâmico era realmente um "reino árabe", os iranianos, habitantes da Ásia Central e outros povos não-árabes que se converteram ao Islã em números crescentes como *Mawali* ou "clientes" de um senhor árabe ou clã, teve na prática que adquirir a um status sócio-econômico e racial inferior em comparação aos árabes muçulmanos, embora os *Mawali* tenham se saído melhor do que indivíduos não-muçulmanos do império, a *Ahl al-dhimma* ("povo do livro"). Os *Mawali*, por exemplo, pagaram impostos especiais, muitas vezes semelhantes *kharaj* (imposto sobre a terra), impostos que nunca foram pagos pelo árabe muçulmano.

Foi esse ressentimento que levou iranianos a se aliarem a outros muçulmanos não árabes, como os turcos contra o poderoso Califado Omíada, formado por oligarcas de Meca instalados em Damasco. No século VIII, um general chamado Abu Muslim, iraniano convertido ao islã, partidário de Ali, rebelou-se sob o pretexto de defender Ali, genro e primo do profeta. Era uma revitalização do movimento pelos shiat'Ali, mencionada no quarto capítulo, que pavimentou o caminho para a fundação do Xiismo. O apoio dos combatentes leais a Ali ao insurgente Abu Muslim ajudou a derrubar o Califado Omíada, que foi substituído pela dinastia Abássida, formada por parentes do profeta. Porém, em vez de demonstrar gratidão pelo apoio militar e religioso, abássidas executaram Abu Muslim, em um ato extremamente cruel, que acentuou ainda mais o sentimento de injustiça no imaginário iraniano. O domínio abássida sobre o Irã durou apenas 69 anos em suas províncias orientais, e um século em suas províncias ocidentais. Em 819, como mencionamos no quarto capítulo e mencionaremos ainda no oitavo, a dinastia Samânida emerge como um baluarte do Irã na sua esfera oriental, em detrimento do Arabismo. Em 946, a dinastia iraniana Buyida se sobrepôs aos árabes no sul e no norte ocidental, resgatando a identidade e a cultura iranianas. Foi exatamente nessa época que surgiu a escrita farsi, preservando resquícios do milenar idioma pahlavi. Daí deriva o atual alfabeto usado no Irã.

Na verdade, podemos afirmar que a história dos iranianos depois da invasão árabe está cheia de escravização, opressão e massacre. A ocupação do Irã revelou-se uma missão

extremamente difícil para os invasores, onde esses últimos sentiam deslocados e vulneráveis em um vasto território cuja geografia e clima estranhavam profundamente. Além disso, os muçulmanos, que na época era sinônimo de árabes estavam esbarrando com uma população autóctone que já cultivava um sentido profundo de pátria, possuindo uma consolidada identidade nacional, onde elementos culturais iranianos e a religião zoroastra direcionavam e norteavam a vida nacional iraniana. Para impor uma nova cultura que os iranianos consideravam bárbara, os árabes tinham a consciência que esses aspectos culturais tinham que ser destruídos, pois se isso não fosse concretizado, nenhum membro das gerações futuras iria abandonar a cultura iraniana, consolidada ao longo dos primeiros 1000 anos do glorioso Império Persa, apenas para aceitar o culto que havia sido apresentado pelos invasores. Para isso, os árabes fizeram de seus primeiros alvos as bibliotecas e universidades, na qual milhares de livros, para não dizer bibliotecas inteiras foram queimadas pelos invasores, que os iranianos também denominavam na época, de habitantes do deserto. É exatamente por isso, que atualmente apenas alguns exemplos escritos permanecem para refletir quão devastadora foi a invasão do Irã. Com o intuito de conquistar o Irã e forçar seu culto aos iranianos, os árabes recorreram a métodos bárbaros, como por exemplo, a tentativas de genocídio; escravização de mulheres e crianças inocentes, onde aproximadamente 300.000 meninas e mulheres foram escravizadas e vendidas pelos invasores. Esses, por sua vez, dormiram com jovens inocentes iranianas, deixando para trás muitas crianças. Este é um dos terríveis atos, característicos do inferno de Dante que os árabes deixaram registrados no grande planalto iraniano. A história registraria que a primeira “conquista” deste povo em território desconhecido seria a escravidão de aproximadamente 300.000 jovens inocentes iranianas.

Figura 12 - Árabes omíadas sequestrando mulheres iranianas na época da trágica invasão árabe em 652



Fonte:

<https://www.facebook.com/350024781696629/photos/a.350715128294261.91138.350024781696629/826544680711301/?type=3&theater>

Muitos iranianos acreditam que sua civilização entrou em decadência a partir da invasão islâmica no século VII, que impôs uma religião revelada em árabe e disseminada por árabes, em detrimento da cultura iraniana.

O historiador Abdolhossein Zarrinkoob apresenta uma longa discussão sobre o grande fluxo e influência das vitórias árabes na literatura, idioma, cultura e sociedade do Irã, durante os dois séculos seguintes à invasão árabe. Zarrinkoob descreve os invasores árabes como incivilizados, brutais e sem sofisticação nenhuma; e considera esse período de dois séculos na história iraniana como Dois Séculos de Silêncio. De aí em diante tal expressão se popularizou entre a maioria dos especialistas em historiografia iraniana e iranologia.

Devido ao grande intercâmbio cultural entre árabes e outras populações, como principalmente européias e indianas nos séculos posteriores à expansão islâmica, seus textos com conteúdos pejorativos em relação aos iranianos foram levados e introduzidos a outros rincões do planeta, que em determinados momentos da história alguns governos e seus meios de comunicação usaram em prol de seus interesses econômicos e geopolíticos, como veremos ao final deste trabalho.

Segundo o intelectual iraniano Sadek Zibakalam, “há uma ligação entre o racismo e a falta de educação, este é o caso da Europa, onde as pessoas que expressam o ódio contra os judeus, muçulmanos ou estrangeiros são em sua maioria ignorantes. No entanto, a situação tende a ser diferente no Irã. Os religiosos também freqüentemente expressam seu ressentimento dos árabes, que geralmente vem na forma de palavrões dirigidos a sunitas. Por uma questão de fato, constantes ataques iranianos aos sunitas decorrem de seu ódio dos árabes.”

Ele completa afirmando que esse ódio não é produto do atual conflito hegemônico na região, como muitas pessoas poderiam suspeitar, mas tem suas raízes na história. Os iranianos nunca vão esquecer sua derrota nas mãos dos árabes na Batalha de Qadisiya há 1.400 anos. É como se um fogo continua fervendo sob as cinzas e está esperando o momento certo para explodir. Tal rivalidade também se aplica a aspectos lingüísticos, na qual, o Instituto de Língua Persa foi criado com a intenção de levar a cabo um plano para remover palavras árabes da língua persa.

Sadek Zibakalam acredita que a maioria dos iranianos, de todos os tipos, odeia os árabes, também acreditando que esses odeiam os iranianos. Ele acrescentou que os iranianos criticam também os seus compatriotas que viajam para países árabes. Por exemplo, eles sempre questionam o fato de gastar seu dinheiro em países árabes, embora não fazem o mesmo com a Turquia, onde um grande número de iranianos costuma viajar.

Segundo o historiador Abdolhossein Zarrinkoub em *Two Centuries of Silence*, os árabes sempre objetivaram enfraquecer o Irã, seus poderes e influências de todas as maneiras e níveis possíveis, desde a invasão árabe e a batalha de al-Qadisiyya no século VII até nossos dias. Para mencionar acontecimentos contemporâneos podemos mencionar alguns deles até desembocar na guerra Irã-Iraque

6.2 Guerra Irã-Iraque – O sacrifício da nação pela guerra imposta

Foi exatamente em Bagdá, onde os primeiros nacionalistas árabes, principalmente de descendência palestina e síria, formaram a base de sua filosofia em geral. Proeminente, entre eles eram indivíduos, como Mohammad Amin al-Husayni (o Mufti de Jerusalém) e nacionalistas sírios como Shukri al-Quwatli e Jamil Mardam. Sati 'al-Husri, que atuou como consultor do Ministério da Educação e, posteriormente, como Diretor Geral de Educação e

reitor da Faculdade de Direito, foi particularmente instrumental na formação do sistema educacional iraquiano. Outros proeminentes pan-arabistas foram Michel Aflaq, Khairallah Talfah, Sati 'al-Husri, Salah al-Din al-Bitar, Zaki al-Arsuzi e Sami Shwkat (irmão de Naji Shawkat). Essas personalidades formaram o núcleo e gênese do verdadeiro pan-arabismo.

As campanhas de Sati 'al-Husri contra escolas suspeitas de terem uma posição positiva em relação ao Irã estão bem documentadas. Um exemplo dramático é encontrado em 1920, quando o Ministério de Educação iraquiano ordenou a Husri nomear Muhammad Al-Jawahiri, como professor em uma escola de Bagdá. Um pequeno trecho da entrevista de Husri com o professor é revelador: Husri o perguntou que primeiro gostaria de saber a sua nacionalidade. Jawahiri respondeu que era iraniano e Husri o respondeu que nesse caso não podiam nomeá-lo.

Saddam Hussein forçou dezenas de milhares de pessoas de origem iraniana do Iraque em 1970, filhos de iranianos ou comunidades que residiam na região desde a invasão turca de 1724, a retirar-se do país, após terem sido acusados de espiões para o Irã e Israel. Atualmente muito deles vivem no Irã.

Logo no início de sua carreira, Saddam Hussein e ideólogos pan-arabistas enxergavam nos árabes residentes do sudoeste do Irã uma razão para separar essa província do Irã e juntá-la à “nação árabe”.

Em 2 de Abril de 1980, exatamente meio ano antes da eclosão da guerra, Saddam Hussein visitou al-Mustansiriyyah Universidade de Bagdá e traçando paralelos com a derrota militar do Irã no século VII na batalha de al-Qadisiyyah, ele anunciou: “Em seus nomes, irmãos, e em nome dos iraquianos e árabes em todos os lugares, nós dizemos a esses iranianos covardes que tentam vingar Al-Qadisiyah, que o espírito de Al-Qadisiyah, bem como o sangue e a honra do povo de Al -Qadisiyah que levou a mensagem em suas pontas de lança são maiores do que as suas tentativas.”

Saddam também acusou os iranianos de "assassinar o segundo (Umar), terceiro (Uthman) e quarto (Ali) califas do Islã", de invadir as três ilhas de Abu Musa, Tomb Grande e Tomb Menor no Golfo Pérsico e de tentar destruir a língua árabe e sua civilização”.

No mesmo ano, o rei da Arábia Saudita, Khalid (1975-1982) fez uma declaração pública a Saddam Hussein, na qual consistia: “crush the stupid Iranians” - “esmague os estúpidos iranianos”, com a intenção de empurrá-los para o mais longe possível do Golfo

Pérsico, através de uma invasão orquestrada por Saddam, que daria origem a uma guerra sangrenta que viria a durar oito longos anos.

É verdade que considerações geoestratégicas e do grande jogo de xadrez do domínio mundial foram cruciais para a explosão da guerra. A União Soviética tinha o interesse de enfraquecer o Irã como ator geopolítico para que esse não incentivasse revoluções como a de 1979 em regiões iranianas e islâmicas da Ásia Central que estavam sob administração soviética. Já os Estados Unidos queriam retomar o papel hegemônico que tinham no Irã antes da revolução. Porém, não podemos negar a influência de aspectos históricos nesse conflito sangrento de oito largos anos, na qual, a ancestral animosidade iraniana-árabe jogou um importante papel nesse processo. Saddam Hussein, seu pai ideológico, Khairallah Talfah, e todos os adeptos do Pan-Arabismo tinham o objetivo de anexar a histórica província iraniana de Khuzestan; apropriar de grandes refinarias de petróleo, como a de Abadan, umas das maiores do mundo; dominar politicamente a região; conter a expansão xiita revolucionária; apoderar-se de três ilhas do Golfo Pérsico (Abu Musa, Tomb Menor e Tomb Maior); e de se tornar uma grande potência hegemônica regional.

Tarek Aziz, primeiro ministro iraquiano na época de Saddam Hussein, acrescenta outras causas fundamentais da guerra. Ele começa dizendo que o Irã, sob a direção do Xá, queria impor sua hegemonia sobre o Iraque e todos os países do Golfo. O Xá estava convencido de estar à frente de um país poderoso. Já Khomeini, em contrapartida, tinha uma ideologia que afirmava que, enquanto Imã, devia ser obedecido por todos os xiitas. Aziz continua argumentando que não podemos esquecer que o xiismo duodecimal espera o décimo segundo imã ausente que será o mestre do mundo, e após ter colocado o Irã sob seu domínio, Khomeini quis estender seu poder às sedes religiosas xiitas. Ele afirma que no Islã, há duas espécies de sedes religiosas, aquelas que são comuns ao mundo islâmico, principalmente a Meca; e aquelas que são próprias do xiismo, ainda que sejam veneradas pelos sunitas, embora sem o mesmo grau de idolatria. No Iraque, há quatro desses locais e Khomeini queria colocá-los sob seu poder. Concretamente, isso significava que em uma cidade como Karbala, a cem quilômetros ao sul de Bagdá, deviam evocar o Imã Khomeini todos os dias em suas preces. Tarek Aziz completa dizendo que não podiam aceitar isso, e os iranianos deviam então iniciar essa guerra contra o Iraque para colocar essas sedes sob seu domínio.

Cabe mencionar a enorme importância cultural e histórica da província de Khuzestan para os iranianos. Primeiramente é essencial salientar que Khuzestan apenas pertenceu aos árabes, na época da cruel e devastadora conquista árabe-islâmica da Pérsia entre 636 e 819 e

mesmo assim com uma forte rejeição cultural aos árabes que administravam a região. Se uma autoridade árabe já é questionada, podemos afirmar que a soberania do Iraque sobre a região nunca ocorreu na história. A presença de uma minoria étnica árabe nessa província é um legado de ondas de invasões desde o longínquo século VII e de um processo de arabização forçado estabelecido pelos governantes árabes às populações iranianas que ocuparam a região a oeste do Rio Arvand. É importantíssimo recordar que tais iranianos “arabizados” defenderam o Irã, na guerra provocada pelo Iraque, desaprovando as afirmações de Saddam Hussein antes do início de tal conflito. Além desse relevante aspecto, também cabe mencionar que até em cidades como Ahvaz e Khorramshahr, os iranianos constituem a maioria étnica.

Khuzestan é uma histórica província iraniana, conhecida como a mais antiga província do país, sendo muitas vezes referida como o berço da nação, por ter sido o lugar dos primórdios do Império Persa. Historicamente, Khuzestan é o que os historiadores se referem a ancestral civilização de Elam, cuja capital estava localizada em Susa. O termo “Aquemênida” em Persa antigo para “Elam” foi “Hujjyã”, na qual está presente no nome moderno “Khuzestan”, que significa “Terra do Khuz”, se referindo aos originais habitantes da província, o povo de Susa. Tais inscrições; estão no túmulo de Dario, o Grande; em Naqsh-e Rostam (a Shushan das fontes hebraicas), um sítio arqueológico localizado nessa emblemática região, também considerado o primeiro local sagrado dos povos Elamitas, e depois o local de sepultura dos reis aquemênidas, onde tem sido encontrada toda uma variedade de objetos tanto em cerâmica como os relacionados com o rito funerário que permitem fazer estudos aprofundados dos seus habitantes.

Desde a Revolução Xiita de 1979, uma parcela minoritária dos elementos de grupos árabes anti-governamentais conspiravam na província de Khuzestan em uma tentativa para apoiar o Iraque. Desde outubro do mesmo ano até setembro de 1980, a cidade de Khorramshahr sofreu uma onda de atentados terroristas que chocou a população civil. Em efeito, estas violações e episódios de violência, orquestrados por alguns árabes residentes dessa histórica província iraniana, eram tão freqüentes, que acabou gerando um aumento considerável de tensões entre árabes e iranianos. Isso reflete que embora os árabes residentes do Khuzestan partidários de Saddam fossem uma minoria, eles constituíam uma minoria barulhenta. Finalmente, em 17 de setembro de 1980, o presidente iraquiano Saddam Hussein, declarou que os Acordos de Argel de 1975, que ele mesmo havia assinado, eram totalmente nulos, estabelecendo as bases da guerra que iria acontecer dias depois.

Com o intuito de atrair adeptos à guerra e ao sentimento anti-Irã, Saddam Hussein reviveu um panfleto escrito em 1940, chamado, “As três coisas que Deus não poderia ter criado, os persas, os judeus e as moscas”. Tal panfleto foi amplamente divulgado na época de Saddam Hussein, como uma forte propaganda de guerra. Em 1981, após o início da guerra, o Governo Republicano Iraquiano e o Ministério da Educação o distribuíram como parte de um livro para crianças em quase todas as escolas do país. O texto escreve os persas como Deus criou os animais em forma de seres humanos. O que pode parecer um detalhe para alguns, o panfleto foi um importante aspecto midiático inserido no aparelho ideológico na arma de guerra de Saddam Hussein, na qual revivendo aspectos históricos e profundas rivalidades étnicas trouxe para a sua causa muitos adeptos, aumentando consideravelmente seu apoio popular. Essa intensa campanha de propaganda de seu reinado fez com que muitas crianças de idade escolar fossem ensinadas que o Irã provocou o Iraque a invadir e que a invasão foi plenamente justificada. Até as notas de 25 dinares viraram propaganda de Saddam contra os iranianos, onde vinha estampada uma imagem da antiga batalha de al-Qadisiyyah, junto com uma imagem do então presidente iraquiano. A política externa de Saddam Hussein sempre se caracterizou por seu tremendo ódio contra os iranianos em geral.

Figura 13 - Nota iraquiana de 25 dinares, com a Batalha de al-Qadisiyyah retratada no fundo

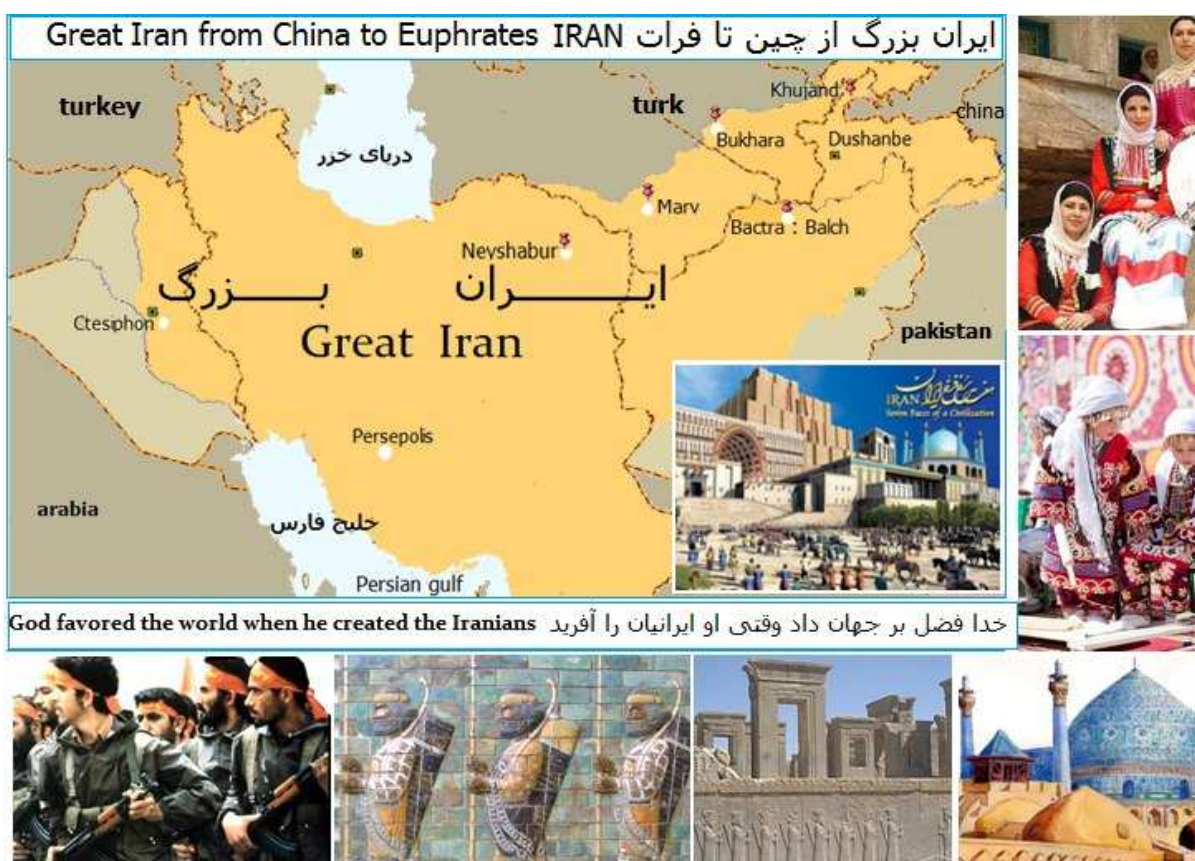


Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Iran%E2%80%93Iraq_War

Em resposta e como uma forma de retaliação a esse panfleto árabe da década de 1940, os iranianos produziram sua própria versão que veio a ser titulado de “Deus favoreceu o mundo quando criou os iranianos”. Nessa obra, é exposta todas as grandes realizações e façanhas do povo iraniano, sua enorme efervescência cultural e científica; seu orgulhoso

passado sete vezes milenar; a forte consciência política de seu povo; seu consolidado sentimento de pertencimento a uma nação; o heroísmo de seus grandes líderes, estadistas, governantes, mártires e heróis; e o legado que o Irã proporcionou para a humanidade.

Figura 14 – Capa do panfleto iraniano de retaliação ao panfleto anti-Irá disseminado pelo governo de Saddam



Fonte: Sepideh Farnoudi

Tal guerra, de grande impacto para toda a região obviamente possui diferentes nomenclaturas em ambos os países. No Irã, ela é conhecida como Guerra Imposta (em Farsi Yang-e-tahmilí), Sagrada Defesa (Defa-e moqaddás) e Vingança Militar de Al-Qadisiyyah, já no Iraque, o presidente Saddam Hussein inicialmente a intitulou Guerra Relâmpago, embora também ficasse conhecida como al-Qādisiyya de Saddam, em referência a antiga Batalha de al-Qadisiyya, uma guerra de enorme importância histórica para o antagonismo cultural, étnico, religioso e histórico, que existe entre iranianos e árabes, como já vimos anteriormente e como afirma o cientista político Sadek Sibakalam.

Com a ajuda de grandes doações e empréstimos dos estados árabes da região do Golfo Pérsico, principalmente da Arábia Saudita, e o subministro de armamento, entre outros da

União Soviética, Estados Unidos, Turquia, Paquistão, Alemanha e França, o Iraque, empreendeu uma invasão por terra, enquanto sua força aérea atacava cidades iranianas e instalações petrolíferas. O Irã tomou represálias contra os estados que apoiavam o Iraque, enquanto Saddam buscava implicar outros países no conflito, sobretudo do mundo árabe, enfatizando-os o *Anti Iranian Sentiment*. O Iraque, que já dispunha de pesados armamentos soviéticos, recebeu apoio técnico e armamentos dos Estados Unidos para que pudesse empreender sua invasão ao Irã.

Saddam Hussein construiu um monumento anti-iraniano chamado Mãos da Vitória, em Bagdá, em 1989, para comemorar a sua declaração de vitória sobre o Irã na guerra Irã-Iraque. Pois bem, vitória apenas na cabeça desregulada de Saddam Hussein. Segundo muitos historiadores tal conflito não possuiu vencedor, mas é importante aclarar alguns detalhes. O Iraque foi o responsável pela guerra. Dois anos depois sugeriu um cessar-fogo, negado pelo Irã, que exigia pesadas condições. Primeiro exigia que o Iraque assumisse ser o responsável pelo conflito. Segundo, a queda e destituição de Saddam Hussein. Terceiro, o Irã conscientizou-se da real possibilidade de apoderar-se de seus históricos santuários em Karbala e Najaf; de sua ancestral capital sassânida de Ctesifonte; de seu histórico assentamento persa de Vaheštābād Ardašīr (atualmente a cidade de Basra); e obviamente de suas terras curdas, na qual se destacam as cidades de Mosul, Erbil e Kirkuk. Tais pretensões irredentistas, e as exigências para que o Estado iraquiano assumisse a culpa de origem do conflito e destituísse seu presidente, estenderam a guerra até 1988. Além desses detalhes, o Iraque contou com o apóio de 48 países, como Turquia, Paquistão, Israel, Estados Unidos, Egito, Inglaterra, Arábia Saudita, Indonésia, França, Itália, Alemanha, União Soviética, além de outras monarquistas absolutistas árabes do Golfo Pérsico que vivem sob influência saudita. O Irã por sua vez teve o apoio da Síria; Coreia do Norte, Líbia; de uma boa quantidade de tadjiques; e de três importantes organizações políticas, como o Partido Democrático do Curdistão, a União Patriótica do Curdistão e o Partido Xiita Dawa.

Desde que Saddam Hussein chegou ao poder através de um golpe de estado contra o presidente Ahmed Hassan al-Bakr, buscava empreender uma guerra com o Irã. O Iraque possuía um exército bem equipado e treinado; e o Irã, em contrapartida, encontrava-se em condições antagônicas. Ou seja, se Saddam quisesse atacar o Irã, esse era o momento adequado e propício.

Primeiro é importante mencionar que o Irã acabava de haver protagonizado uma revolução, o que culminou acarretando-lhe injustas e severas sanções econômicas e militares

impostas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), como analisaremos no nono capítulo, enquanto o Iraque era capaz de comprar armas livremente. Segundo, o governo iraniano nem se havia formado oficialmente, as instituições governamentais não se haviam estabelecido. O Exército nacional estava totalmente descomposto. Um dos problemas do Exército iraniano a princípios da guerra era o de seus comandantes, na qual para a nova República Xiita que estava organizando-se entre os comandantes militares do regime Pahlavi, apenas alguns opositores do regime anterior eram apropriados para seguir em seus postos. Além do que, 40 mil conselheiros estadunidenses que formavam a coluna vertebral do Exército haviam sido expulsos do país após a revolução de 1979. Outros comandantes militares haviam escapado do país, outros tantos estavam aposentados ou destituídos de seus cargos. O sistema de recrutamento já não funcionava e parte das forças militares do país estava envolvida nos distúrbios internos, principalmente contra a organização terrorista e traidora, Organização dos Muhahidin do Povo Iraniano. Outro problema é que, como nos tempos do xá, especialmente nos últimos suspiros de seu reinado, a monarquia havia colocado o exército contra a nação, o que resultava que a população não enxergava o exército com bons olhos, acreditando que o melhor seria a redução do exército e a diminuição de seus poderes. Aproximadamente de 90 a 95% dos principais comandantes que encabeçavam o exército do xá fugiu do país. Outros pelo grande apego que sentiam pelo regime anterior ou se aposentaram, ou se demitiram. Ou seja, se estava formando um novo Exército. O corpo do Exército dos Guardiões da Revolução acabava de formar-se, dispondo de um baixo número de soldados e apenas duas semanas de treinamento militar.

A resistência inesperada e espontânea da cidade de Khorramshahr, primeira frente de batalha dessa guerra, apenas dispunha de armas de pouco peso, como armas tão insignificantes, como fuzis M1 Garand, granadas e Coquetel molotov. Khorramshahr foi a cidade mais resistente, e por ser a primeira na rota do exército iraquiano e no apetite bélico de Saddam Hussein, ela foi importante para expor aos invasores que eles não encontrariam facilidade. E pelas circunstâncias apresentadas, de desequilíbrio entre as forças no início da guerra, podemos considerar que tal batalha nessa cidade foi algo inédito na história, pois além dos iranianos não possuírem nenhum tipo de arma pesada, os iraquianos tinham tudo planejado, inclusive haviam escolhido um nome árabe para a cidade de Khorramshahr, "Mahmare". Ou seja, planejavam realizar o mesmo com o que fizeram com o histórico assentamento persa de Vahestâbâd Ardasir, e com a ancestral capital do Irã Sassânida de Ctesifonte, onde as re-nomearam pelos nomes de Basra e Madâ'in" em 636, respectivamente.

As tropas iraquianas marchavam cantando cânticos que diziam que “Mahmare” pertencia à grande nação árabe. Aí, durante quase dois meses, os comandos iranianos, os próprios habitantes, crianças, adolescentes e inclusive as mulheres (que possuem um significado substancial na resistência iraniana diante de seus invasores na história do país, pela sua valentia, o que as proporcionou a alcunha de “leoas”), defenderam sua terra com todas suas forças. A batalha de Khorramshahr foi algo singular e sua resistência foi espetacular, dando lugar à formação do “Estado de guerras desordenadas”, as famosas guerrilhas e a união popular contra o Iraque, os árabes e o Pan-Arabismo, algo que foi realmente de grande importância na psicologia nacional iraniana da época.

Como aponta o vice-presidente do Centro cultural da Sagrada Defesa da cidade de Khorramshahr, Abbas Harbi, durante 19 meses essa cidade sobreviveu sob as pressões do inimigo e depois desses 19 meses que pareceram uma eternidade, regressou ao seio da pátria. Em relatos de prisioneiros iraquianos, consistiam teorias que o então presidente do Iraque afirmava estar disposto a perder todos seus frentes, menos o da cidade de Khorramshahr, na qual Saddam Hussein a considerava uma carta na manga, um ato estratégico para poder negociar com o Irã.

Segundo a visão de Bagdá, tal cidade devia ser conquistada em dois dias, sendo que os otimistas pensavam que tomariam a cidade em 24 horas. O Exército iraquiano imaginava que atingiria esse objetivo através de dois batalhões, atacando com várias tropas auxiliadas de infantaria mecanizada, ataques aéreos e de artilharia muito intensos em um ou dois dias como máximo. Porém, a resistência das Forças iranianas resultou que os conflitos durassem 34 dias, onde homens e mulheres defendiam suas terras, não permitindo que a cidade caísse em mãos inimigas. Cada dia, o Exército iraquiano sofria perdas muito fortes. O Irã também perdia muitos soldados, vários outros resultavam feridos, mas todos resistiam até seu último suspiro. Um dos protagonistas dessa resistência foi Mohammad Jahanara, um proeminente comandante do Corpo de Guardiões da cidade. As recordações e memórias sobre sua indiscutível resistência em Khorramshahr formam parte da história do Irã contemporâneo. Ele fez tudo o que estava a seu alcance para impedir o acesso das forças invasoras, no caso as tropas do Exército iraquiano.

Seu pai, Seyed Hedayatolá Yahanará, afirma que muitos dos presentes na batalha que libertou a cidade contam que durante o conflito viam a Jahanara em todas as frentes, onde lhe perguntavam “o que você faz para estar em todas as partes, em todos os lados? Você voa?” . Ele acrescenta que Saddam atacou a cidade com 400 tanques e várias tropas e por ter um

cunhado que sabia o árabe, podia entender, ao escutar os diálogos e conversas do Exército iraquiano. Saddam ordenava a seus comandantes que em uma semana deveriam estar em Teerã. Jahanara enfrentou-se contra eles com o auxílio de 3000 soldados. O Líder Supremo do Irã, o Imã Khomeini, havia confirmado que Saddam, uma pessoa tão importante não pode proteger Bagdá em cinco dias, mas Jahanara pode mudar o destino da guerra com as mãos vazias. Os comandantes iraquianos em réplica à pergunta de Saddam: “por que não podem dominar a cidade de Khorramshahr?”, afirmavam que há um jovem de 27 anos chamado Mohammad Jahanara que os impede. Ele foi um dos últimos soldados a abandonar a cidade antes que essa caísse em mãos inimigas.

Com o triunfo da Revolução em 1979, políticos da capital, foram a Khorramshahr, por ordens do Imã Khomeini, para formar o Corpo de Guardiões da Revolução na região. Khomeini perguntou ao senhor Abasi, o então prefeito da cidade, se conhecia alguém para nomeá-lo comandante do Corpo de Guardiões. Ele respondeu que não conhecia ninguém melhor que Mohammad Jahanara. Então, o Imã, o nomeou comandante do Corpo de Guardiões de Khorramshahr. Infelizmente, Mohammad Jahanara, que havia jurado, prometido e estava totalmente seguro e convicto que trairia de volta sua cidade para os seios de sua pátria não pode desfrutar o júbilo que se encontrava nas ruas após a exitosa tentativa de reconquista de Khorramshahr, que se deu a cabo, através de uma famosa operação, que viria a ser conhecida na história como, Operação Beit ol-Moqaddas. Seus colegas, amigos, companheiros de toda uma vida, que estiveram com ele durante todo o processo de defesa da cidade desde as primeiras batalhas cantavam “Mohammad, não estavas para ver a libertação da cidade!!”, (Mammad nabudi bebini, shahr azad gashte, em Farsi). Mais tarde, um poeta iraniano, Javad Azizi, imortalizaria essa frase em uma canção agregando mais versos em homenagem a Jahanara e à libertação de Khorramshahr.

Um outro protagonista da Batalha de Khorramshahr foi Mohammad Hossein Fahmideh, na qual seria reverenciado e conhecido como um herói do Irã, sendo um ícone da Guerra Irã-Iraque. Fahmideh tinha 13 anos de idade quando deixou sua cidade natal de Qom, no momento de início da guerra contra o Iraque em 1980. Ele tomou tal decisão, de abandonar seu lar, e ir para o sul do Irã, para ajudar na defesa de seu país, sem a permissão de seus pais. Nessa cidade sitiada esteve ao lado de outros soldados, onde as Forças iraquianas empurraram as tropas iranianas para que voltassem a cruzar o estuário. Muitos dos soldados iranianos estavam mortos ou feridos pelos fortes ataques orquestrados pelo Exército do Iraque, quando Mohammad Hossein Fahmideh tomou uma granada de um cadáver próximo, puxou a chave e

saltou em direção a um tanque iraquiano, tirando sua própria vida e desarmando o tanque. Isso ocasionou que os iraquianos pensassem que os iranianos haviam minado a área, resultando a que desistissem do avance da divisão de seus tanques. Muitos garotos menores de idade, inspirando-se no martírio de Fahmideh, começaram a se alistar e atuaram no processo de detonação de minas terrestres, limpando campos minados como “ondas humanas”, deixando o caminho livre para que os soldados maduros e experientes pudessem avançar sobre o inimigo. Nos anos seguintes a sua morte, vários murais foram pintados em todo o Irã, bolsos de livros que mostravam sua imagem foram vendidos e um selo de correio foi emitido em sua memória em 1986. O Imã, Khomeini, declarou Fahmideh, um herói nacional iraniano, e um monumento a Fahmideh foi construído e erguido nos arredores da capital Teerã, resultando que atualmente esse lugar tenha se convertido em um destino para peregrinação de jovens iranianos.

Segundo aponta o pai do mártir Mohammad Jahanara, a vitória do Irã foi fruto do sacrifício dos jovens que perderam sua vida para poder ganhar essa guerra. É exatamente nesse contexto e cenário que nascem os mártires dessa emblemática guerra, sendo Mohammad Jahanara e Mohammad Hossein Fahmideh dois dos principais personagens desse capítulo de heróis da sete vezes milenar história iraniana.

Biyan Nobave, repórter de um canal televisivo iraniano durante a guerra, afirma que muitas das violações dos direitos humanos, que cometeram os iraquianos foi justamente nos primeiros dias da guerra, devido as debilidades iranianas, onde deixaram sem lar a milhões de pessoas na região fronteira, principalmente na cidade de Khorramshahr, o que era, emocionalmente um golpe baixo para a nação iraniana. Nesse contexto, mais precisamente em 26 de outubro de 1980, na tomada momentânea de Khorramshahr, soldados e comandantes iraquianos, desalojaram indefesos civis e posteriormente, formaram um comitê chamado “Comitê de Evacuação de Bens”, mediante o qual, bens de 25 mil vivendas se trasladaram a Basra, e após serem vendidos, o dinheiro arrecadado foi transferido às contas bancárias do Exército iraquiano. O Exército invasor, após a ocupação momentânea da parte administrativa e central da cidade saqueou mais de 700 mil toneladas de mercancia, além de 500 automóveis, provenientes do estrangeiro do enorme porto de Khorramshahr.

Após a posse da cidade de Khorramshahr, as tropas iraquianas seguiram rumo à importantíssima cidade de Abadan. Tal cidade possui as maiores reservas de petróleo, gás, gasolina e produtos petroquímicos do Irã. A maior refinaria do mundo encontra-se nessa cidade. Embora os Estados Unidos tenham contribuído para a Revolução de 1979, após a

consumação dessa última, o governo revolucionário protagonizou uma série de nacionalizações, que englobou indústrias e bancos, e dava sinais para a implantação de uma Constituição que estipulava que setores-chave da economia nacional, como hidrocarbonetos, mineração e indústrias estivessem atrelados ao controle estatal, onde a livre iniciativa, segundo a Carga Magna proposta, devia se restringir a agricultura, comércio e serviços. Isso causou um pânico nos Estados Unidos e na Inglaterra que queriam continuar desfrutando dessa refinaria, do gás e do petróleo iraniano. Ou seja, para isso incentivaram Saddam Hussein para que esse orquestrasse a guerra de encomenda dos Estados Unidos e das potências ocidentais. Dessa maneira podemos estabelecer um paralelo com a Operação Ajax, um golpe de Estado realizado pela CIA e pelo MI6, que teve o apoio do general Fazlollah Zahedi, do próprio Mohammad Reza Pahlavi e outras personalidades nefastas que se venderam contra seu país por prestígio e dinheiro; contra Mossadegh. Nesse caso, o Irã era Mossadegh; e Saddam era o último xá e o general Zahedi. Resumindo esse enredo, caso o Iraque vencesse a guerra, embora a cidade de Abadan ficasse localizada em território iraquiano, sua riquíssima refinaria iria ser entregue para as grandes empresas petrolíferas dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outros aliados, onde o Iraque iria receber uma porcentagem mínima no lucro em decorrência da venda do petróleo.

As Forças iraquianas estavam com um enorme apetite bélico. Em uma das tentativas de Saddam, para uma exitosa ofensiva contra o Irã na frente norte entre 12 e 22 de março de 1981, o Iraque disparou dois foguetes 9K52 Lua-M de superfície a superfície contra as cidades iranianas de Dezful e Ahvaz. Poucos dias depois deste ataque, os comandantes iranianos das asas de combate tático 31º e 32º na Base Aérea Tática Shahrokhi, próximo a Hamadan, planejaram um contra-ataque, que viria a marcar a história da aviação mundial.

Apesar das Forças Terrestres iraquianas seguirem avançando, as forças aéreas do Irã, em 4 de abril de 1981 protagonizaram uma enorme operação denominada “Operação H3”, na qual consistiu em um ataque surpresa às instalações militares iraquianas situadas próximas à fronteira com a Jordânia. Saddam Hussein, tendo em conta as ameaças que sentia, por parte das forças aéreas iranianas, havia depositado uma série de seus aviões próxima à região fronteira com a Jordânia. Ele nunca imaginava que os aviões iranianos pudessem chegar a essa região. A operação H3 foi algo incrível, na qual se pode dizer que ao longo da história da aviação, operações como essas foram concretizadas pouquíssimas vezes.

Segundo a inteligência iraniana, a Força Aérea iraquiana eliminou a maior parte de seus ativos valiosos em sua base aérea de Al-Walid na rodovia Bagdá-Amã, parte do

complexo H-3. Aí havia pelo menos dois esquadrões equipados com dez Tu-22B e pelo menos seis Tu-16 bombardeiros pesados, assim como outras unidades com Mig-23BN e Su-20 que foram escondidos, provavelmente fora do alcance da Força Aérea iraniana. Para a operação contra Al-Walid, as 31ª e 32ª asas de combate tático empregaram equipes F-4E Phantom, quatro F-14 Tomcat, um Boeing 747 como posto de mando aerotransportado e três aviões sistema Boeing 707. O Irã sinalizou que os interceptores de defesa aérea do Iraque não era geralmente muito ativo, especialmente no norte do Iraque, pelo que se elaborou um plano para aproximar-se a outras regiões. Ademais dos interceptores iraquianos, os pilotos iranianos tiveram que ser cuidadosos para evitar os mísseis antiaéreos SAM com o fim de alcançar seu objetivo. Al-Walid estava a quase 700 quilômetros de Hamadan e os Phantoms tiveram que sobrevoar Bagdá, a capital iraquiana. Para aumentar suas possibilidades de êxito, os comandantes iranianos decidiram direcionar seus aviões, TAB2, à Tabriz, e logo desde essa cidade iraniana, teriam uma rota mais limpa que passava por Mosul e Kirkuk até o complexo H3. Dado que os Phantoms não podiam chegar a seu destino sem restabelecimento de combustível no ar, dois aviões Boeing 707-3J9C tiveram que ser enviados a Turquia com o propósito de ajudar à operação mediante o comprimento dos atacantes em alguma parte do norte iraquiano. A operação começou nas primeiras horas do dia 4 de abril de 1981. Uma formação de oito F-4E, acompanhando por dois reservas aéreos iniciaram sua viagem desde Tabriz e entraram no Iraque. Dois pares de F-14, Tomcat voaram a baixa altitude sobre a fronteira na espera de sua volta. Algum tempo antes dos Boeing 707 partiram do Aeroporto Internacional de Istambul, na Turquia, oficialmente com o objetivo de regressar ao Irã, e clandestinamente desviaram da rota comercial internacional objetivando voar ao Iraque. Voando a uma altura baixa entre as montanhas do noroeste do Iraque, os dois aviões cumpriram sua missão de abastecer à formação Phantom, antes de escapar sem um incidente até Tabriz. Logo os F-4 se dirigiram ao complexo iraquiano H-3. Os Phantoms dividiram sua formação em duas sessões procedentes de várias direções diferentes e atacaram diferentes partes do complexo. Primeiro bombardearam as duas pistas em Al-Walid com o fim de bloquear a aterrissagem dos pilotos iraquianos. Ademais, as bombas se utilizaram para destruir vários galpões de armazenamento. Entretanto, as bombas do segundo grupo de Phantoms destruíram três galpões de armazenamento grandes, dois radares e cinco estações de bombardeios. Posteriormente outros aviões estacionados foram metralhados. O fogo iraquiano ainda não havia reagido por completo, seu fogo antiaéreo era fraco, e os Phantoms tiveram tempo suficiente para fazer múltiplos ataques. Irã afirmou que 48 aviões iraquianos foram destruídos ou gravemente danificados ao fim do ataque.

Depois do ataque a formação iraniana voltou à suas próprias bases. Nenhum dos aviões iranianos F-4E foram danificados durante o ataque a Al-Walid e embora muitos interceptores iraquianos se lançaram contra eles, nenhum deles conseguiu frear os avanços dos Phantoms. O ataque iraniano contra Al-Walid é a operação mais exitosa iraniana contra qualquer base aérea desde 1967. Nessa emblemática missão, oito aviões foram responsáveis pela destruição de um grande número de aviões inimigos em terra, aniquilando 95% da Força Aérea de Saddam. Segundo o piloto líder do grupo de aviões do ataque conduzido na Operação H-3, Faryolá Baratpur, através desta operação, entre muitas coisas, o Irã pretendia dar uma lição ao presidente iraquiano, que os iranianos são capazes de destruir qualquer coisa, em qualquer parte do Iraque. O comando de defesa aéreo iraquiano afirmou mais tarde que interceptores da Síria estavam ajudando aos iranianos durante o ataque, e seu radar seguiu aos Phantoms pela duração de 67 minutos, uma hora e sete minutos.

Após a destituição do primeiro presidente da história iraniana, Abolhassan Bani-sard, que havia se aliado aos integrantes da Organização dos Mujahidin do Povo Iraniano; e a instituição de Ali Khamenei, que ocupou o cargo após o assassinato de Mohammad Ali Rajai; o panorama da guerra começou a mudar drasticamente, ocasionando sucessivas vitórias para as Forças iranianas. Isso se deve principalmente à instituição de Mohsen Rezaee como Comandante em Chefe do Corpo da Guarda Revolucionária Xiita e ao início da colaboração entre o Corpo de Guardiões e o Exército. Ali Sayad Shirazi regressou ao Exército como comandante das Forças Terrestres e colocou fim às desordens do Exército e do Sepah (Guardas Revolucionárias ou Corpo de Guardiões), estabelecendo um acampamento em comum de operação para ambos. Assim começa a cooperação entre os dois grupos. Ali Sayad Shirazi sempre se caracterizou pela sua religiosidade e por seu grande amor pátrio, o que contribuiu para que atuasse com muita intensidade nos frentes. Mohsen Rezaee acabou exercendo essa função por 16 anos. No início, quando lhe foi entregue essa missão, a Guarda incorporava quase 30 mil guardiões e basijs. Tal operativo não dispunha de nenhuma organização militar, brigada, divisão ou artilharia. Porém, esta instituição ressuscitou sob a administração de Rezaee, onde as forças revolucionárias, ao darem conta da mensagem do Imã Khamenei para uma união geral sentiram a responsabilidade de instruir e organizar o povo, adolescentes, jovens, civis, homens e incluso mulheres, crianças e anciãos dispostos a lutar pela recuperação de cidades sagradas, formaram uma altíssima mobilização popular e a denominaram Basij. Na verdade, podemos afirmar que, o ataque iraquiano, em vez de enfraquecer o novo regime, uniu a nação em torno dele, onde iranianos, patriotas por

natureza, de todos os meios e credos cerraram fileiras para repelir o inimigo. Inclusive membros de torcidas rivais, como dos clubes mais importantes do país, que protagonizam o maior derby/clássico nacional, Perspolis e Esteghlal (o antigo Taj, coroa em Farsi), se uniram em prol da defesa da pátria. Essa mobilização em massa tornou-se a maior arma do Irã diante de um inimigo teoricamente mais forte e melhor equipado.

O Corpo de Guardiões começa a organizar seus batalhões e brigadas, por meio de seus criadores, encabeçados pelo jovem Hasan Begheri. Esta estruturação se desenvolveu para atrair várias camadas da população. Hasan Begheri, mais conhecido como o fornecedor de água dos militantes bajis, foi um dos comandantes mais famosos do Irã e desempenhou um papel primordial como comandante de dois acampamentos. Antes da guerra, trabalhou no jornal “Yomhuri”, que significa “República”, desde o princípio, ou seja, desde a fundação do jornal. Acabou exercendo por 18 meses a profissão de jornalista. Suas primeiras aparições na guerra, foram como jornalista e fotógrafo desse jornal. O Imã Khamenei, que atualmente é o Líder Supremo do Irã, naquela época, exercia a função de representante do presidente no Corpo de Guardiões, na qual acabou conhecendo Hasan Begheri mediante o jornal República, vendo no jovem muita inteligência e dinamismo, sendo muito apropriado para assuntos de segurança e inteligência. Por esses detalhes, Khamenei, o apresentou a Rezaee. Em 23 de junho de 1983, Hasan Begheri foi assassinado em uma trincheira ao ser alcançado por um cruel ataque das tropas iraquianas a idade de 27 anos. Seu nome foi elevado a um dos grandes mártires da Guerra Imposta, Sagrada Defesa ou Vingança Militar de al-Qādisiyyah, como viria a ser conhecida a guerra no Irã.

O Basij, que literalmente significa “mobilização”, é uma força militar e não se limita a uma série de pessoas em concreto. Eles podem pertencem a qualquer estrato social. O Basij, obra meliante a sua profunda fé e solidariedade, característica típica dos iranianos, onde sempre analisam a atitude do inimigo e quando consideram o momento propício entram em ação em uma visão de acordo com os preceitos que estabelecem sua identidade nacional, se preparam para lutar contra o inimigo. Mohsen Rezaee, consolidou todas as milícias revolucionárias na época da guerra, praticamente formando um exército popular. O que atuou como uma veia principal que proporcionava o sangue necessário para a sobrevivência do Corpo dos Guardiões foi o grupo Basij. Gente que até esse momento havia exercido suas atividades como estudante, funcionário público, ou professor universitário. E com a introdução deste elemento na guerra, passaram a transpassar os marcos de uma guerra clássica, formando-se assim uma resistência popular.

Já no segundo ano da guerra, em 1981, pouco a pouco, se nota, nos frentes, mais ordem e coerência, e o Sepah, começa a desempenhar um papel mais importante. Na geografia bélica, Khorramshahr era o ponto mais importante que havia caído em mãos iraquianas. Era um porto muito importante, um ponto realmente estratégico e os iranianos para libertar essa cidade, primeiro deveriam libertar outras cidades, como por exemplo, Abadan, que se encontrava sitiada. Então, primeiramente, os iranianos se prepararam para recuperar a histórica cidade de Abadan, que ainda vive no espírito do imortalizado Dr. Mossadegh. Durante uma operação que durou três dias, o Irã pode romper o assédio de Abadan, depois de quase um ano, e acabar com os sonhos de Saddam quanto a tomada de outras cidades a leste do Rio Arvand Rud. Para colocar um verdadeiro fim ao nefasto assédio de Abadan, no eixo de Darjuin, se realizou uma limitada operação, denominada Comandância Geral das Forças Armadas. Limitada, pelo fato de que se realizou com o mínimo de meios e soldados, mas foi muito proveitosa. Após essa operação, os soldados iranianos recuperaram sua autoconfiança e começaram a organizar uma operação muito maior chamada “Semen-ol-Aeme”, que significa “o oitavo imã”, que se desenvolveu entre 27 e 29 de setembro de 1981. Havia três brigadas do Exército e três do Corpo de Guardiões. A artilharia e os arsenais que dispunham ambas as partes estavam administrados em conjunto, sendo a primeira e maior operação conjunta, na qual o Irã pode ocupar todas as posições iraquianas. As tropas iranianas se enfrentaram contra 30 batalhões iraquianos, e após romper o assédio de Abadan abriram duas importantes rodovias, a de Abadan-Ahvaz; e a de Abadan-Mahshahr. Essa enorme operação contribuiu à reconquista de mais de 150 quilômetros de território iraniano. Nesse momento, o Iraque perdia mais de 2000 de seus soldados; uma grande quantidade fugiu do campo de guerra; e mais de 2000 foram capturados. Isso produziu a obtenção de mais de três batalhões de equipes militares, arsenais de guerra de munições, na qual foi conduzido até a frente de “Zolfagharie” de Abadan, onde estavam posicionadas as tropas iranianas, através do Rio Karun. O Irã não permitiu que o inimigo respirasse, foi uma operação a queima roupa, muito bem sucedida que desempenhou um crucial papel na desenvoltura da guerra.

Figura 15 – Tanques capturados do Exército iraquiano durante a Guerra Irã-Iraque



Fonte: o próprio autor, no Saadabad Palace, em Teerã.

A operação de Tariq al Qods, foi outra das operações conjuntas, entre o Sepah e o Exército, ministradas entre 29 de novembro e 7 de dezembro de 1981. Alguns dos objetivos principais de dita operação era entre outras coisas, a libertação da cidade de Bostan, a libertação de quase de 70 aldeias e cinco mil nômades locais; impedir o acesso do inimigo de norte a sul; e a recuperação do Estreito Chazave e do acesso a Khorobaze. Em contrapartida, o que realizou o Iraque para frear os avances das tropas iranianas? Preparou-se em Khorramshahr para a sua defesa, imaginando que as próximas operações das Forças iranianas acudiriam a esta cidade. Porém, na realidade, os iraquianos, deram uma volta em toda uma região, e na cidade de Bostan, se desenvolveu, uma das operações mais importantes do sul do Irã, proporcionando que o Irã fosse capaz de eliminar uma importante rota de abastecimento. Isso foi extremadamente crítico para o Iraque, principalmente pelo fato de não possuir bastantes soldados em uma larga linha de frente, perdendo 2500 deles. Essa operação teve como resultado a libertação de cidades tão importantes como Bostan e Dashte Azadegan; e a aproximação de suas Forças, pela primeira vez, a um ponto fronteiriço no Estreito de Chazave. Ao meio-dia do domingo, 29 de novembro de 1982, a cidade de Bostan e 70 de suas aldeias foram reconquistadas pelas Forças iranianas e depois de 14 dias, a zona operativa dessa operação foi limpada da presença das tropas iraquianas por completo. Em 3 de dezembro, a Operação Tariq al Qods terminou vitoriosamente. Em tal operação foram reconquistados 800 quilômetros quadrados do território iraniano; e 180 tanques e 4

helicópteros do Exército iraquiano foram destruídos. Essa operação demonstrou o importante papel das Forças Voluntárias Basijis, que combatiam com uma formidável iniciativa.

A Operação Fath ol Mobin, foi uma operação crucial para o êxito iraniano no desenrolar dessa guerra. Em 22 de março de 1982, mediante tal operação, as Forças iranianas, puderam reconquistar zonas estratégicas, que haviam caído em mãos iraquianas. Alguns dos objetivos principais dessa operação, eram: afastar cidades como Susa, Andimeshk e Dezful do fogo destrutivo inimigo; a destruição de duas tropas iraquianas; o acesso a linha de defesa apropriada; e a expulsão do oponente da rodovia Ahvaz-Andimeshk. Depois dessa operação, a inovação estratégica dos frentes estava em mãos iranianas. É dizer, que a zona ocidental de Susa, Andimeshk e Dezful, até os limites da faixa fronteiriça e os montes de Mishdagh se livraram das mãos iraquianas, ou seja, uma área de 2.000 quilômetros quadrados, quase três vezes maior que um país como o Bahrein. Desde o ponto de vista da amplitude territorial, tal operação, foi a segunda maior durante a guerra, onde os soldados iranianos, mediante uma intensa operação e uma batalha que durou vários dias, conseguiram devastar e retirar grande parte das Forças iraquianas situadas na cidade de Dezful, no norte de Susa, na zona de Dahst-e-Abbas e no sul de Mehran, que foram obrigadas a voltar a seu próprio país ou aos frentes mais sulistas, situados ao sul da cidade de Ahvaz. Mais de 20 mil soldados iraquianos foram presos, incluindo grandes generais, generais de brigada e coronéis. Todas as Forças que se posicionavam nessa zona foram assassinadas, ficaram feridos ou resultaram presos.

A vitória iraniana na operação Fath ol Mobin, mudou a visão do mundo sobre a Guerra Irã-Iraque. O Irã havia obtido um enorme logro, e o mundo árabe e o Ocidente começaram a sentir-se profundamente ameaçados. Saddam Hussein esteve presente em uma das bases de seu Exército, e em 27 de março, após o repentino ataque que se desatou, esteve a ponto de cair em mãos dos iranianos. Seu genro e secretário, em uma entrevista, concedida ao Jornal *Alsafir*, falou sobre o medo e os momentos de angústia que vivenciou Saddam, que se enxergava no auge do poder. Eles relataram o medo de uma pessoa que empreendeu pessoalmente e com soberba uma cruel e injusta guerra. Saddam também gritava aos seus generais condecorados no passado por sua valentia, insultando-os como se fossem cidadãos do tipo mais ordinário, por o terem conduzido à boca do lobo ou no caso, de um leão, fazendo referência ao histórico símbolo do Irã, onde estava a ponto de ser preso. Um dia depois, em 28 de março, Saddam ordena a retirada. Era o início da derrota iraquiana. O Irã começava a atuar potentemente, por conseqüência, os países da região que apoiavam Saddam, deixaram de conceder-lhe ajuda econômica e militar, já que começaram a sentir um sério perigo depois da

operação Fath ol Mobin. Como aponta o vice-presidente do Centro cultural da Sagrada Defesa da cidade de Khorramshahr, Abbas Harbi, o resultado dessa operação foi o melhor presente de final de ano, Nowruz de 1982, que os soldados iranianos podiam ter oferecido à sua nação. Após essa operação, os oficiais do Exército do Irã, especialmente das unidades do Corpo de Guardiões, obtiveram um grande ganho, já que puderam aceder ao outro lado da frente iraquiana, é dizer sua artilharia e seus tanques. Em apenas um frente, as tropas iranianas obtiveram 80 canhões, o que mais tarde permitiu formar a base de artilharia do Corpo de Guardiões, podendo formar o núcleo principal de suas bases de artilharia, munições e suas unidades blindadas. Isso contribuiu de forma decisiva à preparação das próximas operações. Antes desse episódio, o Corpo de Guardiões, apenas dispunha de armas ligeiras e individuais.

A crucial importância no futuro da guerra e a grande repercussão mundial que teve a Operação Fath ol Mobin, gerando medo em todo o mundo árabe e nas potências ocidentais, interessadas que o Iraque vencesse a guerra, resultaram que dita operação também viesse a ser conhecida como “Operação Vitória Inegável”.

A partir de então, todas as atenções iranianas estavam voltadas para Khorramshahr, já que era a única cidade que faltava para libertar. O Irã anelava sua reconquista, pois para os iranianos além de ser um porto estratégico e militar, tem um grande valor espiritual. Porém, o Iraque a defendia intensamente. Passaram 19 meses da ocupação da cidade, e o Rio Karun se converteu em uma fronteira bélica entre os dois países. Os soldados iranianos viam a cidade do outro lado do Rio, com um profundo sentimento de saudade, desejando pisar novamente aquelas ruas que foram testemunha de seus primeiros anos de vida, de sua infância, adolescência; outros que não eram oriundos ou não haviam crescido na cidade, anelavam ver essa cidade de volta aos braços de sua pátria. Como aponta o famoso escritor iraniano, Ahmad Dehghan, em sua obra *Journey to heading 270 degrees*, Khorramshahr sempre foi símbolo de sacrifício e resistência do povo iraniano, mas também queria ser de vitória e liberdade. Em cada país se podem encontrar símbolos que significam muita coisa, o princípio, o final, a guerra. Khorramshahr é um dos símbolos por excelência da grande pátria iraniana. Símbolo de inocência, razão pela qual uma geração inteira de iranianos a considera como “cidade sangrenta” e “cidade das palmeiras queimadas”. Isso é, na realidade, símbolo da inocência de uma nação nas mãos de seu inimigo, e não de qualquer um, e sim do maior inimigo de sua história. Khorramshahr simboliza a vontade, o anseio e o desejo irredentista impregnado na alma do povo iraniano.

Os iranianos queriam libertá-la o quanto antes. A libertação de outras zonas, regiões, aldeias e cidades; nunca teria o mesmo valor, se no final não fosse liberada e devidamente reconquistada a histórica cidade de Khorramshahr. Os iranianos tinham a consciência que essa batalha seria complexa e trabalhosa. Primeiro, pelo fato de que os iraquianos haviam visto o Irã triunfar em batalhas anteriores, segundo pois Saddam Hussein fazia questão de não perder a posse dessa cidade. Os iraquianos sabiam perfeitamente que o Irã queria reconquistar a cidade, e em decorrência disso, estavam preparados para o embate. O primeiro ato iraniano após o triunfo na Operação Vitória Inegável, foi entrar rapidamente em ação, objetivando não proporcionar tempo para que o adversário se preparasse. É dizer, se antes, o Irã necessitava cinco ou seis meses para preparar a operação, nessa ocasião tinha que concretizá-la em tão somente 40 dias. Em 24 de maio de 1982, o Irã protagonizou outro grande capítulo de sua história e dessa guerra; e o Iraque, que ainda não havia se recuperado da Operação Fath ol Mobin, foi forçado a enfrentar outra grande operação, que ficaria conhecida como Operação Beit ol-Moqaddas. Esta etapa da guerra se realizou entre eixos principais, como o sul da cidade de Susanderg, a rodovia Ahvaz-Khorramshahr e a própria cidade de Khorramshahr. Era uma zona muito ampla, com quase 5000 quilômetros quadrados. Em menos de 28 horas depois do início da operação, mais de 19 mil soldados iraquianos foram presos, e outros 16 mil foram feridos ou mortos. Foi uma operação fulminante, sendo a melhor e mais exitosa durante toda a guerra para as Forças iranianas. Apesar do número escasso de soldados que possuía o Irã, este estava obrigado a derrubar o enorme corpo militar do Iraque, estando composto por várias divisões militares blindadas e mecanizadas. Em realidade, o Irã, tinha a necessidade de limpar a zona por ambas as partes do Rio Karun, começando pelo sul de Ahvaz. Porém, as tropas iranianas enfrentavam obstáculos naturais, sendo o maior deles o Rio Karun.

Os iranianos se conscientizaram que tinham que entrar à cidade de Khorramshahr pelo caminho que o Iraque menos poderia imaginar. Portanto, para o combate principal, elegeram o caminho do Rio Karun que era o mais difícil, complicado e complexo. Essa estratégia foi uma grande inovação nessa frente de guerra. Essa operação foi dividida em quatro partes. Na primeira os soldados iranianos encontram um ponto que é conhecido como “o norte da estrada Hoseinie”. É uma zona que possui a forma de um trapézio. Se consolidassem o acesso a esta zona, poderiam acabar com as Forças iraquianas estabelecidas em Ahvaz e Khorramshahr e poderiam abrir caminho até Vahestâbâd Ardasir (Basra para os árabes). Ou seja, os iranianos adentraram em uma região que ameaçava o Iraque de três

diferentes formas. O Iraque estava totalmente confuso, não sabia qual de suas zonas iria proteger e qual sacrificar. Já o Irã, na rodovia Ahvaz-Khorramshahr, posicionou suas diferentes unidades militares e preparou a segunda fase dessa parte da operação. Nesse momento, as tropas iranianas entraram no norte da rodovia Hoseinie, e embora a quantidade de soldados era bem reduzida, o Iraque foi ameaçado de três enormes perigos. O Iraque, literalmente, não sabia como resolver o problema de Khorramshahr. Não sabia se tinha que atacar ou não; não sabia onde atuar; como fazê-lo; enquanto o Irã aproveitava o máximo possível a confusão que havia proporcionado a seu oponente. A terceira fase consistia em cercar a cidade de Khorramshahr. Antes disso, as Forças iraquianas, por medo de serem atacadas e assediadas, se estabeleceram na cidade de Hoveize e foram escapando do porto. As Forças iraquianas começaram a preocupar-se unicamente com Vahestâbâd Ardasir (atual Basra) e Khorramshahr. Já os iranianos entre as duas cidades, preferiam seguir rumo a Khorramshahr, deixando Vahestâbâd Ardasir para a próxima operação. Na quarta fase, as Forças iranianas entram em Khorramshahr e capturam 21 mil soldados e militares de elite do Exército iraquiano.

Os iraquianos resistem ferozmente, com todas suas forças para não perder a cidade, mas os soldados iranianos estavam totalmente decididos a recuperá-la e nessa feroz determinação irredentista, tomaram a rodovia Ahvaz-Khorramshahr, cortando a de Basra-Khorramshahr, permitindo-os cercar aos iraquianos na cidade. A estes últimos lhes custou muito sair do cerco. Finalmente, exatamente ao meio dia de 24 de maio de 1982, os soldados iranianos entram por completo na cidade. Duas horas depois, através dos meios de comunicação de todo o país, se comunicou a grande notícia da libertação da cidade de Khorramshahr. Após 19 meses, ou 578 dias de resistência, a cidade de Khorramshahr foi libertada. Os iraquianos, haviam escrito uma frase sobre alguns muros dos edifícios da cidade, que dizia, “Viemos para ficar”. No entanto, a cidade voltou para os braços da pátria iraniana, o que proporcionou ao Exército iraquiano perdas consideráveis, mais de 60 mil militares iraquianos, assentados dentro ou nos arredores da cidade foram assassinados ou feridos. Outros resultaram capturados ou desaparecidos. Após a reconquista da cidade, o Imã Khomeini fez um pronunciamento, afirmando que os invasores que queriam apoderar-se da província de Khuzestan, chegando a Teerã em três dias não puderam fazer nada; e o único que conseguiram foi a morte e o desvanecimento.

Biyan Nobave, repórter de um canal televisivo iraniano durante a guerra, afirma que esta operação foi heróica, relatando que ele próprio foi o primeiro a entrar à cidade, e quando

as tropas iranianas entraram na principal mesquita de Khorramshahr ninguém podia conter as lágrimas. Todos começaram a chorar, primeiro por alegria, e segundo por Mohammad Yahanara, que infelizmente não pode presenciar esse momento. Ele era uma referência, sendo uma grande figura para todos os soldados. Dentro da mesquita, começou a ecoar o famoso verso (Mahammad, não estava para ver a libertação da cidade) que depois seria imortalizado em uma canção. Ele acrescenta, que a reconquista de Khorramshahr foi uma verdadeira conquista, devido a que essa cidade foi um ponto de inflexão na história dessa guerra.

Todos os regimes árabes ficaram surpreendidos já que haviam apoiado Saddam multilateralmente. Eles não podiam assimilar que uma nação, estando em tais circunstâncias, pudesse derrotar um Exército clássico e preparado, mediante um par de operações, como Tarigh-ol-Qods e posteriormente Beit-ol-moghadas. O maior golpe militar que desacreditou o regime iraquiano e os países do Golfo Pérsico que haviam concedido total apoio, de todas as maneiras possíveis a Saddam, teve lugar no mês de junho de 1982. Foi um acontecimento muito importante na história contemporânea do Irã, sendo primordial na trajetória triunfante da Guerra Irã-Iraque, onde o Irã pode finalmente reconquistar heroicamente a cidade de Khorramshahr, o que proporcionou que o Irã tomasse a dianteira da guerra. Um dos protagonistas dessa operação foi Ali Asghar Ranybaran, que fez possível que seus compatriotas capturassem 4 mil soldados iraquianos. Resultou ferido em tal operação e veio a falecer na Operação Valfajr 4, vindo a ser considerado um dos vários mártires dessa guerra, onde, seus corpos jazem no grande cemitério Behesht-e Zahra, localizado no sul da capital, Teerã.

Segundo a tradição iraniana, esses mártires, como esses quatro mencionados até o momento e milhares de outros nunca morrem, eles têm vida eterna. Essas pessoas entregaram sua vida para defender sua pátria, sua nação, suas crenças, sua honra, sua dignidade, sua família. Na verdade, falar dos mártires não é difícil, e sim impossível. Eles deveriam falar de nós. A definição de “mártires”, seu movimento e seu objetivo são claros, mas não há uma palavra exata que os definam. Tudo que envolve esse tema é caracterizado por uma enorme complexidade. Não nos focaremos em relatar por escrito a história deles, pois por suas respectivas importâncias e complexidades, cada um deles seria um livro inteiro de lição de vida.

É importante ressaltar a importância que a Divisão Badr desempenhou não apenas na Guerra Irã-Iraque, mas também no futuro do cenário geopolítico iraquiano. Como acabamos de constatar, foram capturados muitos presos do Exército iraquiano. Entre eles havia jovens

muito religiosos, no caso xiitas, os quais haviam sido obrigados a participar da guerra. Os iranianos os chamaram de “as forças arrependidas iraquianas”. No frente de guerra, esse grupo de soldados participava de algumas reuniões religiosas e políticas que lhes marcava profundamente, o que contribuiu drasticamente, para que pouco a pouco fossem construindo e preparando a formação de uma brigada chamada Badr, que mais tarde se converteu em uma divisão militar, posteriormente criando um estabelecimento militar que pode conduzir fortes golpes ao Exército iraquiano em diferentes operações. Estas jovens Forças iraquianas que se converteram em forças revolucionárias muito capacitadas, contribuíram à realização de uma grande revolução no Iraque, desempenhando um importante papel na derrota do regime iraquiano, formando o Iraque atual. Segundo Biyan Nobave, repórter de um canal televisivo iraniano durante a guerra, esses presos resistiram frente aos Estados Unidos e a Saddam, porque no Irã, eram bem tratados. Enquanto os soldados iranianos tomavam apenas pão seco, eles comiam comidas quentes. O trato exercido aos capturados por parte do Irã era incomparável com o regime de Saddam. O líder supremo do Irã na época, o Imã Khomeini, era um homem que rechaçava rotundamente o maltrato aos presos, dizendo que um dos lemas da nação iraniana, é tratar bem os soldados capturados, e por isso, os presos iraquianos eram bem tratados. Em caso contrário, atualmente, o Iraque, guardaria rancor da nação iraniana.

Em contrapartida, podemos mencionar o trato aos iranianos capturados por parte do Exército iraquiano. Um dos que sofreu sob as mãos de Saddam foi o doutor e ex-deputado da cidade de Yazd, Seyed Abbas Pakneyad. Ele relata que primeiramente foram levados a uma zona denominada Tanumé, próximo a cidade de Basra, onde os deixaram alguns dias sem comer. As Forças iraquianas repartiam a comida de tal forma, que para cada dez pessoas, havia uma bandeja de arroz. Um dos oficiais que falava um pouco de persa, lhes disse, que nunca antes haviam tido presos e não sabiam como oferecer-lhes comida. Pouco a pouco, eles foram dividindo os soldados iranianos em grupos da mesma idade, mesmas especificidades e de mesmas carreiras, transferindo-os para a prisão de Zobair, onde em suas celas não cabiam mais de duas pessoas, mas os prisioneiros iranianos eram obrigados a estar em grupos de quatro, o que não os permitia sentar.

Seyed Abbas Pakneyad, acrescenta, que o edifício dessa prisão evidenciava a soberania dos ingleses sobre um grupo de políticos no Iraque, porque em seus elementos, eram todos instruídos por membros do Serviço de Inteligência Britânico. Tais prisioneiros estavam sob controle da Organização de Segurança do Iraque, por isso eram tratados muito mal, argumenta. Segundo as normas da Cruz Vermelha, os médicos podiam permanecer

presos em um mesmo lugar durante quatro meses e depois desse período tinham que ser liberados. Porém, a resposta que recebia, era que o único que valia era as normas que impunha Saddam, e não as da Cruz Vermelha. Ele foi levado ao hospital Tamuz, próximo a Bagdá, que pertencia às Forças Aéreas iraquianas, e quando alí chegou, seus olhos puderam presenciar Iluyushin, aviões de guerra russos, além de soldados desse país treinando iraquianos. Mais adiante, relata que observou aviões Super Étendard franceses que com seus respectivos pilotos também instruam às forças iraquianas. Ele avançou mais um pouco, e descobriu pilotos ingleses que auxiliavam os iraquianos sobre a funcionalidade dos helicópteros Tornado. Esses detalhes nos mostram muito ligeiramente que o Irã resistiu quase sozinho a uma invasão mundial que auxiliou de todas as maneiras possíveis o Regime Baathista de Saddam Hussein.

Na verdade, a estrutura armamentista e militar do Iraque, era oriental naqueles tempos, estando formada pelos soviéticos. Os soviéticos temiam perder o mercado iraniano e todos seus privilégios, já que depois da Revolução de 1979, o Irã havia adquirido uma posição antiimperialista, o que implicava posicionar-se tanto contra os Estados Unidos, chamado de “O Grande Satã”, e a União Soviética, chamada de “O Satã Vermelho”. Várias vezes a União Soviética afirmou que não tinha nenhum interesse em ajudar o Iraque, mas finalmente, quando desatou o conflito, a União Soviética auxiliou Saddam, ajudando-o durante toda a guerra, desde o ponto de vista militar, armamentista, instrutivo, e a provisão de uma grande parte de seus aviões. Durante a guerra, Saddam dispunha de aviões Super Étendard franceses, mísseis Exocet, mísseis ar superfície, mísseis antibuque franceses, Mirages franceses, F1 franceses; aviões Sujói, Mikoyán e Tupólev russos, mísseis Scud russos, inclusive radares israelenses Rasit. Ao mesmo tempo, a URSS tentou oferecer armas aos iranianos, uma oferta de amizade que foi rejeitada por Teerã, devido à sua desconfiança histórica da Rússia e da União Soviética.

O Exército iraquiano, se havia convertido, principalmente, nos últimos anos da guerra, em um Exército muito poderoso. Era talvez, um dos dez mais poderosos do mundo, graças principalmente aos Estados Unidos, União Soviética, França, Inglaterra, Turquia, Paquistão e a quase todos os países do mundo árabe, principalmente a Arábia Saudita. O Iraque, para compensar sua inferioridade numérica, 18 milhões de habitantes contra 54 milhões do país vizinho na época, objetivando equilibrar o número muito superior de forças iranianas no solo recrutou árabes não iraquianos, e usou um amplo uso de armas químicas (como o gás mostarda) contra militares e civis iranianos, assim como contra os curdos que habitavam o

atual território iraquiano, como veremos a seguir. Para que se tenham uma idéia, o Irã tinha presos de quinze países árabes. São eles: Jordânia, Egito, Líbano, Tunísia, Argélia, Kuwait, Qatar, Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Palestina, Mauritânia e o Sudão de Yaffar al Numeiry. Todos esses países enviavam forças ao Iraque. O governo kuwaitiano, que mais tarde foi atacado pelo Iraque, confirmou haver gastado 80 milhões de dólares para que o Iraque atacasse o Irã, aponta o ex vice-ministro do Ministério de Defesa do Irã, Hussein Alaí. Para compreender melhor essa cifra, é necessário comparar com o ingresso anual petrolífero iraniano nos últimos anos de guerra, que era, aproximadamente, de uns 7 milhões de dólares. Em oposição, o Irã fabricava o que mais necessitava, o resto era necessário comprar dos demais países, mas estes não negociavam com o Irã de forma oficial, obrigando-o, a recorrer aos intermediários de um país a outro, e a preços bem elevados.

O Regime Baath iraquiano, quando fracassava em alguma operação, ou nas frentes de guerra, se vingava, mediante a Guerra das Cidades, que consistia em bombardear cidades, inclusive Teerã, assim como cidades do interior, sendo Dezful, Ilam e Ahvaz as mais castigadas pelos ataques das Forças iraquianas. O Imã Khomeini foi totalmente contrário a represálias contra o Iraque, devido a Guerra das Cidades, afirmando que a guerra que estavam travando não era contra os “iraquianos”, e sim contra Saddam, sua ideologia partidária do Partido Baath, seu Pan Arabismo; contra os interesses das grandes potências; e contra os inimigos da revolução. Ele acrescentava que no Iraque viviam muitos xiitas e curdos que também estavam contra Saddam. Em sua visão, esses aspectos limitavam muito as possíveis represálias iranianas, pois o principal objetivo era não atacar cidadãos iraquianos.

Após a consolidação da reconquista de Khorramshahr, as tropas iranianas chegam ao território iraquiano e seguindo a princípios militares, elas tinham que perseguir o adversário e para brindar segurança às cidades fronteiriças, as Forças iranianas precisavam avançar muito para distanciar a base de artilharia iraquiana de cidades iranianas, como Abadan, Khorramshahr, Ghasre Shirin, Sumar, Guilán Ocidental, Naftshahr e outras muitas cidades fronteiriças. Ou seja, possuíam a necessidade de entrar em território iraquiano, causando um retrocesso nas tropas de artilharia iraquianas para impedir que abrissem fogo sobre as cidades mencionadas. Para esse processo, Khomeini, ordenou que as Forças iranianas preparadas para entrar em território iraquiano que não orquestrassem ataques cruéis, danificando seus habitantes que residiam nas fronteiras. Por certo tempo, o Irã não tomou represálias, até que foi forçado a tomá-las. Antes, porém, informou que não atacaria oito cidades que as considerava sagradas e parte de seu território histórico. São elas: os santuários xiitas de Najaf,

Karbala, Kazemein e Samarra; sua ancestral capital sassânida de Ctesifonte; e as três principais cidades do Curdistão iraquiano, Mosul, Erbil e Kirkuk. Isso resultou que essas cidades estavam seguras de possíveis ataques iranianos, o que proporcionou a oportunidade para os cidadãos do Iraque para que alojassem nesses lugares, não correndo risco. Além desse detalhe, é importante mencionar, que o Irã, sempre premeditava seus ataques. Ou seja, após decidir o que atacaria no Iraque, em resposta aos ataques iraquianos, comunicava à população local para que abandonasse essa região. Alguns desses ataques iranianos foram orquestrados contra pontos sensíveis da comandância iraquiana, alguns centros governamentais e lugares onde os iraquianos tomavam suas decisões mais importantes, sendo o primeiro deles, o Hotel Al-Rashid, um hotel estatal. Saddam Hussein era exatamente o oposto. Nada no Irã estava imune a seus cruéis ataques. Colégios e hospitais foram alguns dos estabelecimentos destruídos pelo estadista iraquiano. Podemos mencionar alguns exemplos. Em Boruyerd, havia um colégio de crianças surdas-mudas e com baixa mobilidade, que foi atacado por mísseis. O resultado desse atentado foi a morte de todos os alunos do colégio. Em Behbahan, no colégio Behruz ocorreu o mesmo, o colégio foi literalmente arrasado. O mesmo sucedeu em Miané, em um colégio destinado às crianças do ensino infantil. Em uma operação, denominada, Karbala 5, na zona de Shalamche, onde se localizava o centro de primeiro socorros das Forças iranianas, o Iraque atacou mais de 100 ambulâncias que se dirigiam ao hospital provisional, Imã Hussein, causando a morte de 200 pessoas, entre condutores, sanitários, enfermeiros, médicos e soldados feridos. Todas as ambulâncias levavam o símbolo da Cruz Vermelha. Em nenhuma parte do mundo se atacam as ambulâncias, nem hospitais. Muitos hospitais também sofreram com ataques, sendo dois deles atacados com bombas químicas. No entanto, para Saddam Hussein isso era absolutamente indiferente, tudo que era relacionado ao mundo iraniano tinha que ser eliminado, como aponta o guia de turismo Vahid H.

Na verdade, podemos dizer, que Saddam Hussein violou todas as normas e leis internacionais, desde o Acordo de Argel até o Acordo para não atacar às zonas residenciais e não usar armas químicas. Os iraquianos não apenas quebravam facilmente a zona de defesa dos combatentes iranianos usando armamentos químicos, mas também usavam tais armas amplamente contra os cidadãos. Durante os largos oito anos de guerra, o Iraque recorreu em 378 ocasiões às armas químicas contra o Irã, causando a morte e infecção de mais de 50 mil pessoas. Existem muitos documentos demonstrando que desde a década de 70, o Iraque começou a equipar seu Exército com unidades de fabricação de armas químicas, para que,

fosse utilizado em um momento apropriado. O Iraque, nos primeiros dias da guerra, usou de forma limitada, um tipo de artilharia equipada, com balas químicas na região de Mimak na província de Ilam. Porém, o maior ataque químico realizado pelo Exército desse país, começando de forma muito precipitada foi realizado em março de 1984 na zona operativa das ilhas Maynun. Existe um convênio denominado *Protection of cultural properties*, que inclui a proteção dos lugares históricos e dos patrimônios culturais dos países durante as guerras e logicamente, este convênio não foi respeitado por parte do Iraque, e muitos lugares históricos registrados como patrimônio culturais em cidades como Shiraz, Isfahan, Ilam, foram atacados. O pior da guerra, foi em primeiro lugar o uso de armas químicas reconhecido como crime de guerra, e em segundo lugar, o ataque a hospitais, ambulâncias, pronto socorros, e lugares tombados pelo Patrimônio da Humanidade.

Durante a Operação Jeibar, entre 14 de fevereiro e 19 de março de 1984, o Irã pode, finalmente entrar em território iraquiano, chegando até as proximidades do Rio Tigre, onde as Forças iranianas entraram pela rodovia Basra-Amaré e Basra-Bagdá, apoderando-se de uma zona muito ampla. Porém, depois de algumas semanas e devido aos intensos ataques do Exército iraquiano, sobretudo ao enorme uso de armas químicas, como o gás mostarda, o Irã se viu obrigado a retroceder. Essa operação teve como resultado, a recuperação de grande parte da região de Bur, das ilhas Maynun e de Taloyeh. No entanto, mediante os bombardeios químicos do Iraque, o controle de todas estas zonas caiu em mãos iraquianas. O Irã havia protagonizado grandes conquistas, onde o Exército iraquiano sofreu 15 mil baixas, entre mortos e feridos, 1140 presos e a demolição de 150 tanques e 200 veículos. Mas, o Exército iraquiano vingou-se de todas estas perdas através de intensos bombardeios químicos. Por exemplo, em apenas um dia, lançou mais de 100 bombas de gás mostarda sobre o Irã, sendo que cada uma delas, continha mais de 40 litros deste gás letal, na qual, após explodir podia contaminar a vários quilômetros de distância.

A União Soviética tinha facilitado o acesso a Saddam de armas químicas, como o gás mostarda e o enxofre. Em 28 de junho de 1987 tivemos um outro capítulo triste de ataques cruéis com armas químicas por parte do Exército iraquiano. Este último lançou bombas químicas nas quatro zonas mais movimentadas da cidade iraniana de Sardasht, causando a morte de mais de 130 civis, e a infecção por gases tóxicos de 8 mil pessoas. Durante esses 25 anos continuam falecendo populações das áreas atingidas, como um legado das catastróficas seqüelas dos gases químicos. Durante a guerra, o Irã contabilizou, entre soldados e civis mais de um milhão de danificados, sendo mais de 100 mil vítimas das armas químicas, onde, mais

de 20% delas continuam sofrendo de severas seqüelas. Todos foram vítimas das armas químicas; civis, mulheres, crianças, adolescentes, adultos, idosos, pessoas que não tinham nada a ver com a guerra, inclusive, bebês de quatro ou cinco meses, que morriam nas mãos de seus pais. Famílias inteiras haviam inalado gases químicos. Alireza Yazdanpanah, um ex-combatente iraniano, dois meses antes de completar 16 anos de idade, foi vítima dessas armas e afirma estar orgulhoso de seu passado, argumentando que é uma característica típica dos iranianos, pois como um amante de sua pátria, defendeu sua terra, sua honra e sua religião. Para muitos pode soar estranho ou até um absurdo que algumas pessoas gozam de um espírito que lhes permite estar orgulhosas de suas atuais convulsões, mas para um país com uma enorme e consolidada coesão nacional, casos como esses são recorrentes, e suas particularidades fazem parte da psicologia coletiva nacional.

Em 1985, aviões iraquianos, com uma suposta ajuda israelense, destruíram uma usina nuclear parcialmente construída em Bushehr e depois bombardearam alvos civis. No mesmo ano, o Irã promove a Operação Badr, na qual objetivava mais uma vez a reconquista definitiva da cidade de Basra (Vaheštābād Ardašīr para os iranianos), na qual havia sido tomada e renomeada pelos árabes em 636 sob a liderança do comandante Utba ibn Ghazwan. O Irã conseguiu recuperá-la em alguns momentos, como em alguns anos nas administrações das dinastias Safávida e Zand, porém ela voltou ao decorrer da história para mãos árabes, após passar por turcos e ingleses. O Irã conseguiu recuperá-la nessa operação, mas foi rapidamente empurrado para trás por um contra-ataque iraquiano sob uso extensivo de armas químicas, resultando em uma derrota tática. A enorme quantidade de vezes com que o Irã tentou recuperar essa cidade ao longo da história reflete a importância cultural e histórica dessa região no imaginário iraniano.

Em 1986, na Operação Valfajr 8, as Forças iranianas ultrapassaram o rio Arvand, avançando até a zona Fav, e após onze dias de contínuos enfrentamentos conseguiram conquistar a zona. O Exército iraquiano sofreu irremediáveis danos, devido a recorrente tentativa de recuperar essa região. Já o Irã, em contrapartida, mediante esta operação pode recuperar o domínio das costas do rio Arvand, da península Faw, podendo cortar o acesso iraquiano ao Golfo Pérsico. Além de cortar a conexão de Saddam às águas esverdeadas do Golfo Pérsico, a recuperação da península de Fav foi de grande importância estratégica, pois exatamente dessa região era a base de lançamento dos mísseis iraquianos. Essa operação, além de libertar a importante e portuária cidade de Fav, desconectou totalmente o Iraque da zona norte do Golfo Pérsico, desintegrando as Forças Armadas do Exército iraquiano desta

zona. Portanto, essa conquista era considerada uma grande vitória para o Irã. A maioria das Forças iraquianas havia sido aniquilada, e os que haviam sobrevivido tinham escapado às costas do Kuwait, perdendo assim todo seu poderio militar no norte do Golfo Pérsico. Cabe mencionar que a guerra nessa região durou 75 dias. Muitos comandantes iranianos não puderam sair da península de Fav durante 45 dias. Entretanto, na operação defensiva de Fav, o Iraque pode apoderar-se da região cortando todas as zonas de acesso após um bombardeio químico. O baixo número de presos iranianos que obteve o Exército iraquiano mostra claramente o acesso iraquiano à península, depois do bombardeio químico e do intenso ataque de artilharia. Esses bombardeios foram tão enormes que segundo os expertos, todos os presentes foram afetados. As armas químicas utilizadas nesse ataque eram três vezes maior que a superfície de Fav. Isso resultou que 20 mil combatentes iranianos fossem vítimas das armas químicas. A única maneira encontrada pela Guarda Presidencial de Saddam foi recorrer às sinistras armas químicas, o gás mostarda. Os dirigentes iraquianos estavam conscientes que apenas tinham um porto, Basra e estavam dispostos a fazer tudo que estivesse a seu alcance para não perdê-lo. Por aí, exportavam seu petróleo. Além disso, essa península era importante pela denominação de um emblemático rio, onde os árabes iraquianos insistiam em chamá-lo de *Chatt al-Arab*, enquanto os iranianos queriam que permanecesse com seu nome histórico *Arvand Rud*, o que se concretizou de fato, pois embora os iranianos tenham sido obrigados a recuarem pelos cruéis e desumanos bombardeios químicos, nessa operação, se cortou uma de suas veias vitais, permanecendo com a posse do rio.

Devido à grande instabilidade na região do Golfo desencadeada por essa operação, em 1987, os Estados Unidos e outras potências assumiram a responsabilidade de proteger o trânsito de buquês petroleiros no Golfo Pérsico.

Depois da Operação Valfajr 8, teve lugar a Operação Karbala 5 em 9 de janeiro de 1987, onde, novamente colocava em ameaça a cidade de Basra. Os iraquianos morrendo de medo de perder sua única saída para o mar, local de exportação de um petróleo que segundo os iranianos não lhes pertencia, estavam impacientando-se, como afirma o catedrático em ciências políticas, Hamid Etemad. Nessa operação, todo o mundo começou a preocupar-se, com o fato do Irã realmente ser o grande vitorioso nessa guerra. Os iranianos avançaram rumo a cidade de Shalamche, onde o principal objetivo era ameaçar a cidade de Basra. Devemos recordar que na Operação Beit ol moghadas, o Irã pode recuperar a cidade de Khorramsharh, mas não a de Shalamche. Antes da guerra essa região estava longe de ser desértica, havendo 6 aldeias verdes e florescentes, atualmente, entretanto não sobra nada daquela beleza. Para que

as Forças blindadas iraquianas tivessem maior espaço para realizar suas atividades militares alisaram a zona, destruindo todas as aldeias e palmeiras. Após sete anos o Irã pode recuperar essa última, chegando a Basra, onde as Forças iraquianas não encontram escapatória contra os intensos ataques iranianos. Mas a reconquista de Shalamche não foi nada fácil, muito pelo contrário. Os iraquianos haviam posicionado inúmeras trincheiras de difícil acesso, como obstáculos solares de uma latitude de 15 metros. Imaginem-se cruzar 15 metros de obstáculos, armadilhas, explosivos de minas fougasse, seguido de um campo de minas com filas de arame farpado em espiral em volta de toda a zona, com uma latitude de 10 a 15 metros. Durante os 8 anos da guerra não sucedeu nada parecido à Batalha de Shalamche, pois não havia nenhum outro sitio tão bem armado e protegido. Dessa maneira, a guerra era de trincheira a trincheira, ou seja, uma guerra milimétrica. Apesar dos obstáculos que pareciam indestrutíveis, os iranianos puderam chegar à fortificação fronteiriça dos iraquianos, onde entraram ao território do país vizinho até uma profundidade de 13 quilômetros. Atualmente o local do sitio de proteção armado pelos invasores iraquianos é conhecido como “o lugar do assassinato dos mártires de Shalamche”, onde em concavidades e estanques, o corpo de muitos deles foi encontrado. Os iraquianos nem se deram ao trabalho de cobrir os corpos com terra. Diante de 15 ou 20 tanques iraquianos, os iranianos apenas disponham de um, que normalmente eram tomados pelas Forças iranianas. E não eram tanques ultrapassados, e sim modernos veículos blindados de combate, ágeis, pequenos, fortes e poderosos, tanto aquáticos, como terrestres, desenhados para combater nas piores situações. Todos presenteados pelos Blocos Orientais e Ocidentais. Ou seja, pelo enorme antagonismo de força, podemos constatar neste combate o confronto entre sofisticados tanques e soldados, onde quando se destruía um tanque apareciam 5 ou 6 novos. Todo mundo abarrotava Saddam de armamentos, enquanto o Irã contava apenas com o apóio moral da Síria e Líbia; e poucos armamentos obtidos no mercado negro. Mesmo com todos os aspectos desfavoráveis, o Irã segue avançando e a cidade de Basra nunca esteve tão ameaçada. Para o Iraque, a perda dessa cidade representava a desconexão do centro e sul do país e por conseqüência o assédio a capital Bagdá. Nessa perspectiva, o Iraque começou a sentir um perigo eminente.

O Irã segue com sua marcha e entra em território iraquiano, onde após a Operação Valfajr 10, as Forças iranianas ocuparam algumas regiões do Curdistão no Iraque, sendo recebidas amavelmente pelos civis. Em resposta, em 16 de março de 1988, Saddam permite a ordem de bombardeio químico nessas regiões, onde 5 mil pessoas da cidade de Halabdscha são vítimas dessa catástrofe, após serem bombardeadas com gás venenoso. Em Setembro do

mesmo ano, são gazeados os curdos que apoiaram o Irã, em uma Operação conhecida como Anfal, que levou à destruição de duas mil aldeias e ao assassinato de até cem mil civis curdos.

Tais massacres foram orquestrados por bombardeios com armas de agentes nervosos, responsáveis por assassinatos de uma forma tremendamente desumana. Pouquíssimos conseguiram sobreviver a esses ataques. Pela primeira vez na história das guerras modernas, se utilizou uma arma, na qual consistia em um tipo de gás, que nunca antes havia sido utilizada. Nos campos de batalha se usou o gás de cianeto, provocando morte instantânea aos que o inalavam. Nas zonas que este gás foi utilizado, todos os habitantes ficavam totalmente dessecados como pedras. Segundo informes da ONU, durante a Guerra Irã-Iraque, este último, utilizou mais de 600 toneladas de gás sarin, um agente nervoso; e 140 de gás tabun; e talvez uma combinação entre ambos agentes. As matérias primas se importavam de diferentes países, sob o nome de “matérias primas para a produção de pesticidas”. Um famoso escritor estadunidense, Kenneth R. Timmerman, em sua obra *Death Lobby*, cita a lista das enormes compras do Iraque, e o nome das companhias vencedoras.

Cabe mencionar que o gás sarin, um composto organofosforado e um líquido sem cor e sem cheiro, pode ser usado como arma química devido à sua extrema potência sob o sistema nervoso. O gás sarin foi classificado como arma de destruição em massa na Resolução 687 das Nações Unidas. A produção e o armazenamento de sarin foram proibidos na Convenção sobre Armas Químicas, de 1993, onde o sarin é classificado como "Substância do Anexo 1".

Embora o Irã tenha declarado essas denúncias à ONU e essa tenha comprovado o uso de tais armamentos, o governo dos Estados Unidos impediu que a ONU sanciona-se o Iraque pelos mencionados cruéis, terríveis e asquerosos atos, resultando que as resoluções 612, 620 e 687 das Nações Unidas fossem convertidas em inúteis, ou melhor, dependendo de quem as viole, pois quando os atingidos são os Estados Unidos e seus aliados, as punições são altamente severas. Após a intromissão estadunidense, a ONU tentou argumentar que ditas resoluções não eram obrigatórias e que o nome “Iraque” não era mencionado. Essa atitude da ONU, apenas comprova o enorme apoio diplomático oferecido pelas potências ocidentais à Saddam Hussein. Portanto, foram ignoradas todas aquelas informações e todos aqueles dados, que na verdade, colocava em perigo a vida de alguns dos expertos da ONU. Em alguns casos, esses últimos, especialmente, o professor, Manuel Domínguez, de origem espanhola, que havia sido o médico de confiança do peruano, Sr. Javier Pérez de Cuéllar, o secretário geral da ONU, visitavam as zonas de guerra ou iam ao mesmo frente de batalha, tomavam amostras das bombas e faziam revisões médicas aos feridos. Existem vários documentos retratando

todos esses aspectos e detalhes, na qual não nos deixa dúvidas que estas armas foram utilizadas não apenas uma vez, e sim centenas de vezes. As armas químicas iraquianas foram produzidas com materiais de duplo uso e finalidade concedidos pelos Estados Unidos e por algumas companhias alemãs, como Kalkor, Pusak, WTA. Na verdade, a Alemanha, foi o maior fornecedor de armas químicas ao Iraque, também protagonizando a construção de algumas instalações em Samarra, Faluya e Akashat; para que Saddam pudesse orquestrar a fabricação de armas químicas como os agentes nervosos e o gás mostarda. Calcula-se que 150.000 soldados iranianos morreram ao longo do conflito, devido a armas químicas, além dos curdos (eticamente iranianos) que habitam o norte do atual Iraque, que sempre sofreram com armas químicas, sob as mãos de Saddam Hussein. Em 2002, o diário britânico, *The Independent*, divulgou uma lista de 22 companhias estadunidenses que deram apoio à fabricação de armas químicas pelo regime do ex-presidente iraquiano, deposto em 2003.

É difícil encontrar crimes maiores aos que cometeu Saddam Hussein durante esta guerra. A tragédia que envolve as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945 pode ser uma das pouquíssimas exceções.

Muitos questionam se o Irã usou armas químicas contra o Iraque. Cabe mencionar que o Irã podia tomar represálias, pelo fato da produção de algumas armas químicas, como o gás mostarda, ser bem simples, razão pela qual é conhecida como “a bomba atômica dos pobres”. Segundo algumas obras, esse gás pode ser fabricado em uma simples cozinha, em oposição aos “agentes nervosos”, que são fabricados de uma maneira muito mais complicada. Ou seja, o Irã tinha a possibilidade de fabricar e usar este tipo de armas, mas nunca o fez, nunca respondendo na mesma moeda, preferindo abster-se de recorrer aos seus estoques de armas de destruição em massa, principalmente por razões éticas, morais, religiosas, baseando em bons princípios e valores, legado da essência nobre do povo iraniano. Os líderes do Irã na época, sobretudo o Imã Khomeini, o comandante supremo da guerra, proibiram acentuadamente, tomar represálias usando armas químicas. Essa personalidade, afirmava que embora o Irã estivesse muito afetado, tal atitude estava muito longe de ser a melhor das represálias.

É consensual o fato de o Iraque ter invadido o Irã em 22 de setembro de 1980. Em todo o mundo existe uma série de defesas legítimas, sendo uma delas a defesa legítima da pátria. É dizer, em qualquer parte do mundo é venerável defender-se diante daquele que tenha entrado pela força ocupando sua casa, cidade, estado ou nação. Os iraquianos quando conscientizaram que não podiam vencer as Forças iranianas com armas normais, recorreram a uma arma proibida, a arma química. Apesar de seus resultados catastróficos, essa acabou

resultando muito útil, já que é uma arma insuperável pelo número de feridos que proporciona. Por isso, o Iraque começou a utilizá-la sem limitações e por estar realizando a guerra de encomenda dos Estados Unidos e de seus aliados, ninguém os pode impedir.

Quem sabe quando demorará para desaparecer os efeitos químicos que deixaram estas armas sobre as plantas, a terra, as árvores, é dizer, sobre o meio ambiente em geral. Hasan Fathí, diretor de um teatro da cidade de Ahvaz, afirma que várias vezes que viaja pela zona fronteira, a região mais atingida pelas armas químicas, visualiza palmeiras calcinadas e sem folhas. Ele acrescenta que antes e durante a guerra, agricultura na região era uma atividade econômica característica.

Devido ao perigo eminente e a um medo estratosférico de perder partes de seu território, a ONU e o Iraque emitem um projeto que viria a ser conhecido como Resolução 598, sendo devidamente entregue ao Ministério de Relações Exteriores do Irã. Várias cartas confidenciais e secretas foram mandadas ao Irã, e levaram a cabo várias negociações com a ONU para colocar fim a guerra. O Iraque havia cedido na zona oriental de Basra, e pela primeira vez durante os oito longos anos de guerra, este aceitou as instâncias iranianas. Na verdade, cabe mencionar, que desde o princípio da guerra, várias delegações de paz se haviam dirigido à zona de conflito objetivando um cessar-fogo. Entre elas destacavam-se as do Oriente Médio, da Conferência Islâmica, dos Países não Alinhados. Apenas da Europa e Estados Unidos ninguém apareceu. Porém, o Irã tinha uma resposta lógica, na qual consistia que as fronteiras haviam sido violadas e para a consumação de um cessar-fogo, o Iraque tinha que marchar em direção a seu país, mas este não quis assim, tendo que ser expulso, mediante brilhantes, surpreendentes e heróicas operações militares. Portanto, não se cumpriu a primeira condição. A segunda condição consistia na re-aceitação do Acordo de Argel de 1975, por parte de Saddam. Acordo firmado, diga-se de passagem entre o próprio presidente iraquiano e o então xá do Irã, Mohammad Reza Pahlavi. Mas Saddam o havia desmentido, argumentando que não existia nenhuma fronteira entre ambos os países. A terceira condição consistia em classificar o Iraque como violador nas assembleias internacionais e na ONU, algo que nunca aconteceu. Os iraquianos haviam sugerido uma proposta de cessar-fogo, quando ainda encontravam-se nas zonas mais estratégicas do sul do Irã, por essa específica razão se intensificaram as discrepâncias. Os iraquianos não aceitaram todas as condições iranianas, até que finalmente puderam recuperar a região de Fav e as ilhas Machnum, entrando na cidade de Basra. Foi exatamente nesse cenário, que o Iraque se viu obrigado a escrever a primeira

resolução de paz, pois todas as anteriores eram resoluções que abortariam regiões da nação iraniana ocupadas pelo Iraque.

Porém, é importante ressaltar que os iraquianos, muito expertos, emitiram um cessar fogo exatamente no momento de apogeu de vitórias militares iranianas. Além do que, a Resolução 598 podia ser melhor que todas as outras apresentadas, pois pela primeira vez o termo “fronteiras internacionais” era citado, se referia a um comitê de determinação dos países violadores, outro de indenizações por danos e prejuízos; mas o tempo de sua aprovação era muito conveniente ao Iraque. Por isso esse último a abraçou de corpo e alma, enquanto o Irã não a rejeitou, como não a aceitou, pelo menos nos primeiros meses de negociação.

Depois de um ano e sete dias de várias conversações, Khomeini decide aceitar a Resolução 598, que em 18 de julho de 1988, após oito largos anos de guerra, colocou fim a uma guerra imposta. Entretanto, o líder supremo do Irã na época, mediante uma histórica mensagem descreveu tal aceitação como se houvesse bebido um copo de veneno, pois os iranianos estavam decididos lutar até a última gota de sangue para defender suas fronteiras, seu país e seu povo, e apenas aceitou dita resolução pelas circunstâncias pelas quais, o país se encontrava.

Porém, quando as Forças iranianas estavam preparando-se nas zonas fronteiriças para receber às Forças da ONU para as preparações correspondentes à realização da Resolução 598, se enfrentaram repentinamente com intensivos ataques por parte dos iraquianos no sul do Irã, que ultrapassando a fronteira, puderam chegar aos mesmos pontos que haviam chegado nos princípios da guerra. Três dias depois que o Irã aceitara a Resolução 598, o Exército iraquiano avançou em Khuzestan, chegando até às proximidades da cidade de Ahvaz, dirigindo-se à cidade de Khorramshahr para ocupá-la. Para isso, os iraquianos tiveram que avançar até o Rio Karun, levando a cabo a operação, onde mais de 1000 tanques bem pequenos blindados fabricados no Brasil, puderam chegar às portas da cidade de Ahvaz. Em menos de algumas horas, o Irã perdeu tudo o que havia conseguido na zona ocidental dessa cidade. O mesmo acontecia no oeste, onde o Iraque avançava até a região de Sumar, Chehelzari, Mehran e Dehloran, e as zonas de Dasht-e-abas e Einjosh.

Mais de 5000 Forças atacam o Irã por parte do eixo ocidental do país, encabeçado por Massoud Radjavi. Servindo-se de equipes bélicas de última geração e com a intenção de ocupar a cidade de Teerã em menos de 48 horas. É dizer, seis dias após a aceitação da Resolução 598, os iraquianos já haviam violado os acordos firmados nessa resolução invadindo novamente o Irã, atacando a cidade de Khorramshahr. Os “traidores”, como

seriam conhecidos no Irã, do grupo Organização dos Mujahidin do Povo Iraniano, que empreenderam a operação batizada de Forughe Javidan, contaram com tanques e transportes pessoais blindados denominados Desdeh, presenteados por Saddam, e planejavam chegar à Teerã. O Iraque pensou que por ter aceitado a Resolução, o Irã estaria muito debilitado, sendo o momento oportuno para tomar a capital iraniana. Após oito anos sangrentos, a contenda estava chegando ao fim, sob a Resolução 598 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 20 de julho de 1987. Por isso, o Iraque apoiou o ataque para pressionar o Irã a entrar em uma resolução favorável. Ou seja, Saddam Hussein encontrou a oportunidade de arrebatar partes do território iraniano no último minuto antes do cessar fogo. Os tanques iraquianos seguiam avançando, adentrando em território iraniano, e era muito provável que ocupassem a cidade de Kermanshah. Os iraquianos diziam que, algum dia chegariam à Praça Azadi em Teerã.

A Operação Mersad, que teve a duração de três dias, entre 26 e 30 de julho de 1988, constitui no contra-ataque sucessivo por parte das Forças terrestres iranianas contra uma incursão militar do Iraque, de 7.000 membros da Organização dos Muhahedin do Povo Iraniano (OMPI, também chamado de Mujahedin-e Khalq), armados, equipados e com apoio aéreo do Iraque de Saddam Hussein. Essa operação militar acabou sendo a última que teve certo significado na guerra, culminando na destruição de todas as unidades dos muhahidines por parte das Forças terrestres iranianas. Nessa operação morreram mais de 10.000 muhahidines, jovens iranianos instruídos e apoiados durante anos por Saddam. As Forças iraquianas disponibilizaram 100 helicópteros aos muhahidines. Cabe-nos a tarefa reflexionar como pode, alguém viver tantos anos sob o apoio dos adversários de seu próprio país, que são responsáveis pelo assassinato de um grande número de seus compatriotas, e logo, atacar sua própria nação, cooperando com o oponente que é responsável por umas das piores atrocidades da história da humanidade? Uma pergunta totalmente cabível e necessária para ser realizada a eles mesmos martelam muitos iranianos.

Quando as Forças iraquianas auxiliadas pelos membros da OMPI chegaram a Kermanshah, não havia nenhuma força militar para enfrentá-los. Na verdade, nessa zona, o Irã não dispunha de suficientes forças militares, embora a Força aérea, com a ajuda dos helicópteros, pode dar-se conta até certo ponto dessa invasão. Os civis por sua parte, tomando as armas que tinham a sua disposição, resistiram ferozmente frente ao invasor. Ou seja, aconteceu exatamente o mesmo que havia sucedido nos princípios da guerra. Da mesma maneira que os civis de Khorramshahr pegaram em armas contra a invasão iraquiana em 22

de setembro de 1980; em Eslamabad-e Gharb, os iranianos puderam evitar o avanço das Forças iraquianas, causando-lhes muitíssimos danos, como a morte de muitos comandantes de elite até soldados de camadas mais baixas. Este foi o último ataque por parte do Iraque, que finalmente, teve a consciência que nada que fizesse lhe serviria, e o melhor que poderia fazer era optar pela paz e pelo cessar-fogo. O sonho de ocupar a Praça Azadi em Teerã, que já se vinha desmoronando, agora estava momentaneamente destruído. Essa operação ganhou o nome de Mersad, em Farsi, “lugar da emboscada divina”, pois na cultura iraniana há um lugar, onde os inimigos do país caem em uma armadilha.

A conflituosa história dos oito anos de guerra contra o Iraque chega ao fim quando o Exército iraniano neutraliza os ataques do Exército iraquiano e dos muhahidines no oeste do país. Os iranianos defenderam sua pátria, impedindo que o Iraque concretizasse seus objetivos, preservando a integridade territorial de seu país. Mais tarde, quando esse último atacou e invadiu o Kuwait e se formou a coalizão internacional contra o Iraque, a legitimidade e a veracidade do Irã durante a guerra imposta foi revelada a todos e o governo iraquiano foi reconhecido como violador. Javier Pérez de Cuellar, peruano secretário geral da ONU de 1982 a 1991, nos últimos dias que desempenhava essa função, tomou uma medida impactante e de grande relevância. Ele demonstrou a legitimidade do Irã na guerra e apontou a violação cometida por parte do Iraque, que entrou ilegitimamente em território iraniano. Como aponta Segundo Biyan Nobave, repórter de um canal televisivo iraniano durante a guerra, o Irã não desejava entrar em guerra com ninguém, atualmente mantém o mesmo desejo. Segundo ele, se o Irã acudiu aos campos de batalha em 1980 era unicamente para defender-se, algo que por sinal sua população ostenta muito orgulhosa desse feito. O fato de não capitular diante do inimigo, que teve um suporte mundial, não cedendo nem um beco de terra ao invasor é uma profunda razão de honra e orgulho para os iranianos. Essa é uma das principais razões para que se considerem triunfantes em quanto a defesa da pátria. O Irã não apenas expulsou o invasor de seu país, como também o perseguiu em sua “própria terra”, martelam constantemente os iranianos.

Abbas Ramezani, segundo general de brigada e piloto ativo durante a Guerra Irã-Iraque, afirma que a vitória iraniana na guerra foi um tesouro e que graças a ela, o Irã pode obter tudo o que possui atualmente, tornando-se uma força muito importante na região, ocupando o posto de uma das grandes potências regionais. É verdade que muitas cidades foram destruídas e seguem havendo grandes danos. Essa parte da guerra não se pode desmentir ou censurar. Porém, o que o Irã conseguiu em troca a tudo isso, o que não é pouca coisa, diga-se de

passagem, é incomparável com as perdas. A conquista mais valiosa foi a autoconfiança que a guerra concedeu no imaginário coletivo iraniano. O Irã, apesar de enfrentar-se a uma guerra imposta pelas potências mundiais, pode neutralizar a invasão de seu inimigo, apoiando-se à capacidade e a força de sua nação, não cedendo nem um milímetro de terra ao inimigo. O segundo logro foi o resultado da guerra, que orquestrou a destruição de um dos piores inimigos do Irã na época, o partido Baath e Saddam Hussein. Se esse último houvesse triunfado, seria o rei de toda a região, gozando de um prestígio tal qual Gamal Abdel Nasser gozou em todo o mundo árabe nos anos 50. Essa foi uma conquista da indústria militar.

O Irã foi atacado em condições precárias, no entanto, a guerra proporcionou ao país reflexionar. O Irã começou a inovar, inventar e construir, onde os jovens científicos começaram a desempenhar grandes passos nas indústrias bélicas e eletrônicas. Isso acarretou que o país chegasse ao ponto de poder apresentar ao mundo inteiro, aviões de caça e mísseis ar-superfície de fabricação nacional. Entretanto, no início da guerra, o Irã não era capaz de fabricar um simples lança foguetes com um alcance de 300 metros. Ou seja, a guerra ensinou aos iranianos, conscientizando-os que tinham a necessidade de fabricar seus próprios armamentos, aviões e mísseis. Atualmente, por exemplo, O Irã é conhecido por ser um fabricante de mísseis, alguns deles com alcance de dois mil quilômetros; aviões não tripulados. A revista dos estudos aéreos espaciais israelenses classificou de imaginável o poder iraniano no campo tecnológico e militar. Ou seja, a guerra acabou forçando o atual regime a desenvolver a indústria nacional, bélica principalmente, para sobreviver.

Como afirmam muitos iranianos, seu país não pode aceitar a humilhação, sendo obrigado a mostrar seu caráter impenetrável. O que na verdade foi fundamental para a vitória iraniana foi a consciência de sua população, que sabia exatamente a razão pela qual estava lutando, ao contrário de muitos iraquianos, que eram obrigados por Saddam a ir ao frente de batalha. Por certo, como retratamos muitos civis resistiram aos invasores da maneira que encontravam, em muitas ocasiões com a arma mais simples que possuíam; milhões se deslocaram voluntariamente de locais extremamente distantes como Mashhad, Tabriz, Birjand, Qom, Abyaneh, Bazargan; aos frentes de batalha para unirem às Forças iranianas que combatiam os invasores. Segundo a visão de Ramon Casas Vilarino, Doutor em Ciências Sociais, isso apenas é possível quando o conceito de nação está totalmente consolidado. Ou seja, os iranianos demonstraram sua forte coesão nacional, assim como a enorme consciência de pertencimento a todo o universo cultural, histórico, religioso e étnico que engloba o nome Irã. Para os iranianos, esse aspecto é considerado o grande tesouro da Guerra contra o Iraque.

Por uma ironia sangrenta, que refletia o próprio caos da política imperialista, assim como a loucura do quebra-cabeça que era o cenário geopolítico da Guerra Fria, o Irã defendendo-se com armas estadunidenses, antigo legado do exército do xá, opunha-se às armas soviéticas de Saddam Hussein, que a partir do ataque de 1980 estava a serviço dos interesses estratégicos, econômicos e geopolíticos estadunidenses, para não dizer das grandes empresas petrolíferas dos Estados Unidos. Mas as armas soviéticas dos iraquianos logo foram suplantadas pelo vasto auxílio ocidental: os franceses venderam-lhe aviões Mirage, os alemães, gás mostarda e outros gases tóxicos, como agentes nervosos (gás sarin) para a guerra química; os estadunidenses passaram-lhe helicópteros adaptados para lançar pesticidas, além de fornecerem-lhe fotos de satélites que mostravam a movimentação das tropas iranianas; os ingleses venderam-lhe pontes militares para que ele pudesse cruzar os rios com seus tanques; e os italianos abasteceram-no com corvetas, fragatas e também com helicópteros. Isso sem mencionar, o apóio de outros países como Paquistão, Turquia, China, Japão, Indonésia e todos os países árabes, exceto Síria e Líbia. Não há dúvidas que o Irã resistiu a uma invasão mundial, reconquistando todas as regiões ocupadas pelo Iraque após a injusta invasão em 1980, e apenas não ocupou dois terços do atual território iraquiano, estabelecido pelos turcos em 1724 e preservado pelos ingleses em 1920, pelo recorrente e cruel uso de armas químicas por parte das Forças iraquianas.

Saddam imaginava que a debilidade do Irã naquele momento, proporcionada pelas condições debilitadas apresentadas após a consumação da Revolução em 1979; e o apóio das duas superpotências do planeta, Estados Unidos e União Soviética; de quase todo o mundo árabe; da Turquia; do Paquistão; da China; do Japão, da Indonésia e de todas as potências européias como Inglaterra, França, Itália e Alemanha; contribuiriam a aproveitar-se dessa situação, e conseqüentemente conseguisse obter seus objetivos.

Resumindo o enredo da Guerra Irã-Iraque, podemos relatar que o Iraque, como anunciou a ONU em 1991 foi responsável pelo confronto, e mesmo com todos esses fatores, mencionados anteriormente, jogando a seu favor não teve capacidade suficiente para atingir suas pretensões. Não há dúvidas, Saddam perdeu essa guerra e o Irã acabou vingando-se militarmente de Al-Qadisiyah como Saddam Hussein havia proposto antes de iniciar o conflito em uma de suas várias provocações ao Irã.

Porém, as feridas da guerra continuam abertas. Muitos iranianos se lembram do pânico que sentiam, alguns ainda crianças, ao ouvir o som dos caças iraquianos voando sobre suas casas. O Irã cultiva a memória da Guerra Imposta como um dos pilares de seu histórico de

resistência sete vezes milenar, fazendo também parte, obviamente, da ideologia oficial do atual regime. Teerã e outras grandes cidades têm museus com fotos horripilantes de crianças massacradas em ações iraquianas. Fotografias de mártires são visualizadas em vários pontos, becos, ruelas e murais espalhados por inúmeras cidades do país, desde as maiores metrópoles como Teerã, Mashhad, Isfahan, Tabriz e Shiraz; até pequenos povoados como Abyaneh, Bavanat, Marvdasht e Zarqan. Todas essas imagens são legados do grande número de fotógrafos que imortalizaram a guerra, sendo, Ali Freiduni, um dos mais importantes. Desde os anos 1980, o regime alterou as grades curriculares no primeiro e segundo grau das escolas, que até hoje têm aulas de formação teórica e prática militar. A TV estatal divulga fartura de documentos e reportagens sobre o tema, que também é retratado no cinema, onde o Estado dispõe de verbas especiais para incentivar cineastas a tratar o assunto. Alguns dos grandes cineastas que retrataram o assunto são: Rasul Molagholipur; Ebrahim Hetamikia, na qual presenciou a guerra de muito perto, sendo câmera naqueles tempos, realizando até a edição deste livro em 2014, 14 filmes de caráter bélico, todos eles possuindo uma perspectiva muito especial.

Figura 16 – Mural com fotografias de mártires em Abyaneh



Fonte: o próprio autor, em Abyaneh.

Segundo Biyan Nobave, repórter de um canal televisivo iraniano durante a guerra, atualmente nenhum país pode atacar o Irã militarmente. A guerra Irã-Iraque serviu como

parâmetro e experiência, e se por acaso alguém ousar atacá-lo, esse se verá com as Forças iranianas.

Cabe mencionar a importância que o escândalo Irã-Contras teve para que tal guerra se estendesse até 1988. O caso Irã-Contras foi um escândalo político nos Estados Unidos revelado pela mídia em novembro de 1986, durante o segundo mandato do presidente Ronald Reagan, no qual figuras chave da CIA facilitaram o tráfico de armas para o Irã, que estava sujeito a um embargo internacional de armamento, para assegurar a libertação de reféns e para financiar os Contras nicaraguenses. A operação começou como uma tentativa de melhorar as relações entre Estados Unidos e Irã, através da mediação de Israel, que iria enviar armas para um grupo politicamente influente de iranianos; os Estados Unidos iriam então fornecer mais armas para Israel e receber o pagamento feito pelos iranianos aos israelenses. Os destinatários iranianos prometeram fazer o possível para conseguir a libertação de seis estadunidenses que eram mantidos reféns pelo grupo islâmico xiita libanês Hezbollah, que era ligado ao Exército dos Guardiões da Revolução Xiita. O plano acabou virando um esquema de "armas por reféns", no qual os membros do Poder Executivo dos Estados Unidos vendiam armas para o Irã em troca da libertação de reféns estadunidenses. Grandes modificações ao plano foram feitas pelo tenente-coronel Oliver North, do Conselho de Segurança Nacional, no final de 1985. A partir de então, uma parcela do lucro obtido com a venda de armas foi destinada ao financiamento dos rebeldes anticomunistas da Nicarágua, que lutavam contra a Frente Sandinista de Libertação Nacional, mais conhecidos como Contras. Apesar de Reagan ser um defensor da causa dos Contras, não foram encontradas evidências mostrando que ele autorizou o plano. Após a venda de armas ser revelada pela imprensa em novembro de 1986, Reagan apareceu em rede nacional de televisão para afirmar que as transferências de armas ocorreram de fato, mas que os Estados Unidos não estava negociando armas por reféns. A investigação do escândalo foi comprometida quando grandes volumes de documentos relativos ao caso foram destruídos ou retidos por funcionários do governo Reagan. Em 4 de março de 1987, Reagan fez outro discurso televisivo assumindo total responsabilidade por quaisquer ações feitas sem seu conhecimento e admitindo que "o que começou como uma abertura estratégica nas relações com o Irã deteriorou-se, em sua implementação, na troca de armas por reféns". Várias investigações foram feitas, incluindo as do Congresso dos Estados Unidos e da Comissão Tower, nomeada pelo próprio Reagan. Nenhuma delas encontrou qualquer evidência de que Reagan soubesse da extensão do plano. Por fim, quatorze funcionários do governo federal foram responsabilizados por crimes, e onze deles

condenados, incluindo o então Secretário de Defesa Caspar Weinberger. Todos eles receberam perdão presidencial nos últimos dias do governo de George H. W. Bush; Bush tinha sido vice-presidente na época do escândalo.

O escândalo Irã-Contras nos retrata o caráter ambíguo desempenhado pela Entidade Sionista nessa guerra. Como vimos, Israel, ironicamente, também entregou armas e suprimentos aos iranianos, porque estes se encontravam em guerra contra o Iraque de Saddam Hussein, um país árabe. Em Israel, a guerra Irã-Iraque gerou um debate público sobre a política a ser seguida pelo Estado sionista: apoiar o declaradamente anti-sionista regime iraniano, porque combatia o campeão do pan-arabismo; ou apoiar o Iraque, porque combatia um regime que declarava abertamente que o regime sionista cruel e opressor estava destinado à extinção; um debate certamente não conclusivo. Porém, analistas afirmam que prevaleceu a visão de apoiar o regime de Saddam Hussein por considerar o Irã um rival mais poderoso; um ator geopolítico com mais recursos de converter-se em uma grande potência regional; e por vínculos culturais mais próximos, como a mesma origem étnica e lingüística, semita; em detrimento dos iranianos, de raiz indo-européia, é dizer, indo-ariana.

Dita guerra, com forte ajuda logística e diplomática por parte dos Estados Unidos, que, ao apoiar Saddam Hussein contra o Irã, ainda vulnerável no período pós-revolução, deram aos dirigentes o pretexto para endurecer o discurso, consolidando, sustentando, fortalecendo e endurecendo a teocracia xiita, como aponta a historiadora brasileira Márcia Camargos.

Segundo o professor de direito internacional da Fundação Getúlio Vargas, Salem Hikmat Nasser, logo após a Revolução Xiita no Irã em 1979, Saddam Hussein é o grande herói dos Estados Unidos, pois durante oito anos ele protagonizou a guerra de encomenda dos Estados Unidos, da França e das potências ocidentais. Até esse momento, Saddam era o grande aliado do Ocidente e considerado o grande herói por combater supostamente o mais radical e negativo, mesmo cometendo todas as atrocidades que vieram à tona no desenrolar e depois do conflito.

Saddam Hussein é um dos melhores exemplos do ódio ancestral existente contra os iranianos por parte dos árabes em geral. Sua figura pode ser entendida como uma personificação clara do *Anti Iranian Sentiment*, um sentimento oriundo dos próprios árabes no longínquo século VII. Além de todos esses aspectos citados sobre o ódio pessoal desse estadista iraquiano, podemos mencionar que até no dia de sua execução em 30 de Dezembro de 2006, os iranianos não foram poupados, estando em suas últimas palavras em vida,

“Destruí os invasores e os iranianos, os iraquianos têm a missão de combater os estadunidenses e os iranianos, morte aos iranianos, morte aos persas!”.

6.3 O quebra cabeça das fronteiras

Além da enorme rivalidade étnica entre árabes e iranianos, as fronteiras que separam ambos mundos também possuem uma longa história de tensões.

A fronteira entre Irã e Iraque é a linha que limita os territórios de ambos os países. Embora essa linha tenha sido estabelecida pela primeira vez em 1639 (antes que existisse o Iraque, é bom que se diga), houve sempre litígios por parte das duas entidades políticas que ocuparam ao longo da história os territórios que este limite separa, em especial relacionados com a navegação no Chatt al-Arab (Arvand Rud para os iranianos). A fronteira atual data dos Acordos de Argel assinados em 1975 e ratificados em 1976. Culturalmente, é normal associar esta fronteira à separação entre o mundo árabe e o mundo iraniano, embora boa parte do atual Iraque pertença culturalmente, religiosamente, etnicamente e historicamente ao histórico território iraniano como martelam constantemente os iranianos.

Como já vimos anteriormente, a história desta fronteira remonta 1639, na qual foi assinado o Tratado de Zohab entre o Império Turco Otomano (que controlava a região do atual Iraque) e o Irã. O acordo estipulava que a fronteira deveria ficar entre os montes Zagros e o rio Tigre. Em 1724, os otomanos, aproveitando a invasão pastun no Irã dois anos antes, esqueceram o acordo e invadiram o Irã. Esses últimos, nada ingênuos, juntaram três regiões (Mosul, Bagdá e Basra) bem antagônicas em termos culturais, étnicos e religiosos, como estratégia de dominação, fundando uma (Arábia Turca) das várias províncias do extenso Império Turco Otomano. Após a derrota otomana na Primeira Guerra Mundial, essa província caiu em mãos inglesas, e na conjuntura do nefasto Acordo Sykes-Picot-Sazonov, Winston Churchill, protagonizou uma verdadeira “canetada”, criando um país chamado Iraque em 1920. Como já presenciemos anteriormente, e evidenciado nessas últimas linhas, o Iraque não é um país oriundo do Processo Natural de Formação dos Estados Nacionais, sendo uma entidade política artificial criada, no caso, pelo colonialismo inglês, com uma forte contribuição histórica turca. Portanto, não há algo que podemos definir como identidade iraquiana, o Iraque é um estado sem alma, com fronteiras artificiais definidas pelos otomanos em 1724 e consolidadas pelos ingleses em 1920.

Duas das regiões unidas em uma província pelos otomanos sempre haviam pertencido ao Irã, são elas a histórica região de Mosul (região que atualmente engloba as províncias iraquianas de ampla maioria curda, como Dohuk, Erbil, Kirkuk, Sulaymaniyah, Halabja e o norte de Nineveh); e Khavarvaran (região que engloba as atuais províncias iraquianas de Basra, Meysan, Dhi Qar, Al-Qādisiyyah, Karbala, Najaf, Muthanna). Essa última foi invadida pelos árabes em 636, onde, esses últimos acabaram transformando a região alguns quilômetros ao sul da atual cidade de Basra em um acampamento militar para os exércitos do Califa Omar. Após derrotar as forças sassânidas, o comandante árabe-muçulmano Utba ibn Ghazwan acampou no local, originalmente um assentamento persa chamado Vaheštābād Ardašīr, que fora destruído pelos árabes. Dita região possui uma ampla maioria xiita (um dos quatro elementos que determina a identidade iraniana), santuários e cidades de grande relevância cultural e histórica para o povo iraniano, como por exemplo, a própria Vaheštābād Ardašīr, Najaf, Karbala (local da famosa batalha do mesmo nome), onde os 71 seguidores de Ali, entre eles, Hussein, um dos netos do profeta Mohamed, foram cruelmente assassinados pelas forças de Yazid da Dinastia Omíada, em outras palavras, é o local de nascimento do Xiismo Duodecimano, a vertente xiita predominante no Irã e Ctesifonte (capital do Irã sassânida).

Além desses importantíssimos detalhes históricos mencionados sobre a província de Basra, não podemos esquecer dos aspectos econômicos. Essa região é uma importante produtora de petróleo, com 64% das reservas iraquianas. Basra abriga refinarias, com capacidade para cerca de 140.000 barris diários e várias indústrias químicas.

A região de Mosul, conhecido como Curdistão Iraquiano e localmente como Região do Curdistão é uma região autônoma do atual Iraque. Como o próprio nome da região já enfatiza, ela é habitada por curdos étnicos, e como já vimos anteriormente, curdos são um dos vários grupos étnicos iranianos. Essa porção do atual norte iraquiano sempre se caracterizou por uma forte tensão entre, de um lado, árabes étnicos e o governo federal iraquiano; e de outro, os curdos e a União Patriótica do Curdistão, partido político que representa essa etnia, que do ponto de vista étnico se encontra fora da ideologia do pan arabismo do Partido Baath. Por essa razão, o governo de Saddam Hussein sempre procurou enfraquecer ou até destruir os curdos. A Guerra Irã-Iraque, durante a década de 1980, e a campanha genocida em Anfal do exército iraquiano devastou a população do território, e após as revoltas de 1991 contra Saddam Hussein os curdos foram forçados a fugir do país e se tornarem refugiados nas regiões fronteiriças no Irã e Turquia, onde nesse último também são perseguidos. As desavenças com o governo central iraquiano também envolvem a cidade de Kirkuk, que os

curdos reivindicam como parte de seu território. Essa cidade foi uma cidade de esmagadora maioria curda até o governo de Saddam Hussein impor a “arabização”, que os expulsou de sua moradia para dar lugar, principalmente a árabes sunitas. Como resultado, Kirkuk é hoje um centro multiétnico, e a população árabe não aceita a incorporação da cidade às províncias curdas. Além disso, Kirkuk concentra 13% das reservas comprovadas de petróleo do Iraque. Na visão de Bagdá, Kirkuk é preciosa demais para ficar apenas com os curdos. É importante mencionar que 74% do petróleo do atual Iraque é extraído em terras iranianas, no caso curdas. As disputas em torno da soberania de Kirkuk fazem acirrar os confrontos entre árabes e curdos no norte.

Não é pouca a quantidade de pessoas ao redor do mundo que defende a independência da região que se encontra na região fronteira entre o atual Iraque, a Síria, a Turquia e o Irã. Mas poucos têm a consciência que esse sentimento “nacionalista” curdo é uma resposta às atrocidades e crueldades, assim como às discriminações contra o povo curdo, realizadas pelos governos iraquiano e turco. Isso reafirmou a identidade curda consideravelmente elevando a um nacionalismo exacerbado que nunca havia existido na história, portanto, algo claramente artificial. Esse desejo por uma nação independente curda só é defendida por alguns curdos que habitam o norte do Iraque e o leste da Turquia. Em contraste, isso não é reivindicado nos curdos que habitam as províncias de Kermanshah, Hamadan, Ilam e Curdistão; localizadas nas atuais fronteiras iranianas. Quando as pessoas perguntam sobre sua especificidade curda, a sua reação era quase de raiva, ou de rejeição: “O quê?! Somos curdos!”, eles respondiam em curdo: “Não, de jeito nenhum, somos iranianos acima de tudo e compartilhamos todos os problemas do Irã.” Em todos os grandes momentos da história do Irã, os slogans no Curdistão eram exatamente os mesmos dos de Teerã, Mashhad, Esfahan, Shiraz, Zahedan; como Janet Afary e Kevin B. Anderson expõem em *Foucault e a Revolução Iraniana*. David McDowall em *A Modern History of the Kurds* e David Romano em *The Kurdish Nationalist Movement: Opportunity, Mobilization and Identity*, apontam que os curdos residentes dentro das atuais fronteiras do Irã, principalmente os xiitas kermanshahi não têm nenhum interesse em autonomia.

Figura 17 – Manifestações em Teerã contra ações do grupo Daesh com cartazes favoráveis à anexação de todas terras curdas ao Irã



Fonte: Fariborz Khan

Porém, por outro lado, Tarek Aziz, diplomata iraquiano no governo de Saddam Hussein, questionado sobre o fato do Iraque ser constituído de três entidades culturais

diferentes que correspondem cada uma delas a um território homogêneo; afirma que o Iraque é uma das entidades mais antigas do mundo, argumentando que já existia enquanto Estado, com suas leis, seu exército há sete mil anos. Ele acrescenta que o Iraque em hipótese nenhuma é uma entidade artificial, afirmando que ela representa uma continuidade histórica, sob forma de uma República moderna, que sucede o Império dos otomanos e a monarquia. Dando ênfase em sua posição, considera que os cristãos, cuja instalação é anterior ao islã, ficaram, assim como os curdos no norte. Os muçulmanos vieram da península árabe e combateram os persas que haviam se instalado. Os cristãos ficaram ao seu lado, para combater, enquanto árabes, os persas, que em sua visão os caracteriza de ateus. Tarek Aziz segue seu raciocínio dizendo que as divisões entre árabes e não árabes; sunitas ou xiitas; cristãos ou muçulmanos são totalmente fictícias. Ele complementa sua argumentação com aspectos de sua vida pessoal. Conta ele, que seu pai era um pequeno funcionário do norte, em uma região consideravelmente de maioria curda. Sua família chegou em um povoado, onde os moradores falavam apenas curdo. Sua família falava curdo com seus colegas, mas em casa, falava árabe. Nem por isso os integrantes de sua família foram tratados como estrangeiros, nunca havendo um conflito sectário entre os diferentes componentes da sociedade iraquiana. Tarek Aziz afirma que os estrangeiros, principalmente europeus e estadunidenses, possuem a tendência de aplicar ao mundo seus próprios critérios, sua visão particular. Em sua visão, pelo fato das guerras religiosas terem ensanguentado a Europa durante séculos, os europeus concluem que entre xiitas e sunitas só pode haver um confronto sangrento. Ele conclui que em 1950, por exemplo, existia no Iraque, dois partidos liberais, oriundos da classe média e que se encontravam na oposição. O chefe do Partido Nacionalista Liberal Árabe era um xiita; o chefe do Partido Liberal, próximo ao Partido Socialista, era sunita; o primeiro-secretário do Baath, que estava então na clandestinidade, era xiita; e que quando, ele próprio se aderiu ao Baath, ninguém o questionou o fato de ser cristão. Ele complementa que essa é a realidade do Iraque, essa é a razão pela qual, apesar das guerras e do embargo, todas as tentativas para dividir essa sociedade fracassaram. Porém, para Salem Hikmat Nasser, professor de Direito Internacional da Fundação Getúlio Vargas, tal sociedade apenas ainda não se fragmentou devido ao fato dos Estados Unidos ainda não possuírem a certeza que essa fragmentação seria benéfica a seus interesses geoestratégicos, econômicos e geopolíticos.

Quando indagado sobre a especificidade curda, Tarek Aziz, afirma que quando o Baath chegou ao poder em julho de 1968, quis resolver o problema pacificamente. O novo governo contactou com Mustapha Barzani, o chefe do PDK, para convidá-lo a participar do governo. Em suas palavras, os líderes curdos entraram no governo para deixá-lo depois de

alguns dias. A experiência durou de 17 até 30 de julho daquele ano. Desde então, os curdos iniciaram uma rebelião, apesar de todos os esforços por parte do governo baathista para manter o diálogo. Ele acrescenta que lembra muito bem desse acontecimento, já que foi membro da delegação que se encontrou com Barzani na sede do seu partido. Continuando com sua argumentação, afirma que o próprio Saddam Hussein, na época de vice presidente, foi à sede de Barzani para negociações que chegaram à declaração de 11 de março de 1970, sobre o princípio de uma autonomia regional, onde o partido Baath reconheceu a nacionalidade curda dentro do marco do estado iraquiano. Os curdos beneficiam-se de direitos culturais e eles têm uma autonomia de gestão em certos campos, na qual, essas disposições estão escritas na Constituição iraquiana, relata. O diplomata ainda diz que a maioria dos curdos não contesta esses princípios, mesmo se alguns dentre eles reclamam contra a maneira pela qual são aplicados. Em contrapartida, na Turquia a situação é completamente diferente, já que o governo não reconhece os curdos enquanto nacionalidade, não tendo direitos culturais, nem direito a autonomia. Eles são considerados como turcos, cidadãos iguais aos outros turcos, sejam eles armênios, árabes ou turcos; enquanto no Iraque o governo estabelece a diferença entre a cidadania e a nacionalidade. No Iraque, se reconhece a diversidade étnica e religiosa do país. Ele complementa seu raciocínio, dizendo que, paradoxalmente, o Ocidente encoraja os curdos do Iraque a combater o governo no poder, enquanto apóia as autoridades turcas que reprimem seus curdos. Ele termina relatando um paradoxo flagrante, onde mais uma vez se observa a existência de dois pesos e duas medidas.

6.4 A luta pela hegemonia no Golfo

Outro acontecimento contemporâneo que indiretamente ou não formalmente pretende enfraquecer as influências iranianas na região é a criação do Conselho de Cooperação do Golfo em 1981. A época da fundação dessa organização de integração econômica, na qual reúne seis países do Golfo Pérsico não é mera coincidência com a Revolução Xiita, com o início da guerra proporcionada pela loucura de Saddam Hussein e com a reivindicação formal por parte de Teerã sobre o Bahrein.

Oswaldo Coggiola em *A Revolução Iraniana*, afirma que o surgimento do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), em 1981, deve ser entendido como uma resposta das petromonarquias ao medo que todas compartilhavam do Irã. Várias capitais árabes davam sinais de angústia e preocupação, porém nenhum país, mostrava tanto alarme em relação aos

acontecimentos quando a poderosa e milionária Arábia Saudita, na qual sentiu na pele o impacto provocado pela revolução iraniana, quando em 20 de novembro aproximadamente duzentos militantes armados ocuparam a Grande Mesquita de Meca como forma de protesto contra a corrupção interna e a política de alinhamento com os estadunidenses. Apesar de ter enfrentado forte resistência, o Exército do reino acabou derrotando os manifestantes. Com muito espanto, os estrategistas imperiais tomaram conhecimento da existência de uma oposição na Arábia Saudita, o baluarte dos Estados Unidos na região. A partir de então, os reis opressores começaram a considerar o componente religioso da população, já que haviam em seu país nada menos que 800 mil xiitas. Diante desse ambiente, o rei Khaled e o príncipe Fahd compartilhavam um profundo medo, ainda que não o dissessem expressamente de uma revolução do tipo iraniano em suas fronteiras. Porém, o problema não era basicamente histórico e cultural, mas também refletia um importante caráter econômico. Em decorrência disso, os Estados Unidos e seus aliados estavam temerosos com uma greve nos poços de petróleo da Arábia Saudita. Diante deste cenário, a comedida Arábia Saudita anunciou um alerta total em suas Forças Armadas e chamou de volta um contingente de 1.200 homens que mantinha como força de paz no Líbano. A Arábia Saudita sentia-se só e ameaçada. Na década de 1970, essa última aumentou suas despesas militares a um ritmo assustador. Nos anos 1967 e 1968, o governo havia gasto com armas apenas 328 milhões de dólares. Já dez anos depois, em 1977 e 1978, a despesa era de aproximadamente 10 bilhões de dólares. Depois da Revolução Iraniana começou uma correria. Conselheiros militares da Alemanha e da França foram importados para organizar divisões especializadas na repressão de manifestações de rua e na defesa da segurança das zonas petrolíferas, que curiosamente se encontravam e ainda se encontram na província oriental, de ampla maioria xiita. Paralelamente, uma espécie de cidade fábrica de munições começou a ser montada em tempo recorde na região de Al Kharj, ao sul de Riad. Sistemas de controles eletrônicos especiais, com postos de escuta localizados a cada mil metros, foram reforçados em torno dos campos petrolíferos. Os estadunidenses dispensaram as exigências de praxe e intensificaram a remessa de armas para a Arábia Saudita.

Isso tudo pode ser explicado pelo desequilíbrio geopolítico regional desencadeado pela Revolução de 1979 no Irã. Até esse acontecimento histórico do século XX, o equilíbrio da área repousava em um triplé: o dinheiro saudita, o exército iraniano e o petróleo dos dois; respectivamente, o primeiro e segundo exportadores mundiais. Ou seja, não havia mais o Exército do xá para, por exemplo, intervir, como o fizera no passado, quando era o caso de sufocar guerrilhas em Omã. A revolução iraniana pôs em xeque as credenciais islâmicas da

Arábia Saudita e das demais monarquias absolutistas do Golfo Pérsico, ao expor os laços desses Estados com os Estados Unidos. O antigo pilar e indispensável da legitimidade das petromonarquias, a defesa do Islã, começou a tremer diante do discurso do novo regime iraniano, que tornava pública o desejo de exportar sua ideologia revolucionária para regiões vizinhas, e a reintegração do Bahrein como parte integral de seu território. Daí o desespero que resultou na criação do Conselho de Cooperação do Golfo apresentado anteriormente.

A Carta do Conselho declara que os objetivos básicos são os de efetuar a coordenação, a integração e a interconexão entre os Estados membros em todos os campos, reforçando laços entre os seus povos, formulando regulações similares em vários campos como a economia, finanças, o comércio, a alfândega, o turismo, a legislação, a administração, bem como o progresso técnico na indústria, a mineração, a agricultura, recursos d'água e de pecuária, o estabelecimento de centros de pesquisa científica e a cooperação do setor privado. O que não está implícito na carta é que, com isso, tal organização fortalece o vínculo entre as nações árabes, cercando toda a fronteira iraniana, desde o extremo leste do Golfo Pérsico até a tripla fronteira Irã-Iraque-Turquia, o que impede teoricamente anseios irredentistas por parte do Irã, além de controlar o poder xiita na região, principalmente no Bahrein, Iêmen e na costa saudita.

A monarquia absolutista wahhabista da Arábia Saudita e toda a elite sunita dos países do Conselho de Cooperação do Golfo haviam passado a considerar o Irã como o principal inimigo depois da consolidação da Revolução de 1979, na qual estabeleceu o Irã como o principal pólo de disseminação do Xiismo. O Irã já era a entidade política dos arianos desde os tempos de Ciro, o que já o convertia em um ancestral e histórico inimigo do mundo árabe; assim como um país claramente xiita desde a Era Safávida, mas o fato de converter-se no primeiro país dominado pelos xiitas do Oriente Médio provocou um enorme medo em todas as monarquias absolutistas árabes do Golfo Pérsico, todas elas criações do colonialismo inglês, e na própria mãe de todas elas, a Arábia Saudita, aprofundando o cisma religioso, ampliando o antagonismo ancestral entre árabes e iranianos.

As ilhas de Bahrein foram sempre compradas, vendidas e cobiçadas desde a Antigüidade, principalmente devido à sua posição geoestratégica privilegiada na região do Golfo.

Como tudo no Irã, a história civilizacional no Bahrein remonta milhares de anos. Já na época aquemênida, estas terras consistiam como baluarte em suas fronteiras sulistas, como uma fortaleza nas águas esverdeadas do Golfo Pérsico. Na dinastia Samânida, o Bahrein foi

um importante enclave comercial iraniano em interação com o mundo exterior. Porém, com a invasão árabe no século VII, essa ilha viu a chegada de habitantes do deserto, em uma grande leva de beduínos e pastores nômades.

Durante a dinastia Buyida, uma das primeiras dinastias iranianas após a invasão árabe, iranianos conseguem livrar grandes regiões das mãos dos invasores, incluindo várias ilhas do Golfo Pérsico, entre elas, o Bahrein, que permanece sob mãos iranianas até 1521, quando essa ilha é ocupada pelos portugueses. Em 1602, em um momento de crescente poder da dinastia Safávida, as Forças iranianas, com a ajuda dos ingleses, que desejavam enfraquecer a expansão marítima portuguesa, retomam as ilhas para o Império Persa, tornando-as uma base estratégica e militar muito importante.

Quando uma tribo, chamada Al-Khalifa, oriunda da Arábia Saudita adentra em 1765 no Bahrein, a história política dessa região começou a testemunhar o início de um novo período. Não demorou muito tempo, para que essa tribo, liderada por um sujeito chamado Ahmad bin Khalifa começasse a planejar a administração da ilha. Em 1783, o Irã, na época, administrado pela dinastia Zand, tentou frear os avances das pretensões dos Al-Khalifa, mas foi fortemente derrotado, pois os árabes haviam cercado a ilha. A ilha do Bahrein, baluarte e fortaleza, símbolo de milênios de presença iraniana no Golfo Pérsico, estavam nas mãos de um indivíduo oriundo da Arábia Saudita, Ahmad bin Khalifa, agora convertido em um príncipe. Ou seja, mais uma vez na história, árabes abortavam uma região da nação iraniana. Cabe mencionar que os ingleses ajudaram à tomada da ilha, pelos árabes da família Al-Khalifa, pois visualizavam o Irã, como um rival mais forte e poderoso.

Desde então, sentindo do próprio veneno, os Al-Khalifa foram afligidos de invasão e ataque de forças diferentes, sendo traídos por dois de seus principais aliados no assalto ao Bahrein. Sauditas continentais, turcos otomanos e, finalmente, os ingleses; cada um em alguma ocasião tentou se apropriar do Bahrain para o seu domínio. Em 1830, o xeique Abdul Al Khalifa declara dependência total ao Governo iraniano como o egípcio Mohammad Pasha que havia emancipado a Península Arábica do Império Otomano.

Porém, por mais irônico que possa parecer, em 1860, quando os ingleses tentavam dominar o Bahrein, o governo Al Khalifa enviou uma carta ao xá iraniano Nasser al-Din, redigida pelo xeique Mohammad Ben Khalifa, na qual, declarava que ele e todos os membros da família Al-Khalifa eram seus irmãos, e exigia ao Governo iraniano, para que esse projetasse o Bahrein diante da pressão inglesa. Quando a pressão do coronel Lewis Pell aumentou sobre o Bahrein, o xeique Mohammad Ben Khalifa voltou a pedir, para não dizer

suplicar por assistência militar do Irã, mas o governo iraniano, além de não ter um pingão de vontade de defender os responsáveis pela toma do Bahrein de seus braços; naquela época não tinha a capacidade de proteger o Bahrein (uma região iraniana administrada por árabes usurpadores) de uma agressão inglesa. Então, o governo da Índia britânica, eventualmente dominando o Bahrein; e o coronel Pelly em maio de 1861 assinaram um acordo com o xeique Mohammad Al-Khalifa, e posteriormente com seu irmão, Sheikh Ali Al Khalifa. Ou seja, isso colocou o Bahrein sob o domínio e proteção britânica.

Quando as Forças britânicas entraram no Bahrein, os ingleses notaram que bandeiras iranianas ainda estavam hasteadas em todas as torres e fortalezas dessa ilha. Os representantes britânicos em 1868 assinaram outro acordo com os governantes da família Al Khalifa para que a ilha se juntasse aos territórios protetorados britânicos no Golfo Pérsico. Outros acordos de 1880 e 1892 completaram, finalmente, o status de protetorado do Bahrein para os britânicos. Ou seja, o Bahrein, que estava praticamente separado do Irã desde 1783, embora a população da ilha confirmasse sua lealdade ao Irã, entre os anos de 1868 e 1892 foi desencadeado o processo que acabou decretando uma separação total entre a ilha e o Irã continental.

Os distúrbios e agitações conduzidas pela população do Bahrein na verdade começaram, quando o colonialismo inglês estabeleceu oficialmente seu domínio decisivo e completo sobre esse território em 1892. As primeiras rebeliões e sublevações generalizadas ocorreram no mês de março de 1895, contra o xeique Essa Ben Ali, o então governador dos Al Khalifa. Essa figura foi o primeiro governante da família Al-Khalifa, que governava naquela terra sem quaisquer relações com o Irã. Arnold Wilson, o representante político da Inglaterra no Golfo Pérsico, que viria a escrever uma obra intitulada "O Golfo Pérsico", chegou ao Bahrein nesse momento de agitação política. Ao longo dessa revolta, inúmeros manifestantes foram mortos pelas Forças inglesas, o que viria a ser recorrente nessa ilha do Golfo Pérsico. Esses acontecimentos resultaram que vários tratados forçados foram feitos no século XIX determinando que o arquipélago se transformasse em um protetorado militar e comercial britânico.

Em contrapartida, em 1911, um grupo de comerciantes do Bahrein exigiu a restrição da influência inglesa na ilha. Os líderes desse movimento foram presos e mandados a um exílio forçado na Índia. Em 1923, a Inglaterra depôs o xeique Essa Ben Ali, com a acusação de opor-se à autoridade britânica, estabelecendo um representante permanente no Bahrein. Isso coincidiu com a reivindicação pela posse do Bahrein pelo Irã, na qual o xeique Essa Ben

Ali tinha sido acusado de acolher esse movimento. O apego demonstrado pelo povo do Bahrein pela reivindicação do Irã pela ilha causou preocupação para a Inglaterra. Não satisfeito com as ações inglesas, em 1927, Reza Shah, em uma carta à Liga das Nações, exigiu a devolução imediata do Bahrein. Para solucionar estes problemas, os ingleses despacharam um dos oficiais coloniais mais experientes, Sir Charles Belgrave como um conselheiro para o Emir do Bahrein em 1926. Suas duras medidas causaram a intensificação no aumento da aversão de uma grande parte da população em relação a ele e, eventualmente, resultou em sua expulsão do Bahrein em 1957. Empresas coloniais não se limitaram às ações violentas contra o povo do Bahrein, mas a uma série de iniciativas covardes, que incluiu a *deiranisation* do Bahrein e do Golfo Pérsico; e uma proposta não posta em prática, para mudar o nome do Golfo Pérsico; mas realizada por Abdul Karim Ghasim, o ditador de Bagdá.

Os ingleses tinham a consciência que sua dominação enfraquecida ao longo de sua calamitosa administração no Bahrain seria igual a perder o controle de todo o Golfo Pérsico. Então, decidiram trazer sob seu controle a qualquer custo as revoltas da população do Bahrein. Para alcançar este objetivo, os elementos do Governo inglês, utilizando a velha tática de promover distúrbios sectários como estratégia de dominação, intensificaram conflitos entre as ancestrais dualidades étnicas e religiosas, iranianos e árabes; e xiitas e sunitas, respectivamente, no Bahrein. A tendência iraniana no levantamento deste período iria influenciar as seguintes ações do Parlamento do país.

Em novembro de 1957, o Parlamento iraniano, aprovou uma lei que declarava o Bahrein como a décima quarta província do Irã, com dois lugares devidamente reservados para seus representantes. Essa ação causou inúmeros problemas para o Irã na esfera de suas relações internacionais, especialmente com alguns órgãos das Nações Unidas, a Inglaterra, Arábia Saudita e vários países árabes, proporcionando uma grande desculpa para a extremista medida do governo iraquiano de divulgar uma campanha antiiraniana na região. Neste momento, o país europeu mencionado, começou a mudar a demografia do Bahrein. A política inglesa de "Deiranisation" do país consistia em importar um grande número de diferentes árabes, assim como outros grupos étnicos a partir das colônias britânicas para trabalhar como operários, com a intenção de diminuir gradualmente a quantidade da população original do Bahrein. Essa ação foi contra o povo do Bahrein, causando não apenas um aumento no senso de precaução da Inglaterra e da família Al-Khalifa, como também na direção da conexão iraniana com os levantes dos habitantes da ilha, suprimindo a liberdade, forçando a população a não expressar qualquer tendência iraniana, a fim de evitar a acusação de dependência com

"as políticas expansionistas do Irã no Golfo Pérsico", que na época estava sendo divulgado intensamente contra seus direitos merecedores no Golfo Pérsico.

Ao mesmo tempo, é de salientar que as manifestações de 1956 forçaram os governantes da família Al Khalifa a deixar a capital Manama para residir na aldeia de Al Gharbi Refae, onde apenas servos árabes sunitas eram autorizados a viver naquela aldeia como seus guarda-costas. No entanto, esse governo é considerado um Governo flexível e liberal, em comparação com todos os governos árabes do Golfo Pérsico, especialmente quando comparamos com os governos do Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar e o Iraque de Saddam Hussein. A razão para essa flexibilidade deve ser analisada por dois aspectos. Em primeiro lugar, os árabes da família Al-Khalifa encontraram-se, desde o início de sua chegada, com os iranianos e nunca puderam acabar com esse status de "visitantes indesejados". Em segundo lugar, a síntese da população do Bahrein foi e é diferente dos outros países do Golfo Pérsico. Enquanto os outros emirados foram comunidades tribais, que cresceram ao redor da tribo dominante, o Bahrein tem sido uma sociedade urbana desde os tempos antigos, como as sociedades do Irã continental. Essa é uma das razões pelas quais, os governantes do Bahrein não foram capazes de privar todos os membros da sociedade de participar nos assuntos do país.

Em 1965, a Inglaterra começou a dialogar com o Irã para determinar suas fronteiras no Golfo Pérsico. Não foi tempo suficiente para que a resistência dessas desgastantes conversações tornara impossível que ambas as partes com amplas diferenças sobre fronteiras do território da região; incluindo o litígio relacionado com o domínio do Bahrain e a determinação das fronteiras marítimas entre os países do norte e do sul do Golfo Pérsico, entrassem em um acordo. O fato dos sauditas receberem o xeique Essa Ben Salman Al-Khalifa, o emir de Bahrein como um chefe de Estado em Riad causou uma grande crise diplomática entre os já não muito "chegados" Irã e Arábia Saudita. A mediação do sultão Hasan, o rei do Marrocos amenizou a relação entre ambos os países. Sob esse cenário, o Irã e a Inglaterra concordaram em colocar a questão de domínio do Bahrein para julgamento internacional e solicitaram ao Secretário Geral das Nações Unidas a tarefa de assumir esta responsabilidade.

O Irã vinha se caracterizando pela defesa da realização de um referendo no Bahrein. Já a Inglaterra se posicionou totalmente contra essa hipótese e o Governo do Bahrein afirmava não estar de nenhuma forma preparado para aceitar tal referendo. A argumentação da oposição à execução do referendo consistia na teoria de que a família Al Khalifa enxergava

que a figura jurídica de celebração do referendo seria negar 150 anos de governo de seu clã no país. No final, como uma alternativa para o referendo, o Irã e a Inglaterra concordaram em solicitar às Nações Unidas a realização de um plebiscito no Bahrein que determinasse o futuro político do território.

Outant, o então secretário-geral das Nações Unidas, em resposta às cartas do Irã e da Inglaterra em março de 1970, afirma que Vittorio Winspere Guicciardi, gerente do escritório das Nações Unidas em Genebra seria o encarregado de executar e cumprir essa tarefa. Guicciardi e seus colegas chegam ao Bahrein e começam a tarefa de levar a cabo o plebiscito em 30 de março de 1970. Essa missão continuou por mais de duas semanas. Durante esse período, Guicciardi realizou reuniões com líderes de diferentes grupos e classes sociais da ilha, e finalmente o relatório, número 9772 foi apresentado ao Secretário-Geral das Nações Unidas e em 11 de maio de 1970, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a conclusão de Winspeare que a esmagadora maioria do povo desejou o reconhecimento da identidade do Bahrein como um Estado totalmente independente e soberano, livre para decidir suas próprias relações com outros Estados. Após a ratificação do presente relatório, a resolução do Conselho de Segurança mencionado foi transmitida aos governos do Irã e da Inglaterra. O governo iraniano informou o resultado da missão e a Resolução da Organização das Nações Unidas para seu Parlamento. O relatório do governo foi ratificado pela Assembleia Nacional iraniana (Mjles-e Shoray-e Melli), em 14 de maio, e pelo Senado iraniano (Majlis-e Sena) no dia 18 do mesmo mês. A Inglaterra, como o Irã, aceitou o relatório, o que, a princípio estabeleceu o fim do conflito.

Na verdade, em um contexto mundial caracterizado pela descolonização, o resultado da Resolução era exatamente o que o governo inglês desejava. Isso é, promover a independência do Bahrein, mantendo estreitos vínculos comerciais, preservando seus interesses no Golfo Pérsico. Para isso, o governo inglês organizou a cena, a fim de separar o Bahrein, a então 14ª província do Irã. A tradicional colonialista Inglaterra, totalmente perturbada pela propagação do xiismo no costa sul do Golfo Pérsico, concebeu a grande conspiração de separação do Bahrein de sua pátria. Os originais habitantes do Bahrain não foram autorizados a participar do referendo realizado pelo governo inglês. Em contraste, a maioria dos participantes do referendo, oriundo do Paquistão, da Índia e de Bangladesh, recebeu dinheiro da Inglaterra. Apenas esses detalhes já colocam tal referendo na ilegalidade. O Secretário Geral da ONU, U Thant expressou sua oposição à excessiva intervenção inglesa nos assuntos internos do Bahrein, mas ele foi intimidado pela Inglaterra e pelos EUA.

O monarca títere de Washington, xá Mohammad Reza Pahlavi, totalmente corrupto, era muito fraco e incompetente para resistir. Mais uma vez na história do Irã, o país paga por seus debilitados e corruptos governantes. Uma vez, os responsáveis, foram os quatro últimos soberanos da dinastia Qajar, agora, a fraca e já agonizante dinastia Pahlavi mostrava sinais que seu fim estava próximo.

O Bahrein conseguiu novamente a independência (saindo da situação colonial de protetorado ocupado militarmente) em 1971 e transformou-se em emirado, causando a ira de iranianos nacionalistas como Mohsen Pezeshkpour, criador do Partido Pan-Iranist. No mesmo ano, começaram os choques entre Pezeshkpour e o xá. Tal partido abriu os olhos para a retomada da ilha, na qual a considerava como uma de suas províncias históricas. Quatro anos mais tarde, em 1975, o xá rompe com a ala de Pezeshkpour, que havia mantido a denominação Pan Iranist e o coloca na ilegalidade, criando seu partido pessoal, o Rastakhiz. O governo do xá agonizava-se cada vez mais.

De acordo com o mapa oficial registrado pela sede da ONU, o Bahrein era parte integrante do Irã continental. Naquela época, infelizmente, o fraco monarca do Irã falhou ao distanciar-se do público e ter aceito a independência e separação do Bahrein orquestrada por um referendo ilegal. O xá não fez nada para salvar a sua coroa, já estando quase totalmente isolado de seu povo. Pela semelhança do território do Bahrein com o formato de um fígado humano, nacionalistas iranianos estabeleceram uma analogia, na qual orquestraram a conexão do território nacional com o corpo humano. Ou seja, nesse caso, o Bahrein seria o fígado. Pelo fato da impossibilidade de um corpo funcionar sem o fígado, eles desenvolveram uma emblemática frase que ecoa no imaginário iraniano: “O Bahrein é uma inseparável parte do Irã” - "Bahrein yek bakhsh-e joda nashodani az Irán ast", em farsi. Porém, esse episódio teve como desfecho a separação do Bahrein, ou como queiram, a perda do “fígado” da nação iraniana, causando uma grande cicatriz no coração dos iranianos desde então.

Figura 18 – Cartaz retratando que o Bahrain é uma inseparável parte do Irã



Fonte: <http://www.persiangulfstudies.com/en/index.asp?p=NEWS2>

Após a queda e a fuga do xá, e o sucesso da Revolução Xiita de 1979, esperava-se que o novo regime logo incitaria a atenção internacional, condenando a separação ilegal do Bahrein de acordo com o sistema jurídico internacional. Na verdade, a questão do Bahrein foi ofuscada pela guerra que o Iraque impôs ao Irã, levando este último a uma guerra imposta, conduzindo-o a uma mobilização generalizada, que produziu a libertação de Khorramshahr, Bostan e outras cidades; e a tentativas irredentistas, que culminaram com a vingança militar de al-Qãdisiyyah.

Podemos estabelecer uma analogia do Irã e Bahrein com a China e Taiwan, com a diferença que no caso chinês a desavença foi interna, enquanto no caso iraniano, tal província foi arrancada por vizinhos, no caso, árabes sauditas, com uma considerável ajuda inglesa.

A revolução iraniana de 1979 repercutiu no Bahrein na década de 80 devido ao efeito que produzia um poder árabe sunita sobre uma população majoritariamente xiita de origem iraniana “arabizada” a força desde o século XVII, ajudada em muito pela arabização conduzida pelos ingleses no século XX. Como consequência desse fato, se criou em 1981, o clandestino Frente para a Libertação Nacional e o Irã reivindicou formalmente, de novo algumas ilhas do emirado. Como resposta, o Bahrein, governado até atualmente, pela mesma família Al-Khalifa de origem saudita; assinou um acordo de defesa com a Arábia Saudita e

entrou no Conselho recém criado, como já foi mencionado. O regime da família Al-Khalifa vem destruindo elementos culturais iranianos nas ruas da capital Manama, legado da milenar presença iraniana na ilha, desagradando a maioria da população local e causando fortes tensões internas, na qual em certos momentos é necessário apoio militar saudita para conter rebeliões e tumultos.

Os xiitas compunham cerca de 70% da população do Bahrein, estimada em 1.214.705 habitantes (517.368 eram trabalhadores estrangeiros), e também viviam, econômica e politicamente, marginalizados, nas mesmas condições que na Arábia Saudita. Em 2011 houve grandes manifestações e protestos contra o regime da família Al-Khalifa. O emir sunita, auto-proclamado, rei em 2002, Hamad bin Isa Salman Al-Khalifa, impôs a lei marcial e os manifestantes foram massacrados pelas tropas da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos, que atravessaram a ponte de Manamah, sob a égide do Conselho de Cooperação do Golfo, a fim de sufocar as manifestações e proteger as “instalações estratégicas” lá existentes. Essas manifestações, exigindo reformas democráticas, sob a liderança do clérigo Shayk Isa Qassim, não cessaram. A maioria xiita, no Bahrein, já se havia levantado pelo menos duas vezes em 2011 e em março de 2012 contra a dinastia sunita governante do Shayk bin Isa Al-Khalifa, e fora reprimida brutalmente pelas tropas sauditas, que cruzaram a ponte entre os dois países até a capital do Bahrein.

Na verdade, estamos nos referindo a um pequeno país insular, de 692 quilômetros quadrados, um arquipélago de 35 ilhas e ilhotas no Golfo Pérsico, habitado anteriormente por populações iranianas e pescadores de pérolas. Foi exatamente nessa região, que primeiro, em 1932 jorrou petróleo no Golfo Pérsico, explorado pela Bahrain Petroleum Company, subsidiária da Standard Oil of California, estabelecida no Canadá. No entanto, enquanto sua produção de petróleo fosse diminutiva, da ordem aproximada de 239.900 bbl/d, estimativa de 2009, o Bahrein revestiu-se posteriormente, de vital importância geopolítica e estratégica para os Estados Unidos. O Pentágono lá mantém, em Juffair, próxima de al-Manamah, uma grande base naval que abriga a 5ª Frota, com aviões; destróieres; cerca de quarenta navios de guerra; e 30.000 efetivos, e sua Força Aérea passou a usar o aeroporto de Muharaq e a base aérea Shaikh Isa para as operações no Golfo Pérsico, no Mar Vermelho e no Mar Persa e a segurança do Estreito de Ormuz. Através dessa rota passavam, aproximadamente, 22% do óleo cru e produtos de petróleo importados pelos Estados Unidos provenientes da Arábia Saudita, do Bahrein, do Iraque, do Kuwait, do Qatar e dos Emirados Árabes Unidos. Ou seja, de todos os membros do Conselho de Cooperação do Golfo.

É importante ressaltar que essa questão nunca foi esquecida, tanto pelo atual regime iraniano, quanto pela população do país. A posse do Bahrein todavia joga um importante papel na memória coletiva da população iraniana, o que o inclui nas terras irredentas, sendo considerado uma província arrancada e invadida pelos vizinhos árabes sauditas, com uma crucial interferência inglesa.

A separação do Bahrein em 1971, traz a questão à tona pelo ângulo que segundo as leis do direito internacional tal separação é totalmente ilegal, e que apenas foi possível e permitido pelo poder colonial britânico.

Os governantes da dinastia Al-Khalifa, ignorando os fatos históricos e seu minúsculo tamanho geopolítico, em detrimento do Irã continental, orquestram constantes acusações contra o Irã, muito maiores de seu peso político, com apoio ocidental.

A dinastia Al-Khalifa apoiou Saddam Hussein durante a guerra contra o Irã, com doações pródigas à Bagdá. No entanto, o Irã não deu muita importância a esse caso. Isso encorajou os governantes do Bahrein, na qual interpretaram o Irã como um fraco ator geopolítico. Sheikh Khaled bin Ahmed Al-Khalifa, ministro das Relações Exteriores do Bahrein insultou recentemente o povo iraniano com um discurso que comanda a mentalidade dos funcionários do regime Al-Khalifa, estando longe de normas e convenções diplomáticas.

Este tipo de retórica não só viola o sentido de boa vizinhança, mas também intensifica os conflitos, onde o verdadeiro perdedor é a dinastia Al-Khalifa. A imagem distorcida da atmosfera política externa iraniana nos olhos dos governantes do Bahrein não afeta a nação iraniana, no entanto as situações internas, tanto políticas e demográficas na ilha são muito mais frágeis do que seus governantes podem perceber. Até agora, o Irã tem evitado qualquer intervenção destinada a danificar a cena política do Bahrein por suas capacidades ocultas e evidentes, mas se tal dinastia mantém seu discurso de ódio, o comportamento do Irã não seria o mesmo.

O povo iraniano tem demonstrado e provado a sua natureza, característica da paz, e de seu compromisso com a ética, moral, valores; mas, se o limite for violado, então o destino da família Al-Khalifa será o mesmo de Saddam.

Além do contexto irredendista em relação ao Bahrein, ainda no Golfo Pérsico são complexas as relações com os Emirados Árabes Unidos, onde são recorrentes os conflitos entre o Irã e esse país, em decorrência da soberania de três importantes ilhas. São elas: Abu Musa, Tomb Grande e Tomb Menor. Na verdade, os governantes desse país árabe têm pavor

da hegemonia do Irã na região. Aliás, a disputa também existe pelo nome das águas verdejantes e cristalinas que separam os dois países. Para os árabes, trata-se de Golfo Árabe. Alguns defensores dessa denominação argumentam que tal nome é usado pela Liga Árabe, pelas Nações Unidas em seus documentos no idioma árabe, sendo que tal idioma é uma língua oficial das Nações Unidas. Também articulam um pensamento retratando que o nome “Golfo Pérsico” está relacionado com o Império Persa, que já não existe, e fazem uma alusão com o Mar Mediterrâneo que costumava ser chamado de Mar Romano. Também afirmam que Irã não significa Pérsia, argumentando que o Irã consiste em várias etnias, como persas, gilakis, curdos, baloquis, lures, mazandaranis, azeris. Eles também exaltam a etnicidade árabe ao longo da região, afirmando que o povo que vive ao redor do golfo é predominantemente árabe, ou seja, por essa constatação demográfica deveria ser chamado “Golfo Árabe”. Para completar, sustentam a ideia da existência de seis países árabes na zona do Golfo, dizendo que 70% da costa está sob países árabes; enquanto o Irã está sozinho. Porém, para quase a unanimidade dos iranianos não há discussão, argumentando que o mundo conhece essa região há sete milênios como Golfo Pérsico, não havendo a necessidade de mudança de nome, pois além de ser seu nome histórico, em quase todos os mapas impressos antes de 1960, e na maioria dos tratados modernos, como documentos e mapas internacionais, este corpo de água é conhecido como “Golfo Pérsico”. Existem outras razões para que o nome permaneça como tal. Primeiro, “Golfo Pérsico” significa o Mar Vermelho para o “Golfo Árabe”, dito nome pode criar confusão com o Mar Vermelho; assim é melhor utilizar o seu nome histórico e tradicional. Segundo, se o Golfo Pérsico for renomeado pelo fato de que está rodeado em maioria por países árabes, então o oceano Índico também deve ser renomeado devido a que o país Índia tem uma fronteira menor em relação aos outros países que rodeiam o oceano em questão. Além do que, cabe mencionar que as Nações Unidas geralmente usa a denominação Golfo Pérsico em seus documentos.

Em uma clara provocação, a federação de futebol dos Emirados Árabes Unidos batizou seu campeonato profissional de “Liga do Golfo Árabe”, em 2003. A federação do Irã ficou tão furiosa que proibiu jogadores iranianos de atuar no país vizinho. Apesar dos atritos, os Emirados Árabes Unidos vêm-se obrigados a compactuar com o Irã devido à enorme influência dos iranianos, que usam Dubai como importante plataforma comercial e financeira. Porém, os conflitos, parte como legado de milênios de rivalidade e antagonismo entre iranianos e árabes, parte como disputa pela hegemonia geopolítica na região são inevitáveis.

Como afirma o intelectual iraniano Sadek Zibakalam, “sempre que o Irã emite qualquer declaração de fogo sobre os nossos vizinhos nos Emirados Árabes Unidos, Qatar, ou Kuwait, você pode facilmente detectar que eles giram em torno de uma crença de que os persas são superiores. Ouça nosso ministro das Relações Exteriores, orador do parlamento, ou até mesmo os imãs das mesquitas, e você vai notar que o tom pejorativo que eles usam, focando sobre a superioridade étnica e não a superioridade política dos persas.”

Ele também citou o exemplo dos Emirados Árabes Unidos, na qual muitos iranianos, políticos e clérigos ridicularizam em suas declarações, que bastariam os iranianos assoprassem um pouco o ar em todo o Golfo Pérsico, que varreria os Emirados Árabes Unidos fora do mapa. Questionado sobre se tal atitude dos cidadãos poderia ser semelhante à do governo, tanto quando o ódio dos árabes, Zibakalam respondeu afirmativamente, dizendo que as pessoas de maneira geral são como o governo, e pode ser ainda mais intolerante.

Em 2009, os Emirados Árabes Unidos, afirmaram que não desistiriam de sua oposição à ocupação de três ilhas disputadas no Golfo Pérsico. Em consequência dessa atitude por parte do governo do país árabe, houve um grande protesto em Teerã, na qual, um considerável número de pessoas se reuniu em frente à embaixada dos Emirados Árabes Unidos, com um bolo que tinha 35 velas. Eles estavam tirando sarro de 35 anos de história dos Emirados Árabes Unidos, em comparação com o Irã, que possui 7000 anos de história. Ou seja, segundo a mentalidade iraniana, essa comparação estabelece uma analogia, na qual os Emirados Árabes Unidos podem ser considerados um zigoto; e o Irã, um ancião sábio que pode ser representado pela figura de Mossadegh.

Essas três ilhas encontram-se na parte oriental do Golfo Pérsico, próximo ao estreito de Ormuz, um dos maiores campos de petróleo no mundo, e atualmente pertencem a província iraniana de Hormozgan. As ilhas são partes constituintes da nação iraniana desde a antiguidade até princípios do século XX, quando a Inglaterra anexou a ilha, administrando-a junto com outras ilhas controladas pelos ingleses no Golfo Pérsico, incluindo o que hoje são os EAU. Ou seja, já reinava a soberania iraniana sob as três ilhas muito antes que nascesse a federação dos Emirados Árabes Unidos como um país independente. Esse crucial detalhe sustenta que os iranianos compartilhem o pensamento de que “O Irã também significa todas essas ilhas, água e solo”, pelo fato da presença iraniana já estar impregnada em todo o Golfo Pérsico, consolidada ao longo de sete milênios.

Nos finais dos anos 1960, a Inglaterra transferiu a administração da ilha de Abu Musa a Sharjah, um dos sete emirados que mais tarde formariam os Emirados Árabes Unidos.

Depois de a Inglaterra anunciar em 1968 que renunciaria a sua hegemonia no Golfo Pérsico, o Irã se moveu para voltar a vincular as ilhas politicamente ao continente. Em novembro de 1971, os Emirados Árabes Unidos e o Irã chegaram a um acordo, na qual, consistia em estabelecer soberania ao primeiro, e permitindo o segundo estacionar tropas nas ilhas, principalmente em Abu Musa. Em 1980, o país EAU solicitou a reclamação às Nações Unidas. No mesmo ano, Saddam Hussein tentou justificar a guerra contra o Irã, reclamando que um dos objetivos era “libertar” as três ilhas. Em 1992, o Irã incrementou seu controle, expulsando os trabalhadores estrangeiros que operavam na escola patrocinada pelos Emirados Árabes Unidos, uma clínica médica e estação geradora de energia. É recorrente a ação conjunta das monarquias absolutistas do Golfo Pérsico de conclamar a ocupação das ilhas, como o ocorrido em abril de 2013.

A partir de 2012, a ilha toda, de 12 km² contava com 2.131 habitantes, tornando-se o menor condado do Irã. A cidade de Abu Musa tinha 1.953 habitantes em 2012, um aumento de 248 a partir de 2006. A maioria dos moradores da ilha fala o "Bandari", um dialeto persa. Os poucos habitantes de Abu Musa se referem à mesma de “Gap-sabzu”, que significa em persa “o grande lugar verde”. Em antigos mapas, a ilha também aparece como “Bumuf-o Bum-i Musa, palavra persa que significa “a terra de Musa/Moisés”, ou “Boum-Ouw/Boum-Ouf”, cujo significado é “terra de água”. Já referente à Tomb Maior, ilha de 10,3 km², há uma divergência quanto a população da ilha, algumas fontes apontam para poucas dezenas, enquanto outros afirmam de umas centenas de habitantes; e a Tomb Menor, de 2 km², não há dúvidas que esteja desabitada.

Laços com o Qatar são de natureza semelhante às com a família Al-Khalifa e com os Emirados Árabes Unidos. A princípio, o pequeno, para não dizer minúsculo emirado, é uma monarquia absolutista e um bastião sunita wahhabista ultraconservador que aposta na relação com os Estados Unidos para garantir sua sobrevivência. Porém, os qatarianos mantêm, desde os anos 1990, relações cordiais com os iranianos, primeiro devido ao fato de Doha se diferenciar das demais monarquias árabes graças a sua política externa abrangente e pragmática; segundo, porque os qatarianos operam em parceria com os iranianos o maior campo de gás do mundo. Em contrapartida, a guerra na Síria, contudo azedou a relação, já que o Qatar foi um dos principais apoiadores do levante anti-Assad.

Entre os vizinhos árabes, as relações mais calorosas e estáveis se dão com o pacato sultanato de Omã, onde impera a corrente ideológica ibadista do Islã, nem xiita, nem sunita, devido ao histórico isolamento omani. Esse detalhe, atualmente, é um pilar na identidade

nacional omani, o que o têm afastado em vários momentos da esfera de influência panarabista. Um grande exemplo foi o processo de omanização realizado pelo governo omani nos últimos anos. Isso seria uma das razões para que, embora Omã tenha laços econômicos modestos com o Irã, o país cultivava uma política de boa vizinhança, o que cativou a confiança iraniana. O Sultanato já articulou várias mediações secretas entre iranianos e estadunidenses.

6.5 Possível Reconciliação

Tendo observado os perigos do chauvinismo pan-árabe, não esqueçamos os perigos de atitudes racistas entre os iranianos. É lamentável que um crescente número de iranianos, indignado com mais de 60 anos de retórica pan-arabista e racismo flagrante, têm recorrido a sua própria versão do chauvinismo antiárabe. O dogmatismo é uma característica humana e possui o potencial de se desdobrar dentro de qualquer ser humano e deve ser vigorosamente esmagado. Essas atitudes ignoram um fato muito importante. Atualmente, muitos árabes virulentamente rechaçam o chauvinismo árabe. Estes incluem Samir al-Khalil, bem como o falecido George Hourari. O primeiro atacou o chauvinismo pan-árabe e faz recordar aos árabes, o legado do Irã em sua cultura, bem como no Islã. Khalil, por exemplo, foi durante anos, um homem caçado pelo regime de Saddam Hussein. O estudioso árabe, George Hourari, não apenas apreciava os iranianos por seu papel em ajudar os árabes na formação de sua civilização, mas também foi rigoroso contra as tentativas de motivação política para renomear o Golfo Pérsico de “Golfo Árabe”. Muitos iraquianos desmantelaram monumentos e adereços anti-iranianos de propaganda de Saddam Hussein de suas ruas após a invasão dos Estados Unidos em 2003. Isso foi realizado, com o propósito de destruir o legado de ódio contra o Irã que o regime de Saddam impôs a sua população. Isso deve ser aplaudido pelos iranianos.

7 NEOTOMANISMO – PAN TURQUISMO VS PAN IRANISMO: DOIS PROCESSOS GEOPOLÍTICOS E GEOESTRATÉGICOS ANTAGÔNICOS

Assim como os árabes, os turcos possuem uma origem étnica distinta dos iranianos. Os turcos são povos eurásianos que vivem no norte, centro e oeste da Eurásia e que falam línguas pertencentes à família de línguas turcas ou turcomanas. Estes povos compartilham, em vários graus, certos traços culturais e antecedentes históricos. O termo turco representa um amplo grupo etno-linguístico e inclui sociedades existentes tais como os cazaques, uzbeques, quirguizes, uigures, turcomenos e turcos modernos. Apesar de possuírem uma longa história, a migração dos povos turcos para o território da atual Turquia é um fenômeno relativamente recente, com cerca de mil anos. Os turcos, povos cuja língua pertencem ao ramo das línguas turcomanas, começaram a emigrar das suas terras ancestrais que alguns historiadores estabelecem na região oeste da Mongólia e outros em uma região da Ásia Central localizada ao extremo norte do Casquistão para a Anatólia no século XI.

Na parte oriental da anatólia, no Cáucaso, no Oriente Médio e na Ásia Central há espaço para um sultão ou xá, mas não para os dois juntos. A competição turco-iraniana na zona do crescente fértil para ganhar influência e liderança regional nesta área tem alcançado seu ponto culminante após os últimos acontecimentos na região. As relações entre ambos países são muito sensíveis por vários motivos. Em primeiro lugar, ambas são consideradas as duas grandes potências étnicas do Oriente Médio que conseguiram consolidar um estado unificado ao longo da história, uma herdeira do Império Turco-Otomano, e a outra do Império Persa; que diferente dos árabes, se fragmentaram em vários estados, na qual foram traídos por ingleses e franceses no cenário geopolítico, desencadeado após a primeira guerra mundial. Atualmente uma dessas potências representa o Sunismo moderado, enquanto a outra o Xiismo institucionalizado.

Turcos e iranianos possuem a consciência que sua influência no Oriente Médio está vinculada a sua legitimidade no mundo árabe e o conflito sírio joga um papel decisivo. A Síria representa a pedra angular na política de ambos países na região, e dependendo de seu desenlace, um pode preponderar sobre o outro. Em segundo lugar, as relações políticas de cada uma dessas potências com os diferentes países árabes, Rússia, China, a OTAN e os Estados Unidos são bem diferentes. Ancara e Teerã são conscientes de que a estabilidade da região depende das políticas de ambos os países, assim como a colaboração entre eles. De

ambos depende também evitar um eventual conflito entre xiitas e sunitas, o que não evitaram nos séculos XVI e XVII.

Enquanto a política do Irã se tem caracterizado nos últimos anos por uma luta por um mundo multipolar, opondo às políticas das potências ocidentais de promover um globalismo que pretende erradicar as tradições e as identidades nacionais, a Turquia há sido tradicionalmente o grande aliado do Ocidente na região, posto que a Anatólia é geograficamente de grande importância para exercer influência no Oriente Médio, Cáucaso e Ásia Central. A Turquia até se vendeu, pertencendo a OTAN, mas nunca sendo aceita na União Europeia, pelo simples fato de ser uma nação islâmica, como afirma o escritor e jornalista brasileiro José Arbex Júnior.

Estas circunstâncias e aspectos têm aumentado a tensão diplomática entre ambos países, sobretudo a partir da aberta oposição do Governo turco ao regime de Damasco, que transferiu-se das palavras à aberta discordância quando a Turquia se ofereceu (ou foi imposto pela OTAN) a ser plataforma para organizar a queda de Bashar al Assad, com a criação do artificial Conselho de Estambul e do Exército Livre Sírio. As aspirações geoestratégicas da Turquia passam por estabelecer um novo Império Otomano de base econômica e aproveitar um síntese religiosa comum, que abarcaria o Iraque, Mediterrâneo Oriental e o norte da África, no que tem sido denominado Neotomanismo. Mapas de extremas interpretações de uma suposta "Grande Turquia", variam significativamente. Uma visão compartilhada por alguns prevê absorver tais áreas vizinhas como norte da Síria, norte do Iraque, norte e leste da Grécia, e as regiões do Cáucaso. Alguns extremistas possuem a esperança de recuperar todas as terras conquistadas pelo Império Otomano; e outros defendem a ideia de tomar não apenas as terras do Ex Império, como também, a ex-Iugoslávia, a Áustria, o norte da Alemanha, e o nordeste da França. Alguns mapas do grande "Turquistão" ou "Mundo turco" são comicamente extremos. A maioria das representações prevêem a incorporação de todas as áreas de língua curda, sendo que o curdo não possui raiz turca, e sim, é uma língua de raiz indo-europeia, pertencente ao subgrupo noroeste das línguas iranianas, que por sua vez pertence ao ramo indo-ariano da família linguística indo-europeia. As ações dos defensores da Grande Turquia vão muito mais além de apenas desenhar mapas. Os turcos ultranacionalistas "Lobos Cinzentos" têm lutado e trabalhado muito para a construção de um Estado mais poderoso que poderia eventualmente abranger todos os povos falantes de línguas turcas. Autoridades turcas acusaram o grupo de execução de 694 assassinatos entre 1974 e 1980, embora em declínio drasticamente após ser banido em 1980, os lobos cinzentos foram capazes de impedir a seleção turca de um filme sobre o genocídio armênio, recentemente, em 2004. Algumas

evidências indicam que o grupo está ressurgindo na Europa Ocidental. Em 31 de outubro de 2011, o *International Business Times* fez alegações de ataques do Lobo Cinzento contra um centro de comunidade curda em Amsterdã e uma loja curda de propriedade em Saint-Étienne, na França. Os azeris, assim como os curdos, também estão presos, entre as reivindicações turcas e iranianas. Ambos os lados afirmam direitos sobre a região de língua azeri, embora uma parcela da representação da Grande Turquia considera o Azerbaijão separado da Turquia, presumivelmente considerado como um estado aliado. Não surpreendentemente, um possível Grande Azerbaijão está previsto separadamente por um grupo de acérrimos “nacionalistas” azeris. Em geral, porém, os azeris iranianos inclinam fortemente para a defesa da integridade territorial iraniana, onde muitos membros do movimento *Pan-Iranist*, incluindo o mentor ideológico que pavimentou o caminho para a criação de tal partido são de ascendência azeri, como já vimos e ainda veremos ao longo desse trabalho.

Essas aspirações turcas entram em choque com as pretensões irredentistas iranianas, e também conflagram um perigo para o arco iranio-xiita.

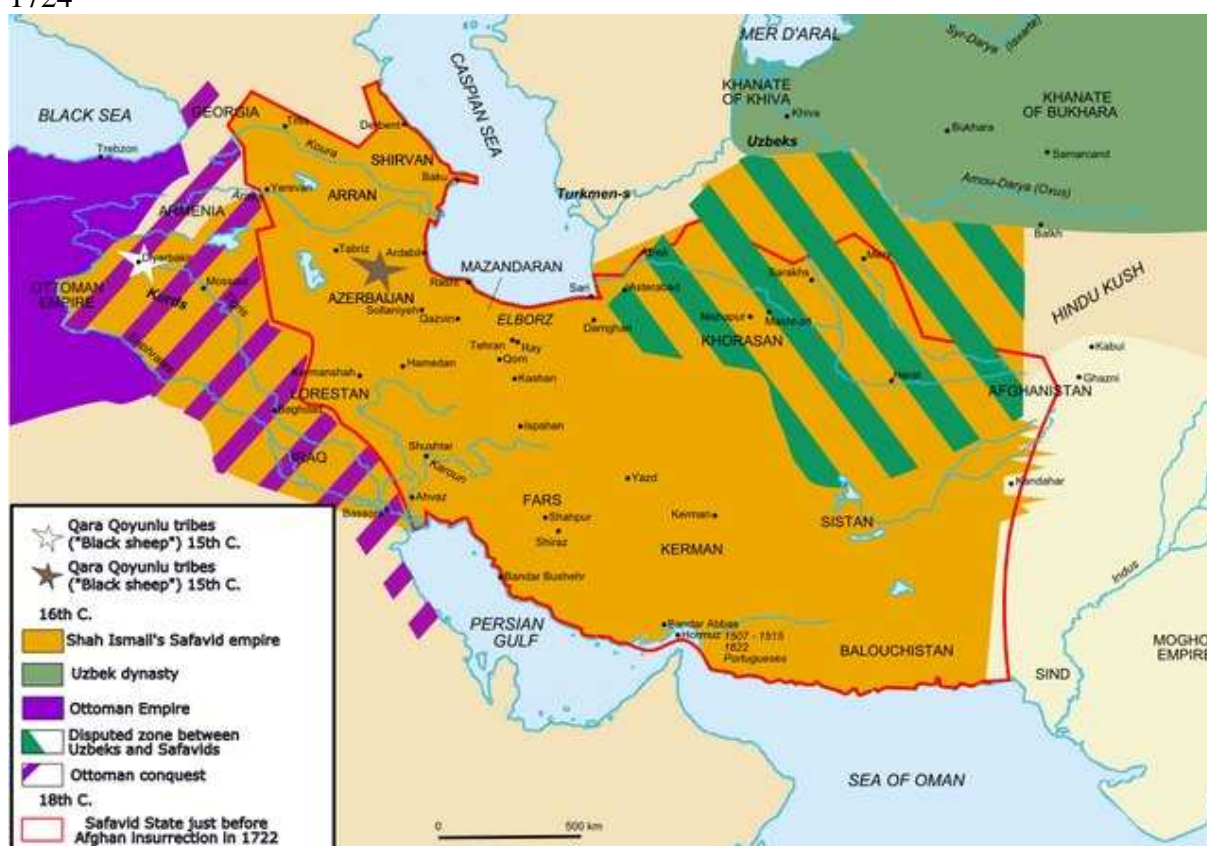
Porém, os laços econômicos bilaterais beiram a interdependência, onde os turcos necessitam do gás iranianos; e estes últimos necessitam importar dos turcos uma grande quantidade de produtos.

Além desse contexto contemporâneo, podemos encontrar as raízes do antagonismo iranio-turco no longínquo século XI. No início deste século, o Irã é invadido novamente por forças estrangeiras. Dessa vez, os invasores eram guerreiros sunitas de etnia turca, os seljúcidas, que vinham da Ásia Central. A expansão seljúcida chegou até a Anatólia, transformando de fato a Turquia em uma área islâmica, fincando raízes daquilo que acabaria se convertendo no colossal Império Turco-Otomano. As invasões turcas em terras habitadas por séculos por povos iranianos iria provocar ao dorrer da história conflitos devastadores, divergências fronteiriças e guerras entre essas duas grandes famílias étnicas da região, representadas por seus respectivos impérios, de um lado o Turco-Otomano, de outro o Persa.

A fronteira entre Irã e Turquia, assim como a fronteira que separa o mundo árabe-iranio, retratada no capítulo anterior, também possui um forte histórico de tensões, causando um ambiente propício para anseios irredentistas. Outras regiões importantes no contexto irredentista por parte da população iraniana é o Curdistão “Turco” e o norte da província do Azerbaijão (Aran Ustani para os iranianos), hoje um país independente. Os azeris, majoritários nesse país e em algumas províncias iranianas atuais como Ardabil, Azerbaijão Ocidental e Azerbaijão Oriental, são um povo originalmente indo-ariano. Em 1724, quando os otomanos desconhecera a fronteira com o Irã, o invadindo, ficaram sob a administração do

norte do Azerbaijão. Os habitantes do então norte azeri, sofreram um processo de turquificação, na qual adquiriram elementos culturais turcos, como hábitos, costumes e principalmente o idioma. O que houve literalmente foi uma imposição cultural à força. O historiador estadunidense e especialista em Iranologia Richard Nelson Frye em *Greater Iran: A 20th-century Odyssey*, afirma que os falantes de turco do Azerbaijão são descendentes principalmente dos falantes de línguas iranianas, dos quais, ainda existem vários bolsões na região, um deles é o grupo étnico talysh, que veremos a seguir.

Figura 19 – Em roxo se vê o território iraniano invadido pelo Império Turco Otomano em 1724



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Saf%C3%A1vidas#mediaviewer/File:Map_Safavid_persia.png

Em 1828, a região é sacudida pela ascensão de um Império e o início de decadência de outro. Enquanto o Russo estava em ascensão, o Turco Otomano entrava em declínio. No mesmo ano, após a guerra russo-persa é estabelecido o Tratado de Turkmanchey, na qual é responsável pela separação definitivamente das províncias do Cáucaso do Irã, estabelecendo uma fronteira moderna entre o rio Aras, o que resultou na separação dos Talysh, um povo iraniano, entre o Império Russo e o Império Persa, governado na época pela dinastia Qajar.

Tais províncias, entre as quais encontra-se o Azerbaijão viria a ser desde então parte do Império Russo, na qual em 1922 se tornaria uma das Repúblicas Socialistas Soviéticas,

apenas conseguindo a independência com a desintegração da URSS em 1991. Ou seja, atualmente, os Talysh estão separados entre o Irã e a atual República do Azerbaijão. Nos cabe a tarefa, analisar como está vivendo tal comunidade sob a administração desse recente país.

O governo Pan-Tuquista da atual República do Azerbaijão tem implementado uma política de forte opressão e de integração das minorias, incluindo os Talysh e os Azeris Iranianos. É muito importante salientar que os Talysh são um povo iraniano, na qual a língua Talysh é uma das línguas iranianas do noroeste. No Irã há uma forte presença dessa comunidade na província de Gilan. Pela importância geopolítica do Azerbaijão, por principalmene estar localizado nas rotas dos principais oleodutos do planeta, o país Estados Unidos permite esse comportamento para assegurar a rota do petróleo, e abertamente permite que o governo autocrático Pan-Turquista do Azerbaijão opere uma limpeza étnica com o povo iraniano. Para apenas mencionar brevemente a enorme importância estratégica e geopolítica desse país caucasiano, podemos citar que as reservas do Azerbaijão são estimadas em mais de 2 trilhões de metros cúbicos de gás e 594 milhões de barris de petróleo, explorados em 171 campos de petróleo e gás, 60% dos quais na região de Bukhara-Fergana.

O Pan-Turquismo é uma ideologia política violenta que tenta invadir e "Turkify" (limpeza étnica) os habitantes originais da terra. Os armênios e vários outros grupos, como os curdos e os azeris têm sofrido sob ideologias Pan-turcas.

Devido a este tipo de atitude recorrente dos turcos, os Azeris Iranianos têm sido um dos maiores defensores da integridade territorial do Irã, como já vimos anteriormente.

O nome Azerbaijão significa literalmente, "terra do fogo", escrito localmente Azrbaycan (por causa das antigas piscinas de petróleo que afloram à superfície, incendiando-se); seu nome antigo, "(Media) Atropatene" (em grego e latim) ou "Atrpatakan" (em armênio), atualmente se refere à região do Azerbaijão do Irã, passando a Azerbaijan em árabe. O território da moderna república do Azerbaijão era conhecido pelos persas como "Aran". O nome "(Media) Atropatene" procede de Atropates ("fogo protetor" em persa) que foi um sátrapa iraniano independente durante o domínio dos selêucidas. O termo moderno "azerbajani" tem sido objeto de acirradas diferenças de opinião entre os etnicamente turcos habitantes da moderna República do Azerbaijão e os habitantes das áreas dominadas por persas na vizinha República do Irã. Os iranianos consideram os nomes "Azerbaijão" e "Atropatene" como expressões historicamente pertencentes à cultura persa, e então naturalmente referem-se à moderna República do Azerbaijão como "Azerbaijão Turco", e a seus habitantes como "azerbajanis turcos", pelo processo de turquificação forçado imposto pelos turcos, sempre reivindicando a região de "Aran" como parte de seu território histórico.

Em contrapartida, os habitantes turcos do Azerbaijão insistem ser deles o local que historicamente foi habitado pelos azerbaijanis na história. Todo esse legado retratado explica a razão de porque os azeris antes do advento do Islão, eram um dos mais ferventes crentes do Zoroastrismo e só aceitaram a nova religião quando os safávidas à introduziu baixo a vertente xiita, aonde também reafirmou a identidade iraniana. Ou seja, novamente constatamos a relação já explicada entre o Zoroastrismo e o Xiismo; e a teoria que os azeris são um povo indo-ariano, respectivamente.

Os azeris além de estarem muitos bem integrados na sociedade iraniana, como já abordamos, como o caso da atriz e cantora Googoosh, se encontram presentes nos níveis mais altos da sociedade iraniana. O nome Babak, muito popular em todo Irã e na atual República do Azerbaijão tem sua origem em um personagem histórico que no século IX ofereceu uma enorme resistência à conquista árabe, como já retratamos nessa obra.

Além da forte presença azeri na Revolução Constitucional de 1906 já abordada, e na criação do partido Pan Iranist em 1941, é importante distinguir três momentos chaves nas relações dos azeris com o Irã.

O primeiro deles é a revolta de Jiyabani em 1920. Depois da Primeira Guerra Mundial, o Irã viveu anos caóticos, na qual, Jiyabani, um clérigo altamente influido pelas ideias europeias, tentou utilizá-las para conseguir uma distribuição mais justa do poder entre o centro e a periferia. Embora em nenhum momento Jiyabani questionou a integridade territorial, nem se planteou favorável à independência do Azerbaijão, seu movimento acabou sendo reprimido pelo Xá. O segundo é a revolta de Yafar Pishevari em 1945. Após a Segunda Guerra Mundial, o norte do Irã ficou ocupado pela União Soviética. Moscou pretendia ampliar seu território com a ajuda de Pishevari, um azeri vinculado ao comunismo, que pretendia exercer o direito bolchevique à livre determinação. Finalmente, o primeiro ministro, Qavam, ordenou uma ofensiva militar que reestabeleceu a ordem no Azerbaijão. A revolta deve ser entendida, mais como uma revolução pró-soviética que como um movimento nacionalista azeri, mas acabou provocando um êxodo de azeris que foram recebidos como heróis em Baku. O terceiro e mais emblemático de todos é a Revolução Xiita em 1979. Os meses posteriores a esse acontecimento foram de grande agitação e cabe ressaltar que nenhuma micro etnia utilizou o momento para tentar uma suposta independência. Durante os anos do reinado Pahlavi, o país havia industrializado e desenvolvido industriamente, o que, provocou movimentos migratórios do campo à cidade e da periferia ao centro. Nesse cenário, ao chegar a Revolução, em Teerã viviam mais azeris que na própria Tabriz, a cidade mais importante do Azerbaijão, e na sua maior parte, gozavam de uma posição acomodada.

De fato, os distúrbios que se viveram no Azerbaijão Iraniano, se deveram a um enfrentamento entre os partidários de Khomeini e os de Shariatmadari, que controlavam Tabriz. O motivo do enfrentamento foi uma discrepância sobre o Princípio Velayat-e Faqih que, segundo Shariatmadari chocava com a soberania do povo. Assim, mesmo que foram registrados duros enfrentamentos nessa região, se trataram de disputas entre azeris e em nenhum tipo iam contra a integridade territorial. O mesmo que foi argumentado referente à Revolução Xiita pode ser aplicado a guerra Irã-Iraque. Durante o conflito, os azeris não buscaram iniciar aventuras secessionistas e permaneceram leais ao Estado Iraniano. No entanto, um fato que convulsionou aos azeris iranianos foi a queda da União Soviética e a emergência de um “Estado Irmão” ao norte. Quando a URSS desintegrava-se, os contatos entre os azeris de ambos lados do rio Araz se intensificaram. Não era estranho encontrar azeris do sul fazendo proclamações na principal praça de Bakú (Mayden Place) em favor da criação de um suposto Grande Azerbaijão. Uma vez que o Azerbaijão Norte obteve sua independência, os contatos se multiplicaram, o que generou, e ainda genera tensões entre Teerã e Bakú. Um exemplo no conflito de Nagorno-Karabakh, em que Teerã tem-se posicionado muito mais próximo do povo armênio que o azeri da atual República do Azerbaijão. Isso devido ao fato dos primeiros serem irmãos indo-arianos e os segundos, embora sejam originalmente indo-arianos, sofreram um processo de turquificação, como já vimos ao longo desse trabalho.

Nos últimos anos têm começado a aparecer problemas sérios no Azerbaijão Iraniano, já que uma parcela dessa população reclama seus direitos linguísticos nas escolas. A resposta oficial de Teerã veio em formas de caricaturas quando o diário oficial *Iran News* imortalizou os azeris pró-turcos em forma de barata faminta, onde se podia ler o seguinte texto, “Passarão fome enquanto não falarem Farsi ou o Azeri sem elementos túrquicos.” O ex-presidente iraniano, Mahmud Ahmadineyad, declarou que as revoltas azeris estão instigadas desde o exterior, na qual pretendem desestabilizar o atual regime iraniano e há relatos de que inimigos do Irã, ao tentarem fomentar uma insurgência étnica no noroeste do país, não obtiveram sucesso devido à boa e consolidada integração dos azeris à sociedade e ao Estado iraniano.

Outra especificidade, importante de ressaltar-se referente às tensões fronteiriças com a Turquia é a região do atual Curdistão Turco. Uma das regiões tomadas da Pérsia em 1724 pelos otomanos após desrespeitarem o Tratado de Zohab, sendo uma das poucas que permaneceram com a posse turca após a derrota na Primeira Guerra Mundial e a desintegração do Império Turco Otomano. A liderança da Young Turks (Jovens Turcos) sempre planejou eliminar a identidade curda ou deportar os curdos de sua terra ancestral,

deslocando-os em pequenos grupos. Nesta época, os curdos sofreram deportações, deslocamentos para marchas de mortes e assim como os azeris sofreram um processo forçado de turquificação. Os Jovens Turcos parcialmente implementaram esses planos na Primeira Guerra Mundial e 700 mil curdos foram removidos à força, onde cerca de 350 mil destes deslocados morreram. Estes foram forçados pelos jovens turcos a ir à marcha da morte que se assemelha às marchas armênias, que era parte de um plano para eliminar a identidade curda. O movimento também tem sido visto como a causa para a política de "turquificação" que a Turquia tem tentado impor a suas minorias étnicas, como os curdos. Em uma tentativa de negar a sua existência, o governo turco categoriza os curdos como "Turcos de Montanha" até 1991. Ou seja, é evidente a meta do Governo Turco de apropriar dessa grande porção do atual território turco do ponto de vista étnico, cultural e religioso e para isso não utilizou uma verdadeira, cruel, assassina e desumana limpeza étnica. De fuga em fuga, de terra em terra, uma grande parte dos curdos vive sem identificação legal. Essa minoria étnica na Turquia procura um local onde possa marcar a sua identidade e cumprir a sua civilização.

E não será de mais lembrar que é exatamente de terras iranianas da atual Turquia que sai a totalidade do petróleo daquele país, o mesmo sucedendo com a Síria, onde a concentração de petróleo do país de Assad encontra-se em uma região habitada por curdos.

Figura 20 – Em verde, região habitada pelos curdos, na atual Turquia



Fonte: Nazdaneh Azeri

8 CENÁRIOS GEOPOLÍTICOS DA ASIA CENTRAL: A ESFERA ORIENTAL IRREDENTISTA, A CRIAÇÃO DO AFGANISTÃO, O ANTAGONISMO IRANIO-SAUDITA EM SEU TERRITÓRIO “NACIONAL” E AS CONSOLIDAÇÕES DO TURCOMENISTÃO E UZBEQUISTÃO COMO ESTADOS INDEPENDENTES

Na esfera oriental do Irredentismo Iraniano, é reivindicado todo o norte, noroeste e nordeste do atual Afeganistão, onde o Farsi é o veículo de comunicação da população, e outras regiões da Ásia Central que veremos ao longo deste capítulo.

Situado em uma posição estratégica, o Afeganistão é uma espécie de mosaico natural e humano, que reúne características de três áreas asiáticas com as quais tem contato: o Oriente Médio, através do próprio Irã; o Subcontinente Indiano (Paquistão) e a Ásia Central onde possui fronteiras comuns com o Turcomenistão, o Uzbequistão e o Tadjiquistão.

Primeiramente analisaremos o norte dessa entidade política mencionada no último parágrafo, onde embora hajam 17 províncias (Herat, Balkh, Farah, Panjshir, Nimruz, Badghis, Faryab, Jowzjan, Kanduz, Samangan, Sare Pol, Takhar, Ghor, Badakhshan, Takhar, Parvan, Kapisa), duas delas se destacam. São elas, Herat e Balkh. A primeira sempre foi um dos principais centros de difusão da cultura persa, além de ser atualmente a segunda maior cidade da atual entidade política que configura o Afeganistão, localizada no extremo norte deste país. Lá existem hospitais, mesquitas, escolas e até uma fundação de caridade financiadas pelo Irã. Cada um desses edifícios tem uma bandeira iraniana cravada na porta, o que proporciona a que, por momentos é difícil acreditar que Herat não pertence atualmente ao Irã, considerando esse contexto apresentado e vários outros aspectos que ainda retrataremos. A estrada que liga Herat à Taybad, do lado do Irã, foi inteiramente bancada por Teerã. A segunda é uma província de grande relevância na história iraniana, pois além de ser o berço do Zoroastrismo, a religião que representa a coluna vertebral da Iraniedade; foi fundada pelo Rômulo Persa, Keyumars; e muitas grandes personalidades da extensa história iraniana são oriundas de Balkh, como Zarausra, Avicenna (oriundo de um vilarejo próximo a Bucara, mas cresceu em Balkh), Rumi, entre outros. Na verdade, podemos afirmar que, o que hoje se conhece como Afeganistão, de maneira intermitente há sido governado por dinastias iranianas e ocupado por populações de origem étnico indo-ariano. Isso resulta que o Irã considera o oeste e norte do Afeganistão, onde estão localizadas as províncias citadas, como parte de seu território. Isso explica o fato de Teerã fornecer ajuda financeira a dezena de jornais, revistas, rádios e canais

televisivos presentes no atual Afeganistão. Esse investimento é parte do constante esforço do governo iraniano para usar seus recursos oriundos da venda de petróleo com fins de relações públicas. Seguindo os passos de potências como Estados Unidos, França e Rússia, o Irã tenta expandir sua área de influência internacional usando outros meios que não a força. É o chamado *soft power*, método pelo qual, um país coopta aliados por meio da empatia e da persuasão. O *soft power* iraniano é ambicioso e abrangente e veremos nesse mesmo capítulo que tal estratégia vai muito além da fidelidade xiita, abrangendo também para conceitos étnicos, como a fidelidade à origem étnica indo-ariana.

O contexto da consolidação do Afeganistão como uma entidade política independente e do pertencimento das 17 províncias citadas anteriormente a este país não se resume a questões asiáticas, ampliando o leque para os interesses da maior potência do mundo na época. No contexto do Grande Jogo, na qual os Impérios Britânico e Russo travavam uma disputa pela supremacia geopolítica na Ásia Central, os ingleses aspiravam que o Afeganistão continuasse sendo um país independente, unido (isso é, não apenas a região do Pastunistão, mas envolvendo o oeste e norte reivindicados pelo Irã) e amistoso com a Inglaterra como um estado tampão contra a expansão russa para a Índia. Podemos entender o Grande Jogo como um período clássico considerado como decorrendo entre o Tratado Russo-Persa de 1813 até a convenção Anglo-Rusa de 1907. Os ingleses se opuseram à extensão da influência iraniana no Afeganistão, pela percepção de que o Irã estava influenciado pelos russos. Os iranianos haviam tentado várias vezes reconquistar a histórica cidade de Herat, sendo as mais recentes em 1838 e 1852. Em ambas ocasiões, a oposição inglesa os havia convencido a recuar as suas aspirações irredentistas, antes que começasse uma guerra de fato. Ansiosos por recuperar essa cidade de grande valor cultural e histórico para seu povo, os iranianos tentaram novamente em 1856, conseguindo tomar a cidade em 25 de Outubro, com o apoio da Rússia e segundo os ingleses violando o tratado anglo-persa existente. Em resposta, o Governador Geral inglês na Índia, atuando por ordens do governo inglês declarou a guerra em primeiro de novembro do mesmo ano. O conflito se entendeu até 4 de abril do ano seguinte, na qual as Forças inglesas resultaram vitoriosas, sob liderança do General Maior Senhor James Outram, frustrando as pretensões iranianas de reconquistar estas províncias, especialmente a região de Herat.

Apesar dessa derrota militar, os iranianos continuam considerando o oeste e norte do Afeganistão como parte de sua esfera natural nos aspectos cultural, religioso, étnico e político. Um número significativo dos habitantes dessa região seguem tradições culturais persas, como por exemplo o Nowruz (ano novo iraniano). O idioma oficial do Irã, Farsi é amplamente difundido em quase todo o território “afegão”, onde é conhecido como Dari, na qual, o

consideram como um idioma de grande erudição e cultura. O Dari tem o predomínio no oeste, norte e centro do atual Afeganistão, onde os tadjiques compreendem uma maioria étnica em detrimento dos pastunes ou hazáras, que predominam no sudeste e sul do país. O aspecto religioso também vincula os iranianos com seus vizinhos habitantes das terras irredentas, como os hazaras, que representam aproximadamente 15% da população do Afeganistão e são predominantemente xiitas, possuindo estreitos vínculos com o sistema religioso iraniano, e um importante legado zoroastriano, o que explica o apoio do Irã ao hazara xiita Abdul Ali Mazari na guerra civil no território do Afeganistão, desencadeada após a caída do último governo pró-Moscou em 1992. Mazari morreu em uma emboscada pelos talibans em 1995. Por outro lado, deve-se mencionar que os hazaras possuem em seu idioma uma grande quantidade de palavras de raiz turca e mongol, o que os têm afastado do círculo iraniano. Embora 90% dos iranianos seguem o Xiismo Duodecimano, a maioria dos “afegãos”, incluindo tadjiques e pastuns seguem o Sunismo. Estas diferenças religiosas eram uma fonte importante de tensões durante os anos que o regime do taliban esteve no governo, pois enquanto os tadjiques seguem uma forma mais tolerante do sunismo, o talibã, na qual era composto principalmente por membros da etnia pasthu, acredita em uma versão mais radical e intolerante da escola deobandi, oriundo de uma cidade indiana. Os talibans se apegam em um tribalismo pasthu, na qual possuem um orgulhoso código de honra, legado e herança pré-islâmica. Além desse componente pré-islâmico e da escola deobandi, o ponto de vista ideológico-religioso dos talibans têm sido fortemente influenciado pelo wahhabismo saudita, na qual sustenta a crença de que os xiitas são apóstatas e, portanto não verdadeiros islâmicos. Isso levou os talibans, os pastuns em geral e grande parte da sociedade desse país a discriminar os hazaras, com direito a verdadeiras limpezas étnicas. Até os dias atuais é recorrente visualizar os hazaras ocupando as tarefas e empregos mas indignos e desumanos em uma sociedade.

A interferência, o apoio político e militar a organizações que atuam no atual território afegão, desde a derrota para os ingleses na Guerra Anglo-Persa, sempre teve historicamente a presença do Irã. Por exemplo, o Irã deu apoio e suporte aos tadjiques e comandantes mujahidin durante a sua luta contra a União Soviética (um emblemático nome nesse contexto foi Ahmad Shah Massoud, conhecido como o Leão de Panjshir por ser o líder militar que articulou a expulsão do exército soviético e por sempre se posicionar ao lado do Irã nas pretensões irredentistas sobre a região oeste e norte do Afeganistão), embora existissem muitos grupos antagônicos nessa resistência “afegã”, seja no aspecto étnico, religioso, político-ideológico; o que evidencia a heterogeneidade desse país e do complexo cenário

geopolítico regional que se criou devido a terrível assinatura de um *finding*, por parte de Jimmy Carter, mediante a qual, autorizou a CIA a dar assistência encoberta aos mujahidin, com operações de guerra psicológica, possibilitando à população o acesso à rádio, instalado em terceiros países, como o Paquistão, e assim fomentar a insurgência contra o governo de Cabul, apoiado por Moscou. Era a Operação Ciclone, na qual teve uma participação crucial na institucionalização do terrorismo em larga escala, como veremos a seguir. Conseqüentemente, vem a tona a invasão soviética, fazendo com que o Afeganistão viesse a ser conhecido como o Vietnam Soviético, estabelecendo uma analogia com o que significou esse país localizado na região da Indochina para os Estados Unidos na década de 60.

Apesar de que, os Estados Unidos, sob a orientação de Zbigniew Brzezinski, houvessem encorajado o ressurgimento do fundamentalismo islâmico, com o objetivo de desestabilizar a União Soviética, a partir das repúblicas muçulmanas da Ásia Central, e de formar um cinturão verde, com a colaboração do Paquistão e da Arábia Saudita, para promover a Jihad contra os “comunistas ateus” no Afeganistão, o terrorismo entrou na agenda do presidente Ronald Reagen (1981-1989) com a nova ameaça a enfrentar. O terrorismo em realidade, não era novo e nos anos 1920, 1930 e 1940 tanto o grupo armado Lehi; como a organização paramilitar Haganá, ambas de caráter sionista; assim como nos anos 1960 e 1970, tanto a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), quanto a Frente de Libertação Nacional (FLN), da Argélia, o Exército Republicano Irlandês (IRA), o grupo Pátria Basca e Liberdade (ETA em basco) e a Frente de Libertação da Eritreia (FLE) recorreram a esse método de luta, sem que configurasse ameaça internacional. Foram exatamente a CIA, o Inter-Services Intelligence (ISI) do Paquistão e o Ri'ásat Al-Istikhbārāt Al-'Āmah, serviço de inteligência da Arábia Saudita, que institucionalizaram o terrorismo em larga escala, com o estabelecimento de campos de treinamento no Afeganistão, a fim de combater as tropas da União Soviética (1979-1989), fornecendo aos mujahidin toda sorte de recursos e sofisticados petrechos bélicos, como por exemplo de 300 a 500 mísseis antiaéreos Stinger, dos Estados Unidos. O próprio general Pervez Musharraf, ex ditador do Paquistão, confessou em suas memórias que o Paquistão, Estados Unidos e a Arábia Saudita e todos seus aliados na guerra contra a União Soviética no Afeganistão, criaram seu próprio mostro de Frankenstein. A CIA forneceu em torno de US\$ 3,3 bilhões, dos quais pelo menos a metade proveio do governo da Arábia Saudita. Mais de US\$ 250 milhões fluíam, mensalmente, para os mujahidin da Arábia Saudita e outros países árabes. O Bank of Credit and Commerce Internacional (BCCI), do qual Kamal Adham, do serviço de inteligência saudita, era um dos principais acionistas, atuou como intermediário da CIA e de Adnan Kashoggi, um dos grandes traficantes de armamentos,

e se encarregou de lavar grande parte dos recursos. Agentes do ISI e da CIA recrutavam e treinavam entre 16.000 e 18.000 mujahidin, aos quais Osama Bin Laden uniu um contingente de 35.000 combatentes, entre eles, em sua grande maioria árabes, oriundo da própria Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Kuwait, Qatar, Jordânia, Tunísia, Líbia, Iraque; e integrantes da etnia pastun, na qual todos compartilhavam o *Anti Iranian Sentiment*, como veremos a seguir.

Muitos historiadores, como Roberto Toscano defende a tese de que o Afeganistão além de uma entidade política artificial, é um campo de batalha entre iranianos e sauditas, onde os primeiros apóiam as populações de idioma persa, como os tadjiques e os ligados ao Xiismo, como os hazaras; enquanto os segundos doutrinam e influenciam ideologicamente e religiosamente os pastuns através das 36 mil madrassas, escolas religiosas do rito deobandi localizadas na região do Pastunistão, entre os atuais Afeganistão e Paquistão. Podemos estabelecer uma analogia entre esse atual conflito irano-saudita em solo “afegão”, com os conflitos e disputas na Arábia Turca (atual Iraque), onde o Império Turco Otomano e o Irã, na época governado pela Dinastia Safávida instigavam árabes sunitas; e curdos e xiitas, respectivamente. Os conflitos sectários, étnicos e religiosos no Iraque atualmente possuem um forte legado nessa polarização que essas duas superpotências regionais protagonizaram na região.

Além desses combates das potências regionais, Irã e Arábia Saudita, no atual Afeganistão, o historiador Kaveh Farrokh ressalta elementos importantes desse complexo caso “afegão”. Ele afirma que o indivíduo mais recente à abraçar a versão anti-Irã de Al-Husri, um influente árabe nacionalista que participou da desintegração do Império Turco Otomano, foi Osama Bin Laden. Este último sempre se caracterizou abertamente por desprezar o Irã e tudo que correspondia a sua cultura. Antes que os talibans fossem expulsos do poder pelos Estados Unidos, depois da tragédia de 9 de Setembro de 2001, Bin Laden praticamente governou o Afeganistão com seu califado pessoal, aonde realizou grandes esforços para erradicar a cultura iraniana, é dizer, o idioma farsi, a música, o calendário, etc. Essa atitude foi adotada por muitos seguidores não árabes de Bin Laden no Paquistão, principalmente na região do Pastunistão, onde seus partidários gritam frequentemente “Morte ao Irã”, durante seus regulares comícios anti-ocidentais. Curiosamente foi o mesmo grito ecoado pela marcha do grupo ISIS (Estado Islâmico do Iraque e do Levante, em português) no final de Julho de 2014. O ISIS é uma milícia em ascensão em grandes regiões da Síria e do Iraque. O Emir desse grupo é na verdade um agente secreto da Mossad na espionagem sionista, Elliot Shimon. Seu nome falso é Ibrahim ibn Ibrahim Al Al Badri Arradoui Hoseini.

A própria Hillary Clinton afirmou que os Estados Unidos criaram tal organização, e informações, então secretas, reveladas pelo WikiLeaks, apontam que o político estadunidense, membro do Partido Republicano, John McCain, esteve envolvido com o surgimento de tal grupo. Segundo o professor de Direito Internacional da Fundação Getúlio Vargas, Salem Hikmat Nasser, o ISIS foi treinado militarmente pela Arábia Saudita, além de receber armamentos e capitais da mesma. Cabe mencionar que a Casa de Saud e Telaviv são os dois maiores aliados estadunidenses na região e esse arco promove um distúrbio proposital nos dois maiores aliados iranianos na região, o regime alaúta de Bashar al-Assad na Síria; e o xiita de Nouri al-Maliki, sucedido por presidentes curdos, como Jalal Talabani e Fuad Masum no atual Iraque, intencionado que o Irã faça maiores concessões nas negociações com o Ocidente. Os críticos do ISIS, especialmente na Síria referem-se ao grupo usando a sigla árabe “Daesh”, um termo que considera pejorativo. Muitos no mundo ocidental mal interpretam Bin Laden, considerando-o um fanático religioso, ele é, de fato, um racista na tradição de senhores, como Satia Al-Husri, Sami Shawkat e Jairallah Tulfah. Seu tratamento aos falantes de Farsi no Afeganistão falam por si só.

Em 12 de novembro de 2001, houve uma sublevação na cidade de Herat, que consistiu em um levantamento contra os Talibans, que foi coordenado pelos Estados Unidos no marco da invasão ao Afeganistão. Essa operação foi apoiada por forças especiais dos próprios Estados Unidos, da Inglaterra e do Irã. A equipe de operações especiais dos Estados Unidos estava composto por um grupo de Rangers do Exército e de membros da Força Delta, sob o mando do general Tommy Franks. As forças iranianas consistiam em vários membros das divisões Quds, baixo o mando do general Yahya Rahim Safavi. A sua vez, a Aliança do Norte tinha aproximadamente 5000 combatentes irregulares sob o mando de Ismail Khan, um antigo comandante durante a invasão soviética e governador de Herat antes da chegada ao poder do Taliban em 1995. As Forças inglesas nessa operação não se fizeram públicas por motivos de segurança nacional. O plano, que foi desenhado pelos generais, Tommy Franks e Yahya Safavi, consistia em que membros das forças especiais iranianas se infiltrariam na cidade e iniciariam um levantamento contra o Taliban. Este evento teria que coincidir com a entrada das forças de Ismail Khan à cidade. Enquanto isso, membros das Forças especiais dos Estados Unidos e da CIA continuariam a operação desde Teerã, acompanhados de membros da inteligência iraniana. A operação começou dia 7 de outubro de 2001, sendo que até o final do mês, ataques aéreos da USAF (Força Aérea dos Estados Unidos) destruíam campos militares dos Talibans em Herat e seus arredores, entre os que haviam tanques, sistemas de comunicações e complexos subterrâneos. Isso também incluía o Aeroporto de Herat, onde foi

destruído vários MiG-17 e MiG-21 da Força Aérea Afegã. Em 11 de novembro, o Destacamento Operacional Alfa 554 (Texas 08), foi inserido via helicóptero em Herat. Como se havia planejado, as Forças iranianas entraram sigilosamente em Herat para iniciar a insurreição, na qual, finalmente teve lugar. A Aliança do Norte, facções hazaras xiitas e pequenos grupos especiais estadunidenses entraram então na cidade. Os residentes de Herat, também tomaram parte nos combates, utilizando o que estivesse à sua disposição, como paus, pedras e armas que tinham escondidas em suas residências. A cidade foi capturada quando as Forças talibans fugiram para as montanhas próximas à fronteira com o Irã, deixando para trás vários tanques. Os prisioneiros, incluindo a voluntários chechenos e árabes foram levados a campos de detenção secretos. O levantamento foi celebrado com disparos ao ar por parte da população. Os meios de comunicação iranianos divulgaram que havia gente bailando nos telhados e tocando buzina de seus respectivos automóveis em sinal de celebração. Ismail Khan se consolidou como Emir do Afeganistão Ocidental, recebendo grandes quantidades de dinheiro do Irã, desde que se mantivesse leal a eles. Khan concedeu anistia aos antigos membros do Taliban, advertindo-os de sérias consequências se estes voltassem a levantar-se em armas. Khan se manteve como governador de Herat até 2004, quando foi destituído pelo presidente Hamid Karzai, que pelo seu fundamentalismo pasthu, re-estabeleceu de outras maneiras (diferentes das conduzidas pelo Taliban) a pastunização do país. A destituição de Khan provocou violentos protestos em toda a província de Herat, onde seus cidadãos são fortemente vinculados com a esfera de influência iraniana, não enxergando com bons olhos a penetração pasthu em seus assuntos internos. Embora houveram interesses comuns, que uniram a CIA e a VEVAK (Ministério da Inteligência e da Segurança Nacional) nessa operação, como a contenção do Taliban; o Irã se posiciona na região do atual Afeganistão, tanto para impedir a volta dessa organização no cenário político do país, como para afastar um excessivo poderio estadunidense na região. Essa operação, na qual a CIA necessitou do Irã para executá-la, é uma das evidências, que é inegável afirmar que o oeste e norte do Afeganistão constituem partes de esfera natural do Irã em inúmeros aspectos culturais, étnicos e históricos.

Podemos constatar que a população do oeste, centro e norte do atual Afeganistão é etnicamente persa e tais regiões, são de um grande valor cultural e histórico para o povo iraniano. O atual Afeganistão é uma criação inglesa, isso é, uma entidade política artificial criada pelo Colonialismo Inglês, sendo que suas fronteiras foram estabelecidas por invasões do Império Britânico, fixadas na Línea Durand. Podemos afirmar que não existe algo chamado identidade afegã, por certo, o termo afegão foi criado pelos ingleses e por muito

tempo confundido com “pastun”, razão pela qual os membros dessa etnia se consideram os verdadeiros donos desse país. Segundo Omid Amini, morador da cidade de Herat, houve várias tentativas de mudança de nome do país, mas a população do sul do Afeganistão, de grande maioria pastun é fortemente contra a mudança na denominação dessa entidade política atual.

Além do norte que em vários aspectos históricos e culturais pertencem ao Irã, temos o sul que embloga regiões dos atuais Afeganistão e Paquistão, chamado Pastunistão; e o Hazarajat, na qual, literalmente significa terra dos hazaras, localizado no coração do atual país.

Os pastuns conformam o grupo étnico fundador do Afeganistão no século XVIII, quando impuseram sua dominação sobre as outras populações e colonizaram terras que até então nunca haviam ocupado. Essa colonização produziu a mudança no nome de várias cidades e vilarejos no atual norte do Afeganistão, como a mudança de nome da cidade de Sabzaewar para Shindand na região da província de Farah; assim como modificou a composição étnica do país. Como já foi mencionado, durante muito tempo, o termo pashtun foi sinônimo de afegão. O talibã, apesar de tentar exprimir um movimento que esteja acima das diferenças de caráter étnico, é formado majoritariamente por pastuns e segue um código de honra étnico, assim como uma ideologia chamada deobandi, fortemente vinculada com dita etnia. Esse grupo étnico corresponde atualmente à cerca de 40% do efetivo populacional do país. Há um número bem maior de pastuns vivendo no oeste do Paquistão há muito tempo. Nesse país os pashtuns são conhecidos como patãs. Há também cerca de 3,5 milhões de pessoas oriundas do Afeganistão, a imensa maioria da etnia pashtun, que buscaram, nos últimos 20 anos, refúgio no território paquistanês. Uma parte considerável deles fugiu para o Paquistão durante os dez anos da intervenção soviética entre 1979 e 1989. Todavia, após a retirada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o número de “refugiados” continuou a crescer por conta dos sangrentos conflitos internos que opuseram os vários grupos “afegãos” que pretendiam governar o país. Os recentes ataques dos Estados Unidos ao Afeganistão fizeram aumentar ainda mais os “refugiados” presentes no Paquistão. Os pastuns do Afeganistão, assim como seus irmãos étnicos do Paquistão são, em sua imensa maioria, muçulmanos sunitas e não são poucos os elementos dessa etnia que sonham com a criação de um país independente, o Pashtunistão, independente do Afeganistão e do Paquistão. Este fato reforça mais uma vez o caráter artificial das fronteiras herdadas do colonialismo europeu. Deve-se sempre lembrar que foram os colonialistas ingleses que, em 1879 fixaram a Linha Durand, que separou os pastuns em dois territórios coloniais distintos, o que resultaram em

duas entidades políticas artificiais, os atuais Afeganistão e Paquistão. O último seria criado em 1947 no processo de descolonização do Subcontinente Indiano, entre a Índia, de maioria hindu; e o Paquistão, de maioria islâmica.

Figura 21 – Línguas faladas no território do atual Afeganistão



Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Languages_of_afghanistan-provinces.jpg

Figura 22 – Grupos étnicos que configuram o território do atual Afeganistão



Fonte:

<https://www.facebook.com/350024781696629/photos/pb.350024781696629.-2207520000.1423948083./921319244567177/?type=1&theater>

Após retratar uma região de alta complexidade como o Afeganistão adentramos em outra região que no quesito complexidade não fica atrás. Estamos nos referindo ao extenso território que engloba os países da Ásia Central. Tal região compreende as estepes, montanhas e desertos entre o leste do mar Cáspio e o centro-oeste da China (na verdade nesse caso nos referimos ao Uiguristão, região ocupada pela China até hoje), entre o norte do Irã e Afeganistão, e o sul da Sibéria, porém nunca houve uma demarcação oficial da área. As mudanças constantes de clima na região forçaram grandes movimentos migratórios de seus habitantes, o que trouxe tribos indo-européias e hunos para o oeste, arianos e turcos para o norte, entre outros.

A Ásia Central raras vezes esteve unificada sob um governo central. E segundo o geógrafo Danilo Rogério Sousa jamais será unida, pelo fato de ser zona de atrito geopolítico, como o leste europeu. Ele defende a tese de que, zonas de fricção geopolítica não têm unidade. Pois bem, na história a unidade centroasiática apenas ocorreu durante o período de dominação aquemênida e sassânida (dinastias iranianas), e sob o período mongol no século XIII.

Esta região também é conhecida como Turquistão (exceto as áreas tadjiques, que são regiões iranianas, exatamente as áreas irredentas do Irã presentes na Ásia Central), que quer dizer, “terra dos turcos”, ou turcomanos (povos dos quais se originaram os turcos), porém a etnicidade turca é bem mais complexa pelo simples fato de que a Anatólia foi formada por diversos povos muito antes das invasões túrquicas oriundos da Sibéria com escala no coração asiático, tal como a Ásia Central também já era habitada muito antes da Invasão Túrquica por povos norte-iranianos.

As populações do Tadjiquistão e de duas das principais províncias do Uzbequistão, Bucara e Samarcanda são etnicamente tadjique-persa.

Os samânidas, que são considerados uma das várias dinastias iranianas ao longo da história, tendo um papel primordial no renascimento e ressurgimento de aspectos culturais iranianos, dois séculos após a invasão árabe, são considerados atualmente como os primórdios da nação tadjique. Ou seja, os atuais dirigentes do Tadjiquistão usam elementos da história iraniana, como a Dinastia samânida para designar sua suposta primeira entidade política.

Tadjiquistão significa “Terra dos Tadjiques”, na qual, o nome “tadjique” é uma referência geográfica para a coroa (taj) da Cordilheira Pamir. A palavra tadjique foi utilizada para diferenciar os iranianos dos turcos na Ásia Central, começando no início do século X. A adição do “que”, pode ter sido feita para efeito da eufonia na frase Turk-o Tajik (Turco e

Tajiques”), a qual nas histórias da língua persa é encontrado como uma expressão idiomática que significa “todos”.

Sua capital, Duchambe, provém da palavra persa-tadjique que significa segunda-feira. Dita expressão refere-se ao fato da cidade ter tido um mercado popular que funcionava durante este dia da semana.

O *soft power* iraniano que presenciamos anteriormente no norte do atual Afeganistão, também encontra-se no Tadjiquistão, aonde amplia seu leque para aspectos étnicos. Vários manuais escolares usados nesse país são impressos no Irã, que promove um projeto para que essa geração de tadjiques aprenda e consolide a escrita em alfabeto persa, em detrimento do cirílico, atualmente altamente empregado no Tadjiquistão, legado de quase dois séculos de domínio russo e soviético.

Figura 23 – Presidente do Tadjiquistão, Emonalii Rahmon com um estandarte sassânida



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10200182042268762&set=a.3595926431805.116177.1682791616&type=3&theater>

Bucara e Samarcanda também estavam sob administração samânida no levante iraniano contra o califado abássida nos séculos IX e XX. Ambos, além obviamente do Tadjiquistão, são centros históricos do povo tadjique na Ásia Central, assim também, como pólos de difusão da cultura persa.

O nome *Samarqand* provém do persa antigo *asmara*: "pedra" e do sogdiano *qand*, *kand*: cidade, forte (termo centro-asiático). Trata-se de uma das mais antigas cidades do mundo, tendo sido fundada, aproximadamente, em 700 a.C.

Samarcanda foi a capital da satrapia de Sogdiana sob a dinastia Aquemênida, quando foi conquistada por Alexandre, o Grande em 329 a, quando era conhecida pelo nome de “Marakanda”. Alexandre iria mais longe, até ao subcontinente indiano, mas a Sogdiana marcou o limite das suas conquistas na Ásia Central. O historiador grego da época imperial, Lúcio Flávio Arriano Xenofonte (86-1750, também conhecido como Arriano de Nicomedia por ser oriundo da cidade de Nicomédia, descreve que a ocupação dessa região não foi fácil pois se opôs tenazmente a ser submetida, já que possuía fácil defesa devido a sua cidadela como indica o historiador romano Quinto Curcio Rufo.

Sob a dinastia Sassânida, Samarcanda floresceu até tornar-se uma das cidades mais importantes do Império Persa.

O célebre peregrino e viajante chinês Xuanzang passou por volta de 631 por Tachkent e Samarcanda, no decurso do seu périplo em busca de manuscritos sagrados budistas. O seu testemunho sobre a cidade é o seguinte:

A sua capital [da Sogdiana] tem mais de 20 li de perímetro (cerca de 10 km), excessivamente forte e com uma importante população. A terra tem um grande entreposto comercial, é muito fértil, abundam as flores e árvores e dá muitos e belos cavalos. Os seus habitantes são artesãos hábeis e enérgicos. Todas as terras Hou (iranianos) consideram este reino como o seu centro e fazem dele um modelo das suas instituições. O rei é um homem de espírito e coragem a quem os estados vizinhos obedecem. Tem um exército formidável no qual a maior parte dos soldados são chakir. São homens de grande valor, que vêm na morte um regresso aos seus antepassados, e contra os quais nenhum inimigo combate sem temor.

Foi conquistada pelos árabes em 712 e brilhou sob a era dos Samânidas, que se levantaram contra o poder árabe exercido pelos Abássidas. Samarcanda foi a capital da Sogdiana até à invasão chinesa da região então conhecida como Transoxiana. Revoltados com o domínio chinês, uma coligação dos povos árabes, iranianos e túrquicos derrotou os chineses na batalha de Talas em 751, e capturou artesãos de papel chineses. Em decorrência da obtenção do segredo da fabricação do papel a partir da confissão de prisioneiros chineses capturados nessa batalha, Samarcanda tornou-se o primeiro centro de fabricação de papel do mundo “islâmico”. A invenção logo se estendeu ao resto da Ásia Ocidental, chegando posteriormente a Europa. O domínio chinês foi tão cruel e opressor que produziu uma das uniões mais improváveis da história da humanidade. Os chineses conseguiram unir as três grandes famílias étnicas da Ásia Ocidental, todas elas rivais ancestrais entre si: árabes, iranianos e turcos.

O matemático, astrónomo e poeta persa Omar Khayyām (1048-1131), oriundo da cidade de Nishapur, residiu na cidade de 1072 a 1074, antes de se instalar em Isfahan. Exatamente em Samarcanda escreveu um tratado de álgebra.

Bucara tem sido um dos principais centros da civilização iraniana ao longo da história. Sua arquitetura e sítios arqueológicos formam parte dos pilares da história, cultura e arte persa. A região de Bucara foi durante um longo período parte do Império Persa, é dizer, durante todo o Irã ancestral, governado pelas dinastias Aquemênida, Arsácida e Sassânida; e em outros breves momentos da história. A origem de seus habitantes data do período da imigração ariana da região. Os sogdianos habitaram esta região, os quais, séculos depois, haviam de adotar o idioma persa.

Podemos mencionar algumas grandes personalidades relacionadas a Bucara: Iman Al-Bukhari (810-870), erudito islâmico persa, que compilou milhares de Hadices. Avicena (980-1037), considerado o pai da medicina moderna por escrever o “Cânone da Medicina”, que era o texto padrão em muitas universidades medievais, entre elas a Universidade de Montpellier e a Universidade Católica de Leuven, ainda em 1650. Ela apresenta um sistema completo de medicina em acordo com os princípios de Galeno e Hipócrates. Além deste grandioso detalhe, Avicena é considerado um grande filósofo, suas demais obras incluem escritos sobre filosofia, astronomia, alquimia, geografia, psicologia, teologia islamismo, lógica, matemática, física, além de poesia. Ele é considerado como o mais famoso e influente polímata da Era de Ouro Islâmica. E Zamakhshari, um teólogo persa que estudou nesta cidade em finais do século XI.

Embora a região seja etnicamente e linguisticamente iraniana, não esteve politicamente unida com o Irã por muito tempo. Primeiro durante a era de Alexandre, o Grande. Segundo, podemos afirmar que apesar dessas terras se voltarem contra o domínio árabe, nunca mais esteve unida ao Irã, nem após a grande união nacional iraniana protagonizada por Ismail I em 1501, que superou o trauma das cruéis invasões turca, mongol e uzbeque. Bucara e Samarcanda constituíram desde então Emirados e Kanatos independentes, que viriam a cair em mãos do Império Russo no século VIII; e da União Soviética nos conturbados anos posteriores à Revolução Russa de 1917.

Durante a administração soviética na Ásia Central, tais regiões foram implantadas como partes da República Socialista Soviética do Uzbequistão e não da República Socialista Soviética do Tadjiquistão, desagradando os tadjiques, amplamente maioria nessas duas províncias. Após o processo de desintegração da URSS, a permanência dessas duas províncias como parte do Uzbequistão levaram a grandes manifestações por parte dos tadjiques que não

queriam pertencer a um estado onde possuíam um antagonismo histórico com a etnia majoritária.

Em oposição às populações iranianas da Ásia Central que acabamos de abordar, temos a presença de populações de tribos turcas, como o Quirquistão, o Uzbequistão, o Turcomenistão e o Cazaquistão.

Os sassânidas lutaram durante quatro séculos contra os romanos e tribos da Ásia Central, como os turcomanos. Após várias invasões e expulsões, os sassânidas conseguiram expulsar os turcomanos para o norte, região onde hoje se localiza o território do Turcomenistão.

Na era safávida, a primeira dinastia iraniana a governar o Irã após as invasões turca, mongol, e timúrida, foram recorrentes novos conflitos envolvendo as etnias persa e turcomana. Um dos grandes problemas enfrentados por Ismail I após o estabelecimento do Estado Safávida foi encontrar uma melhor maneira de buscar o entendimento entre os dois maiores grupos étnicos daquele Estado: os qizilbash (turcomano: cabeça vermelha), os homens da espada, da sociedade islâmica clássica, cuja valentia militar tinha-lhe levado ao poder; e os elementos persas, os homens da caneta, que preenchiam os cargos burocráticos e religiosos, estabelecidos no Estado safávida como haviam feito ao longo de séculos anteriores ao abrigo dos governantes do Irã, fossem eles árabes como no período conhecido como Dois Séculos de Silêncio; mongóis e turcos. Como Vladimir Minorsky expõe, os atritos entre estes dois grupos era inevitável, pois os turcomanos não eram parte da tradição nacional iraniana. Entre 1508 e 1524, o ano da morte de Ismail, o xá nomeou cinco sucessivos persas para o cargo de vakil. Quando o segundo vakil persa foi colocado no comando de um exército safávida na Transoxiana, os turcomanos, considerando-a uma desonra serem obrigados a servir sob seu comando, abandonaram-no no campo de batalha de forma que ele foi morto. O quarto vakil foi assassinado pelos turcomanos e o quinto foi condenado à morte por eles.

É nesse contexto de diferenciação com todo o mundo que o rodeia, mas principalmente em oposição ao ambiente cultural e histórico iraniano, que os turcomanos vão elaborar e consolidar sua identidade.

No entanto, o Turcomenistão não abrange apenas populações turcomanas. Na administração da asquerosa dinastia Qajar, o Irã perdeu a região do atual sul do Turcomenistão. Tal área é uma longa faixa de terra que estende-se desde a fronteira sul dos dois países na costa do Mar Cáspio até a histórica cidade de Merv. Dita cidade foi uma cidade oásis de grande importância da Ásia Central sobre a histórica Rota da Seda. Várias cidades estratégicas existiram nesse lugar, sendo crucial para o intercâmbio cultural e político em um

assentamento de importante valor estratégico. Durante toda a era Aquemênida, de 550 a.C. a 336 a.C. e os quatro séculos de poder Sassânida entre 224 e 642, Merv foi pólo de disseminação e centro de difusão da cultura persa. Tempos depois, durante o século XII, Merv foi brevemente a cidade mais povoada do mundo. Por esses legados históricos, a cidade foi declarada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade no ano de 1999, com a denominação Parque Nacional Histórico e Cultural da Antiga Merv.

Ou seja, além das ruínas, monumentos, edifícios, praças testemunharem o vínculo da região de Merv com a história iraniana, sua população comprova que a cultura iraniana está impregnada em várias manifestações cotidianas, como o idioma persa ser amplamente difundido, assim como o Ano Novo Iraniano (Nowruz), e outras festas tradicionais. Todos esses aspectos são legado e herança de séculos de governos exercidos por iranianos, como por exemplo os Aquemênidas, Sassânidas, Samânidas e Safávidas.

Além da milenária presença iraniana ser responsável por esse vínculo da região com o Irã, podemos afirmar que até a elite timúrida contribuiu para a re-iranização da região. A Literatura persa foi o meio utilizado para a assimilação pela elite timúrida da cultura perso-islâmica relacionada à nobreza. Tamerlão esteve também mergulhado na cultura persa e, na maior parte dos territórios que ele anexou, foi o persa o idioma principal da administração e da cultura literária. Assim, a língua dos altos funcionários do governo era a persa, e seus escribas tinham que ser totalmente adeptos à cultura persa, independentemente de sua origem étnica.

Já o Uzbequistão seguiu uma história similar a seu vizinho. Embora a cultura iraniana ainda seja muito preservada e forte no país; o que faz dos uzbeques tão fluentes em farsi, como de russo ou uzbeque; a imagem de Tamerlão seria tomada mais tarde como referência histórica na construção da identidade nacional uzbeque. Dito personagem, considerado o pai da nação uzbeque e atualmente herói nacional subjuguou os mongóis, criando um império, representado pela dinastia Timúrida, no século XIV, na qual os uzbeques o consideram como sua primeira entidade política. A segunda entidade política uzbeque é compreendida pela dinastia Shaibânidas. As campanhas militares de Tamerlão, estenderam-se até o Oriente Médio, onde na Batalha de Ancara em 1402 derrotou o Imperador Otomano, Bayezid I. Tal acontecimento é considerado uma facada nas pretensões panturcas. Além de voltar-se contra uma grande nação turca unificada, Tamerlão anelava atingir outras superpotências regionais, a China e o Irã, onde em 1387 captura Isfahan; invade Herat em 1389, captura Shiraz e Hamadan em 1393; e visionava constituir a capital de seu império em Samarcanda, uma cidade de população predominantemente tadjique, portanto iraniana. Daí em diante, essa

província de nome homônimo sempre se caracterizou por uma disputa entre uzbeques e iranianos.

É nesse contexto histórico que os atuais Uzbequistão e Turcomenistão fincaram as raízes para que séculos mais tarde pudessem emergir no cenário mundial como entidades políticas independentes. Diferente do atual Tadjiquistão, que possui enormes laços culturais e milênios de história em comum com o Irã.

A Frente Oriental Irredentista desemboca-se no Baluchistão, uma região árida, localizada no Planalto Iraniano, no sudoeste e sul da Ásia, exatamente localizada na área da tríplice fronteira entre o Irã e os atuais Afeganistão e Paquistão. A área recebe o nome das numerosas tribos baluchis, que ali vivem, um povo iraniano que a ocupa desde a antiguidade.

O região do Baluchistão que atualmente pertence ao território paquistanês corresponde com a antiga província aquemênida de Gedrosia, que foi anexada pelos gregos, depois sendo umas das províncias do Irã na Era sassânida.

Embora a região tenha sofrido invasões ao longo da história, principalmente por parte de gregos, árabes, mongóis, turcos, ingleses e pastuns; foram os iranianos que realmente marcaram para sempre a identidade da região, assim como a etnicidade de sua população. Como já vimos anteriormente, os baluchis, são um povo de pastores de origem indo-ariano, e falam o baluchi, uma das várias línguas iranianas, sendo da rama de idiomas iranios do noroeste.

Os ingleses, tentando agrandar os territórios que já controlavam na Índia, criaram no Baluquistão um total de quatro distritos pequenos: Makran, Kharan, Las Bela e Kalat, sendo este último o de maior pujança e extensão. Por outro lado, os ingleses delimitaram as fronteiras com os estados vizinhos, como com o Irã em 1871, através da Linha Goldsmith; e o Afeganistão, através da Linha Mortimer Durand, no contexto do grande jogo como presenciamos. Ou seja, podemos afirmar que os ingleses, por meio de acordos com a entreguista e corrupta dinastia Qajar, abortaram as regiões baluchis dos atuais Paquistão e Afeganistão de sua terra natal, de sua pátria grande. E abortariam toda a província do Baluchistão Ocidental se não fosse Reza Khan, que em 1928 reconquistou a região.

Para início de conversa, é importante mencionar que a própria palavra que designa o país é relativamente recente e foi “inventada” por jovens intelectuais islâmicos que estudavam na Inglaterra durante a década de 1930. O termo Paquistão, cujo significado é “o país dos puros”, tem uma origem singular. Cada letra que compõe o nome do país, *Pakistan*, em inglês, tem um significado geográfico, onde cada uma delas refere-se a uma das regiões que integram o país. Assim, a letra P é a de Punjab, a A é a Afegânia, o K é de Kachemira, o S de

Sind e as três últimas letras (TAN), referem-se à área meridional do país, conhecida como Baluquistão. Esse detalhe já reflete um pouco a artificialidade do Paquistão. No entanto, como veremos, o nome de tal país poderia ser *Pakis*, excluindo obviamente as terras baluchis e considerando como sinônimo os termos “afegão” e “pastuns”.

Imediatamente após a proclamação em 1947 das independências da Índia e do Paquistão; onde apenas o aspecto religioso foi analisado, desrespeitando totalmente os aspectos étnicos; Mir Ahmed Yar Khan proclama a independência de Kalat. O exército paquistanês intervêm em abril de 1948 e Yar Khan assina um acordo, na qual decreta o fim da independência de Kalat. No entanto, seu irmão, o príncipe Abdul Karim rejeita este acordo, dando início a uma guerra de guerrilhas, na qual os combatentes baluchis contam com bases de retaguarda em território afegão.

Esta guerrilha, como suas sucessoras, fracasa por um conjunto de motivos. O primeiro deles é a eficaz repressão do exército do Paquistão; a ausência do apoio de potências estrangeiras, como a URSS, que pareceu a ponto de conceber apoio, mas sem jamais chegar a concretizar-se.

Desde a emergência do Paquistão como um país independente em 1947, no contexto de emancipação política do subcontinente indiano, tivemos cinco guerras distintas entre os baluchis e o governo paquistanês, em 1947-1949, 1955, 1958-1969, 1973-1977 (com uma estimativa de 8.000 de mortos) e desde 2004 até a época de execução desta obra, em setembro de 2014.

Os conflitos têm sua origem não apenas nas diferenças culturais, étnicas e históricas, mas também pelos totalmente diferentes níveis de desenvolvimento entre as províncias orientais do atual Paquistão, e o Baluchistão, que unicamente recebe uma minúscula parte das riquezas do país, o que gera sua situação de subdesenvolvimento econômico em relação ao resto do Paquistão. Cabe mencionar que em detrimento da pobreza da região, as maiores concentrações de petróleo e gás natural do país encontram-se exatamente na província do Baluquistão.

Além desses problemas, a situação no Afeganistão, com a intervenção soviética de 1979, que provocou a chegada ao Baluquistão de uma onda de refugiados que fugiam do conflito, contribuiu para desestabilizar as já precárias condições econômicas baluchis.

Na verdade, a independência de Bangladesh em 1971, inaugurou um novo ciclo que vai durar aproximadamente duas décadas e também influenciar minorias que não se sentem partes integrantes do Estado paquistanês, como os baluchis. Neste período, o Paquistão orientou sua política externa para o Oriente Médio. A invasão do Afeganistão pela URSS e a

Revolução Xiita no Irã no mesmo ano, valorizaram ainda mais a importância do Paquistão aos olhos do Ocidente, transformando-o em um aliado de vital importância para os Estados Unidos em toda a macrozona que envolve os confins orientais do Oriente Médio, a Ásia Central e Subcontinente Indiano.

Desde 1998, o Exército paquistanês efetua ensaios de armas nucleares nas montanhas do norte da província, em Razko.

No conflito mais recente, que estende-se desde 2004, o exército paquistanês tem protagonizado constantes atos cruéis contra os baluchis e organizações dos direitos humanos chegam a considerar como um genocídio, onde tal exército planeja a eliminação na região da milenária presença iraniana, no caso pela micro-etnia baluchi.

Embora não seja pouca a quantidade de baluchis no Paquistão que defendem a independência da região que se encontra na região fronteira entre o Irã e os atuais Paquistão e Afeganistão, poucos têm a consciência que esse sentimento “nacionalista” baluchi é uma resposta às atrocidades e crueldades, assim como às discriminações contra o povo baluchi, realizadas pelos governos paquistanês e afegão, principalmente na administração do taliban, entre 1996 e 2011. Isso reafirmou a identidade baluchi consideravelmente elevando a um nacionalismo exacerbado que nunca havia existido na história, portanto, algo claramente artificial. Esse desejo por uma nação independente baluchi só é defendida por alguns baluchis que habitam o vasto oeste do atual território paquistanês. Em contraste, isso não é reivindicado pela maioria dos baluchis que habitam a província iraniana do Sistan va Balochistan, como afirma a profissional em Gestão Turística, Yalda Shahabi; e o próprio baluchi, Bahram Tajdari, morador da capital, Zahedan, da província iraniana de *Sistan va Balochistan*. A primeira afirma rotundamente que os baluchis são iranianos pertencentes do ramo da árvore ancestral do Irã, estando totalmente integrados na sociedade iraniana.

9 MITO DA AMEAÇA DO PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO E O PROJETO REDENCIONISTA DO IRÃ COMO UMA SUPERPOTÊNCIA REGIONAL

Esse capítulo tem como objetivo apresentar como se desenvolve o mito da ameaça do programa nuclear iraniano, mostrando as verdadeiras intenções por trás de uma estratégia midiática de demonização do Irã orquestrada pelo Estado Sionista e pelos Estados Unidos, apresentando vários aspectos que compõem esse complexo cenário.

O Programa Nuclear Iraniano foi lançado na década de 1950, com a ajuda dos Estados Unidos, como parte do programa Átomos para a Paz.

Até a Revolução xiita de 1979, o governo dos Estados Unidos apoiou os planos do Irã de ter acesso à tecnologia nuclear para fins pacíficos. No governo de Gerald Ford (1974-1977), os Estados Unidos apoiaram a intenção do Xá Reza Pahlavi no sentido de iniciar o programa nuclear iraniano, com assistência técnica norte-americana. Na época, o Chefe de Gabinete da Casa Branca era Dick Cheney, e o Secretário da Defesa era Donald Rumsfeld, que também participaram das negociações. Ambos serviram posteriormente ao governo Bush, de 2000 a 2008 (Cheney como vice-presidente, e Rumsfeld como secretário da Defesa), período em que a controvérsia sobre o programa nuclear iraniano atingiu o seu ponto mais tenso, e o Irã chegou a ser considerado como o próximo alvo, depois da invasão do Iraque.

É muito importante salientar que, até que se demonstre o contrário, o atual programa nuclear iraniano é pacífico e possui o objetivo de solucionar um grave déficit de energia. Devemos recordar que em 1967, Teerã ergueu seu primeiro centro de pesquisas nucleares, planejando a construção de até 20 usinas nucleares. A orientação vinha do Stanford Institute, indicando a necessidade de 20 mil megawatts de energia atômica até 1994, segundo a historiadora brasileira Márcia Camargos.

A partir da Revolução Xiita, os Estados Unidos suspenderam o apoio, barraram a cooperação com empresas francesas e alemãs e impediram acordos com África do Sul, China e Argentina. Já o recente relatório da Agência Internacional de Energia Atômica da ONU, de novembro de 2011, apontou, ali, indícios de atividade com propósitos militares, mas nem chegou perto de comprovar que os iranianos estejam em vias de produzir a bomba. E na suposição de que, um dia, dominem sua tecnologia, ela funcionaria, antes, como fator de dissuasão e autodefesa, pois o Irã não tem histórico de invasão de países próximos. Sua última guerra foi desencadeada pelos Estados Unidos, que, ao apoiar Saddam Hussein contra a

República Xiita ainda vulnerável no período pós-revolução, deram aos dirigentes o pretexto para endurecer o discurso e consolidar a teocracia, alimentando ainda mais na sociedade iraniana a desconfiança, a rivalidade e o ódio em relação aos árabes vizinhos, sobretudo aos sauditas e árabes partidários e adeptos do Baath, um partido secular laico pan-arabista, fortemente vinculado ao *Anti Iranian Sentiment*, como já o exponemos em outro capítulo.

O Estado Sionista que se autodenomina o lar nacional dos judeus não visualiza que a tolerância religiosa persa foi fundamental para a história do Judaísmo. De acordo com a Bíblia, ao conquistar Babilônia em 537 a.C., Ciro emitiu um decreto que libertou os judeus de seu cativeiro na Mesopotâmia, oferecendo-os uma ajuda financeira importantíssima para que esses reconstruíssem o Templo de Jerusalém, além de devolver muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados ao longo da história. Inclusive hoje, 2,5 mil anos depois, o Festival de Purim ainda é celebrado anualmente, na qual o imperador começou a ser honrado no mundo judeu como um profeta, na qual os judeus o cultivam gratidão eterna. Ciro é o único rei não judeu a ser mencionado nos Tanach, onde aparece com *status* de messias. Além desse importante componente histórico, é importante recordar que atualmente, o Irã abriga uma colônia judia das mais antigas do mundo, formada por aproximadamente 25 a 35 mil pessoas que gozam de liberdade de fé, frequentando as diversas sinagogas lotadas no shabat. A comunidade judaica iraniana conta com um representante no Majdis, parlamento do país, formando parte da pluralidade cultural, étnica e religiosa milenar do Irã. É a segunda maior comunidade judia de todo Oriente Médio, apenas perdendo obviamente para a Entidade Sionista. Teerã também estende o tapete vermelho diversas vezes para rabinos ultraortodoxos estadunidenses e canadenses da seita Neturei Karta, mostrando de que os judeus são amigos do Irã.

Diante de todo esse cenário amistoso com os judeus, cabe perguntar por que Israel se opõe a um Irã nuclear. As respostas são simples. Além de evitar um contrapeso à sua própria eficiência atômica e ver crescer o poder político do Irã, o país usa a retórica como cortina de fumaça para distrair a opinião pública em relação ao que faz nos territórios árabes ocupados, sejam eles palestinos, egípcios, jordanianos e sírios, ou seja, Israel mantém em alto nível a tensão com o Irã como forma de ocultar suas constantes agressões. Não por acaso, justamente em 2011, quando a Palestina pede seu ingresso na ONU, surge a ameaça de bombardear e destruir os reatores iranianos. E isso ocorre mesmo com a mídia israelense alertando que uma intervenção na terra de Ferdowsi, Hafez e Rumi não destruiria o know-how, mas apenas estruturas físicas recuperáveis com rapidez. Azeitar a máquina de guerra sempre ávida por

novas frentes de combate também faz parte do leque das cogitações belicistas e dos interesses econômicos israelenses.

Não há de se negar que o Irã quer assumir o papel da maior potência regional, e voltar a ser protagonista no rol das superpotências, mas não deseja uma guerra contra a Entidade Sionista, e em hipótese alguma se movimentaria nesse sentido para defender os árabes, sejam eles palestinos ou jordanianos, a não ser que façamos uma analogia com o fato do Irã ter libertado no passado os judeus que se encontravam deportados na Babilônia; e agora tentam executar o mesmo libertando regiões obtidas pelos sionistas nas guerras dos anos 60 e 70, algo muito improvável nos cenários atuais devido a enorme rivalidade étnica entre árabes, de ascendência semita; e iranianos, de forte raiz indo-ariana; e ao apoio formal de Yasser Arafat a Saddam Hussein na Guerra Irã-Iraque entre 1980 e 1988; embora sejam evidentes os terríveis atos orquestrados pela Entidade Sionista com a população palestina, o que proporciona que em muitas ocasiões, os iranianos prestem solidariedade em relação aos palestinos tanto por parte do Estado, como da comunidade civil.

Ou seja, construir uma bomba é uma questão estratégica, de persuasão, e não bélica. E na eventualidade de, no futuro, afinal conseguir produzir meia dúzia delas, pensará mil vezes antes de atacar um vizinho com mais de 200 ogivas nucleares livres de inspeções e das leis internacionais, já que Israel não é signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear nem integra a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica).

Embora o Estado Sionista se autodenomine o lar nacional dos judeus, é importantíssimo evidenciar as várias diferenças entre Sionismo e Judaísmo, na qual vários historiadores, como Shlomo Sand, Ralph Schoenman, G. Neuburger e Virgílio Campos afirmam que se tratam de conceitos antagônicos. É importante ressaltar que os três primeiros dessa lista são judeus. Antes de mais nada é crucial caracterizar ambos conceitos. O Judaísmo é uma das três principais religiões abraâmicas, definida como uma religião e modo de vida, que abarca uma crença, tradições, celebrações, festas, raízes, cultura; enquanto o Sionismo é o movimento político e ideológico internacional que propôs o estabelecimento de um lar nacional aos judeus na terra de Israel. Na verdade, a ideologia sionista baseia-se em alguns mitos: “a Palestina era uma terra sem povo, para um povo sem terra”; a necessidade da segurança como o motor da política exterior israelense; e talvez o mais influente, que falsamente reivindica o sionismo como o herdeiro moral das vítimas do Holocausto. Na verdade, como relata Schoenman, em *A História Oculta do Sionismo*, os sionistas se opuseram e minaram a resistência à barbárie nazista.

O acordo Haavara, que em hebraico significa transferência, foi um acordo assinado em 25 de agosto de 1933, entre o governo sionista da Palestina e o regime Nazista para a transferência de judeus da Alemanha Nazista para a então Palestina sob o governo inglês e durou até 1939. Cerca de 50-60 mil judeus foram transferidos durante o período de vigência do acordo que ainda criou uma empresa especificamente para cuidar das transferências, em 1935. A colaboração dos dirigentes sionistas com os nazistas está amplamente documentada. O exemplo mais revelador foi o de Rudolf Kastner, vice-presidente da Organização Sionista, que negociou com Eichmann, onde a Gestapo, em 1935, expediu uma circular à polícia alemã dizendo que os sionistas não deveriam ser tratados com o mesmo rigor que os demais judeus. Dirigentes sionistas romperam o boicote antifascista mundial contra Hitler através das companhias Haavara e Paltreu, cujo empreendimento teve a participação de futuras autoridades de Israel como Ben Gurión, Moshé Sharret (ou Moshé Shertok), Golda Meir e Levi Eshkol. No processo de transferência, os judeus eram expropriados de todas, ou quase todas, as suas posses, que ficavam nas mãos dos Nazistas para, depois, serem revertidas em bens exportados da Alemanha para a Palestina. Foram transferidos cerca de 139.5 milhões de Marcos (Reichsmark) em bens de consumo, máquinas, fertilizante, etc, da Alemanha Nazista para a Palestina, até o ano de 1939. Para facilitar e supervisionar as transferências de bens e aconselhar os Judeus Alemães em processo de transferência foi fundada também a Paltreu, descrita na circular 54/1933 do Ministério de Finanças do Reich.

É emblemática a colaboração entre Nazistas e Sionistas, inclusive de grandes personalidades do futuro Estado de Israel, como Ben Gurion e Golda Meir e o incentivo até de organizações sionistas à utilização, por exemplo, da estrela amarela imposta por Hitler aos judeus. Elogios à ascensão de Hitler eram comuns durante os anos 30, os Sionistas viam nele um líder capaz de ajudá-los na conquista da Palestina e de seu sonhado Estado. Vê-se, enfim, que os Sionistas, conscientes ou não, contribuíram para a manutenção de Hitler no poder e para o futuro Holocausto. Algumas organizações sionistas viram a ascensão de Hitler e o Terceiro Reich na Alemanha com bons olhos, chegando-o a elogiá-la como uma forma de renascimento da vida nacional alemã que os judeus deveriam se espelhar. Na época entre a ascensão de Hitler ao poder e a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha nazista ainda não cogitava o extermínio físico dos judeus que viviam sob seu domínio, e tentou a tática da 'dessamilição' cultural, de forma a acentuar a identidade religiosa dos judeus que viviam na Alemanha. Robert Weltsch, editor-chefe do jornal sionista *Jüdische Rundschau*, uma publicação voltada para a comunidade judaica alemã, incentivava entusiasticamente seus leitores a utilizarem a Estrela Amarela imposta por Hitler: "Use-a com orgulho, a Estrela

Amarela!". Nessa mesma época, a circulação do jornal de Weltsch subiu, aproximadamente, de 5 a 7 mil exemplares para 40 mil. Também é emblemática, em 1965, a chegada do navio Tel Aviv, com passageiros judeus, ao porto de Haifa vindos de Bremenhaven e capitaniados por um membro do Partido Nazista e tendo no mastro a bandeira do mesmo Partido Nazista.

Não é surpreendente, que em 1941, Itzhak Shamir, do Likud, tenha firmado um novo acordo ao Terceiro Reich, um pacto militar cuja base era o apóio dos Sionistas à Alemanha Nazista e a fundação de um Estado sob o controle destes na Palestina. Shamir, aliás, que nunca foi boa figura, foi um reconhecido terrorista responsável inclusive pelo assassinato do Ministro Britânico para o Oriente Médio, Lord Moyne (1942) e do Conde Bernadotte, mediador sueco da ONU (1948). Em 1944, outro acordo com o Reich, entre Ben Gurion e Adolf Eichmann, no qual os Sionistas prometiam manter silêncio sobre a morte de 800 mil judeus húngaros em troca da libertação de 600 líderes sionistas presos que seriam posteriormente enviados à Palestina. Mussolini, por sua vez, gostava bastante dos Sionistas, tendo inclusive organizado esquadrões de jovens Sionistas, o grupo Betar, sob a liderança do fascista Menachen Begin.

Emfim, todo esse périplo tem por objetivo desmascarar as lideranças Sionistas e demonstrar como o atual Estado de Israel não apenas favoreceu-se de inúmeros atos e atentados terroristas, para ser fundado, e se tornar o que é hoje, mas também jamais teria sido bem sucedido em sua fundação sem os inúmeros acordos e alianças com Afolf Hitler. Dentre as alianças a vista grossa no massacre de milhares de judeus na Europa e apóio à Hitler durante toda a sua carreira política, o Holocausto não só foi fruto da mente perturbada de Hitler, mas também fruto do apóio concedido pelos sionistas ao regime. A desculpa hoje usada para massacrar palestinos, a carta branca cujo nome é Holocausto e Genocídio, nada mais é que uma farsa. O Holocausto foi um dos episódios mais terríveis da história da humanidade, mas não podemos esquecer que os fundadores do Estado Sionista e importantes lideranças até hoje deste último, o Sionismo em si, a ideologia sob a qual, está fundada o Estado, foram também importantes, senão imprescindíveis à política nazista, à preparação e execução do Holocausto. Após todas estas constatações, podemos afirmar que, os sionistas, tanto quanto a política da Alemanha Nazista, são responsáveis pelo Holocausto e pela morte de milhões de judeus inocentes.

As raízes de todo esse sectarismo e ódio na região do Oriente Médio, especialmente no norte da Península Arábica, onde se localiza a Palestina, são os movimentos sionistas e supremacistas judaicos que financiavam e imigração em massa de judeus europeus descendentes de khazares euro-asiáticos, para terras que nunca os pertenceram e já tinham

dono. Com o passar do tempo os judeus começaram a fazer grupos armados para-militares para aterrorizar os palestinos a fim de se apossar de suas terras e residências. Os árabes resistiram rotundamente, mas os judeus foram apoiados pelo Barão de Rothschild. Porém, quando o Império Britânico freava os avances sionistas, tal Império, em troca, começou a receber atentados violentos. Sendo o mais conhecido o atentado ao hotel King David, que matou 92 de pessoas, entre eles 16 judeus, e cujo mentor, o guerrilheiro Menachem Begin, se tornou herói nacional do Sionismo Institucionalizado, presidente do país mais de uma vez, e até hoje recebe homenagens oficiais em Israel, como a comemoração ao 60º aniversário do atentado, em 2006, onde entre os presentes se encontrava o atual primeiro ministro israelense, Benjamin Netanyahu. Aliás, Israel é o país que mais homenageia oficialmente "terroristas", bombardeadores, assassinos políticos e criminosos de guerra atualmente. Para entender melhor ao cenário deste emblemático atentado, devemos recorrer a 29 de junho de 1946, onde os britânicos ocuparam as oficinas da Agência Judia, sequestrando importantes documentos secretos, informações sobre operações da agência, que incluíam atividades de inteligência em países árabes e a lista de vários nomes de membros do Haganá. Toda essa documentação foi levada ao hotel King David. Essas foram as razões que incentivaram ao mando de Tnuat Hameri (Movimento de Resistência Judia, que reunia o Haganá, o Irgún, o Lehi, que logo após a Segunda Guerra Mundial, teve o objetivo de expulsar o regime britânico da Palestina, anelando a independência de Israel, mediante a luta armada), a aprovar o plano, cujo objetivo principal era destruir aqueles documentos reveladores.

Em Israel e em todo o mundo, milhões de judeus, incluindo desde hebreus étnicos agnósticos e ativistas marxistas, como Ralph Shoenman, Michel Warshawski, Norman Finkelstein, até rabinos adeptos do Judaísmo Ultraortodoxo, como integrantes do movimento Neturei Karta como seu histórico líder Amram Blau; Satmer; Edá Hacharedit e os Hassadim, se consideram antissionistas. Igualmente, alguns proeminentes intelectuais judeus, como os que defendem a desocupação dos territórios ocupados são considerados antisemitas pelas organizações sionistas, e eventualmente, as autoridades governamentais proíbem seu acesso ao território israelense.

Sob esse cenário, por muitas razões, estes e outros grupos, que serão comentados em seguida se opõem ao Estado de Israel e à política de ocupação dos territórios palestinos, jordanianos (Cisjordania), Líbano (fazendas de Shebaa) e Síria (Colinas de Golã). Ou seja, eles condenam o movimento sionista por haver promovido a ocupação de terras, com o objetivo de criar o Estado de Israel, na qual, consideram artificial, por várias razões distintas. Portanto, a definição de Israel, como Estado judeu ainda suscita controvérsia e oposição há

mais de 60 anos, assim como a ocupação de territórios, entre judeus e não judeus, e entre israelenses e também fora das fronteiras delimitadas pelo território israelense.

A idéia de um Estado judeu, foi rejeitada por numerosos judeus, membros de muitas organizações, que consideravam que a condição de judeu derivava da religião e que, uma vez erradicada essa, a distinção entre judeus e não judeus desapareceria. Entre os judeus anti-sionistas existe o grupo que expressa o medo de concentrarem-se todos os judeus em uma só região, argumentando o aspecto de que até que ponto isso seria benéfico para a continuidade dos seguidores do Judaísmo. Existe o grupo, que se opõe ao atual Estado de Israel, pela razão de que a volta à terra prometida foi realizada por ações políticas e não pela volta de Mashiah (Messias). De fato, segundo o historiador brasileiro Virgílio Campos, os judeus mais conservadores acreditam que Israel é um reino dos céus e não um reino da terra, sustentando a tese de que, se não fosse assim, Deus não haveria permitido o imperador Adriano aniquilar o Reino da Judeia em 134 D.C., transformando-o na província imperial “Aelia Palestina”. Dita concepção religiosa do Reino dos Céus demorou 1700 anos e apenas foi sucumbida no século XIX, quando o jornalista e advogado húngaro, Theodor Herzl publicou seu livro “O Estado Judeu”, influenciado pelo absurdo do Caso Dreyfus. Na época, os judeus interpretaram tal obra, como blasfêmia, por opor-se à vontade divina manifestada muitos séculos antes.

Como afirma o historiador brasileiro Virgílio Campos, a vontade de migrar e viver na Palestina seria algo longe das intenções reais da maioria dos judeus, estando presente apenas em referência religiosa. Abraham Leon, um ativista e teórico judeu, escreveu em 1942, que durante o tempo que o Judaísmo permaneceu incorporado ao sistema feudal, o sonho de Sião, não foi precisamente mais que apenas um sonho e não correspondia a nenhum interesse real, aonde o agricultor judeu da Polônia do século XVI pensava em migrar à Palestina tanto como o milionário de Nova York de hoje.

Após todas estas constatações podemos dizer que não é difícil afirmar que existem muitas diferenças entre o Judaísmo e o Sionismo. Já o escritor judeu, G. Neuburger, afirma que se tratam de conceitos antagônicos: “Em hipótese alguma são o mesmo. Na verdade, eles são incompatíveis. Se uma pessoa é um bom judeu, não pode ser um sionista e se for um sionista não pode ser um bom judeu. O Sionismo é a revolta contra Deus e a traição do povo judeu”. O Sionismo rouba elementos sagrados do Judaísmo e por isso seus simpatizantes e defensores acusam todos os opositores do atual regime israelense, ou a qualquer cidadão que critique alguma ação do governo israelense de anti-semita. Alguns ex-ministros de Israel já assumiram que tal atitude consiste em uma estratégia, é dizer, um truque que sempre utilizam para legitimar suas ações em detrimento das críticas.

Na verdade, é importante ressaltar que o termo “semita” está longe de ser exclusividade dos judeus. Tal termo se refere a aquelas pessoas cuja língua materna é uma língua semita. Ao igual que qualquer outra denominação étnica, não tem nenhuma denotação biológica, e sim unicamente cultural e lingüística. O termo começou a ser empregado originalmente no âmbito lingüístico para referir-se a uma grande família de línguas originárias do Oriente Médio, especialmente da Península Arábica, e que atualmente são conhecidas como línguas semíticas. Entre os antigos povos semitas estão os Fenícios, Amoritas, Cananeos, Sírios, Arameus, Árabes e Hicsos. Portanto, a expressão “antisemita” se refere à discriminação de todos estes povos, enquanto a discriminação com judeus é atribuída aos termos “judeofobia” ou “antijudeu”.

Ou seja, todos que hipocritamente ou ingenuamente, acusam os opositores do atual regime israelense ou apenas alguém que critique uma ação de tal regime de “anti-semita”, devem, respectivamente, criar vergonha na cara, e informar-se, para que usem a correta denominação, que nem pode ser “judeofobia” ou “antijudeu”, e sim “anti-sionista”.

Após evidenciarmos as gritantes diferenças entre Judaísmo e Sionismo, relatando a sangrenta origem deste último, podemos dizer que existem várias outras razões, além das mencionadas anteriormente, para essa perseguição a uma nação, como a ocorrido com o Irã nos últimos anos, na qual seu nome é vítima de uma demonização imposta por duas potências, como os Estados Unidos e o Estado Sionista, em inúmeras ferramentas midiáticas controladas pelas mesmas.

Vejamos, a primeira delas são os interesses dos Rothschild, na qual o clã financeiro mais poderoso do mundo está interessado em controlar o Banco Central do país. O desejo de controlar o sistema bancário do Irã poderia ser uma das principais causas pelas quais os Estados Unidos e a Entidade Sionista tem posto essa nação asiática, localizada no coração do continente, no centro das atenções. O Irã é um dos três países cujos bancos centrais ainda não estão sob controle da família Rothschild. Os outros dois da lista são compostos por Cuba e Coreia do Norte. Antes do dia 11 de Setembro de 2001, a lista estava integrada por nove países, além dos enumerados, figuravam, Afeganistão, Iraque, Líbia e Sudão. As intervenções militares dos Estados Unidos no Afeganistão em 2001 e Iraque em 2003 permitiram que os Rothschild entendessem sua rede para estas entidades estatais. O mesmo, porém mais tarde sucedeu com Sudão, após acordos com o presidente genocida desse país, Omar al-Bashir; e com Líbia, após a caída de Gadafi por uma coalizão internacional liderada por França e Inglaterra, com apoio moral dos Estados Unidos.

O antigo comandante da OTAN, General Wesley Clark, afirmou o que ele presenciou logo após o 11 de setembro de 2001: Aproximadamente dez dias depois dos atentados em Nova York e no Pentágono, o mesmo disse que andava pelo Pentágono e encontrou o ministro da defesa Rumsfeld e seu vice, Wolfowitz. Então, ele decidiu descer para cumprimentar algumas pessoas do alto-comando, que trabalharam para ele e um dos generais o chamou para dentro. Ele disse, “Hallo sir, você deve ir comigo até minha sala para conversarmos.” Clark o disse: “Mas vocês estão ocupados.” Ele disse: “Não, não. Nós já decidimos levar a cabo uma guerra contra o Iraque.” Isso foi por volta de 20 de setembro. Clark perguntou: “Nós faremos uma guerra contra o Iraque? Por quê?” Ele respondeu: “Eu não sei. Eu suponho que eles não saibam mais o que fazer com os terroristas, mas nós temos um bom aparato militar e nós podemos derrubar governos.” Ele acrescentou: “Eu suponho que se tivermos apenas um martelo como ferramenta, então todos os problemas devem se parecer com um prego.” Klark voltou algumas semanas depois para revê-lo e nesta ocasião eles estavam a bombardear o Afeganistão, então o perguntou: “Nós ainda faremos guerra contra o Iraque?” Ele respondeu: “Oh, é muito pior.” Ele pegou alguns documentos de sua escrivaninha e disse: “Eu recebi isto lá de cima...” e com isso quis dizer o escritório do ministro da defesa, “... hoje.” Então ele disse: “Isto é um relatório que descreve como derrubaremos sete países em cinco anos, começando com o Iraque, e na seqüência a Síria, Líbano, Líbia, Somália, Sudão e por último o Irã.” Klark sem pensar duas vezes o indagou: “Isso é secreto?” Ele disse: “Sim, Sir.” Klark o retrucou: “Então não me mostre.” Curiosamente, Klark o encontrou um ano depois e disse: “Você se lembra?” Ele disse: “Sir, eu nunca lhe mostrei este relatório!” Está quase feito, falta apenas o Irã.

Embora o conflito entre o Irã e as potências ocidentais sempre fosse latente, as ameaças externas tornaram-se mais concretas após o 11 de Setembro com a invasão do Afeganistão, em 2001, e do Iraque, em 2003, ambos vizinhos do Irã, que se viu, portanto, cercado por tropas estrangeiras. O argumento utilizado pelo então presidente estadunidense George W. Bush e o primeiro-ministro inglês Tony Blair para invadir o Iraque fora o desenvolvimento pelo ditador Saddam Hussein de armas químicas letais. Argumento este mais tarde desmascarado como mentiroso, o que intensificaria as suspeitas iranianas de que o real interesse das potências ocidentais na região era o de obter facilmente o petróleo, garantindo seus objetivos econômicos e geopolíticos. No entanto, cabe mencionar que o Iraque décadas anteriores possuía pesadas armas químicas, condecidas pelos próprios Estados Unidos e pela Alemanha, postas em prática na guerra contra o Irã, como relatamos no sexto capítulo. Nessa linha de raciocínio, acreditavam que o Irã seria o próximo alvo. Daí a crise

nuclear impetrada na mídia mundial. Na lógica do nacionalismo iraniano, a interferência da comunidade internacional sobre o programa atômico representava um golpe à soberania do país. Por trás disso, haveria uma tentativa de impedir o desenvolvimento econômico e minimizar o poder político do Irã na região.

Desde que os Rothschild chegaram a controlar o Banco da Inglaterra, aproximadamente em 1815, eles estiveram apoderando-se dos bancos de todo o mundo. Seu método consistia em fazer que os políticos corruptos do país aceitassem um empréstimo importante que nunca poderiam pagar, deixando-os totalmente endividados com o sistema bancário da família. Se este método não funcionava, recorriam a outros instrumentos para conseguir seus objetivos, como uma invasão, por exemplo, que finalmente permitia estabelecer que o país do banco obedecesse as regras estabelecidas pela toda poderosa família. De acordo com a *American Free Press* o clã de banqueiros ingleses controla o Banco da Inglaterra, a Reserva Federal, o Banco Central Europeu, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Banco dos Pagamentos Internacionais. Estima-se que os Rothschild possuem mais da metade das riquezas do planeta, na qual sua fortuna está calculada em 231 bilhões de dólares, segundo a companhia de serviços financeiros Credit Suisse. Ou seja, tendo em conta todo esse vasto panorama, não seria surpreendente que atrás da perseguição ao Irã estivesse o insaciável apetite dos Rothschild.

Segundo, podemos afirmar que, é evidente que os Estados Unidos estão aliando-se com os sunitas do Oriente Médio, tanto com o Wahhabismo Absolutista da Arábia Saudita, como o Nacionalismo Turco, com o propósito de impedir a emergência do Irã como uma superpotência regional. Não há dúvidas que o assunto absorve muitas outras questões que sobressaem o programa nuclear iraniano, como por exemplo a enorme efervescência científica iraniana.

Atualmente, o Irã é o país cujo desenvolvimento científico está fazendo os progressos mais rápidos em todo o mundo. O Irã é a décima potência mundial em matéria de nanotecnologia e costuma fazer bonito em competições de ciência mundo afora. A cada ano, Teerã recebe a Robocup, misto de feira e competição internacional de robôs, que inclui partida de futebol entre humanos e máquinas. Em 2012, o Irã foi o 17º país com maior produção científica mundial, segundo o Scopus, um banco de dados dedicado a trabalhos acadêmicos. Nos últimos anos, o Irã registrou a maior disparada mundial em termos de publicação científica, 736 artigos internacionais em 1996 contra mais de 13 mil em 2008, segundo a revista estadunidense *New Scientist*. Os iranianos consideram o desenvolvimento científico também como um motivo de profundo orgulho patriótico. A propaganda oficial do

regime também segue essa mentalidade, na qual, martela a ideia de que as conquistas tecnológicas provam a capacidade da nação iraniana de resistir à pressão política e às sanções. Segundo o *Washington Post*, o atual líder supremo do Irã, Iman Khamenei afirmou ao visitar um laboratório de células-tronco em 2006: “Se você busca a ciência, estará causando insatisfação e incômodo ao inimigo”. Sob impulso do atual regime, Teerã também desenvolveu um programa espacial que já colocou em órbita um satélite e alguns animais vivos. Difícil acreditar que tantos êxitos sejam possíveis quando o Estado dedica um orçamento irrisório para pesquisa em ciência e tecnologia (0,87% em 2009, contra uma média mundial de 1,4%). Iranianos respondem que isso é possível devido a genialidade de seu povo, o que realmente faz sentido, pois eles demonstram afinidade com tecnologia desde a Antiguidade. Foram exatamente os iranianos os inventores do *qanat*, espécie de canalização subterrânea para encaminhar água das nascentes até áreas de plantio. O *qanat* mais velho do mundo, construído há 2700 anos, irriga até hoje plantações na cidade de Gonabad, no leste do país. A primeira bateria também foi obra dos iranianos. Como já foi mencionado no segundo capítulo, a lista de heróis da História iraniana inclui grandes cientistas como Omar Khayyam, o gênio Avicena, entre muitos outros. A criatividade científica e tecnológica se manteve ao longo da história e foi, com frequência, incentivada pelos dirigentes. Os reis sassânidas eram ávidos admiradores de proezas científicas.

Tudo isso se deve ao sistema de ensino, eficiente e abrangente; ao milenar protagonismo do país no jogo internacional, que parece compelir iranianos a interessar-se pelo mundo à sua volta, o que proporciona que no Irã não se brinque com estudos. Dedicar-se e formar-se é obrigação de todos os jovens, onde são muito malvistas aqueles que não se esforçam nesse sentido. O sistema de ensino iraniano é extremamente competitivo e elitizado. A exemplo da tradição francesa das *grandes écoles*, que formam a elite da nação, o país possui cursos disputadíssimos que praticamente garantem emprego na saída. Alunos iranianos se destacam em muitas das melhores universidades do mundo. O forte do país são as Ciências Exatas, verdadeira paixão nacional. Não por acaso, as maiores glórias do ensino do país são duas universidades de Teerã que se destacam principalmente em Exatas. Uma delas é a Shahid Beheshti, situada ao norte da capital, e a outra, Sharif, ao sudeste da capital iraniana, que encantou o estadunidense Burton Richter, prêmio Nobel de Física (1976) na qual em uma visita à instituição em 2007, chegou a afirmar “os estudante aqui são impressionantes, espero ouvir falar muito de todos vocês no futuro”, segundo relatado em reportagem *in loco* do *Washington Post*.

Logo, dito desenvolvimento não agrada aos estadunidenses. Equivocam-se totalmente os que desprezam os iranianos caracterizando-os de fanáticos religiosos. Como já vimos anteriormente, mas é muito importante re-enfatizar que os Iranianos não são árabes, são em sua ampla maioria persas, indos-arianos e falam uma língua indo-européia, o Farsi. Irã, literalmente significa “terras dos arianos”. Iranianos foram Heber, um dos três maiores químicos de todos os tempos; Avicena, o pai da medicina moderna; Omar Jayyam, um renomado astrônomo e poeta; Al Juarizmi, o inventor da álgebra; os místicos Al-Hallaj e Rumi; grandes poetas e escritores como Hafez, Rudaki, Saadi e Ferdowsi (um dos maiores responsáveis pela preservação do idioma persa, por ter escrito na época da invasão árabe, a obra literária mais grandiosa de toda a história do Irã, o Xanamê, Livro dos Reis); Al-Sufi, principal responsável pela descoberta da Galáxia de Andrômeda no século XIX; Al-Biruni, quem desenvolveu as operações de combinação da regra de três; Nasir al-Din al-Tusi, pai da trigonometria; intelectuais, grandes estadistas e líderes políticos, como Amir Kabir, Sattar Khan, Baghar Khan, Hossein Fatemi, Mohammed Mossadegh, Mohsen Pezeshkpour, Reza Kermani, Dariush Forouhar, Babak Khoramdin, Ardashir I, Yazdgerd III, Ciro; Mahmoud Afshar Yazdi.

Reflexionemos sobre o seguinte, como já abordamos no segundo capítulo, a identidade iraniana é estabelecida pela mescla entre quatro grandes elos: o Zoroastrismo; a origem étnica indo-ariana; a Cultura Iraniana em geral seja ela persa, azeri, tadjiique, baluche, gilaki, mazandarani, talysh, lur, curda; e o Xiismo. Portanto, o Irã é o centro de todo o mundo iranio (regiões das micro etnias mencionadas anteriormente), como do mundo xiita. Mais de 60% dos xiitas do mundo vivem nesse país. Portanto, o Irã se projeta para Mesopotâmia, com seus santuários em Najaf e Karbala; para a região caucásica-anatólica (curdos, osetios e azeris); para Ásia Central (os tadjiques são iranianos e não apenas são maioria no Tadjiquistão, mas também nas duas províncias mais importantes do Uzbequistão, Bucara e Samarcanda) intencionando aproximar as jurisdições dessas regiões à Teerã, visando a unificação nacional em suas fronteiras históricas, onde há um enorme legado cultural, religioso e étnico iranio. Além dessas investidas, o Irã também se projeta, inclusive para o Líbano e Síria, com alianças com o Hezbolah desde 1999 e com o regime alauíta, respectivamente. Surpreende-se o fato dos iranianos estarem fabricando mísseis Shabab-3 em uma zona tão longe, como o Sudão, aponta a historiadora brasileira Márcia Camargos.

A ascensão iraniana ameaça o controle estadunidense do Golfo Pérsico, aonde se encontra mais de 50% das reservas petroleiras do mundo, e que tem sido denominado “Novo

Pivote Global”, pelo economista Xavier Martin e recordando o sábio Mackinder podemos dizer que quem controla o pivote global controla o mundo.

A Eurásia é a massa de terra que se estende da Europa à Ásia, separada pela cordilheira dos Montes Urais, tendo a Rússia e a Turquia parte de seus territórios nos dois continentes. Poderíamos incluir o Irã, se dito país ainda possuí-se suas terras do Cáucaso. Seu Heartland, situado, fundamentalmente, entre a Ásia Central e o Mar Cáspio, abrange Cazaquistão, Armênia, Azerbaijão, Rússia, China, Índia e Irã. Halford John Mackinder, no início do século XX, em conferência na Royal Geographical Society de Londres, sob o título “The Geographical Pivot of History”, sustentou que esse “closed Heartland of Euro-Asia” era a “pivot area” do equilíbrio global, e o Estado que o controlasse teria condições de projetar o poder de um lado para o outro da região. E o Heartland, explicou Mackinder, incluía, para propósitos estratégicos, o Mar Báltico, a Ásia Menor, a Armênia, o Irã, o Tibete e a Mongólia.

Ali o poder terrestre teria maior vantagem, devido ao fato de que seus rios fluíam para mares mediterrâneos, o que tornava o Heartland inacessível a uma força naval, através do Oceano Ártico, e seria possível não apenas explorar os recursos naturais lá existentes como usar os meios terrestres de comunicação, mais rápidos que os marítimos. O Estado que dominasse o Heartland, “the greatest natural fortress on Earth”, teria, portanto, a possibilidade de comandar toda a Eurásia, chamada por Mackinder de World Island.

A relevância geopolítica do Irã no mundo contemporâneo deriva, em grande parte, de suas reservas de hidrocarbonetos. O Irã forma, ao lado de países como Rússia e Arábia Saudita, o restrito clube das chamadas superpotências energéticas. O Irã detém hoje a quarta maior reserva mundial de petróleo, de acordo com a Energy Information Administration (EIA), agência estatística do governo estadunidense. Isso representa cerca de 10% das reservas mundiais. Teerã garante poder produzir petróleo pelos próximos 100 anos.

Embora seja menos lembrada no exterior, a indústria iraniana de gás também constitui um setor de suma importância estratégica para o país, que abriga a maior reserva mundial de gás, segundo a British Petroleum. É consenso entre especialistas do setor que 15% de todo o gás natural no mundo encontra-se no Irã, amplamente inexplorado por falta de investimento. Isso sem contar as enormes reservas de gás localizadas na atual República do Azerbaijão e nas terras iranianas da Ásia Central, diga-se de passagem. A produção se encontra no litoral sul do país, em particular no golfo Pérsico, onde existe o maior campo de gás do mundo. Conhecido no Irã como South Pars, é explorado e compartilhado com o Qatar, que possui instalações muito mais modernas que as iranianas. Ao contrário do petróleo, a produção de gás está em alta. Em 2013, o Irã produzia ao menos 650 milhões de metros cúbicos de gás

natural, contra 505 milhões de metros cúbicos cinco anos antes. A rentabilidade, contudo, é mais modesta, já que o preço das commodity é mais baixo. Além disso, metade da produção iraniana é dedicada exclusivamente à demanda interna, que atinge picos no inverno devido aos aparelhos de calefação doméstica. A indústria de hidrocarbonetos é capitaneada pela National Iranian Oil Company (NIOC), terceira empresa do mundo no ramo, após a saudita Aramco e a russa Gazprom. Criada sob a monarquia Pahlavi e mantida pelo Estado teocrático xiita, a NIOC tem ao menos 40 mil funcionários e ocupa um papel central na economia iraniana. Tal empresa diz ter tido receita de US\$ 110 bilhões em 2012.

O Irã, por sua conformação geopolítica, é um Estado localizado no coração da Ásia, que envolve várias regiões continentais, como o Cáucaso, o Oriente Médio, o Subcontinente Indiano e a Ásia Central; e como talvez pouquíssimas outras nações do mundo, se desenvolveu unificado, com uma civilização unificada inclusive territorialmente e com um forte senso de nação, isso é, um consolidado sentimento de pertencimento a todo seu ambiente cultural e histórico. E é, a geografia, juntamente com as necessidades de produção, um dos fatores determinantes na história de uma sociedade.

Se todos esses aspectos mencionados nos últimos parágrafos, sobre as riquezas naturais do solo iraniano, não fossem suficientes, há autores que sustentam a tese de que aproximadamente 70% dos depósitos e reservas de petróleo sem exportar se encontram em dois países: Venezuela e Irã. Em realidade a maior parte do petróleo do mundo se sintetizou no período Cretácico. Como vemos, o Mar de Tetis ia fechando para o leste, mas ainda estava comunicando com o Oceano Índico por duas línguas de água: o Golfo Pérsico e o Mar Cáspio. Pérsia era portanto uma ilha. Ao oeste estavam abrindo o Mar do Caribe e o Golfo do México, havendo portanto um extenso mar equatorial que abarcava desde as costas da América Central até o atual Irã. Esta grande massa de água estava relativamente ilhada de Panthalassa, o Oceano Universal e por isso suas temperaturas eram mais altas, além do que, tinham abundância em substâncias fertilizantes como nitratos. Por este motivo, grandes quantidades de plâncton se desenvolveram na sua superfície durante milhões de anos. Este plâncton ao morrer se precipitava ao fundo do mar e aí se apodrecia se houvesse oxigênio. Se não houvesse e este era o caso nas zonas costeiras, o plâncton não podia apodrecer, era coberto por sedimentos e milhões de anos depois como consequência das pressões e temperaturas da Terra se transformava em querôgenio e em petróleo. Esta é a razão pela qual a imensa maioria das reservas petrolíferas da atualidade se encontram nas zonas costeiras daquele enorme mar interior: Golfo Pérsico, Mar Cáspio, Líbia, Venezuela, México, e muito provavelmente Grécia e Gaza (estudos comprovaram a existência de um mar petrolífero no

subsolo de Gaza em 2000, na qual o escritor, historiador e jornalista brasileiro, José Arbex Junior aponta como uma importante razão pela qual a Entidade Sionista queira anexar Gaza de qualquer maneira).

Como vemos, o Irã não está apenas experimentando um enorme desenvolvimento tecnológico, como também dispõe de matérias primas. Além disso, possui um glorioso e bem sucedido passado imperial, ou seja, todos esses fatores proporcionam ao Irã um status de nação re-emergente, assim como a China, como veremos no próximo capítulo. O Irã apareceu crescentemente, como o grande obstáculo a um dos objetivos estratégicos centrais dos Estados Unidos, que consiste em assegurar o controle do Oriente Médio e suas riquezas naturais, promovendo a chamada remodelagem da região. Por sua população, 78 milhões; sua localização estratégica; seu poder econômico; e seu parque industrial; o Irã é uma indiscutível potência regional. Isso o transformaria em possível parceiro do que o próprio Pentágono qualifica como futuros “concorrentes de mesmo nível”, ou seja, adversários, China, Rússia, e Índia. Todos os nomeados, exceto o Irã, são potências nucleares.

Portanto, mais uma vez, agora por outra razão, não é de se estranhar que desde o Pentágono se contemple com preocupação o desenvolvimento dos acontecimentos no Oriente Médio, Ásia Central, Subcontinente Indiano e Cáucaso. Estados Unidos e seus serviços de inteligência estão tentando conter a expansão iraniana ao desespero, aliando-se com o Regime Militar no Egito; com os salafistas na Líbia e Síria; com a Casa de Saud na Arábia Saudita, com a Turquia e com as monarquias absolutistas do Golfo Pérsico, todas caricaturas do colonialismo inglês.

Com a campanha da Síria, por exemplo, o que se pretende não é apenas acabar com a dinastia Assad, controlar o que fazem os russos em Tartus e Latakia, conter o avanço da China sobre as fontes de petróleo, isolar completamente e estrangular o Irã; mas sim erradicar o poder dos alauitas, implantando uma ditadura sunita que seja satélite do regime wahabista da Arábia Saudita, fazendo com que a Síria seja outro títere de Washington, isso é, mais um braço armado da elite globalista. A erupção da revolta contra o regime sírio, orquestrada pelos Estados Unidos desde 2005-2006 e posta em prática desde janeiro de 2011, marcou o fim do contrato não escrito e fez a Síria retroceder para a situação pré-1970, concluiu o embaixador Itamar Rabinovich.

De maneira geral, podemos afirmar, que a chamada “Guerra contra o Terror” é na realidade uma guerra para e com Terror. Mercenários radicais islâmicos são recrutados, treinados, abastecidos com dinheiro e armas, e então enviados aos países, onde eles devem promover uma “revolta” contra o governo. Conta-se então à opinião pública mundial que a

OTAN deve intervir por motivos humanitários, deve ajudar os “rebeldes” para libertar a população do governo malvado. A única coisa que esses governos fazem de errado é não se curvar ante aos ditados de Washington e por isso eles devem ser retirados de cena. Pois, se o governo dos EUA realmente se importa em libertar o povo de déspotas e em disseminar liberdade e democracia, por que eles não derrubaram o pior de todos os governos, o da Arábia Saudita? Ou aqueles no Bahrein, Kuwait e outros países do Golfo, governados pelos piores xeiques. Ao contrário, estes são cortejados pelo Ocidente, mantidos no poder e abarrotados com armas. Eles podem oprimir as pessoas e eliminá-las se elas derem um pio.

Washington pouco se importa com direitos humanos e democracia. A afirmação de que a utilização da violência se trata apenas de um meio necessário, é uma fachada santa para as boas pessoas. Na realidade trata-se de considerações geoestratégicas e do grande jogo de xadrez do domínio mundial. Os governos dos países existem apenas para se submeterem e se deixarem explorar. Como disse Henry Kissinger: “O país Estados Unidos não tem amigos, apenas tem interesses”. Ou seja, segundo essa lógica, podemos afirmar que quem possui os Estados Unidos como amigo, não precisa de inimigos, pois já tem um. Ou você é um laçao de Washington ou é esmagado. Se analisarmos todos os conflitos e a propaganda correlata sob este aspecto, entendemos exatamente o que acontece no mundo.

Os Estados Unidos reforçam o Wahhabismo Saudita, o Sunismo Egípcio e por que não dizer a etnicidade árabe em detrimento do Xiismo Institucionalizado Iraniano e da etnicidade iraniana, para conter as pretensões iranianas, evitando seu estabelecimento como uma superpotência regional.

Esse desespero no processo de contenção das pretensões iranianas por parte dos aparelhos de Estado dos Estados Unidos e de Israel pode ser visualizado em atividades orquestradas pelos mesmos dentro do próprio atual território iraniano. Tais ações transbordam tanto as leis do direito internacional, que proporcionam que muitos iranianos, antagônicos ou simplesmente contrários à ideologia xiita do atual regime, em muitos aspectos se posicionem favoráveis a atitudes do atual regime, onde esse último pode referir-se com razão a uma campanha sistemática de desestabilização e debilitamento do país por parte das potências ocidentais, principalmente dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Entidade Sionista, incluindo uma campanha terrorista, conduzida por organizações como a Jundallah e a Frente Democrática Revolucionária para a Libertação do Arabistão, ambas respaldadas por esses três Estados estrangeiros mencionados.

Jundallah, literalmente “Soldados de Alá”, também conhecido como Movimento de Resistência Popular do Irã (MRPI) é uma organização paramilitar com sede no Baluquistão

que alega lutar pelos direitos dos muçulmanos sunitas iranianos. Foi fundada por Abdolmalek Rigi, capturado e executado pelo governo do Irã em 2010. Acredita-se que tenha até 1000 combatentes, e seja responsável pela morte de 400 soldados iranianos, e de um número muito maior de civis. Ou seja, se trata de uma insurgência sunita radical que tem lançado cruéis ataques contra objetos civis. Essa organização também participa da insurgência baluchi no Paquistão e na província iraniana do Sistão e Baluquistão. O grupo foi designado oficialmente uma organização terrorista pelo governo do Irã, e foi ligado ou assumiu a responsabilidade por diversos atentados terroristas, seqüestros e tráfico de drogas. Diversos observadores internacionais acreditam que o grupo esteja ligado à Al-Qaeda. O Irã sempre alegou que o governo dos Estados Unidos estaria dando apoio ao Jundallah. Muitas fontes, como a emissora estadunidense *ABC News*, o jornal inglês *The Telegraph* e o jornalista Seymour Hersh relataram que a organização teria recebido apoio dos Estados Unidos para operar contra o governo iraniano. Os Estados Unidos, no entanto, negam qualquer envolvimento. Notícias divulgadas pela revista estadunidense *Foreign Policy* informam que o regime israelense recrutava e treinava os militantes do grupo para que executassem ações em território iraniano com o propósito de criar desestabilidade interna, entre sunitas e xiitas; e entre defensores e opositores do regime. O caso teria sido revelado em um episódio, no qual, agentes da Mossad teriam se apresentado como sendo agentes da CIA, nos anos de 2007-2008. Agentes da CIA descobriram que essas pessoas eram recrutadas principalmente em Londres e ao executar suas ações, deveriam dizer que estavam a serviço da CIA, o que teria causado grande incômodo no governo estadunidense então presidido por George Bush.

A Frente Democrática Revolucionária para a Libertação do Arabistão é uma organização, na qual alega lutar pelos direitos dos árabes que habitam a província iraniana do Khuzestan, que seus membros a intitulam “*Arabistão*” por razões óbvias que o próprio nome já entrega. O que o grupo deseja realmente é abortar essa província do Estado iraniano, o que Saddam Hussein tentou nos anos oitenta, sem sucesso devido ao enorme significado cultural e histórico dessa província para o povo iraniano, como vimos anteriormente em outro capítulo. Tal organização é responsável por vários atentados terroristas como explosões com carros bomba e bombas colocadas em lixeiras, principalmente na capital Ahvaz.

Allaeddine Borujerdi, presidente da comissão de relações estrangeiras e de segurança nacional do parlamento iraniano; Seyyed Mohammad Hejazi, comandante do Corpo Basij; Mostapha Pur-Mohammadi, ministro iraniano do interior; Manuchehr Mottaki, ministro dos negócios estrangeiros, confirmaram a interferência inglesa nos atentados, afirmando que uma das razões para a presença de tropas inglesas ao longo da fronteira oeste-sul iraniana, isto é,

na atual província iraquiana de Basra, é a promoção de distúrbios nessa região do Irã. O último deles afirma que a Inglaterra acolhe em seu território grupos terroristas e dá-lhes meios consideráveis para promoverem suas atividades, tal como ocorrem com as ações terroristas produzidas tanto pelos grupos atuantes no Khuzestan, como pelo Jundallah no Sistão Baluquistão. Essas investidas inglesas nessa província iraniana objetivam exaltar os árabes que embora em termos nacionais sejam uma grande minoria, com aproximadamente 2% da população, nessa província compõem 30% da população, onde a maioria desses 30% é fiel ao Irã, rechaça os planos secessionistas da minoria que atua e age instigada por atores internacionais, como os Estados Unidos, Inglaterra, Israel, Arábia Saudita e todas as monarquias árabes do Golfo Pérsico. A fidelidade da maioria desses 30% foi comprovada na guerra Irã-Iraque nos anos 80, na qual lutaram ao lado do Irã, frustrando as pretensões e ilusões de Saddam Hussein, que esperava que dita população o apoiasse. Alguns historiadores defendem a tese de que essa maioria “árabe” que negou ajuda a Saddam Hussein e que até agora é fiel ao Irã, não cooperando com esses grupos terroristas separatistas, dentro os quais se destaca a Frente Democrática Revolucionária para a Libertação do Arabistão, é na verdade uma população indo-ariana, que vem sofrendo um processo de arabização forçado através dos últimos séculos. Ou seja, a histórica origem étnica indo-ariana, associado com sua memória coletiva de integração com o grupo étnico titular, assim como com o Estado iraniano jogaram um papel primordial para essa fidelidade com o Irã em momentos marcantes da história do país, como por exemplo na guerra dos anos 80 com o vizinho Iraque e nesses recentes acontecimentos na província de Khuzestan orquestrados por atores internacionais que possuem o interesse de desestabilizar e enfraquecer o Irã internamente, visando futuramente garantir seus objetivos e interesses geopolíticos e econômicos.

Essas ações estrangeiras em solo iraniano consolidam o apoio popular ao regime, que se percebe como uma das únicas alternativas contra a dominação estrangeira e o caos.

Segundo William Waack, jornalista e cientista político brasileiro, nos discursos da grande maioria dos estadistas árabes ao longo da história, é recorrente que seja atribuído ao Irã, o posto de maior inimigo. Após o vazamento de informações no escândalo do caso WikiLeaks, algumas revelações vieram à tona. Uma delas consistia em um apelo do rei Abdallah da Arábia Saudita aos Estados Unidos para que este último atacasse o Irã, com o objetivo de colocar fim ao programa nuclear do país. Esta é uma das revelações que constam dos 250 mil documentos secretos que a WikiLeaks disponibilizou na rede virtual. O embaixador saudita nos Estados Unidos, Adel al-Jubeir, confirmou essa informação em 17 de Abril de 2008. Tal declaração é citada em documentos provenientes das embaixadas

estadunidenses e filtrada pelos jornais “The Guardian” da Inglaterra, e “The New York Times” dos Estados Unidos. O rei aconselhou os estadunidenses a “cortar a cabeça da cobra”, onde compara tal animal ao Irã, e destacou que trabalhar com os Estados Unidos para combater a influência no Iraque era uma prioridade estratégica do seu governo. Os outros dois jornais que tiveram acesso aos documentos foram o espanhol “El País” e o francês “Le Monde”, que mostram o receio do mundo árabe em relação ao Irã, e a forma como Israel condicionou a política externa dos Estados Unidos. Os 250 mil telegramas diplomáticos classificados como “secretos”, “confidenciais” ou “não classificados” trocados entre o departamento de Estado e várias embaixadas dos Estados Unidos realçam os temores do mundo árabe quanto ao programa nuclear iraniano. “Este programa deve ser parado!!” insistia o rei do Bahrein, Hamed bin Issa Al Khalifa, em 1º de novembro de 2009, quando recebeu o general David Petraeus, então comandante do Centcom, o comando militar estadunidense para o Oriente Médio. “O perigo de deixá-los continuar é superior ao de pará-los”, dizia, segundo a informação filtrada pelo “Le Monde”.

Segundo um alto funcionário do governo israelense, as revelações demonstram que os países árabes desejam que os Estados Unidos efetuem uma ação militar de maneira muito mais acelerada que Israel, e acrescenta que todo o Oriente Médio, inclusive a Turquia está temeroso com a perspectiva de um Irã nuclear. Na verdade, esse alto funcionário oculta estrategicamente e por que não dizer, hipocritamente, o fato de tanto os árabes, quanto os turcos serem históricos inimigos dos iranianos; e Israel, por ser o único país do Oriente Médio a ter armas nucleares, possui o real interesse que sua hegemonia bélica seja devidamente preservada, conservada e mantida.

Em outro telegrama, datado de 18 de novembro de 2009, a diplomacia estadunidense faz as seguintes observações: “um representante do Mossad (serviço secreto israelense) afirma que Teerã entende que, ao reagir positivamente ao compromisso estadunidense, o Irã pode continuar manipulando o tempo a seu favor. Do ponto de vista do Mossad, o Irã não fará nada mais que utilizar as negociações para ganhar tempo. De forma que em 2010-2011, o Irã terá a capacidade tecnológica de fabricar uma arma nuclear”.

Pois bem, nos cabe a tarefa reflexionar sobre alguns aspectos. Se o rei saudita deseja tanto uma intervenção militar contra o Irã, atacando-o cruelmente, com o propósito de destruir seu suposto arsenal nuclear, até mais do que Israel e os Estados Unidos, por que o próprio não o faz? Os iranianos costumam imaginar que tal rei possui um enorme temor de ter o mesmo fim de Saddam.

Um outro acontecimento muito mal conduzido pelos meios de comunicação, para não dizer hipocritamente conduzido foi o escândalo realizado pelo primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Políticos da Entidade Sionista afirmaram que o ex-presidente iraniano havia orquestrado um discurso inflamando as massas que seu país deveria ser erradicado do mapa. Muito bem, cabe salientar que ele sequer usou a expressão mapa. Mahmud Ahmadineyad afirmou que o regime sionista opressor, violento e cruel está fadado a acabar, assim como acabou a União Soviética. Portanto está muito longe de “vou riscar Israel do mapa”. Podemos estabelecer uma analogia com a lógica geopolítica da Guerra Fria, na qual Ronald Reagan afirmou que o comunismo deveria desaparecer. Isso não significa em nenhum momento que os estadunidenses estavam planejando encher a União Soviética de bombas nucleares, simplesmente se trata de uma oposição política a um regime. A mídia sionista usa a velha tática de repetir uma mentira mil vezes até que se torne “verdade”. Os meios de comunicação ocidentais aplicam a lição de Joseph Goebbels (1897-1945), ministro da Informação Popular e Propaganda do Reich nazista, segundo a qual, uma mentira deve ser somente muitas vezes repetida e então ela se torna crível. E essa lição, com técnicas de lavagem cerebral, serviu à CIA, Mossad, MI6 e a outros serviços de inteligência, na execução de psy-ops, operações de guerra psicológica para lavagem cerebral e para convencer o povo de algo que podia não ser necessariamente verdade. A tarefa dos serviços de inteligência, consiste em plantar, na imprensa, falsas histórias, rumores e desinformações, por meio de *off-the-record briefing e double-sourcing*, confirmadas por outro agente contratado para essa função. A remuneração paga a editores de jornais pelo MI6, por exemplo, pode chegar até £ 100.000 com acesso ao dinheiro via um *offshore bank* em acessível paraíso fiscal. O banco inglês mais utilizado era o Royal Bank of Scotland e, em menor escala, o Midland Bank, que forneciam *credit card* aos agentes em operações encobertas. Essas e outras atividades foram reveladas no livro *The Big Breach, from Top Secret to Maximum Security*, pelo Agent D/813317, Richard Tomlinson, que rompeu com o MI6, em 1995, e David Shayler, do MI5 (Military Intelligence, Section 5), agência de segurança e contra inteligência.

Quanto à região, ela não ficará menos segura se o Irã tiver a bomba. Entretanto o atual regime iraniano possui certos problemas internos. Tal regime não respeita a mescla dos quatro elos que mesclados estabelecem a identidade iraniana, na qual proporciona uma total prioridade ao Xiismo, o menos importante desses quatro eixos. Isso acarreta proibições e abusos que curiosamente soam como antiiranianas, como o escândalo contra líderes nacionalistas, Dariush Forouhar e sua esposa, Parvaneh Eskandari Forouhar em 1998. Violações de direitos humanos e os problemas políticos que o Irã enfrenta são largamente

denunciados e combatidos pelos próprios iranianos, não raro com trágicas consequências. Mas, entre eles ainda impera, sobretudo, a herança do orgulho nacional iraniano. Se o povo foi às ruas pela queda do xá, que viria desembocar na Revolução Xiita, terá de encontrar o caminho por mudanças.

Ou seja, um Irã nuclear fortalecerá o regime que seguirá usando o Estado Sionista como bode expiatório para desviar a atenção de profundos problemas internos, e vice-versa. Enquanto isso, o ponto crucial e sintomaticamente "esquecido", é o desarmamento mundial, que passa ao largo do debate. Por outro lado, quem pisou no Irã sabe que no cerne da questão nuclear encontra-se, justamente, o forte legado iraniano. Algo que o regime sabe que pode contar, quando preciso for, como instrumento de união nacional. Os atuais líderes têm a concisência de que diante de uma ameaça de um inimigo externo, eles se uniriam em uma só grande massa.

Cabe mencionar a contribuição primordial que os estadunidenses tiveram na Revolução de 1979. Primeiro, orquestraram um injusto, terrível e desastroso golpe de Estado contra o governo democrático de caráter nacionalista de Mohammad Mossadegh, que conduziu o xá de volta ao poder, instituindo uma cruel monarquia absolutista e um verdadeiro estado de terror com sua polícia secreta, conhecida como Savak; reprimindo todos os defensores, seguidores, adeptos e discípulos de Mossadegh, proporcionando que o nacionalismo iraniano esmagado nesses 26 anos sob esse regime brutal refugiasse nas mesquitas, único lugar onde a oposição tinha voz, isso é, único beco onde era permitida a existência de organizações em grupos, como aglomerações. E em decorrência disso, as revoltas que se eclodiram contra o xá, não puderam ser lideradas por facções nacionalistas democráticas, incapazes de se organizarem, mas por figuras religiosas. Esse importantíssimo detalhe, associado ao fato de que o clero xiita possuísse o projeto político mais consolidado entre os vários grupos envolventes na oposição ao xá, fizeram que os xiitas liderassem e tomassem a dianteira da Oposição Unida ao xá. Assim, a repressão do xá, posta em prática com o consentimento e, muitas vezes, com a ajuda de Washington, garantiu que o regime subsequente fosse de caráter religioso e não laico, secular, nacionalista e democrático. Ou seja, a Revolução Xiita foi, acima de tudo, uma reação ao poder do xá. Durante o reinado do xá era impossível aos iranianos desenvolverem uma sociedade civil. Sindicatos independentes, grupos de estudantes, jornais, universidades, editoras e partidos políticos não puderam emergir porque o Governo os proibia.

Segundo, podemos dizer que com a intenção de evitar a expansão da revolução iraniana para outros países da região, os Estados Unidos fizeram um acordo com os mulás em

reunião secreta organizada pelo general estadunidense Gerry Huizer, que liderava uma missão em nome do presidente Jimmy Carter, na qual, consistia que os Estados Unidos permitiram os mulás a chegar ao poder porque temiam que, se a revolução continuasse, poderia dar lugar ao crescimento de forças que julgavam mais radicais; tanto entre o próprio movimento xiita revolucionário, como entre o partido comunista Tudeh e o Nacionalismo Iraniano, que se encontrava institucionalizado em três importantes e fortes partidos, o *Pan Iranist Party*, o *National Front* e o *Nation Party of Iran*. Ou seja, os Estados Unidos privilegiaram a consumação de uma República Xiita, em detrimento, do comunismo do Tudeh e do Nacionalismo Iraniano, ainda muito ligado a figura de Mossadegh.

Embora com uma participação histórica na Revolução Xiita, que traça uma linha de 26 anos; e pela preferência aos mulás, entre as várias forças no complexo cenário político iraniano no final da década de 70, os Estados Unidos impuseram, hipocritamente, um embargo e bloqueio comerciais ao Irã em 1979, aumentado em 1995, reduzido em 2005 e novamente abrandado em 2005 e 2011. Atualmente o Irã estuda mecanismos de reduzir tais bloqueios e sanções. Muitos fatores desempenham um importante papel na ilegalidade do bloqueio. Ele impede o Irã, de diferentes maneiras possuir relações econômicas, comerciais e financeiras com terceiros com o propósito de obter a rendição do país pela força ou por um déficit de energia. O Irã não representa uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos, e não há argumentos que apóiam a continuação de uma emergência nacional. Tal bloqueio viola os direitos humanos da população iraniana, além de ir em contra dos princípios e direitos fundamentais do direito internacional, como o Princípio da Igualdade Soberana, o Princípio da Não Intervenção, o Princípio da Independência e o Direito da Nacionalização.

Embora Teerã se orgulhe em resistir às pressões de um bloqueio e embargo de mais de 35 anos, minimizando em muitas ocasiões, o impacto das medidas absurdas realizadas pelos Estados Unidos e seus servos; não há dúvidas que esse bloqueio totalmente ilegal como retratamos anteriormente, afeta o povo iraniano em vários aspectos dos mais variados. Poucos países na história sofreram sanções internacionais tão duras quanto o Irã. O acúmulo de medidas que dezenas de países e organismos impõem formam um cerco que sufoca a economia e a população do país. Porém, cabe mencionar que as primeiras punições por atritos com o Ocidente são anteriores à República Xiita. Elas decorrem do início dos anos 1950, onde o Irã do então premiê Mossadegh sofreu embargo comercial e teve seus bens bloqueados na Europa por uma enorme e desumana pressão inglesa. Londres estava furiosa com a cobrança de Mossadegh por uma repartição mais justa das receitas petroleiras controladas pelos ingleses. É dizer, as sanções foram estabelecidas devido ao fato do primeiro ministro

iraniano da época, Mossadegh defender que o povo iraniano desfrutasse de suas riquezas petrolíferas e não a companhia petrolífera inglesa.

Após a Revolução Xiita, de 1979, o Irã voltou a conviver com medidas severas e duradouras orquestradas logicamente por Washington, onde as primeiras sanções consistiram no bloqueio de bilhões de dólares iranianos depositados em bancos estadunidenses, em represália à tomada de reféns da embaixada dos Estados Unidos em Teerã. A Casa Branca apertou o cerco financeiro nos anos 1980 com o intuito de sugar o Irã, objetivando sua derrota na guerra contra o Iraque, que fazia a guerra de encomenda dos Estados Unidos e seus aliados. Ao final da guerra, mais precisamente, em 1987, Ronald Reagan impôs embargo comercial total contra o Irã.

Durante a presidência de Bill Clinton, nos anos 1990, os Estados Unidos iniciaram uma era de “morde e assopra”. Algumas sanções foram reforçadas, e outras aliviadas. Foi exatamente nessa época que o Tesouro americano proibiu empresas de aviação de exportar para o Irã, aviões e peças de reposição. Esse tipo de sanções é responsável para que o Irã seja um dos recordistas mundiais em acidentes aéreos. Foram 900 mortos desde o início dos anos 2000. Iranianos são então obrigados a recorrer ao jeitinho para manter funcionando sua densa malha aérea, que cobre todo o país, agrupando dezenas de companhias. Desde então, o Irã passou a adquirir aviões russos de má qualidade; peças de reposição muitas vezes falsificadas; e companhias são obrigadas a recorrer ao mercado negro para abastecer-se com aviões e aparelhos de segunda mão que companhias ocidentais revendem por meio de intermediários, de maneira a não se sujeitar às punições estadunidenses.

Apesar do esforço para não deixar rastros, basta entrar em um dos Airbus A340 da empresa privada Mahan para perceber que o avião foi comprado da Lufthansa. Todas as instruções e marcas nos assentos estão escritas em alemão. O problema é mais sério quando se diz respeito às peças de reposição. Por quase 20 anos, as companhias iranianas foram compelidas a se abastecer no mercado negro, comprando equipamentos de origem duvidosa e até mesmo falsificados, especialmente da China. O resultado disso é que ainda se voa no Irã com velharias como Boeing 727 e Airbus A300, alguns dos quais têm 40 anos de uso. Os modelos mais novos são usados para as linhas em direção à Europa, que proíbe aparelhos em mau estado de entrar em seu espaço aéreo. Ou seja, podemos concluir que o cerco promovido pelos Estados Unidos ao Irã converteu ao setor aéreo iraniano o posto de um dos mais letais do mundo.

Na década seguinte, quando estourou a crise gerada pelo hipotético programa nuclear iraniano, Washington não apenas aumentou as punições, como também pressionou aliados

européus e o Conselho de Segurança da ONU a igualmente adotar medidas para prejudicar o Irã. Essas punições atingiram a espinha dorsal da economia iraniana ao impor um embargo europeu total ao petróleo iraniano e ao Banco Central, receptor dos pagamentos em divisa estrangeira. Na mesma leva, bancos iranianos foram excluídos do Swift, o sistema padrão que interliga instituições do mundo inteiro. Na prática, remessas bancárias diretas ao Irã se tornaram praticamente impossíveis. Várias outras medidas foram adotadas deste então, entre as quais medidas para impedir Teerã de repatriar dinheiro depositado em bancos no exterior por compradores de petróleo. Isso obrigou o Irã, ao menos até a realização deste livro, em 2014, a receber com frequência pagamentos em mercadorias, *commodities* e muamba barata em vez de dinheiro vivo. China e Índia beneficiam desse comércio injusto. Ou seja, vendendo menos petróleo, a preço mais baixo, devido a sua procura reduzida, e sem conseguir arrecadar dólares e euros, o Irã viu sua entrada de divisas fortes despencar. Isso acarreta que a produção do petróleo iraniano, concentrado no litoral sul e no oeste, esteja em queda livre que afugentam investimentos estrangeiros, impedindo o Irã de modernizar sua sucateada infraestrutura de extração e refino. Em 2005, por exemplo, o país extraía em média 4.2 milhões de barris por dia. Na segunda metade de 2013, o número caiu para 2.6 milhões. A exportação também vive um declínio. A venda do produto bruto, responsável por mais da metade da renda do Estado e de dois terços das entradas de divisa externa esbarra em medidas estadunidenses e européias que visam punir eventuais compradores do petróleo iraniano. A queda das exportações é acirrada pelo aumento da demanda interna, que abrange necessidade de fabricação de gasolina. Há cada vez menos petróleo sendo carregado nos petroleiros que partem do litoral sul do Irã. Em 2013, o Irã mal chegava a vender um milhão de barris por dia. Trata-se do índice mais baixo desde 1980, quando o Irã estava em guerra, devido a cruel invasão iraquiana. No primeiro semestre de 2014, após a chegada ao poder de um governo mais conciliador com o Ocidente, o nível estabilizou-se pouco acima de 1 milhão de barris exportados a cada dia.

A escassez levou à disparada do valor das moedas estrangeiras a partir de 2011. O dólar em meados de 2014 valia 30 mil rials, moeda oficial iraniana, contra 15 mil um ano antes. As reservas do Estado em divisas estrangeiras, avaliadas em quase US\$ 100 bilhões em 2013, foram usadas para injetar dólar no mercado e contar a desvalorização da moeda nacional. O fato de possuir menos divisas significa também dificuldades para reabastecer os cofres públicos. Atraindo cada vez menos capital, o Estado foi obrigado a iniciar uma dolorosa política de redução de subsídios a transportes e serviços, agravando ainda mais a inflação. Em meados de 2014, a taxa real de inflação era próxima de 40%. Como se não

bastasse a queda do poder aquisitivo, os iranianos também se depararam com desemprego em alta, fruto das dificuldades que assolam as empresas, que vão desde desabastecimento até problemas financeiros. A taxa de desemprego em 2013 era de 13%, contudo tal taxa não é levada a sério, já o Estado considera empregado quem trabalha algumas horas por semana. As sanções também afetam situações básicas do dia a dia, como por exemplo, a alta desenfreada dos preços e da dificuldade ocasional em satisfazer pequenos caprichos, como por exemplo comprar molho de tomate importado.

O cerco imoral imposto pelo Ocidente também afeta a saúde. Uma das razões por trás da população pavorosa nas grandes cidades iranianas é o uso em larga escala de gasolina de péssima qualidade fabricada no fundo do quintal em resposta aos preços cada vez mais elevados do combustível importado. Por incrível que pareça, o Irã, mega-produtor de petróleo não tem capacidade de refino suficiente para atender à demanda doméstica. Isso também se deve às sanções, que impedem a indústria de hidrocarbonetos de modernizar as refinarias. Ainda mais urgente do que as nuvens de poluição que às vezes obrigam a prefeitura de Teerã a decretar feriado é a escassez de alguns remédios e equipamentos que importadores não conseguem trazer devido às sanções. Sem conseguir a tempo um medicamento do qual precisava com urgência, um adolescente hemofílico de 15 anos foi o primeiro paciente iraniano a morrer por causa do embargo, segundo informou em 2013 o site libanês *Al Monitor*, especializado em temas do Oriente Médio.

Como Samy Adghirni comenta em *Os Iranianos*, situações bizarras, às vezes ridículas, decorrem das sanções. Em 2011, uma loja Apple nos Estados Unidos se recusou a vender um iPad para uma adolescente porque ela era iraniana. Em vez de pedir desculpas, a empresa defendeu o vendedor que impedia a venda. Em 2013, o governo estadunidense avalizou a exportação de produtos Apple para o Irã. Caso semelhante ocorreu na mesma época, quando um livro italiano de fotografia foi banido do site de pagamentos on-line PayPal simplesmente por levar a palavra *Iranian* no título. Porém, o caso mais absurdo é o de uma jovem advogada iraniana, formada em Harvard, impedida de abrir conta em um grande banco europeu para o qual ela trabalha como executiva. Pois bem, por esses acontecimentos, podemos ter a dimensão de tão grande foi difundido o estereótipo do iraniano pelo mundo. Todas essas recentes atitudes discriminatórias decorrem de um *Anti Iranian Sentiment*, desenfreado que vem sendo utilizado pelos meios de comunicação dos Estados Unidos e seus lacaios.

Embora com todos esses legados do criminal embargo estabelecido contra o Irã, o país resiste, e continuará resistindo, pois essa é a essência que jaz no cerce de sete milênios de história do país. O mundo pode arregalar os olhos diante da coragem dos iranianos que

insistem em resistir a um dos maiores embargos comerciais da história moderna. Aqueles com um conhecimento mais aprofundado sobre a história do Irã, no entanto, como apontam Márcia Camargos e Adriana Carranca em *O Irã sob o chador: duas brasileiras no país dos aiatolás*; não poderiam esperar outra reação dos bravos iranianos, um povo de ativa e prestigiosa linhagem sete vezes milenar, que soube preservar como nenhum outro a própria identidade ao longo de seus 7000 anos de história. Os iranianos resistiram aos gregos, aos árabes, aos turcos, mongóis, uzbeques, turcomanos, pastuns, russos, ingleses; árabes novamente na figura de Saddam, por que não resistiriam aos Estados Unidos e a seu enorme *lobby* sionista?

Figura 24 – Cartaz retratando o caráter de resistência do povo iraniano em relação ao embargo comercial imposto ao país pelos Estados Unidos e potências europeias.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1451186148477919&set=a.1451143465148854.1073741829.100007596435746&type=3&theater>

Ou seja, os Estados Unidos impõem ao Irã sanções por causa de seu real programa nuclear civil, ou hipoteticamente programa nuclear militar? Pois bem, é crucial mencionar alguns pontos. Primeiro, o Irã, como signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear e membro da AIEA tem o direito de desenvolver e adquirir tecnologia militar com fins pacíficos. Além disso, os iranianos sempre aceitaram as abusivas e humilhantes inspeções, enquanto outros estados com energia nuclear e abarrotados de bombas nucleares não o fazem. Segundo, Israel, que não é signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear, não tem direito a ter incluso tecnologia nuclear civil, mas estima-se que tenha entre 75 e 400 ogivas nucleares

e termonucleares, de acordo com a revelação de Mordechai Vanunu, um antigo técnico do Centro de Pesquisas Nucleares de Neguev, que consistia em detalhes do programa de armas nucleares à imprensa inglesa, em 1986. Terceiro, os Estados Unidos mataram milhares de pessoas em solo japonês com tais armamentos, assim como a milhares de aborígenes australianos com testes nucleares na região do pacífico, além de outros milhares com bombas de urânio de baixo enriquecimento na Sérvia, Afeganistão, Iraque, Líbia, Vietnã, e certamente em outros países. Como um país com esse histórico característico do inferno de Dante pode possuir armamentos nucleares e ter o poder de impor uma ordem ditando as regras ao mundo contemporâneo?

Então, antes de condenar o Irã com sanções injustas por todos os aspectos mencionados ou ameaçá-lo com guerra, através de uma invasão ou intervenção devemos estabelecer três importantes fenômenos. Primeiro, forçar Israel a assinar o TNP e forçá-los a ter inspeções em seu real, ilegal e perigoso programa nuclear. Segundo, todos os membros da TNP devem destruir todo seu arsenal nuclear. Terceiro, só então em um mundo livre das armas nucleares, o Irã pode ser solicitado para inspeções, e esse país tem o direito de recusar se outros, como os Estados Unidos, Rússia, França, Inglaterra, Índia, China, Paquistão e a Entidade Sionista também se recusam.

É muito importante recordar nas mãos de quem está a mídia ocidental. Sionistas estadunidenses e europeus. Já no Oriente Médio, a Al Jazeera, uma rede de notícias é administrada pelo capital das monarquias absolutistas árabes do Golfo Pérsico, como os casos dos Emirados Árabes Unidos, Catar, Bahrein e a Arábia Saudita. Todas estas monarquias são aliadas dos Estados Unidos e históricas inimigas do Irã, com a exceção do Bahrein, na qual é reivindicado por Teerã como parte de seu território histórico, nesse caso o inimigo do Irã é a família Al-Khalifa que governa essa província iraniana com mãos de ferro, com direito a verdadeiros banhos de sangue. Então só temos uma fonte, um lado da história disponível. Portanto, mais uma vez na história a mídia está jogando um papel de grande relevância na criação de consensos contribuindo para a alienação e hipnotização das pessoas criando nelas concepções mundiais totalmente irreais e errôneas. A única razão para uma suposta intervenção em solo iraniano da parte dos Estados Unidos e do Estado Sionista tem o propósito de garantir seus interesses geopolíticos e econômicos e para a obtenção destes, a ética estrategicamente é deixada de lado.

É sempre necessário divulgar tudo o que está por trás dessa perseguição maquiavélica imposta por um mundo unilateral que é conduzido pela política externa estadunidense, na qual é regida pela Doutrina do Destino Manifesto, uma doutrina que prega o fundamentalismo

religioso e a superioridade étnica, na qual sustenta a crença que os estadunidenses são o povo eleito de Deus e estão amparados por leis divinas para governar, dominar e apoderar-se do mundo e baixo essas leis, os Estados Unidos estão livres para cometer qualquer tipo de crimes, atrocidades, injustiças e crueldades, o que tem sido recorrente nos últimos três séculos.

10 PAN IRANISMO - DESAFIO NACIONAL PARA O SÉCULO XXI

Desde a antiguidade, os iranianos buscam entender sua área de poder e influência. Ora por meio das armas para frustrar operações inimigas, ora por meio de parcerias econômicas ou ideológicas, mas sempre movidos pela convicção de sua suposta superioridade moral, matriz de roda aspiração hegemônica. Como presenciamos anteriormente, os aquemênidas formaram um dos maiores impérios que o mundo já presenciou, onde grandes reis persas, como Ciro de Dario respeitavam as tradições e a fé dos povos subjugados, mas preferiam quem se convertesse ao Zoroastrismo. Dinastias pós aquemênidas, parta e sassânida, promoveram o ressurgimento de elementos iranianos após a presença grega e teceram sofisticados laços diplomáticos com líderes vizinhos, como principalmente os chineses. Embaixadores e políticos trocavam visitas, e artistas eram usados para propalar vínculos culturais. A política externa em direção ao leste consolidou-se, a partir dos últimos dois séculos antes de Cristo, graças à rota da seda, pela qual circularam mercadorias e idéias entre Ocidente e Extremo Oriente. Paralelamente à agenda comercial que os enriqueceu, sassânidas copiaram os aquemênidas e disseminaram a religião zoroastra por todos os cantos do Império.

Após a invasão árabe, os iranianos perderam por um tempo, as rédeas de seu destino. Elas foram recuperadas aos poucos, primeiramente por vários pequenos estados que se rebelaram, contra os califados, primeiramente o Omíada e depois o Abássida; como as dinastias Samânida e Buyida; e posteriormente de maneira muito maior na gloriosa Era safávida, no século XVI, que selou as bases do que acabaria se tornando o Estado iraniano moderno.

Enraizados em uma posição geográfica ímpar, ponto de encontro de civilizações e palco de disputas estratégicas, iranianos, como já vimos ao decorrer desta obra, acostumaram-se a ver seu destino atrelado ao de outros povos. Subjugaram com astúcia e foram dominados de forma humilhante, em uma dinâmica que lhes talhou arguto com o mundo externo. O Irã sempre constituiu peça-chave do grande tabuleiro geopolítico.

Como aponta o escritor, historiador e jornalista brasileiro José Arbex Júnior, o que vivemos no século XXI é um reflexo do século XX. Todos os fenômenos que presenciamos no atual século, na verdade possui origens no século anterior, na qual ainda não foram resolvidos. E claro, o movimento *Pan Iranist*, não seria a exceção.

Podemos estabelecer uma analogia entre a história chinesa e a história iraniana; assim como entre a relação da Alemanha com seu continente, Europa; e o Irã em relação à Ásia Ocidental.

Para início de conversa é importante mencionar que a China e o Irã nunca foram colonizados de fato. Ambos se caracterizam em suas histórias pela presença de uma legião de dinastias que os governaram ao longo da história. Os dois países sempre possuíram o histórico de referir-se a sua nação com elevado destaque em relação ao estrangeiro. A China por sua vez a considera o Império ou Estado do Centro ou Meio, totalmente isolada do exterior por milênios; enquanto o Irã sempre se considerou o Reino das Luzes, conduzido por um povo nobre, puro, detentor legítimo da linhagem de Ciro, ancorado em uma suposta superioridade étnica e moral, baseado em um sagrado e histórico caráter imperial, protagonizando uma das mais antigas e gloriosas civilizações. Curiosamente, ambos os países começaram a entrar em decadência no século XVIII. A China na trajetória final da Dinastia Qing, onde o desenvolvimento econômico chinês começou a esgotar-se e declinar consideravelmente, e o Irã nas mãos dos quatro últimos soberanos da dinastia Qahar, caracterizados pelo despotismo, entregismo e corrupção. Esse momento de decaída dessas históricas potências, coincidiu com o velocíssimo desenvolvimento europeu durante a Revolução Inglesa, o que resultou e permitiu que a Inglaterra, nação núcleo de tal revolução, ultrapassasse as nações chinesa e iraniana. É exatamente esse contexto histórico, que devido às atuais ascensões dos dois países, estabelece tanto a China, como o Irã, como nações re-emergentes, e não apenas emergentes, como por exemplo, o Brasil, a Índia e para quem considere a África do Sul.

E as coincidências entre Irã e China não param por aí. Com o fim das guerras napoleônicas, as atividades comerciais européias voltaram-se para o Extremo Oriente, traduzindo-se numa pressão constante sobre a China, que mantinha fortes restrições sobre o comércio estrangeiro. Cantão era o único porto aberto ao comércio estrangeiro. Veio a representar o choque entre a China e o Ocidente durante as chamadas Guerras do Ópio. Em meados do século XIX a Inglaterra era a potência mais desenvolvida do mundo, efetuando a transição para a segunda fase da Revolução Industrial. Para tanto, demandava cada vez mais matérias-primas a baixos preços e mercados consumidores maiores para os seus produtos industrializados. A Índia e a China, países mais populosos da Ásia, despertavam grande atenção por parte da burguesia inglesa. Só que, ao passo que o mercado indiano se encontrava aberto ao comércio estrangeiro, a China produtora de seda, porcelana e chá (os britânicos compraram 12.700 toneladas em 1720 e 360 mil toneladas em 1830), itens que alcançavam bons preços no mercado europeu, não mostrava interesse nos produtos europeus, o que

acarretava défices ao comércio inglês. Porém, apenas um produto, em particular, parecia despertar o interesse dos chineses: o ópio, uma substância entorpecente, altamente viciante, extraída da papoula que causa dependência química em seus usuários, que foi introduzido ilegalmente na China por comerciantes ingleses estadunidenses. Produzido na Índia, e também em partes do Império Otomano no início do século XIX, os comerciantes ingleses traficavam-no ilegalmente para a China e muitas vezes forçavam os cidadãos a consumir as drogas, provocando dependência química, auferindo grandes lucros e aumentando o volume do comércio em geral.

Em 1830, os ingleses obtiveram exclusividade das operações comerciais no porto de Cantão. Como foi mencionado, a China exportava seda, chá e porcelana, então em moda no continente europeu, enquanto a Inglaterra sofria um grande déficit comercial em relação à China. Para compensar suas perdas econômicas, a Inglaterra traficava o ópio indiano para o Império do Meio (China). O governo de Pequim resolveu proibir o tráfico de ópio, o que levou Londres a declarar guerra à China. Entre 1811 e 1821, o volume anual de importação de ópio na China girava em torno de 4.500 pacotes de 15 quilos cada um. Esta quantidade quadruplicou até 1835 e, quatro anos mais tarde, atingiu a quantia de 450 toneladas importadas, ou seja, um grama para cada um dos 450 milhões de habitantes da China na época. Um grama de ópio era o suficiente para provocar dependência química em seus usuários. A droga chegou a representar a metade das exportações inglesas para a China. O primeiro decreto proibindo o consumo de ópio datou de 1800, mas nunca chegou a ser respeitado. Em 1839, a droga ameaçava seriamente não só a estabilidade social e financeira do país, como também a saúde dos soldados. A corrupção grassava na sociedade chinesa. Para chamar a atenção do imperador, um ministro descreveu a situação da seguinte maneira: “Majestade, o preço da prata está caindo por causa do pagamento da droga. Em breve, vosso império estará falido. Quanto tempo ainda vamos tolerar este jogo com o diabo? Logo não teremos mais moeda para pagar armas e munição. Pior ainda, não haverá soldados capazes de manejar uma arma porque estarão todos viciados”. Em 18 de março de 1839, o imperador lançou um novo decreto, com um forte apelo à população. Através de um panfleto, advertiu do consumo de ópio. As firmas estrangeiras foram cercadas pelos militares chineses, porém, em retaliação ao cerco, tropas inglesas assassinaram um chinês. É o estopim de uma crise que já se havia alistrando por muito tempo. Diante do assassinato brutal de um súdito chinês por marinheiros ingleses embriagados em Cantão, o comissário imperial chinês ordenou a expulsão de todos os ingleses da cidade. Na ocasião, o governo chinês confiscou, apreendeu e destruiu, queimando cerca de 20 mil caixas de ópio nos depósitos ingleses, expulsando da

China os seus responsáveis, súditos da Inglaterra. Esses fatos serviram de pretexto para que a potência europeia em questão declarasse guerra à China, na chamada Primeira Guerra do Ópio (1839-1842). Em 1840, o chanceler inglês, lorde Palmerston, furioso, ordenou uma frota de 16 navios de guerra ingleses para a região. Senhora de superioridade tecnológica inquestionável, representada por modernos navios de aço movido á vapor como o Fênix Dancer, a esquadra inglesa afundou boa parte dos obsoletos juncos à vela da marinha de guerra chinesa, sitiou Guangzhou (Cantão), bombardeou Nanquim e bloqueou as comunicações terrestres com a capital, Pequim. O conflito foi encerrado em Agosto de 1842 com a assinatura do Tratado de Nanquim, o primeiro dos chamados "Tratados Desiguais", pelo qual a China aceitou suprimir o sistema de Co-Hong (companhia governamental chinesa), abrir cinco portos ao comércio de ópio britânico (Cantão, Amói, Fuchou, Ningpo e Xangai), pagar uma pesada indenização de guerra e entregar a ilha de Hong Kong, na qual ficaria sob o domínio inglês por 155 anos. Como garantia do direito de comércio de ópio assim obtido, um navio de guerra inglês ficaria permanentemente ancorado em cada um desses portos.

Apesar do acordo com a China, a situação continuou a não satisfazer as ambições imperialistas dos ingleses. O comércio de ópio não progredia tão rapidamente como o pretendido, uma vez que os mandarins locais se atrasavam na resolução dos assuntos que iam surgindo. Assim, a situação não era conforme os interesses dos ocidentais. Em 1856, oficiais chineses abordaram e revistaram o navio de bandeira britânica, Arrow. Os franceses aliaram-se aos britânicos no ataque militar lançado em 1857. As forças aliadas operaram ao redor de Cantão, de onde o vice-rei prosseguia com uma política protecionista. Mais uma vez, a China saiu derrotada e, em 1858, as potências imperialistas ocidentais exigiram que a China aceitasse o Tratado de Tianjin. De acordo com este tratado, onze novos portos chineses seriam abertos ao comércio de ópio com o Ocidente e seria garantida a liberdade de movimento aos traficantes europeus e missionários cristãos. Quando o imperador se recusou a ratificar o acordo, a capital, Pequim, foi ocupada. Após a Convenção de Pequim em 1860, o Tratado de Tianjin foi aceito. A China criou um Ministério dos Negócios Estrangeiros, permitiu que se instalassem legações ocidentais na capital e renunciou ao termo "bárbaro", usado nos documentos chineses para denominar os ocidentais. Em 1900, o número de portos abertos ao comércio com o ocidente, chamados de "portos de tratado", chegava a mais de cinquenta, sendo a maior parte das potências europeias, assim como os Estados Unidos, tinham concessões e privilégios comerciais. A ilha de Hong Kong permaneceu em poder dos ingleses até ser devolvida à China em julho de 1997. O estatuto de Macau, como colônia do Império

Português a cerca de 60km da colônia inglesa, foi prorrogado, devolvida apenas em 20 de dezembro de 1999.

Ou seja, podemos traçar um paralelo e analogia entre esse histórico entre a China e a Inglaterra em relação ao ópio; e entre o Irã e a Inglaterra em relação ao tabaco, resultando na Revolta do Tabaco e em outras insurgências até desembocar na Revolução Constitucional de 1906 que pavimentou o caminho para o fim da dinastia Qahar, como abordamos no quarto capítulo.

Outro aspecto que une Irã e China, pelo menos em suas peculiaridades históricas, é o fato de ambos os países terem sido partilhados por potências estrangeiras, o primeiro por Inglaterra e Rússia no final do século XIX e início do século XX, de fato concretizado na nefasta Convenção Anglo-Russa de 1907; e o segundo por Inglaterra, Alemanha, Rússia, França e inclusive um de seus rivais históricos, a nova potência do Oriente, o Japão.

Após retratar as várias semelhanças históricas entre o Irã e a China, nos cabe a tarefa estabelecer pontos em comum entre a relação da Alemanha em relação a seu continente; e do Irã com a Ásia Ocidental.

A hipótese de uma Alemanha unificada sempre gerou temor em seus vizinhos, principalmente em franceses, ingleses e russos. Isso é comprovado no Congresso de Viena de 1815, na qual, uma das exigências era impedir a formação e consolidação de uma Alemanha unificada. Pois bem, conseguiram por pouco tempo, pois em 1871 tiveram que engolir as ações de Otto Von Bismarck, o grande artífice da unificação alemã, que unificou todos os condados germânicos em uma entidade política, emergendo a Alemanha no contexto moderno de Estado-nação. Esse aspecto também se refletiu nas duas grandes guerras mundiais. Na primeira cabe mencionar a Conferência de Paris, que foi realizada para definir as condições de paz com a Alemanha. Tal conferência, contou apenas com a participação dos países vencedores, entre eles os Estados Unidos. A reunião foi dominada pelo representante francês, Georges Clemenceau, que deu a ela um tom revanchista, fortemente antigermânico. Essa conferência resultou na assinatura do famoso Tratado de Versalhes, que impôs a Alemanha condições de paz extremamente duras, envolvendo questões territoriais, militares e financeiras. A Alemanha foi responsabilizada pela guerra e condenada a pagar aos países membros da Tríplice Entente pesadas indenizações em dinheiro, equipamentos, máquinas, minérios e produtos químicos.

Outros acordos também foram estabelecidos no Tratado de Versalhes. Um deles era que vencedores e vencidos se comprometeriam em reduzir suas tropas a uma quantidade mínima necessária, sendo a Alemanha o primeiro país a se desarmar, e os outros países a

seguiriam posteriormente. A Alemanha cumpre seu dever até 1927, reduzindo a *Reichswehr* a 100 mil homens no exército e 15 mil homens na marinha. A Força Aérea é dissolvida por completo. Agora estava na vez dos vencedores cumprirem suas promessas de desarmamento estabelecidas no Tratado de Versalhes. Na verdade, Inglaterra, França e os Estados Unidos nem pensam em se desarmar, como combinado. Ao contrário, eles mantêm vasto poderio militar. A França, em especial, no Exército e Força Aérea; e os Estados Unidos e a Inglaterra, principalmente na marinha. E eles investem grandes somas financeiras na modernização de seu arsenal bélico, enquanto, consultas da Alemanha para elevar suas próprias Forças Armadas pelo menos a uma posição de auto-defesa são negadas. Quando Adolf Hitler chega ao poder em 1933, a França e seus aliados vizinhos orientados contra a Alemanha, não levando em conta a União Soviética, possuem doze vezes mais divisões ativas do exército do que o Reich alemão. Levando-se em conta as forças armadas de reserva, a superioridade é elevada até a razão de 1:97. Nos anos seguintes, Hitler sugeriu nas Conferências de desarmamento, em Genebra, seis vezes a proposta para limitar a quantidade de determinadas categorias de armas, como bombardeiros, canhões e outras armas, para todos os países. Quando há um fracasso em sua proposta, ele transforma a pequena *Reichswehr* em uma poderosa e moderna *Wehrmacht* (Força de Defesa).

Nesse cenário que emerge o tema da anexação da Áustria, na qual tal ato atualmente é considerado, de forma uníssona como uma ocupação. Pois bem, é conveniente lembrar mais uma vez o contexto histórico. A Áustria mantinha até a guerra austro-prussiana, em 1866, quase por mil anos uma unidade, primeiro com o Império alemão, e depois com a Confederação Germânica. Após a derrota de 1918, e a dissolução do Império Habsburgo, os vitoriosos dizimaram o Império Habsburgo ao seu núcleo linguístico alemão, a Áustria. A primeira Assembléia Nacional em Viena, após a guerra, decidiu pela unificação do resto da Áustria com o vizinho alemão, aonde plebiscitos em alguns estados documentaram que a população da Áustria consentiu esta união com ampla maioria. Porém, a autodeterminação dos povos e o processo natural de formação dos estados nacionais, não valem para os vencidos. A unificação fracassa diante do categórico veto dos vencedores.

Em 1933, se estabeleceu na Áustria, uma ditadura conservadora que suprimiu os direitos eleitorais e rejeitou a união ao Reich Alemão. O despótico chanceler austríaco, Dr. Engelbert Dollfuss, proibiu o sindicato, os partidos dos social-democratas, dos nacional-socialistas, dos comunistas. Em um golpe, orquestrado pelos nacional-socialistas austríacos, em julho de 1934, e na tentativa de prender o ditador, Dollfuss, foi baleado mortalmente. Em março de 1938, o sucessor de Dollfuss, Dr. Schuschnigg tentou minar a vontade popular pelo

Anschluss (uma palavra do idioma alemão que significa conexão ou anexação. É utilizada na História para referir-se à anexação política da Áustria por parte da Alemanha em 1938), que ainda era bastante disseminada na Áustria, com um plebiscito bastante peculiar. Em 9 de março de 1938, ele anunciou que em 13 de março, ou seja, dali somente quatro dias, aconteceria um plebiscito sobre a questão do *Anschluss*. Para a realização deste, não existia lista de votação, onde a fiscalização desta ficaria a cargo apenas de seu próprio partido. Os funcionários públicos, sob a supervisão de seus superiores, deveriam ir à votação e apresentar suas cédulas preenchidas a eles, nas quais possuíam cédulas que continham somente a opção contra o *Anschluss* da Áustria com a Alemanha. Já os eleitores que queriam votar a favor, precisavam, eles próprios, realizar suas cédulas. O ministro do interior da Áustria, Dr. Seyss-Inquart, exigiu do chanceler Schuschnigg, três vezes em vão, adiar o plebiscito e prepará-lo de acordo com a Constituição. Schuschnigg rejeitou veementemente esta demanda. Finalmente, Seyss-Inquart recorreu ao seu colega alemão, o ministro do interior Göring, que havia passado uma boa parte de sua juventude na Áustria. Mas todas as tentativas em convencer Schuschnigg a renunciar fracassaram. Apenas quando, Göring ameaçou invadir com as tropas alemãs, Schuschnigg renunciou ao seu posto de chanceler. Ao amanhecer do primeiro dia, tropas alemãs marcharam enfeitadas com flores e bandeiras tremulantes, em Salzburg, Linz e Innsbruck, foram recepcionadas por uma população austríaca entusiasmada e com lágrimas de alegria nos olhos. Quase no mesmo momento, entraram tropas austríacas em Munique, Dresden, Stuttgart e Berlim. Uma prova ao mundo de que o que acontecia era uma união pacífica e não uma conquista forçada. A confirmação para este passo seria selada em 10 de abril de 1939, através de um plebiscito, onde, 99,73% da população da Áustria votaram a favor do *Anschluss*. Bom, já é o bastante sobre a “invasão” da Áustria.

Além de tudo isso, após a Segunda Guerra Mundial, franceses, ingleses, estadunidenses e russos; dividem novamente a Alemanha, mas tem que engolir sua unificação novamente em 1989.

Ou seja, a tentativa de uma Alemanha unificada tem causado confrontos, conflitos e guerras, e tal cenário jaz no cerne de mais de mil anos de história da Europa, com grandes momentos de ruptura como o desmembramento do Império Romano; a Reforma Protestante; o Congresso de Viena; a Unificação Alemã; a Primeira Guerra Mundial; o Tratado de Versalhes; a Segunda Guerra Mundial; Imposição do Muro de Berlim; e a Queda do Muro. Até hoje, russos, ingleses e franceses ainda não viram com bons olhos a queda do muro de Berlim. Muitos geopolíticos defendem a tese de que estas potências européias mencionadas anteriormente têm a consciência de que uma Alemanha realmente unificada; incluindo a

Áustria e a região dos sudetos, região de língua alemã, na atual República Tcheca; ocupando todo o coração da Europa, com todo o seu parque industrial coloca todos seus vizinhos no chinelo.

Após todo esse cenário europeu, podemos estabelecer uma analogia com a Ásia Ocidental, na qual árabes e turcos sempre pretenderam conter as pretensões irredentistas do Irã, evitando a solidariedade e reunificação das terras habitadas por povos iranianos; até chegando ao ponto de planejar um projeto para balcanizar o atual território delimitado pelas fronteiras da República Xiita do Irã.

A Rússia protagonizou um importante papel nessa contensão irredentista e nesse processo de balcanização no século XIX até o meio do século XX. Os russos, como já foi retratado, querendo ampliar seu leque de influência na fronteira sul, abortou do Irã algumas regiões persas da Ásia Central e algumas regiões do Cáucaso, como por exemplo a atual República do Azerbaijão. Após o triunfo dos bolcheviques na Revolução Russa de 1917, que culminou com a queda do czar Nicolau II, houve um alívio do jugo russo sobre os iranianos, pois ideologicamente o novo governo em Moscou estava comprometido com a bandeira antiimperialista. Sendo assim, cancelou o tratado de partição do Irã, assinado com os ingleses; retirou suas tropas do país; e perdoou a dívida iraniana. Porém, os soviéticos ainda mantiveram forte influência sobre o Irã, especialmente na região norte e noroeste do país. Eles sonhavam em fomentar uma revolução socialista para conter a expansão colonial inglesa e usar o Irã como plataforma de exportação do bolchevismo para o subcontinente indiano. No contexto da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética é uma das potências que ocupa o Irã e meio ano depois do fim da segunda grande guerra, ainda permanece ocupando o Azerbaijão. Sob a proteção de suas tropas, ela havia preparado a anexação dos territórios do norte do Irã, com ajuda do partido comunista Tudeh. Esse detalhe fizera que o partido dali em diante ganhasse a reputação de traidor. O partido fora criado em 1942, por 53 quadros enviados de Moscou, e não dava continuidade ao antigo partido comunista iraniano, destruído pela repressão dos anos precedentes. Em 1944, o Tudeh realizava atos em defesa de concessões petrolíferas para a União Soviética no norte do país, admitindo que as do sul ficassem em mãos inglesas e estadunidenses. Era a chamada “pelo Tudeh”, política do equilíbrio positivo, consistindo em realidade no saque conjunto do país por estas três potências. Em dezembro de 1945, com forte e crucial apoio soviético, foi proclamada a denominada República Autônoma do Azerbaijão, com o premiê “J.J. Pishevari” (seu nome verdadeiro era Djafar Djavadov), que já tinha se destacado na República Socialista de Gilan. Porém, não houve uma cessão declarada à União Soviética, devido a forte rejeição local de azeris, extramamente fiéis e leais

ao Estado iraniano. Também vinculado com obras soviéticas, ao mesmo tempo, se constituiu também uma república popular curda no oeste do Azerbaijão, chamada de Mahabad. Em 4 de abril de 1946, a União Soviética concluiu com o governo de Teerã um tratado, não ratificado, de cinquenta anos, sobre a exploração conjunta dos campos petrolíferos do norte do Irã. Depois do tratado, as tropas do Exército soviético foram retiradas do norte iraniano. Ou seja, a União Soviética promovia uma chantagem ao Irã, ameaçando-o territorialmente, intencionando obter seus objetivos que consistiam na exploração de recursos naturais que Deus concebeu ao Irã. Para contrabalançar a ação da União Soviética, o governo de Teerã aceitou, em agosto de 1946, três ministros do partido comunista Tudeh e negociou com o governo Pishvari. Um atentado contra o xá serviu de motivo para proibir o partido Tudeh e romper com essa política covarde com a União Soviética. Em 1946, o governo iraniano interveio militarmente no Azerbaijão, entrando em Tabriz, colocando fim ao governo Pishvari, à efêmera República de Mahabad e às verdadeiras intenções secessionistas de Moscou.

As potências ocidentais, como Estados Unidos e Inglaterra; ambas interessadas em enfraquecer o Irã e apoderar-se de suas riquezas naturais e minerais, desde o vácuo deixado pela Rússia vêm caracterizando-se por este objetivo. Essa mentalidade de balcanização desenfreada segue a cartilha de um mundo globalista unipolar, na qual planeja multiplicar a soberania, intencionado estrategicamente diminuí-la. Ou seja, os Estados Unidos e seus aliados, em nome de uma suposta comunidade internacional, de direitos humanos e democracia, tentam promover uma onda de novas independências, produzindo países pequeníssimos, incapazes de autogovernarem, e que ficam a mercê obviamente das grandes potências. Na tentativa de balcanizar o Irã, temos os exemplos do Azerbaijão, Tadjiquistão, Baloquistão, Curdistão, Afeganistão, Bahrein, entre outros; e no mundo temos os exemplos de Kosovo, Catalunha, Somalilândia, País Basco. Apenas para mencionar alguns exemplos. Um dos protagonistas nesse assunto, que defende severamente a balcanização não apenas do Irã, mas de todo Oriente Médio, é Bernard Lewis, um historiador inglês, estadunidense e israelense, fortemente vinculado com o movimento sionista internacional.

Figura 25 – Plano de Bernard Lewis de balcanização do Irã



Fonte: <http://www.kavehfarrokh.com/articles/pan-turanism/question-7/>

A Operação Ajax, conhecida no Irã como 28 Mordad, devido ao fato de haver sido consumada no vigésimo oitavo dia do quinto mês do calendário iraniano, Mordad; foi um golpe de Estado, que consistiu na derrubada do governo democraticamente eleito do primeiro-ministro iraniano Mohammad Mossadegh, em 19 de agosto de 1953, orquestrado pelas agências de inteligência da Inglaterra (M-16) e dos Estados Unidos (CIA), sob o nome de Projeto TPAJAX.

Muitos perguntam se o Irã já possuiu um governo democrático na era contemporânea. Realmente, o Irã já teve, sim, um governo nacionalista, cosmopolita e democrático, que foi o de Mossadegh. Este, era um advogado formado em universidades européias, de formação secular e era um líder autenticamente democrático e, raridade, incorruptível. Mossadegh, após ser eleito democraticamente, em 1951, instalou um governo secular e laico no Irã e, com maciço, para não dizer unânime, apoio popular, nacionalizou a indústria petrolífera do país, bem como adotou as primeiras leis sociais e trabalhistas do país. Na prática, Mossadegh foi uma mistura de D.Pedro I e de Getúlio Vargas do Irã, pois ao nacionalizar a indústria petrolífera ele, de fato, proclamou a Independência do país, pois o petróleo era, virtualmente, a mais importante fonte de geração de riquezas do país, o que permanece até os dias atuais. E tal como Vargas, Mossadegh foi o responsável pela criação das leis sociais e trabalhistas da nação iraniana.

No final dos anos 1940, o Irã era um paraíso para a Anglo-Iranian Oil Company, que, apesar do nome, era propriedade exclusiva dos ingleses. Os contratos eram descaradamente injustos para os iranianos, que nem sequer podiam acessar as instalações de extração, também não possuindo o direito de ter acesso aos documentos importantes da empresa. Na verdade, essa empresa inglesa interferia em todos os aspectos da vida política iraniana. A companhia influenciava senadores, deputados do Majlis e ex-ministros; os que se opusessem eram sutilmente expelidos de seus cargos. Jornais eram pagos para publicar artigos alegando que vários líderes da Frente Nacional eram na verdade fantoches pagos pela Anglo-Iranian. O ex - primeiro ministro Ali Mansur, por exemplo, chegou a implorar à companhia para que essa lhe permitisse permanecer no cargo, prometendo em troca indicar um ministro das Finanças mais palatável à empresa inglesa. Essa última também ajudou Bahram Sharogh a se tornar diretor do Departamento de Rádio e Propaganda do Irã, sendo que, em uma viagem a Londres ele fora recrutado para servir à companhia. A Anglo-Iranian também exercia influência sobre associações, por intermédio do prefeito de Teerã, para se insurgirem contra os que apoiavam a Frente Nacional no bazar, que não eram poucos, muito pelo contrário.

Para que se tenha uma ideia da diferença astronômica dos ganhos entre a Inglaterra e o Irã; e para a indiferença que os ingleses tinham em relação aos nativos, em 1947, por exemplo, a companhia informou um lucro de 40 milhões de libras já deduzidos os impostos, o equivalente a 112 milhões de dólares, e deu ao Irã apenas sete milhões de libras. Para piorar, ela jamais cumpriu o compromisso assumido no acordo de 1933, o de proporcionar aos trabalhadores melhor remuneração e mais oportunidades de progresso, tampouco construiu as escolas, hospitais, estradas e sistemas telefônicos que prometeu. Nesse cenário, cabe mencionar as condições desumanas em que eram tratados e como viviam os iranianos residentes de Abadan, cidade que se localiza ainda hoje, a maior refinaria não apenas do Irã ou do Oriente Médio, mas de todo Planeta Terra. Manucher Farmanfarmanian, que em 1949 tornou-se diretor do Instituto Iraniano do Petróleo, ficou horrorizado com o que presenciou em Abadan:

O salário era de cinquenta cents por dia. Não havia férias remuneradas. Licença por doença nem indenização por invalidez. Os trabalhadores vivam em barracos em um bairro chamado Kaghazabad, ou Cidade de Papel, sem água encanada nem eletricidade, que dirá amenidades, como geladeiras ou ventiladores. No inverno, a terra era inundada, transformando-se em um charco perspirante. Na cidade, a lama vinha até os joelhos e as canoas deslizavam pelas ruas fazendo o transporte. Quando as chuvas diminuíam, nuvens de moscas irritantes, de asas pequenas, saíam das águas estagnadas para encher as narinas, amontoar-se nas bordas das panelas de cozinhar e emperrar os ventiladores da refinaria com uma cola pegajosa. No verão era pior. O calor descia de repente, sem nenhum indício de primavera. Era um calor tórrido, o pior que eu já conheci, abafado e implacável, enquanto o vento e as tempestades de areia açoitavam o deserto quente como uma fornalha. As habitações de Kaghazabad, revestidas com folhas metálicas feitas de barris de petróleo enferrujados, se transformavam em fornos sufocantes ... Por todas as gretas entrava o odor fétido, sulfuroso, de petróleo queimado, uma lembrança pungente de que, diariamente, 20 mil barris, ou um milhão de toneladas por ano, eram consumidos indiscriminadamente para o funcionamento da própria refinaria, sem que a Anglo-Iranian Oil Company jamais tivesse pago ao governo um único centavo por isso. Para os administradores da Anglo-Iranian Oil Company, com suas camisas de linho cru impecavelmente passadas e seus escritórios com ar-condicionado, os trabalhadores eram vadios sem rosto ... Na parte inglesa de Abadan havia gramados, jardins floridos, quadra de tênis, piscinas e boates; em Kaghazabad nada havia, nem uma loja de chá, nem um banheiro, nem uma mísera árvore. Não havia ali o espelho d'água azulejado e a praça central sombreada que eram parte de toda cidade iraniana, por mais pobre e seca que fosse. Os becos sem pavimentação eram depósitos de ratos. O quitandeiro vendia suas mercadorias sentado em

um barril de água para combater o calor. Somente a modesta mesquita do bairro antigo, construída com tijolos de lama, oferecia um pouco de esperança em forma de redenção divina.

A Anglo-Iranian rejeitava todos os apelos iranianos por reformas. A tenacidade do governo inglês era fácil de entender. A Inglaterra ascendera ao poder mundial em ampla medida graças à exploração dos recursos naturais de nações dominadas. Mais da metade dos lucros da Anglo-Iranian Oil Company iam diretamente para o governo inglês, proprietário de 51% das ações. Ela pagava milhões de libras adicionais em impostos a cada ano e também abastecia a Marinha Real com todo o petróleo de que precisava por uma fração do preço de mercado. O secretário do Exterior Ernest Bevin não exagerava quando observou que, sem o petróleo do Irã, não haveria “nenhuma esperança de atingir o padrão de vida que temos por objetivo na Inglaterra”.

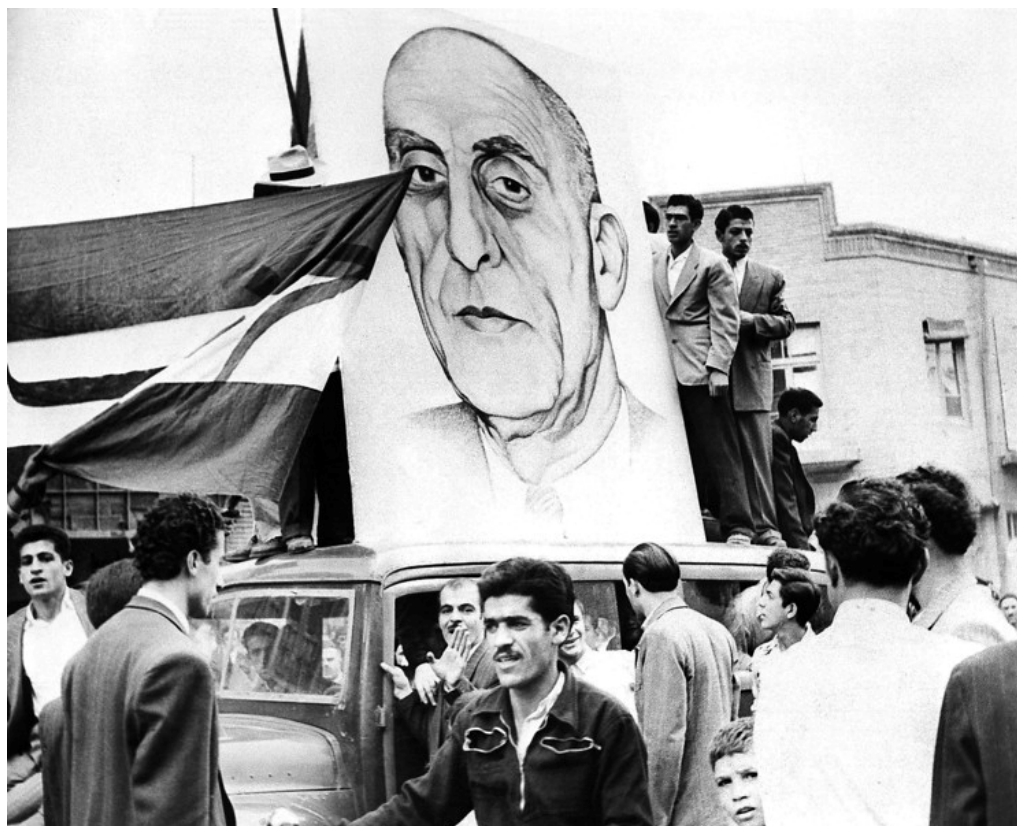
Para os iranianos, obviamente, era difícil nutrir grande simpatia pelos ingleses, muito pelo contrário. No Majlis, os deputados começaram a exigir que a companhia de petróleo oferecesse ao Irã um acordo melhor. Em 1949, dez deles chegaram a apresentar um projeto de lei que revogava a concessão. É nesse contexto que emerge a figura de Mohammad Mossadegh, onde este último vinha-se estranhando com Mohammad Reza Pahlavi há muito tempo, pelo fato do xá, sendo um títere de Londres fechava os olhos para todos esses acontecimentos, cooperando com as tremendas injustiças do cruel, desumano e bárbaro imperialismo inglês. Porém em 1º de maio de 1951, Mossadegh, já como primeiro ministro, consegue uma enorme vitória em detrimento das pretensões do xá, onde o Majlis (parlamento iraniano) aprova a nacionalização do petróleo. Da noite para o dia, a Anglo-Iranian se viu excluída do país onde reinava como um Estado à parte desde 1908. O mundo do pós-guerra, especialmente nas regiões do Terceiro Mundo, começava a ser sacudido por uma maré nacionalista, na qual povos colonizados lutavam por autonomia política e econômica, contra as poderosas corporações estrangeiras que detinham, historicamente, concessões consideradas escandalosas. Mossadegh, dando seqüência à política nacionalista, concedeu prazo reduzido para que a empresa retirasse seus funcionários do país. No dia marcado, foram transportados pelos navios da marinha inglesa. Para muitos, a incapacidade dos ingleses, impotentes em poder responderem militarmente ao que consideravam uma humilhação daquela ordem, seguida de uma desapropriação dos bens da companhia, marcou o início do fim do Império Britânico.

Figura 27 – Primeiro ministro, Mohammed Mossadegh monta nos ombros do estusiasmado público na Praça Majlis em Teerã em 27 de setembro de 1951, em frente ao prédio do parlamento, depois de reiterar suas opiniões sobre anacionalização do petróleo para seus apoiantes públicos.



Fonte: <http://blogs.denverpost.com/captured/2013/10/03/iran-historic-photos/6429/>

Figura 28 – Um grande desenho do primeiro-ministro Mossadegh é montado em cima de um carro durante manifestação em Teerã, no Irã, em 30 de setembro de 1951.



Fonte: <http://blogs.denverpost.com/captured/2013/10/03/iran-historic-photos/6429/>

Em 1952, o cenário político nos EUA e na Inglaterra alterou-se. Após o término dos governos de Harry S. Truman, que rejeitava rotundamente o golpe; e Clement Attlee, os conservadores, liderados por Winston Churchill, vencem as eleições na Inglaterra, enquanto nos EUA era eleito o general Dwight Eisenhower, candidato dos republicanos. Afinados ideologicamente, os conservadores ingleses e os republicanos estadunidenses de imediato articularam uma solução em conjunto para intervir no Irã. O problema não era Mossadegh em si, mas o "mau exemplo" da sua política. Se as grandes potências nada fizessem uma onda de desapropriações e nacionalizações varreriam a presença dos seus interesses em boa parte do mundo. Na equação de Dulles, o nacionalismo do Terceiro Mundo era igual ao comunismo ou seu aliado tático contra as nações capitalistas. No estreito mundo de então, separado pelo maniqueísmo do "bem contra o mal" da Casa Branca, o nacionalismo de Mossadegh conduziria o Irã fatalmente para os braços de Moscou. Portanto, os republicanos equipararam o nacionalismo do Terceiro Mundo a um inimigo tão nocivo quanto o comunismo.

Figura 29 – Partidários de Mossadegh ecoando o grito de apoio ao Primeiro Ministro em Teerã em 20 de julho de 1952.



Fonte: <http://blogs.denverpost.com/captured/2013/10/03/iran-historic-photos/6429/>

Figura 30 – Multidão pró-Mossadegh ergue retratos do premier iraniano no portão do edifício do Parlamento como manifestações a favor o premier na capital do país em 2 marchão de 1953.



Fonte: <http://blogs.denverpost.com/captured/2013/10/03/iran-historic-photos/6429/>

Devido a esse enorme exagero do maniqueísmo da Guerra Fria, que representava a lógica geopolítica da época, impossibilitando o surgimento de uma Terceira Posição, Mossadegh, embora fosse um declarado anticomunista foi visto como um futuro aliado de Moscou. Os ingleses usaram esse argumento para convencer os Estados Unidos a participar da Operação Ajax. Isso reflete a loucura e a demência da política imperialista. Muitos meios de comunicação estadunidenses continuam a apresentar Mossadegh como um defensor do comunismo, o que deforma claramente a realidade. O argumento de que Mossadegh simpatizava com o comunismo é contrariado diretamente pelos fatos. Ele era um velho aristocrata que desprezava as ideias marxistas. Ninguém o acusou de tendências esquerdistas antes dele agir contra a companhia petrolífera inglesa. Ele foi um patriota que amou profundamente o seu povo e tinha um grande orgulho pela contribuição civilizacional para a Humanidade dos Aquemênidas e Sassânidas e do século de ouro dos Safávidas. Mas, apesar de antiimperialista irredutível, não contestava o direito de propriedade privada.

Impossibilitados pela conjuntura de orquestrarem uma intervenção militar direta, desembarcando no Irã uma força anglo-estadunidense, recorreram à antiga prática da ação indireta: a estratégia do cavalo de Troia. Em princípios de junho de 1953, um agente da CIA, Kermit Roosevelt, neto do presidente Theodor Roosevelt, transpôs clandestinamente a fronteira irano-iraquiana. A missão dele, por orientação do secretário de Estado John Foster Dulles, era convencer o xá a se desfazer do "inconveniente" primeiro-ministro Mossadegh, líder do Movimento Nacional Iraniano. Tinha início a Operação Ajax, coordenada pelo agente Donald Wilber e por Norman Darbyshire, o braço do serviço secreto inglês no Irã, uma das mais célebres e bem-sucedidas ações clandestinas da agência estadunidense e do M-16 inglês, deflagrada para reverter uma situação crítica aos interesses anglo-americanos no Irã. O escolhido pelos serviços secretos ocidentais para derrubar Mossadegh foi o general Fazlollah Zahedi. Encarregaram-no de controlar a capital, prender o ministro e re-entronizar o xá colaboracionista. Para viabilizar o Golpe, a CIA virtualmente subornou a quase todos os principais líderes políticos, como deputados do Parlamento iraniano; militares, incluindo os generais mais importantes do país; e religiosos, os aiatolás, como Abol-Ghasem Kashani, antigo aliado de Mossadegh; além de arruaceiros que promoveram uma série de atos de vandalismo e de violência em Teerã e que serviram de pretexto para que o Golpe fosse desencadeado. Não faltou sequer uma manifestação "espontânea" a favor do xá, pedindo seu retorno de Roma, onde se exilara. A passeata significou o "apoio popular" para que Zahedi colocasse as tropas na rua, depondo o primeiro-ministro sem muito esforço.

No final de agosto de 1953, tudo voltara ao *status quo* anterior. O xá Reza Pahlevi recuperou plenos poderes, assumindo o papel de títere dos interesses anglo-estadunidenses no Irã, permitindo-lhes formar um consórcio para continuar explorando o petróleo iraniano. A Anglo-Iranian ainda preservou 40%; tendo que ceder à Shell 14% e, às demais outras cinco empresas norte-americanas, 8% para cada. O injusto e desumano Golpe de Estado contra Mossadegh instalou, com total apoio dos EUA e dos países "democráticos" do Ocidente, uma ditadura brutal, repressiva e corrupta no Irã, liderada pelo Xá Reza Pahlevi, que criou umas das mais brutais e violentas polícias secretas que já se conheceu, a Savak, somente sendo derrubada depois de 26 anos. Não é de se estranhar que a ditadura do xá era odiada pelo povo iraniano, que ao longo do tempo, acabou descobrindo toda a verdade do envolvimento dos Estados Unidos no Golpe que derrubou Mossadegh. É exatamente por isso que os iranianos passaram a ter uma grande desconfiança em relação aos Estados Unidos e ao Ocidente, pois sabem que estes além de abortarem um movimento democrático, laico, digno e nacionalista comandado por Mossadegh; instalaram no poder, apoiaram e sustentaram uma ditadura extremamente violenta, brutal, corrupta e assassina, que foi a do xá Mohammad Reza Pahlevi. Esta é a origem dos conflitos entre o Irã e os Estados Unidos e seus aliados, mas que a mídia ocidental faz questão de esconder da opinião pública.

Derrubar Mossadegh foi, talvez, a mais trágica e estúpida decisão que os Estados Unidos e seus "avós" ingleses tomaram em relação ao Oriente Médio. Vista de longe, a Operação Ajax foi uma vitória de Pirro. Ao abortar um legítimo movimento de emancipação nacional que tinha uma proposta de livrar-se do colonialismo sem recorrer à violência, a política anglo-estadunidense propiciou que, anos depois, das entranhas da antiqüíssima sociedade iraniana, nascesse um movimento teocrático antiocidental. Ou seja, o nacionalismo iraniano, perseguido pelo regime pró-ocidental do xá, terminou por refugiar-se nas mesquitas dos aiatolás e mulás, fazendo com que eles liderassem a revolução xiita de 1979.

Muitos iranianos acham bastante bizarro que os Estados Unidos se proponham agora "libertá-los" e levar-lhes a democracia. Se não tivesse havido uma intervenção dos Estados Unidos em 1953, o Irã teria provavelmente seguido o caminho até à democracia plena. Poderíamos ter tido uma democracia vibrante no Médio Oriente nos últimos 50 anos. Isso teria oferecido à região e ao resto do mundo uma História diferente.

Atualmente, temos um Irã profundamente desconfiado de todas as intenções dos Estados Unidos e seus aliados, pois estes foram os grandes responsáveis pela destruição do único governo verdadeiramente democrático que existiu na moderna história do Irã, que foi o de Mossadegh. Aliás, mesmo nos dias atuais, Mossadegh é, ainda, o líder político mais

popular da história do Irã, sendo muito mais popular do que o próprio Aiatolá Khomeini. Claro que é comum encontrar imagens de Khomeini por todas as partes, obviamente imposto pelo atual regime. Porém, dentro das casas é muito mais fácil encontrar imagens de Mossadegh. Enquanto a presença de Khomeini vem de cima para baixo, a figura de Mossadegh vive no coração dos iranianos. Na verdade, podemos afirmar que suas ações, seu caráter e seu profundo amor por sua nação e por seu povo o imortalizaram. E mais que isso, a maneira pela qual viveu seus últimos 14 anos de vida, confinado em uma prisão domiciliar no vilarejo de sua família em Ahmad Abad o tornou um dos grandes mártires da história iraniana.

Figura 31 – Quadro, pintura de Mohammad Mossadegh



Fonte: Acervo pessoal de Sepideh Farnoudi

Mossadegh foi uma grande personalidade do seu tempo. Até ele ascender ao poder nunca ninguém de um país "periférico" ousara desafiar as potências governantes do mundo de uma maneira tão direta. E, no entanto, tem sido muito esquecido pela História, em detrimento de heróis mitológicos que ecoam repetidamente nos meios de comunicação, como por exemplo Nelson Mandela, Winston Churchill, Abraham Lincoln, Margaret Thatcher. Mossadegh foi um nacionalista visionário com uma consciência profundamente democrática e

um enorme respeito pelo estado de direito. De fato, talvez tenha sido isso que contribuiu para a sua queda.

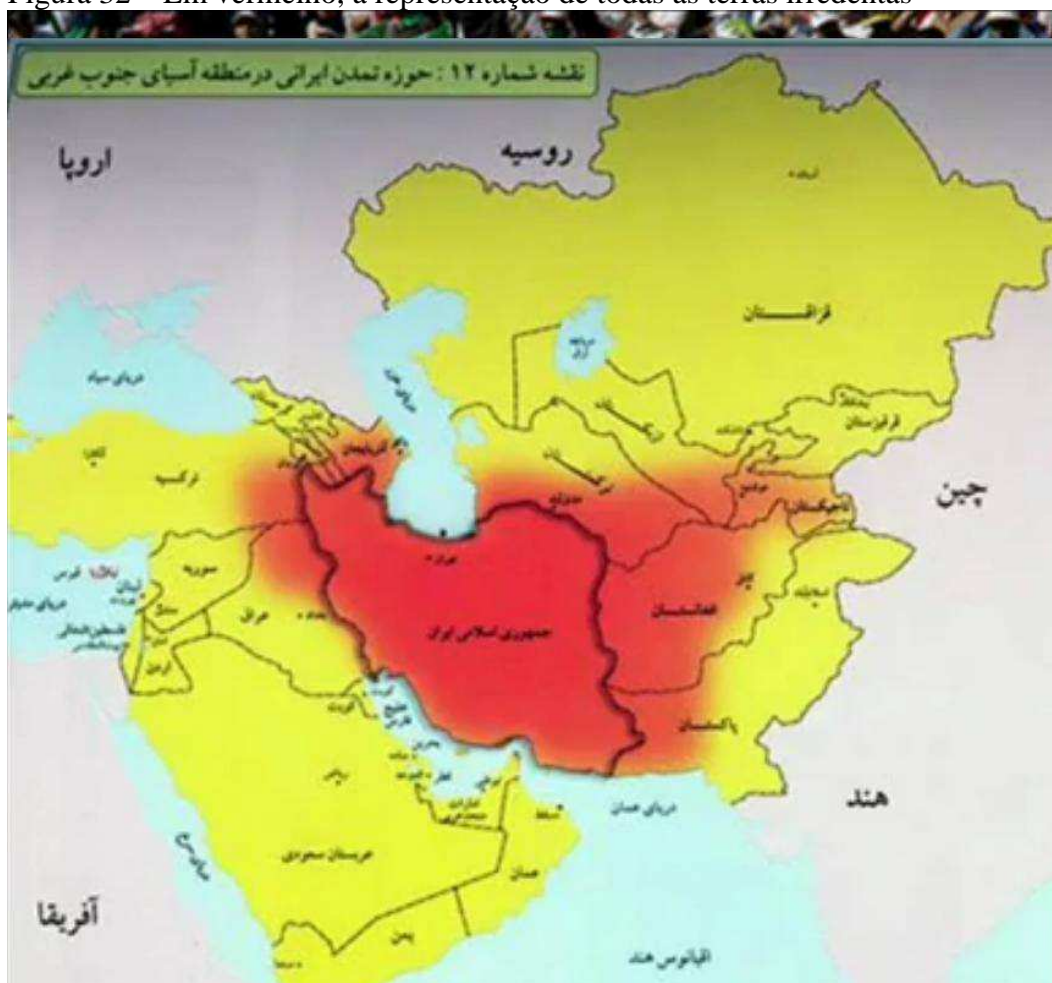
Esse episódio da história iraniana, chamado 28 Mordad, remonta às concessões de exploração de petróleo concedidas pelos últimos quatro soberanos Qahar a empresas inglesas. Mossadegh desejava livrar o Irã do trauma Qahar, reconstruindo seu país, estabelecendo as bases para trilhar o Irã ao caminho de seu devido lugar no rol das superpotências históricas.

É nesse contexto, em detrimento a todos esses fenômenos contemporâneos apresentados, que o desejo pela consolidação dos ideais propostos pelo movimento Pan Iranist no começo dos anos 40, emerge como a única esperança para a consolidação de um Irã verdadeiramente unificado, soberano, forte, altamente desenvolvido, sob uma nova ordem organizativa, mais democrático, mais livre e mais justo, estabelecendo assim, uma nação ordenada, próspera e poderosa. Isso é, aquela nação que desejaram todos os grandes nomes e ícones da mais que milenar história iraniana.

Como já retratamos no quinto capítulo, o Pan-Iranismo que significa a união política e cultural de todos os iranianos é uma reação histórica dos nacionalistas iranianos contra separatismos de diferentes partes do país por obra dos imperialismos russo e inglês. De acordo com os contratos que foram impostos ao Irã pela Rússia 200 anos atrás, muitas províncias caucasianas e da Ásia Central foram separadas do Irã, assim como seus direitos culturais e políticos foram totalmente ignorados. Ou seja, os iranianos compreendem que em detrimento da opressão e de sucessivas tentativas de separá-los, a única alternativa plausível era a consumação do propósito do Grande Irã. Eles acreditam que todas as micro-etnias do país são os ramos da árvore antiga do Irã. Azeris, persas, tajiques, curdos, baloques, talish, mazandarani, gilaki, lors.

Os iranianos de maneira geral acreditam que seu país deve retomar o seu devido lugar no rol das superpotências históricas, isso é, voltar a ser protagonista no sistema internacional de estados, com o propósito de ajudar e melhorar a civilização global. Para isso, antes de tudo, é necessário que o povo iraniano, separado em diferentes países deve viver unido em um único país. Nesse caso, as fronteiras entre o Irã e seus vizinhos foram impostas por imperialistas devido a seus interesses e benefícios próprios. O idioma persa, a literatura iraniana, o contexto histórico, a raiz étnica indo-ariana, e muitas outras semelhanças são partes identitárias que aglutinam todas as regiões abortadas por forças estrangeiras.

Figura 32 – Em vermelho, a representação de todas as terras irredentas



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1485198391743361&set=a.1451155308481003.1073741834.100007596435746&type=3&theater>

CONCLUSÃO

Cabe mencionar que diferente das atrocidades e crueldades realizadas pelos vizinhos, sejam árabes, turcos os pastuns contra iranianos étnicos, o Irã sempre respeitou as crenças e tradições das populações locais, a trajetória histórica iraniana mostra ao mundo que o que une importa mais do que o que divide, razões pela qual o Império Persa é considerado o mais gentil da humanidade. Ou seja, outra vez constata-se que certas atitudes fizeram da cultura persa um patrimônio tão importante para a história da humanidade quanto aquele deixado por gregos e romanos. Esse legado vem desde os tempos do Primeiro Império Persa, de Ciro e Xerxes. Na história do Irã são recorrentes as tentativas de legitimar o presente com um passado, invocando a recuperação dos valores tradicionais no contexto ideológico arcaico, com o propósito de fazer parecer plenamente legítima uma nova dinastia ou uma nova época. Em 1971, a Dinastia Pahlevi organizou uma grande celebração em Persépolis para consagrar a continuidade do Império Persa ao longo de mais de 2500 anos de história e para a maior glória do Rei de Reis. Durante essa dinastia, o nacionalismo iraniano experimentou um ressurgimento devido a que o governo dos Pahlavi fortaleceu o sentimento patriótico. De fato, a mudança de nome de Pérsia para Irã em 1935 (embora os dois nomes foram aceitos anos depois) foi um dos aspectos que comprovam esse fortalecimento, pois as duas principais razões da mudança foram: a reafirmação da origem étnica indo ariana e a união de outros povos iranianos não persas, com a mesma origem étnica, como os vários mencionados ao longo desse trabalho. Estas foram apenas umas de tantas manifestações semelhantes, bem conhecidas pelos estudiosos da história iraniana desde a época aquemênida. Por outro lado a Dinastia Pahlavi traiu elementos centrais do Nacionalismo Iraniano, como a defesa das riquezas naturais do país, em detrimento de empresas estrangeiras, sendo o momento propício para os grandes feitos de Mossadegh na primeira metade da década de 50. É bem significativo que Alessandro Bausani, em um breve ensaio sobre a milenar tradição iraniana, reconstruísse cinco grandes períodos de reencarnação nacional, sob às dinastias Aquemênida, Sassânida, Samânida-Buyida, Safávida e Pahlevi, embora outras dinastias tenham suas respectivas importâncias ao longo da história, como a Zand, Afjar e Qajar, e sublinhar o fato de que todos esses períodos aconteceram a outros especialmente proveitosos deste o ponto de vista das relações interculturais com outros povos, naqueles territórios mais expostos a invasões estrangeiras: gregos, árabes, turcos, uzbeques, mongóis, turcomenos, pastuns, etc.

Podemos afirmar que há razões suficientes para traçar uma continuidade desde os mongóis e os safávidas até os Qajar e os Pahlavi, o que explica em muito uma das célebres frases de Mohammad Mosaddegh. Ele costumava afirmar que o Irã é uma linha contínua perfeita desde os aquemênidas até nossos dias. Ou seja, em outras palavras, o Irã contemporâneo é resultado de uma continuidade histórica desde os tempos do Rei Aquemênes, avô de Ciro. Mossaddegh é considerado um dos maiores ícones e símbolos modernos do Nacionalismo Iraniano. O papel que a herança samânida há desempenhado no desenvolvimento histórico da identidade nacional iraniana tem sido notável e enfraquece a tese de que os safávidas foram sucessores diretos dos sassânidas, no que se concerne à transmissão da idéia de Irã. Também há que mencionar, a importância que grupos étnicos não iranianos, contribuíram de maneira tão determinante a afirmação desta idéia, o que prova a grande força de atração que a civilização iraniana tem exercido desde sempre nas culturas de outros povos, dentro e fora do Irã.

A idéia do Irã, ligada à monarquia sassânida e à religião zoroastrica não se extingue com o domínio árabe, nem com a conversão ao Islã. Isso se deve a que a classe social que havia constituído a coluna vertebral do Império Sassânida não perdeu suas prerrogativas, permanecendo unida à cultura e às tradições nacionais, precisamente porque a idéia de Irã havia tido um valor não apenas religioso, mas também cultural em um sentido amplo, mas além do propriamente político. Esta idéia permaneceu viva na imaginação dos sábios e de poetas, convertendo-se em parte essencial da herança cultural da dita classe social, verdadeiro baluarte da sociedade sassânida, especialmente a partir do século VI, que posteriormente abraçaria o Xiismo Institucionalizado na Era Safávida. Graças a isso, a idéia de Irã conseguiu sobreviver não só à dissolução do Zoroastrismo com o Estado Iraniano, como à caída daquela monarquia que na primeira metade do século III havia feito dela o elemento central de sua propaganda. Dessa maneira, foi possível integrar no horizonte supranacional da Ummah Islâmica conversando suas características peculiares, de tal maneira que os costumes, tradições, celebrações e festas do Irã atual são oriundos do Zoroastrismo, consolidados ao longo de sua história sete vezes milenar.

É possível concluir, portanto, que tais legados étnicos, culturais, históricos e religiosos estão presentes em todas as terras irredentas apresentadas nesse trabalho, sendo fundamentais para a preservação e consolidação do sentimento de pertencimento a uma pátria, preservando um enorme vínculo dessas populações com o Irã. Mais que habitantes das terras irredentas, aqueles que ali vivem, estão sob o mesmo universo histórico e cultural, estão ligados por uma memória coletiva de glórias ancestrais; pelo enorme acervo cultural que engloba o idioma

farsi, a literatura iraniana, o cinema, a música; por um calendário único; por uma geografia diversificada; a mesma origem étnica; uma religião ancestral, Zoroastrismo, que dá origem à ampla maioria das celebrações, tradições e festivais do Irã atual; e pelo Xiismo. Ou seja, essas pessoas podem ser consideradas iranianas.

Os iranianos, recordando o que já foram, e imaginando o que poderiam chegar a ser, associado com seu enorme nacionalismo e com todas as semelhanças mencionadas no último parágrafo entre o Irã e suas terras irredentas, nunca esquecem um processo irredentista conhecido no país como Irãn-e Bozorg (Grande Irã), Irãzamîm (Alma Iraniana), Irânshahr, Iran Zameen ou Buiuk Iran, que aspira poder consumir soberania sobre esse vasto universo cultural e histórico que engloba todas as terras irredentas apresentadas ao longo desta obra. Por outro lado pudemos presenciar as objeções a esse projeto, de um lado as rivalidades com vizinhos, onde destacam-se pretenções pan-árabes e pan-turcas, preservação de entidades políticas recentes e supostos movimentos independentistas; de outro lado pode-se confirmar que nem os Estados Unidos, China, Rússia, nem as potências européias estão dispostas a aceitar de braços cruzados a existência de um Irã unificado, sendo a superpotência hegemônica na região da Ásia Ocidental, um forte ator geopolítico e um protagonista no sistema internacional de estados. Essa é uma das principais razões para a existência de um forte embargo comercial contra o Irã. Esse cenário retratado por um choque de interesses que almeja o protagonismo no sistema internacional de estados é recorrente na história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Samy. **Os Iranianos**. São Paulo: Contexto, 2014: 9-10, 161-162, 168-170.

AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin. **Foucault e a Revolução Iraniana As Relações de Gênero e as Seduções do Islamismo**. São Paulo: É Realizações, 2011: 415.

AHMAD, Ashraf. **Iranian identity III Medieval Islamic Period**. Encyclopedia Iranica. Retrieved. 2012-02-08.

Almanaque Abril. São Paulo: Abril, 2012: 402, 499.

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1953 – Golpe no Irã depõe Mossadegh**. Opera Mundi. São Paulo, 13 agosto 2010. Disponível em <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/5657/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 4 de Novembro de 2012.

AL-ZAHED, Saud. **Hatred of Arabs deeply rooted in Persians**. Al Arabiya News. Dubai, 09 oct, 2011.

AMIRIAN, Nazanin. **Irán, la revolución constante**. Barcelona: Flor del Viento, 2012.

_____. **Los Kurdos: Kurdistan, un país inexistente**. Barcelona: Flor del Viento, 2005.

Anti-Iranian Sentiment. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Anti-Iranian_sentiment>. Acesso em 18 de Abril de 2013.

Arábia Saudita pediu aos Estados Unidos para atacar o Irão. Jornal de Notícias, Lisboa, 28 novembro, 2010. Disponível em <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=1722624>. Acesso em 21 de Agosto de 2014.

Arábia Saudita pediu ataque dos EUA contra o Irã, diz WikiLeaks. Estadão Internacional, São Paulo, 28 novembro, 2010. Disponível em <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,arabia-saudita-pediu-ataque-dos-eua-contra-o-ira-diz-wikileaks,646528>>. Acesso em 21 de Agosto de 2014.

AXWORTHY, Michael. **Irán, una historia desde Zoroastro hasta hoy**. Madrid: Turner, 2010.

Bahrain should return to motherland Iran. Military and Foreign Affairs Journal Veterans Today, Teerã, 5 janeiro, 2013. Disponível em <<http://www.veteranstoday.com/2013/01/05/bahrain-should-return-to-motherland-iran/>>. Acesso em 2 de Agosto de 2014.

BROWN Ian. **Khomeini's Forgotten Sons: Child Victims of Saddam's Iraq**. Londres: Seal Books, 1990.

CAMARGOS, Márcia. **A capacidade nuclear do Irã representa uma ameaça à região? Não.** Folha de São Paulo. São Paulo, 11 nov, 2011. Folha Mundo.

CARRANCA, Adriana; CAMARGOS, Márcia. **O Irã sob o chador: Duas brasileiras no país dos aiatolás.** São Paulo: Globo, 2010: 9-10, 36, 78-79.

CEYLAN, Ebubekir. **The Ottoman Origins of Modern Iraq: Political Reform, Modernization and Development in the Ninetenth Century Middle East.** Londres: Tauris Academic Studies, 2011.

CHAUDRY, Javed I. **La balcanización de Pakistán y el embrollo de Baluchistán.** CEPRID. 30 Março 2012. Disponível em <<http://www.nodo50.org/ceprid/spip.php?article1385>>. Acesso em 26 de Agosto de 2014.

Cinquenta pessoas ligadas a atentados em Ahvaz são presas no Irã. Terra Mundo, 30 janeiro 2006. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI855540-EI294,00-Cinquenta+peessoas+ligadas+a+atentados+em+Ahvaz+sao+presas+no+Ira.html>>. Acesso em 13 de Agosto de 2014.

COGGIOLA, Oswaldo. **A Revolução Iraniana.** São Paulo: Unesp, 2007.

Curdos: um povo em fuga. Audácia: A tua revista eletrônica. Disponível em <<http://www.audacia.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEuyZupyppngNMfrDd>>. Acesso em 20 de Agosto de 2014.

DANIEL, Cláudio. **O flagelo das armas químicas, ontem e hoje.** Vermelho Portal, 21 maio, 2014. Disponível em <<http://www.vermelho.org.br/autores-e-ideias/noticia/242550-297>>. Acesso em 4 de Setembro de 2014.

DE BELLAIGUE, Christopher. **Patriot of Persia: Muhammad Mossadegh and a Tragic Anglo-American Coup.** London:Harper, 2012.

DEHGHAN, Ahmad. **Journey to Heading 270 Degrees.** Londres: H&S Media, 2013.

Demografia do Irão. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_do_Ir%C3%A3o>. Acesso em: 17 de Abril de 2013.

DENAUD, Patrick. **Iraque a guerra permanente Entrevistas com Tarek Aziz A posição do Regime Iraquiano.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003: 28-33.

DROZDIK, William. **The Road to Khorramshahr.** TIME Magazine, 13 outubro 1980.

¿Es Irán invadible? Disponível em <<http://www.burbuja.info/inmobiliaria/politica/362153-iran-invadible-debatamos.html>>. Acesso em: 25 de Novembro de 2012.

FARROKH, Kaveh. **Pan Arabism's Legacy of Confrontation with Iran. Iran Heritage-Nowruz: Symbol of Iranian Unity Identity.** Disponível em <<http://www.iran-heritage.org/interestgroups/history-article2.htm>>. Acesso em 20 de Junho de 2014.

FERDOWSI, Abolqasem. **The Shahnameh: The Iranian Book of Kings.** London: Penguin Classics Deluxe Edition, 2007.

FLOOR, Willem; HERZIG, Edmund. **Iran and the World in the Safavid Age**. Londres: I.B.Tauris, 2012.

Fronteira Irão-Iraque. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fronteira_Ir%C3%A3o-Iraque. Acesso em: 16 de Abril de 2013.

Fronteira Natural. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Frontera_natural. Acesso em 17 de Abril de 2013.

FRYE, Richard N. **Greater Iran: A 20th-century Odyssey**. Irvine: Mazda Pub, 2005.

_____. **La Herencia de Persia**. Madrid. Guadarrama, 1965.

GNOLI, Gherardo. **Irán, origen, desarrollo de una idea**. Madrid, 2005.

GROUSSET, René; GUILLEMIN J. Duschesne. **L'Ame de l'Iran**. Paris: Editions Albin Michel, 2009.

Guerra Anglo-Persa. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Anglo-Persa. Acesso em 9 de Maio de 2014.

HIRO, Dilip. **The Longest War: The Iran-Iraq Military Conflict**. Londres: Routledge Chapman & Hall, 1991.

HOLLAND, Tom. **Persian Fire: The First World Empire and the Battle for the West**. Cambridge: Achor, 2007.

Irã lança suspeitas sobre a Grã Bretanha sobre atentados de Ahvaz. Diário do Grande ABC, São Paulo, 16 outubro 2005. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/155507/ira-lanca-suspeitas-sobre-a-gra-bretanha-sobre-atentados-de-ahvaz-?referencia=buscas-lista>. Acesso em 13 de Agosto de 2014.

Irã: Perigo Nuclear. Disponível em http://www.10emtudo.com.br/aula/ensino/ira_perigo_nuclear/. Acesso em 3 de Dezembro de 2013 às 17:31.

Iranian Nationalism. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Iranian_nationalism. Acesso em 16 de Abril de 2013.

Irão acusa Reino Unido de envolvimento nos atentados em Ahvaz. Público, Lisboa, 25 janeiro 2006. Disponível em: <http://www.publico.pt/mundo/noticia/irao-acusa-reino-unido-de-envolvimento-nos-atentados-em-ahvaz-1245876>. Acesso em 13 de Agosto de 2014.

Irredentismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Irredentismo>. Acesso em 17 de Abril de 2013.

KARSH, Efraim. **Essential Histories: The Iran Iraq War 1980-1988**. Osprey Publishing, 2002.

KAYES, Thomas. **The Difference Between Iranians and Arabs**. 2 julho, 2005. Free Republic. Disponível em <<http://www.freerepublic.com/focus/f-news/1338091/posts>>. Acesso em 20 de Junho de 2014.

KEDDIE, Nikki R. **Las raíces del Irán moderno**. Barcelona: Norma Editorial, 2007.

KHAZAI, Khosro. **We ask the Louvre Museum to stop scamming Iranian culture**. GoPetition: Changing the World. European Centre for Zoroastrian Studies. 21 novembro 2012. Disponível em <<http://www.gopetition.com/petitions/we-ask-the-louvre-museum-to-stop-scamming-iranian-cultu.html>>. Acesso em: 29 de Novembro de 2012.

KHEZRI, Seyyed Ahmad Reza. **Persia: Cuna de Civilización y Cultura**. Córdoba: Almuzara, 2011

KHOSROKHAVAR, Farhard; ROY, Oliver. **Irán, de la Revolución a la Reforma**. Barcelona: Bellaterra, 2000.

KINZER, Stephen. **Todos os Homens do Xá: O Golpe Norte-Americano no Irã e as Raízes de Terror no Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012: 34-47.

LEWIS, Bernard. **Iran in History**. Tel Aviv: Tel Aviv University Press, 2001.

LEWIS, Martin W. **Greater Turkey vs Greater Iran**. Geo Currents: The Peoples, Places and Languages Shaping Current Events. Stanford, 24 novembro 2011. Disponível em: <<http://www.geocurrents.info/geopolitics/greater-turkey-vs-greater-iran>>. Acesso em: 5 de Setembro de 2014.

_____. **The dream or nightmare of Greater Iran**. Geo Currents: The Peoples, Places and Languages Shaping Current Events. Stanford, 22 novembro 2011. Disponível em: <<http://geocurrents.info/geopolitics/the-dream%20or-nightmare%20of-%20greater-iran>>. Acesso em: 7 de Abril de 2013.

LOPES, Margarida Santos. **Algumas lições do golpe que derrubou Mossadegh**. My East-West. Público, Lisboa, 31 agosto 2007. Disponível em <<http://margaridasantoslopes.com/2007/08/31/o-irao-e-os-estados-unidos-sao-potenciais-aliados/>>. Acesso em: 25 de Setembro de 2014.

Los Intereses de los Rothschild, ¿Detrás del Acoso a Irán? Disponível em: <http://www.diarioportes.cl/portal/index.php?option=com_k2&view=item&id=1465:los-intereses-de-los-rothschild-%C2%BFdetr%C3%A1s-del-acoso-a-ir%C3%A1n?&Itemid=16>. Acesso em 15 de Maio de 2014 às 3:44.

MARTIN, André Roberto. **Fronteira e Nações**. São Paulo: Contexto. 1997

MARTIN, Maria. **Irán, hacia un desorden prometedor**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2001.

MCDOWALL, David. **A Modern History of the Kurds**. Londres: I. B. Tauris, 2014: 270.

MOHAMED, Heikal. **El Regreso del Ayatollah. La Revolución iraní, de Mossadeg a Jomeini**. Barcelona: Argos Vergara, 1982.

MOJTAHEDZADEH, Piruz. **Mishmahig Islands (Bahrain), “How was separated from Iran?”**. Iran Chamber Society. CA, USA. Rahavard, vol.XI, no.39, 1995. Disponível em <http://www.iranchamber.com/geography/articles/mishmahig_islands_bahrain.php>. Acesso em 2 de Agosto de 2014.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégica dos Estados Unidos - Das rebeliões da Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013: 29-30, 37, 334-335, 491-513.

MORENO, Alberto Priego. **Los Iraníes, algo más que persas y chiíes**. Revista Três Culturas. Sevilla, 2009: 21-24.

Mundo Iraniano. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mundo_iraniano>. Acesso em: 17 de Abril de 2013.

NADER, Alireza; LAHA, Joya. **Iran’s Balancing Act in Afghanistan**. National Defense Research Institute. Santa Monica: Rand Corporation, 2011.

NETO, Jonatas. **A sobrevivência do Farsi**. São Paulo, 2011. Disponível em <<http://jonatasneto.wordpress.com/2011/03/18/136-a-sobrevivencia-do-farsi/>>. Acesso em: 16 de Abril de 2013.

Nós promovemos terror para derrubar governos. 22 nov. 2002. Disponível em <http://inacreditavel.com.br/wp/nos-promovemos-terror-para-derrubar-governos/>. Acesso em: 2 de Dezembro de 2012.

O Irã já foi modelo de tolerância. História Viva. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/quando_o_ira_era_um_modelo_de_tolerancia.html>. Acesso em 18 de Abril de 2013.

O Irã no centro do mundo. História Viva. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_ira_no_centro_do_mundo.html>. Acesso em 30 de Abril de 2014.

OLAÑETA, José. **Irán por dentro, la otra historia, guía cultural de la Persia antigua al Irán moderno**. Madrid: Tapa blanda, 2010.

OLIC, Basic Nelson. **O Irã não é o Iraque**. Revista Pangea Mundo-Quinzenário de Política, Economia e Cultura. 17 Abril 2006. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=287&ed=4>. Acesso em: 14 de Abril de 2013.

OLIC, Basic Nelson. **O quase desconhecido Afeganistão**. Revista Pangea Mundo-Quinzenário de Política e Cultura. 30 Outubro 2001. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=81&ed=4>. Acesso em: 14 de agosto de 2014.

_____. **Paquistão: o país onde nasceu o taliban**. Revista Pangea Mundo-Quinzenário de Política e Cultura. 15 Outubro 2001. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=74&ed=4>. Acesso em: 26 de Agosto de 2014.

OLSON, Robert W. **Turkey-Iran Relations, 1979-2004: Revolution, Ideology, War, Coups and Geopolitics**. California: Mazda Pub, 2004.

Pan-Iranist Party. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Pan-Iranist_Party>. Acesso em 20 de Abril de 2013.

POLK, William R. **Understanding Iran: Everything you need to know, from Persia to the Islamic Republic, from Cyrus to Ahmadinejad**. Nova York: Palgrave Macmillan Trade, 2011.

Rei saudita instou EUA a atacar Irã revelam documentos. IG, São Paulo, 29 novembro, 2010. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/rei+saudita+instou+eua+a+atacar+ira+revelam+documentos/n1237842096666.html>>. Acesso em 21 de Agosto de 2014.

RODRIGUEZ, Miguel Urbano. **Do derrubamento de Mossadegh à ofensiva contra a Síria**. Instituto Luiz Carlos Prestes. São Paulo, 27 setembro 2013. Disponível em <<http://prestesaressurgir.blogspot.com.br/2013/09/do-derrubamento-de-mossadegh-ofensiva.html>>. Acesso em: 25 de Setembro de 2014.

ROMANO, David. **The Kurdish Nationalist Movement: Opportunity, Mobilization and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006: 235.

ROUX, Jean Paul. **Histoire de l'Iran et des Iraniens: Des origines à nos jours**. Paris: Fayard, 2006.

SALMAN, Nagham. **Neotomanismo y Nacionalismo Persa: ¿dos proyectos geoestratégicos antagónicos?**. RT. Londres, 30 abr, 2012.

SCHOENMAN, Ralph. **A História Oculta do Sionismo: A verdadeira história da formação do Estado de Israel**. São Paulo: Sundermann, 2008.

SHLOMO, Sand. **A invenção da terra de Israel: Da terra santa à terra pátria**. São Paulo: Benvirá, 2014.

_____. **A invenção do povo judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011.

Subelevación em Herat. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Sublevaci%C3%B3n_en_Herat_de_2001>. Acesso em 5 de Setembro de 2014.

TOSCANO, Roberto. **Iran's Role in Afghanistan**. Cidob Policy Research Project. Oslo: Norwegian Ministry of Foreign Affairs, Jan 2012.

WikiLeaks: rei da Arábia Saudita pediu aos Estados Unidos ataque militar ao Irã. Correio Braziliense, Brasília, 28 novembro, 2010. Disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2010/11/28/interna_mundo,225248/wikileaks-rei-da-arabia-saudita-pediu-aos-eua-ataque-militar-ao-ira.shtm>. Acesso em 21 de Agosto de 2014.

ZARRINKOOB, Abdolhossein. **Two Centuries of Silence**. Tehran: Hardcover and Paperback, 1957.